AS IDÉIAS ECONÔMICAS
NA
AMÉRICA DO NORTE

J. F. NORMANO

★

AS IDÉIAS ECONÔMICAS NA AMÉRICA DO NORTE

CONTENDO EM APÊNDICE

O DESENVOLVIMENTO DAS IDÉIAS ECONÔMICAS NO CANADÁ

POR

A. R. M. LOWER

TRADUÇÃO DE

ALBERTINO PINHEIRO

EDITÔRA ATLAS S/A

RUA 7 DE ABRIL N.º 34 - 4.º ANDAR —— SÃO PAULO

RUA ARAÚJO PORTO ALEGRE, 56 — - 4.º ANDAR — RIO DE JANEIRO

BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
E ADMINISTRATIVAS

SÉRIE ECONOMIA

VOLUME I

Revisão ortográfica da REVISORA GRAMATICAL

PROF. ERNANI CALBUCCI
DIRETOR

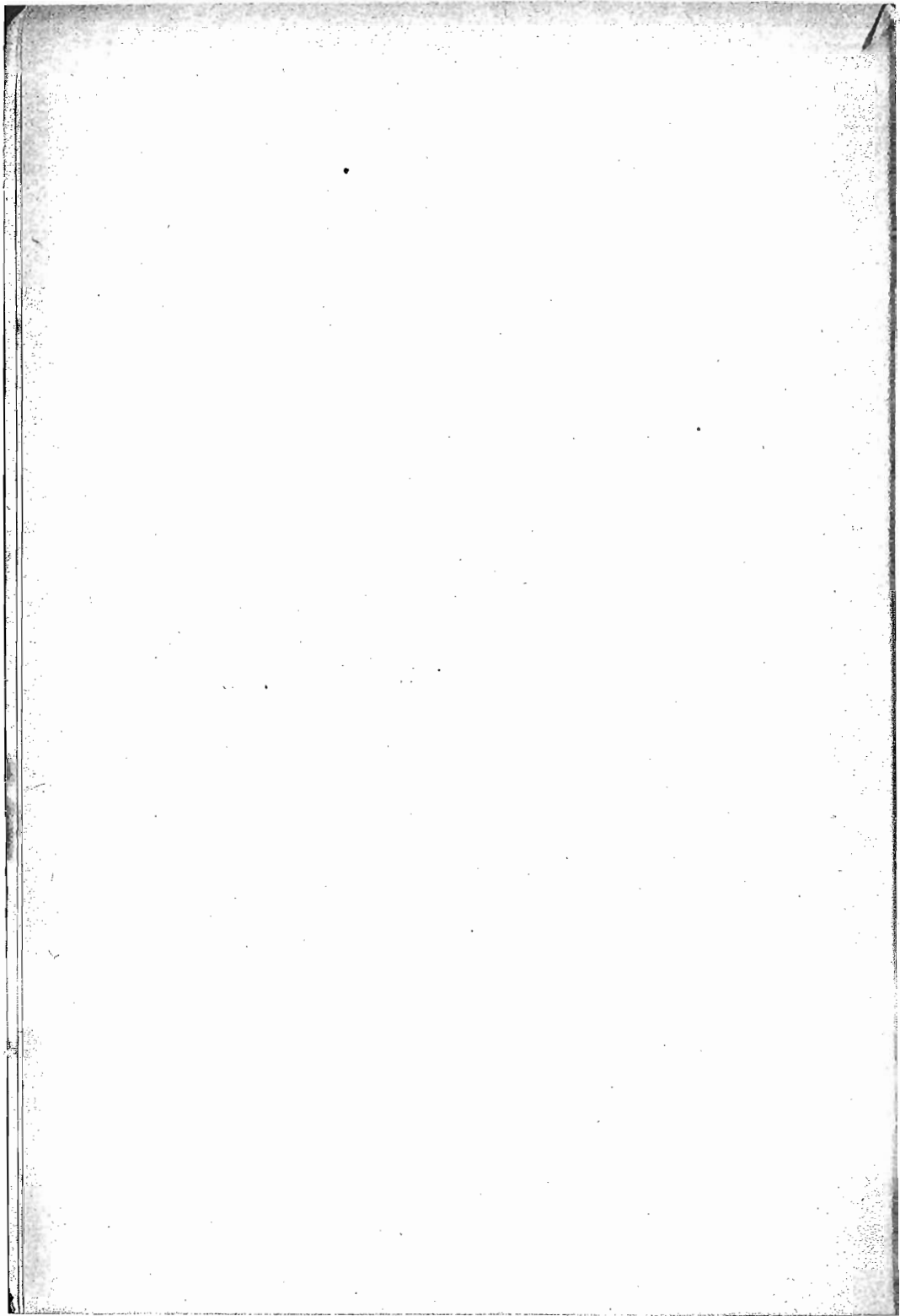
Rua 7 de Abril, 34 — 4.º andar — SÃO PAULO

Prefácio dos editôres

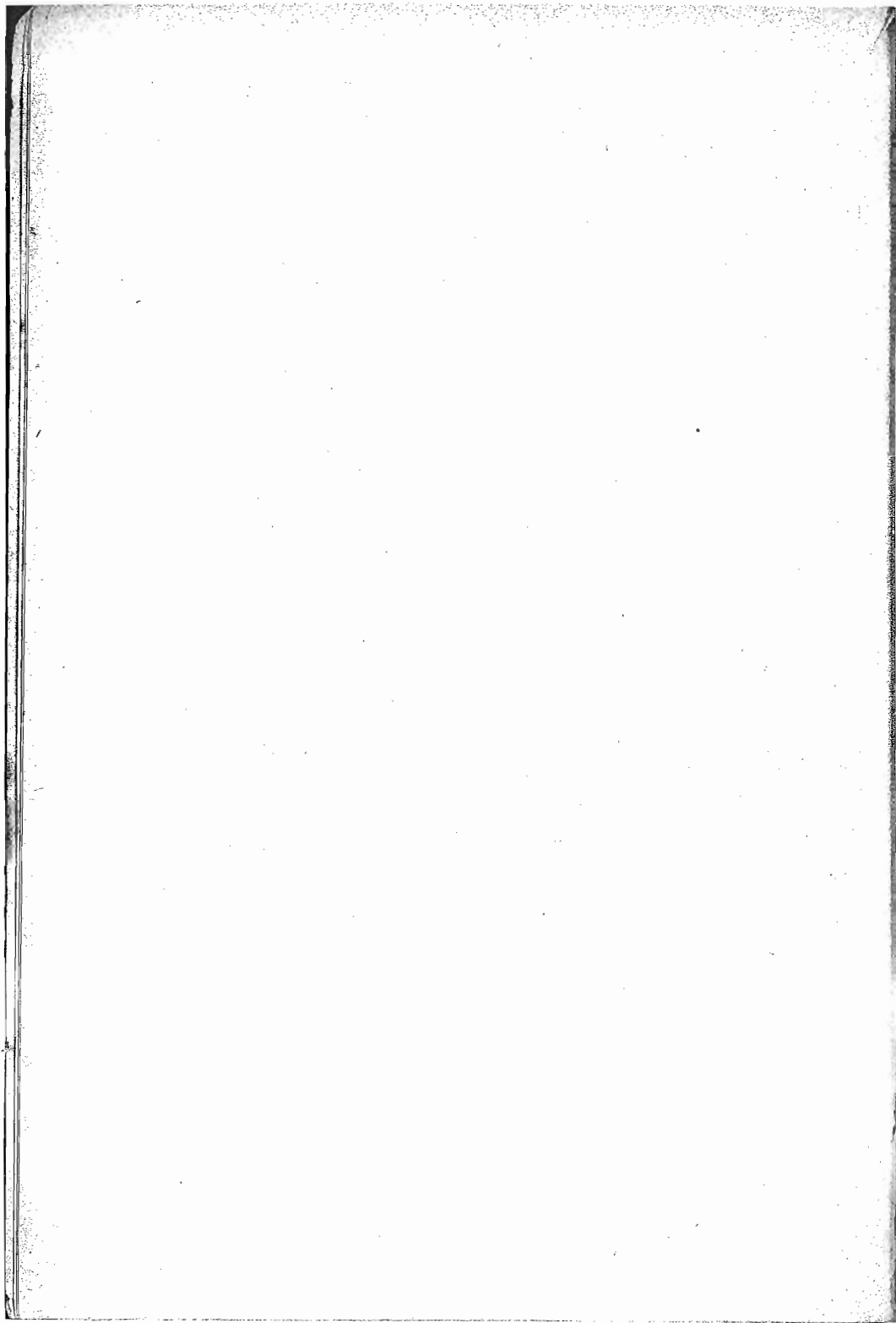
O presente livro corresponde ao primeiro volume da série "Estudos da História do Pensamento Econômico", publicada sob a orientação do "Committee on The Study of Economic Thought", com sede em Nova York, constituído por um grupo selecionado de brilhantes economistas e professôres, e, ao mesmo tempo, inaugura a Série de Economia da nossa Biblioteca de Ciências Econômicas e Administrativas.

Outros trabalhos serão publicados pelo "Committee", abrangendo o estudo das idéias econômicas nos vários países e continentes, e o próximo livro a sair, cuja edição em português teremos a honra de apresentar, versará sôbre as idéias econômicas na América Latina, escrito em colaboração por economistas dos vários países.

Seguir-se-ão outros trabalhos do mesmo gênero sôbre a Rússia, Austrália, Ásia etc., cujas traduções esperamos poder oferecer aos nossos leitores, tão logo estejam concluídos os originais. Dessa forma pensamos corresponder à expectativa dos que vêm acompanhando as atividades desta Editôra, cujo programa visa a fornecer elementos aos estudiosos das questões econômicas, contribuindo, assim, para o aprimoramento cultural brasileiro.

Ficaremos plenamente satisfeitos se conseguirmos atingir êsse objetivo, pois somos dos que pensam que o papel das Editôras é dos mais relevantes nesta fase de transformação político-social, sobrelevando ao objetivo meramente utilitarista dos proventos materiais.

The immediate object (of political economy) should be to instruct governments how to legislate, and not individuals how to get rich.

DANIEL RAYMOND (1820).

AS IDÉIAS ECONÔMICAS NA AMÉRICA DO NORTE

PREFÁCIO

Desde o comêço de meus estudos de economia, tenho-me sentido interessado na investigação do desenvolvimento e transplantação de idéias. Quer examinando as origens e a história das instituições bancárias da Rússia, estudando a luta internacional pelo domínio da América do Sul do século vinte, quer acompanhando o destino do Brasil, sempre procurei penetrar o fundo ideológico e descobrir as idéias econômicas dominantes, sua gênese, fundamentos e valor. Desde muitos anos comecei a coligir material sôbre a história das idéias econômicas e sociais em certas literaturas, interessando-me, particularmente, a análise da repercussão mundial dessas idéias e a sua influência na vida econômica. Apliquei esta análise especialmente na penetração e difusão das doutrinas de Saint-Simon. Comprazi-me no estudo do esquecido utopista Cirano de Bergerac e acompanhei a evolução de alguns economistas modernos. Um dos primeiros cursos que dei no comêço de minha carreira de professor foi consagrado à história das utopias sociais. Em um de meus mais recentes estudos investiguei a utopia da literatura americana, e acho-me presentemente empenhado no estudo das idéias econômicas da Igreja Católica, bem como de várias outras fases da história do pensamento econômico.

Desde minha chegada a êste país, em 1930, tenho vibrado com o desejo de examinar a evolução do pensamento econômico dos Estados Unidos; mas sempre deparei com a manifesta desaprovação por parte de meus colegas mais velhos tanto como da dos mais moços. Quase todos negavam a própria existência de qualquer genuíno pensamento americano em matéria econômica.

A inspiração, o estímulo e o auxílio de minha espôsa levaram-me finalmente a iniciar êste empreendimento, mas não foi sem certo receio que dei comêço

à arriscada tarefa. Entretanto, a fascinação do trabalho tem-me compensado amplamente de todos os meus primeiros temores. Não me encontrei às voltas com um fantasma, como me haviam advertido que aconteceria, porque algumas das histórias de finados escritores ainda estavam vivas, e eu fui esclarecido, como espero que serão meus leitores, relativamente ao espírito da economia americana.

O presente estudo não tem a pretensão de apresentar obra acabada, mas apenas uns poucos de traços luminosos. Não é uma história plenamente desenvolvida, senão um ensaio preliminar, com a desproporção que é o privilégio dos ensaístas. E' uma história de idéias, não de livros. Concordo com Montesquieu quando diz que não se deve tratar tão completamente um assunto a ponto de nada deixar ao leitor para fazer. O que se tem em vista não é fazer que outros nos leiam porém, sim, que pensem. Por esta razão, não houve nenhuma preocupação de apresentar uma exposição artìsticamente equilibrada: o intuito foi apenas o de apresentar uma base para as correntes predominantes do pensamento na história dêsse país. Espero que meus críticos cumpram com o preceito de Pope:

"Observa em tôda obra a finalidade do escritor, visto que ninguém pode abranger mais do que o que êle pretende".

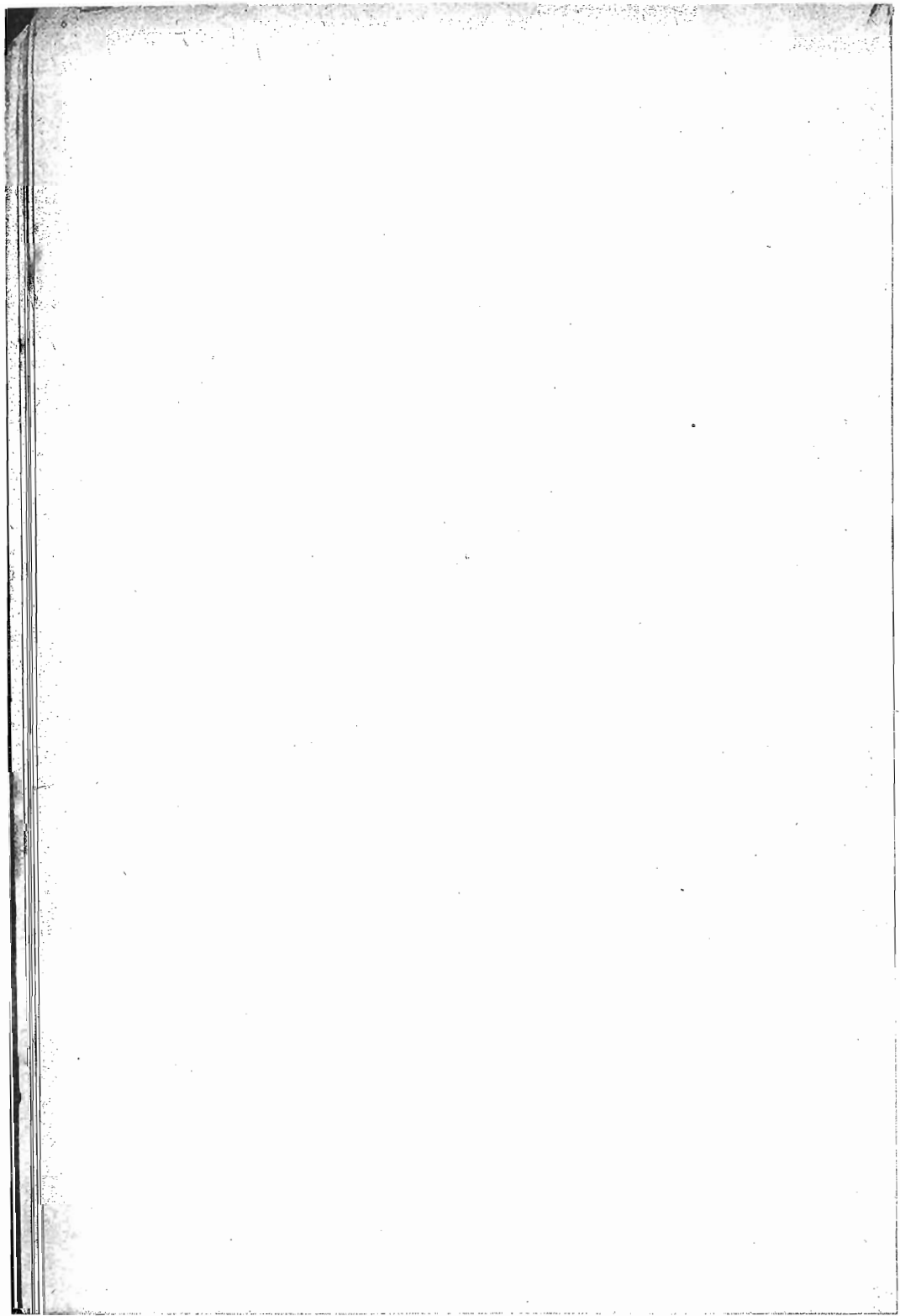
Sou da opinião de Sir George M. Trevelyan que a literatura deve ser lida à luz da história e que a história se deve escrever como se fôsse literatura. Procurei ser fiel a êste pensamento na elaboração das páginas que seguem.

Tive a felicidade de poder discutir algumas das idéias dêste livro com o Professor Edwin F. Gay e com o Professor Wesley C. Mitchell. Espero que se considere esta confissão como penhor de minha gratidão por seus estímulos e bondade. O Dr. Frederick Poleck, Dirètor do Instituto de Investigações Sociais, da Universidade de Colúmbia, não sòmente me auxiliou com suas sugestões e crítica erudita, mas ainda, com o Dr. Felix J. Weil, que o preparou para a impressão, contribuiu para tornar possível a publicação dêste volume.

Sou grato à minha espôsa pelos aturados labôres na colheita e preparação dos materiais, tarefa em que foi generosamente secundada pelo Sr. Walter B. Brigges, então Bibliotecário do Colégio Harvard, bem como do seu assistente, Sr. Robert H. Haynes e de seus auxiliares.

O manuscrito foi editado pelo sr. Joseph Tuckerman Day, de Hingham, Massachusets.

J. F. N.

I

INTRODUÇÃO

D'Alambert disse certa vez que não vale a pena estudar os erros e opiniões antiquadas dos tempos idos: o que nos compete, com relação aos erros, não é revivê-los, mas simplesmente esquecê-los. Esta afirmação é típica dos naturalistas do século dezoito, que exerceram vasta influência no desenvolvimento da Economia Política, e não admira que J. B. Say cordialmente subscrevesse a opinião de D'Alambert [1].

Mas não é o êrro uma fase do desenvolvimento da verdade? Será necessário recordar a versão spenceriana do dito de Shakespeare, no sentido de que não há nenhuma espécie de êrro que não contenha algum germe de verdade?

O interêsse pela história das idéias não se tem popularizado nos Estados Unidos. A êste respeito, o estudante moderno encontra por tôda parte uma *tábula rasa* em todos os campos da ciência social. O falecido Vernan L. Parrington queixava-se da "carência atual de conhecimentos exatos em conexão com a história das letras americanas" [2]. Charles E. Merrian notou que "o desenvolvimento das teorias políticas americanas tem notòriamente recebido pouca atenção dos estudantes da história americana" [3]. Os únicos grandes estudos da democracia americana foram feitos por um

---

1. "De que serve estudar opiniões e doutrinas absurdas, de longa data superadas e que mereciam sê-lo? É puro pedantismo inútil tentar revivê-las. Quanto mais uma ciência se aperfeiçoa, tanto mais se lhe encurta a história." *Traité d'économie politique*, vol. II, p. 540.

2. *Main Currents in American Thougt*, vol. II (New York, 1927), p. X.

3. *A History of American Political Theories* (New York, 1926), p. VII.

inglês, um francês e um russo — Bryce, De Tocqueville e Ostrogorski.

A história das idéias econômicas dos Estados Unidos podem ser semelhantemente descritas, dizendo-se que ainda não existe. Se acompanharmos os escritos sôbre economia desde as esporádicas expressões de idéias econômicas dos princípios do século dezenove até o período de superprodução de economistas profissionais do século vinte, raramente encontraremos quaisquer traços de curiosidade relativamente à história do pensamento.

* * *

Mas por que não se escreveu a história de nosso assunto? As respostas variam entre a famosa declaração de De Tocqueville, que "o espírito dos americanos é avêsso às idéias gerais", e as explicações de que os homens da fronteira não têm tempo nem gôsto "para entoar o canto épico do pioneiro". [4]. Charles F. Dunbar, em sua primeira tentativa de apresentar um inventário de assuntos econômicos nesse país, combinou e generalizou estas duas respostas, insistindo em que "é necessário procurar mais fundo a razão da esterilidade geral do pensamento americano sôbre êste assunto e a falha, por parte de nossos eruditos e estadistas, em contribuir com a nossa quota para o progresso realizado pelo mundo. Precisamos procurar a explicação nas causas que tornaram tão lento o progresso dos Estados Unidos na Filosofia, nas Matemáticas puras, nas ciências abstratas em geral, na Filologia, nas mais reconhecidas investigações históricas e nas mais altas generalizações das ciências físicas. Nossa posição como nação encarregada da tarefa

4. Explicação idêntica da infecundidade americana em filosofia foi dada por A. L. Jones: "Uma revista histórica do progresso do pensamento filosófico na América apresenta pouca coisa que se possa classificar como distintamente americana. A atenção geral do povo se tem voltado para o que é prático. É uma atitude inevitável em um povo jovem e em fase de crescimento." *Early American Philosophers* (New York, 1895), p. 7.

de subjugar um novo mundo, bem como o rápido desenvolvimento material que tem rodeado o nosso êxito nessa tarefa deram à nossa vida durante a maior parte do século dezenove um aspecto intensamente prático". [5]

Esta explicação que *im Anfang War die Tat* tem sido de boa vontade aceita e repetida por gerações de pensadores. Duas décadas após a publicação do ensaio de Dunbar, declarou Sidney Sherwood que "grande parte de nossa literatura sôbre economia foi, como os comentários de César, escrita em marcha". [6]. E os tempos de ação, como se sabe, não são notórios pela instrução. A mesma explicação foi dada pelo inglês J. K. Ingram, que atribuiu à "absorção" das energias da nação em empreendimentos práticos o atraso da economia política nos Estados Unidos [7]. O próprio Richard T. Ely, em sua autobiografia, acolhe êste ponto-de-vista: "Em todo o decurso da primeira metade do século dezenove — escreve êle — nossos antepassados, geralmente falando, estavam em demasia empenhados na estupenda tarefa de dominar um continente para refletirem profundamente sôbre as suas atividades". [8]

Esta explicação não satisfaz quando aplicada à especial falta de interêsse na história das idéias econômicas nesse país. E' verdade que muitos escritos sôbre economia se produziram em marcha e com uma finalidade nìtidamente prática; mas o estudo de idéias é antes ocupação de eruditos profissionais que de políticos militantes, propagandistas e homens de negócio. Qual será a razão de terem os economistas acadêmicos nos Estados Unidos adotado silenciosamente o dito de d'Alembert? Acredito que esta apatia não é uma característica peculiar aos economistas americanos, mas que

---

5. *Economic Science in America*, 1776-1876, in *North American Review*, January, 1876. Reproduzido em *Economic Essays* (New York, 1904).

6. *Tendencies in American Economic Thought* (Baltimore, 1915.) p. 230.

7. *A History of Political Economy*, Scott and Ely edition (London, 1897), p. 7.

8. *Ground Under Our Feet* (New York, 1938), p. 121.

tem suas raízes na economia anglo-saxônia. Richard, o tradutor inglês da conhecida *História das Doutrinas Econômicas*, de Gide e Rist, tocou neste ponto em sua nota preambular, dizendo: "Nossa aparente indiferença pelo desenvolvimento que a teoria tem apresentado no decurso dos últimos cinqüenta anos é tanto mais difícil de se explicar, quanto mais nos recordarmos do fato de que a Inglaterra foi sempre a terra clássica da teoria tanto ortodoxa como socialista". [9]

Não participo da surprêsa de Richard e acredito que a explicação reside no caráter absoluto do ensino dos clássicos. A literatura sôbre a história das idéias econômicas na Inglaterra até um período muito recente se resumia pràticamente no pequeno livro de Ingram — e Ingram estava seguindo mais ou menos as pegadas da escola histórica alemã. Edwin Cannan, em sua estimulante *História das Teorias da Produção e Distribuição*, traz melhor contribuição para a teoria econômica. [10]

Queixando-se da ausência de uma história da Economia Política digna do nome, observa Edwin R. A. Seligman: "A ausência de uma escola histórica de ciências econômicas na Inglaterra e o fulgor de alguns grandes nomes, que lançaram sombra em tôrno de tudo, explica, embora não desculpe, esta negligência" [11].

Esta interpretação é válida no que diz respeito à América: o domínio do classicismo entre os economistas profissionais dêste país foi a causa da atual falta de interêsse nas mutações e desenvolvimento de doutrinas. Um economista americano que discuta êsses problemas é ainda *avis rara* na literatura americana. O interêsse ou, talvez melhor, a curiosidade, em matéria de economia americana tem sido maior lá fora, no continente europeu, que nos Estados Unidos e na Inglaterra. Conheço apenas uma tentativa inglêsa nessa direção. E o autor, T. E. Cliffe-Leslie [12], era simpá-

---

9. Tradução inglêsa (Londres), p. VI.

10. Londres, 1893.

11. Introduction to W. E. Clark, Josiah Tucker — *Economist. A Study in the History of Economics* (New York, 1903), p. 5.

12. "*Political Economy* in the United States", in *Fortnightly Review*, October 1, 1880.

tico à escola històrica da Alemanha. Na França e na Itália, onde o estudo das idéias sempre encontrou solo propício, os economistas americanos ocupam um lugar, se não de honra, pelo menos merecedor de menção nas obras históricas do pensamento econômico. O conhecido estudo por Gide e Rist, bem como outro similar por Gonnard, a *Biblioteca Dell'Economista*, de Ferrara, o tratado de Luigi Cossa, reconhecem a existência das ciências econômicas americanas. Foi um francês quem empreendeu a tarefa de um exame geral da matéria,[13] embora de um ponto-de-vista declaradamente francês e que descobre por tôda parte influência francesa. Foi um italiano quem dedicou um de seus ensaios à história das idéias protecionistas nos Estados Unidos[14] — mas deu necessàriamente um esbôço unilateral das idéias de Hamilton, Lizt, Carey e Patten.

Os alemães trataram ativa e persistentemente do desenvolvimento histórico do pensamento econômico e não passaram por alto o campo da história americana. Contribuíram direta e indiretamente para a produção da maior parte dos ensaios e monografias empreendidos por americanos. E' característico o fato de que o primeiro número do *Jahrbücher für Nationalökonomie und Statistik*, aparecido em 1873, trouxe um erudito estudo por Richard Hildebrand sôbre "Benjamim Franklin als Nationalökonomie". Os numerosos compêndios e tratados sôbre a história das idéias econômicas — primitivos, como os de Wilhem Roscher e Kautz, e os mais recentes, como o de Othmar Spann — invariàvelmente trazem um esbôço da literatura econômica americana; e o corifeu da nova escola histórica, Gustav Schmoller, consagrou diversas páginas a Henry C. Carey e a Henry George em seu *Zur Literaturges-*

13. E. Teilhac, *Histoire de la pensée économique aux Etats-Unis* (Paris, 1928). Uma tradução inglêsa por E. A. Johnson apareceu sob o título *Pioneers of American Economic Thought in the Nineteenth Century* (New York 1936).

14. Ugo Rabeno, *American Commercial Policy*, Tradução inglêsa (Londres, 1895).

chichte der Staats und Sozialwissenschaften [15]. Professôres alemães induziram os seus discípulos americanos a escolher o estudo dos economistas americanos como assunto para suas dissertações. Encontramos na Alemanha, paralelamente à obra francesa de Teilhac, uma primeira tentativa de um exame geral do pensamento americano por H. J. Fulbert Jor., de que se publicaram apenas os três primeiros capítulos. [16] Foi um alemão, Werner Sombart, quem por anos seguiu os pendores da literatura socialista americana e tentou penetrar o *status* atual e avaliar as futuras possibilidades do socialismo nos Estados Unidos. [17].

Deve-se à erudição germânica a organização e publicação dos únicos três "censos" *sui-generis* da economia americana: foram escritos em alemão por economistas americanos, em ocasiões de homenagens aos seus antigos professôres e amigos da Alemanha. Henry W. Farner, não sem certo grau de complexo de inferioridade nacional, discutiu as relações germano-americanas no campo das ciências econômicas no "Festgabe für Schmoller" [18]. Edwin R. A. Seligman descreveu "Die Sozialökonomie in den Vereinigten Staaten" in *Festgabe für Lujo Brentano.* [19]. Frank A. Petter, em interessante ensaio, [20] limitou-se a apreciar os desenvol-

15. Leipzig, 1888.

16. *Geschichte und britische Studien zur Entwicklung der ökonomischen Theorien in Amerika* (Halle a. S., 1891) fraca tese de estudante, apresentando as idéias de alguns estadistas e publicistas do período anterior.

17. Ver seus numerosos artigos no *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik,* bem como seu *Warum gibt es in den Vereinigten Staaten keinen Sozialismus?* (Tubingen, 1906).

18. *Die Entwicklung der deutschen Volkswirtschafftslehre im neunzehnten Jahrhundert* (Leipzig, 1908), vol. I.

19. (München und Leipzig, 1925). vol. II. Seligman mostrou provàvelmente mais interêsse na história da economia americana que qualquer outro nos Estados Unidos; mas a sua obra neste campo tem o caráter de um catálogo de antiquário combinado com reminiscências pessoais. Ver especialmente *"The Early Teaching of Economics in the United States"*, em *Economics Essays in Honor of J. B. Clark* (New York, 1927).

20. "America", in *Die Wirtschaftstheorie der Gegenwart* (Wien, 1927), vol. 1. É óbvio que o líder da escola psicológica dos economistas americanos foi a própria pessoa que contribuiu para uma emprêsa austríaca em economia.

vimentos verificados depois da Guerra Civil; seu trabalho é antes um relato das atuais controvérsias teóricas do que uma apresentação de desenvolvimento histórico. Todos êsses "censos" consistem meramente em extensas listas de nomes, com alguns dados convencionais e algumas duvidosas avaliações. Os três autores, a despeito de suas convicções e adesões econômicas recentes, fizeram o seu tirocínio na escola histórica alemã, e na história das ciências econômicas dos Estados Unidos identificaram-se com o interregno histórico de curta duração na década de 80.

Êste interregno levou a originar-se um interêsse único na história do pensamento econômico dêsse país, manifestado, pode-se dizer, pela escola universitária de Johns Hopkins. Foi, sem dúvida, por causa do interêsse pessoal e inclinação dos professôres Richard T. Ely e J. H. Hollander que, nos "Estudos Políticos Históricos", de John Hopkins, fundados em 1884, se publicou uma série de monografias dedicadas aos economistas americanos, representando, segundo o exemplo alemão, principalmente dissertações para colação de grau de doutôres em filosofia. [21] A Universidade de Johns Hopkins produziu até uma tentativa de exame geral, investigando, infelizmente, não a evolução do pensamento, mas o desenvolvimento de teorias e tópicos específicos. [22].

Tendo apresentado esta lista de insucessos, não devemos deixar de mencionar em contraste o nôvo e

21. As reminiscências do Professor Ely contêm um interessante relato de como no comêço da década de oitenta êle, juntamente com os seus estudantes em Johns Hopkins (Woodrow Wilson e Burr J. Ramage) planejaram um livro sôbre a história do pensamento econômico americano, para o qual Wilson preparou uma relação dos economistas ricardianos. Segundo diz Ely, que possui êsse manuscrito, "êle exprimiu idéias que eram então um tanto novas e modernas neste país, isto é, uma apreciação da evolução do pensamento e a relatividade das doutrinas econômicas" *op. cit.*, pág. 112 a 113.

22. Sidney Sherwood, *op. cit.* O capítulo sôbre a "Influência do pensamento econômico americano" é especialmente desapontador.

interessante estudo de J. R. Turner sôbre *The Ricardian Rent Theory in Early American Economics* [23]. E' certamente mais ampla do que o título sugere e leva o leitor a lamentar que Turner não achasse oportunidade de continuar sua obra no campo da história das idéias.

O rápido declínio da escola histórica nos Estados Unidos — seu aparecimento temporário e um tanto superficial foi motivado em parte pelo fato de contatos pessoais — resultou no desaparecimento do momentâneo interêsse no desenvolvimento do pensamento econômico dêsse país e em uma contínua e total indiferença a seu respeito por parte dos seguidores dos clássicos inglêses. [24]. Quando em certas ocasiões os economistas profissionais americanos trataram da história de sua disciplina, foi com manisfesto senso de cultura superior que discutiram esta *quantidade desprezível*. Em regra, costumavam negar a existência, ou, pelo menos, a importância do pensamento econômico americano. Charles E. Dunbar declarou em seu ensaio acima mencionado:

"Não sòmente nenhuma escola americana de escritores sôbre Economia Política se fundou, mas também não se pode apontar nenhuma reconhecida contribuição para o desenvolvimento da ciência, que se possa de longe comparar com o que foi feito pelos escritores franceses ou com o que agora estão fazendo os alemães. O resultado geral, pois, a que, segundo creio, pode ser levado qualquer examinador imparcial por um sereno estudo do caso, é que os Estados Unidos nada fizeram até aqui para desenvolver a teoria da Economia Política, não obstante o vasto e imediato interêsse que têm em suas aplicações práticas." [25]

---

23. New York, 1921. O livro de Turner combina as qualidades genéticas do treino histórico de seu mestre, Frank A. Fetter, com o interêsse na teoria clássica anglo-saxônica, e é prova de conhecimento dela.

24. A história do pensamento econômico americano foi muito sumàriamente apresentada mesmo em uma obra bem planejada e cuidadosamente executada como a *Enciclopédia das Ciências Sociais*.

25. *Op. cit.*

E' surpreendente que Dunbar, um dos economistas dêste período, que se fizeram por si, e o primeiro detentor de uma cadeira de Economia Política na Universidade de Harvard, fizesse sua estréia professoral com uma negação absoluta da existência das ciências econômicas nesse país. A única escusa é que, como mostrou Turner no livro acima mencionado, Dunbar desconhecia em alguns casos, talvez em quase todos, os originais. Contudo, os americanos representativos das escolas clássica e neoclássica, quase sem exceção, repetiram mais tarde as opiniões de Dunbar a respeito das ciências econômicas americanas nos primeiros setenta e cinco anos do século dezenove. O ponto fôra decidido de uma vez para sempre.

Os escritores inglêses endossaram essa opinião. Desde Cliffe-Leslie, no ensaio citado, até Alfred Marshall, encontramos sempre a mesma negação de qualquer pensamento econômico americano. Marshall o faz explìcitamente: "Absorvida em correntes políticas, a velha escola americana pouco fêz para dilatar os limites da ciência econômica.[26]

Nos Estados Unidos, J. Laurence Laughlin queixou-se em 1885 do "fato acabrunhador de que a Economia Política era uma ciência pràticamente desconhecida do povo americano antes de 1860.[27] Farnan repetiu fielmente em 1908 o veredicto de Dunbar: "...es vor dem Burgerkriege eigentlich unmöglich war von einer americanischen Volkwirtschaftslere zu sprechen."[28] O mesmo Turner que descobriu tanta novidade no primitivo pensamento americano declarou em 1921 que, "realmente, antes de 1880, a ciência econômica americana pouco mais era do que um produto acessório do estudo das tarifas."[29] Ainda em 1927, J. H. Holander, em sua introdução aos *Economic Essays*, publicado em honra de J. B. Clark, recordou (não do ponto-de-vista histórico sòmente) os veredictos negativos de Dunbar e de Cliffe-Leslie. Um ano mais tarde,

---

26. *Principles of Economics* (London, 1890), p. 68.
27. *The Study of Political Economy* (New York, 1885), p. 20.
28. *Op. cit.*
29. *Op. cit.*, pág. 19.

Robert Mitchels, o professor germano-suíço-italiano, em um estudo excessivamente superficial, mencionou de novo a autoridade de Dunbar ([30]); e um historiador americano do pensamento econômico declarou sem rodeios que, "de fato, até os últimos anos do século dezenove, os Estados Unidos pouco fizeram para o adiantamento das ciências sociais." [31]

O renascimento e vitória do neoclacissismo encheu de satisfação a Dunbar e levou-o mesmo à expressão de otimismo em relação ao futuro das ciências econômicas nos Estados Unidos, opinião esta partilhada de vez em quando por outras autoridades — mas principalmente no que se refere ao futuro. [32] Assim, Sherwood declarou que "em parte alguma é hoje mais esperançosa a perspectiva do que nos Estados Unidos quanto à obra progressiva na ciência da Economia Política". [33]

Mesmo o otimismo de um orador de solenidade da Exposição Universal, de São Luís, no ano de 1904, ao declarar que "o povo americano bem pode orgulhar-se das realizações de seus concidadãos no desenvolvimento da teoria da distribuição das riquezas," [34] foi oficialmente modificado por outro orador, que via nas ciências econômicas americanas "mais uma obra de reparação e extensão, de crítica e destruição, que de novas

30. *Op. cit.*

31. "Soziale und politische Wissenschaften in Amerika." in Zeitschrift für die Gesamten Staatswissenschaften (Tubingen, 1928), Bd. 85, Heft 1, p. 111.

32. Lewis H. Haney, *History of Economic Thought* (New York, 1923), pág. 285.

33. "Em nosso país particularmente, nenhuma das ciências morais tem feito mais rápido ou sólido avanço que a Economia Política, já na extensão e importância de suas investigações científicas, já na dignidade de métodos e de espírito que caracteriza sua obra, já em seu valor educacional." "The American Study of Political Economy," in *Quartely Journal of Economics*, July, 1891. Dunbar, o primeiro editor do *Quartely* (fundado em 1886) ousadamente declarou que "nenhuma escola americana se desenvolveu com êste acelerado ritmo; mas os estudos econômicos nos Estados Unidos, nas instituições de cultura bem como fora delas, tiveram uma parte considerável no movimento geral do pensamento econômico em todo o mundo." *Ibid.*

34. *Op. cit.*, pág. 7.

construções."[35] As raras expressões de otimismo e aprovação relativamente às ciências econômicas americanas mereceram sistemàticamente objeções imediatas, contra-ataques e desprêzo. Quando um austro-alemão (agora americano) publicou em 1910 um erudito trabalho em que procurava investigar e apreciar o moderno desenvolvimento do pensamento econômico nos Estados Unidos, o editor apôs às suas expressões entusiásticas uma observação de pouco caso [36]. E um erudito alemão, passando por cima do otimismo de Schumpeter dezessete anos mais tarde, declarou melancòlicamente: "Aber diese Prophezeiung ist doch nur zum kleinsten Teil in Erfüllung gegangen." [37]

Apresentei êste sumário com intuito de mostrar a confusão geral de idéias e opiniões em relação ao pensamento econômico americano. Evidentemente ainda não é chegado o momento para uma história definitiva; ainda resta fazer muito trabalho de investigação, assim como nos faltam monografias e indagações especiais como preliminares de um estudo generalizado. Êste livro não tem a presunção de realizar tal tarefa. Não é nem pretende ser um estudo exaustivo e não tem intenções bibliográficas ou antiquárias. Não é uma enciclopédia nem um catálogo de todos os estudos sôbre cir-

---

35. Professor Emory R. Johnston, Chairman, in *Proceedings of the Departament of Economics of the Congress of Arts and Sciences* (Universal Exposition, St. Louis, 1904), vol. III (1906), pág. 5.

36. Adolph Caspar Miller, *"Economic Science in the Nineteenth Century," Ibid.*

37. Joseph Schumpeter, "Die neuere Wirtschaftstheorie in den Vereinigten Staaten," in Schmollers Jahrbuch (1900, Heft 3). O editor fala de "quantitativ so beträchthliche Literatur der Amerikaner über nationalökonimische Theorie," ao passo que o próprio Schumpeter fala de "eine Blütezeit theoretischen Schaffens... deren Ende vorläufig noch nicht abzusehen ist." Feter provàvelmente tomou nota desta contradição; em seu estudo de 1907, acima citado, mencionou êle o artigo de Schumpeter; mas, referindo-se ao rápido crescimento das ciências econômicas nos Estados Unidos, frisou bem que sua afirmação se referia "nur auf die Menge und nicht auf die Gute (*op. cit.*, pág. 36).

culação, tarifas e "Crisines ciéle cranko". [38] Mas ao mesmo tempo é algo mais que uma galeria de cenas e retratos. Não é minha intenção apresentar uma enumeração puramente descritiva e cronológica de dogmas. Um estudo crítico não é apropriado, porque não existe exatidão absoluta em matéria econômica. O de que precisamos é uma história genética que se esforce por traçar a dinâmica do desenvolvimento antes que recordar e avaliar os fatos consumados — um estudo de um ponto-de-vista antes evolucionista que sistemático: as ciências, como as catedrais, são um produto de gerações. Se o momento ainda não está bastante maduro para esta espécie de estudo, é pelo menos chegado o tempo de examinar as principais tendências da evolução. Bem sei que as idéias econômicas, bem como os fatos econômicos, não são nítidos e definidos como uma paisagem em um belo dia outonal de geada, mas pretendo explorar o espírito do pensamento econômico americano, o seu *Weltanschauung*. Como disse Taine, "um dogma nada é por si mesmo: é preciso ver os que o fizeram".

"Filha de dois continentes, a América não pode ser estudada em seus traços significativos por nenhum dêles isoladamente", [39] e é óbvio que o historiador de idéias deve dedicar-se a estudar a recepção de idéias propagadas por uma cultura, conforme são elas assimiladas ou rejeitadas por outra ou gradualmente transmudadas em novos ambientes. Tendo isto em mente, foi meu propósito descobrir os aspectos do pensamento americano como distinto do pensamento europeu, seguir-lhe as revoltas contra a assimilação de importação, acompanhar o contínuo conflito entre idéias transplantadas e o ambiente nativo, entre o pensamento intuitivo e o puro intelectualismo. Por êste modo espero descobrir, na ininterrupta corrente e mutação do pensamento, o clima especifico da economia americana, o seu espírito e direção particular, a nota americana. Esta obra é uma tentativa para abranger em um só golpe-

38. Eva Flügge, "Institutionalismus in der Nationolökonomie der Vereinigten Staaten," in Jahrbuch f. Nationolök. und Statistik, vol. 126 (April, 1927), 337.
39. V. L. Parrington, *op. cit.*, vol. I, pág. IV.

-de-vista todos os pontos luminosos do pensamento passado. Escusado é dizer que o têrmo americanismo, como eu o entendo, não é uma expressão de censura nem de louvor.

Pelas razões mencionadas limitei meu estudo às tendências dos pontos centrais do pensamento, ao seu arcabouço completo em contraste com a multidão de doutrinas especiais, aos conceitos gerais que formam as bases do sistema e os marcos milenários de seu progresso em contraste com a história e análise de teorias específicas. Meu interêsse não convergiu para o exame pormenorizado do ensino de economistas individuais e do destino de suas doutrinas: concentrou-se, ao contrário, no espírito de um corpo de princípios gerais orgânicamente relacionados. Não me preocupam as variações da ênfase e do modo de tratar, mas, sim, a variação ou uniformidade dos conselhos gerais, o padrão total do pensamento econômico americano.

Onde se encontra mais bem expresso o pensamento econômico? Nas investigações eruditas dos professôres, nos panfletos dos jornalistas, nos discursos dos políticos, nos arquivos governamentais, nas decisões das côrtes de justiça, nos escritos utópicos de sonhadores ou no procedimento do homem comum? Deveremos consultar os escritos que não são literatura — jornais, cartas, registros públicos, periódicos e outros que tais? Ou deve o pensamento econômico de um país e de um período ser colhido de fontes fragmentárias?

O propósito dêste volume, que é um estudo de história social, responde a estas questões: penetrar no espírito, no estado da mente, não quer necessàriamente dizer um estudo exaustivo de escritores esquecidos e famosos, de velhos arquivos, de empoeirados documentos, de páginas amarelecidas de livros antiquados ou páginas duras de livros novos, como quem descasca cebola, camada por camada. (Por vêzes parece que realmente as belas letras expressam o estilo da história e pensamento econômico de uma nação e de um período em forma mais vigorosa, impressionante e colorida que os ponderosos volumes sôbre ciências econômicas). O fim é interpretação, e o leitor não deve entreter

receios de que penetremos na floresta por assédio. O cuidado na exatidão dos pormenores é certamente louvável, mas não substitui a imaginação criadora necessária para reconstruir uma evolução. Empreguei a imaginação para produzir um quadro em minha própria mente; para usar, nas palavras de Taine, "os olhos de nossa cabeça".

Esta introdução não será completa se não nos entendermos sôbre a ordem em que o assunto será examinado. Os chamados períodos históricos, fases e divisões são naturalmente criações mentais, construções do intelecto, que, não tendo existência na vida real, apresentam barreiras artificiais em história. A história das idéias, bem como a dos acontecimentos, raramente é simétrica e não se pode construir *more geometrico*. Os interregnos que se interpenetram são especialmente aborrecidos para o cronista, por isso que freqüentemente uma idéia ou um escritor não pertence ao seu próprio período, mas ao futuro ou ao passado. Mas, se usamos as fases em sua função de instrumento metodológico, o leitor terá razão de esperar que a periodologia sugerida não prejudique os seus sentimentos arquitetônicos. Do ponto-de-vista arquitetônico, considero pouco satisfatórios os esforços prèviamente sugeridos para distinguir períodos. Falta-lhes a todos um *principium divisionis*. [40]

---

40. Êste é o caso com a árvore quase gráfica esboçada por Furber (*op. cit.*) e com a divisão de Farnan em dois períodos — o primeiro século e depois de 1876 (*op. cit.*). (Êste último ano está associado com o Centenário da Declaração da Independência bem como com o da publicação da Riqueza das Nações. Esta ênfase sôbre o ano de 1876 também se encontra no estudo de R. V. *Taggart Thorstein Veblen. A Chapter in American Economic Thought* (Berkeley, Calif., 1932), págs. 4-5. Farnam pràticamente repete as idéias de W. G. Sumner). É verdadeira relativamente aos três períodos de Seligman: o século XVIII até a guerra com a Inglaterra; da guerra com a Inglaterra até a década de 70; e desde esta década (*op. cit.*) A classificação dos economistas do último período pelo seu século é ingênua, mas não o é menos do que a mais recente de Schumpeter que classifica as escolas do pensamento americano pelo critério das Universidades principais). Aplica-se também a divisão sugerida por Patten em épocas de 1776, 1848, 1912. ("The Background of Economic Theories," in *Essays in Economic Theory,* New York, 1924, pág. 265).

Foi Walter Bagehot quem uma vez declarou que, "enquanto são más as condições econômicas dos países, os homens cuidam de economia política, para saber como se podem melhorar tais condições; mas, quando melhoram as condições, a economia política deixa de ter o mesmo interêsse popular.[41] Sem doenças, feridas e dores não haveria fisiologia, patologia ou arte de curar. Sem guerras e crises nacionais não teria havido ciências econômicas. Esta correlação é, como sabemos, especialmente forte e manifesta no período do capitalismo.[42] Guerras e crises influem sôbre a economia através de mudanças na conjuntura e estrutura, mas não exercem em menor grau efeito psicológico em preparar o estado de espírito para uma mudança. As ciências econômicas, bem como a vida econômica, se desenvolvem em ciclos e se movem por terremotos. Nos Estados Unidos especìficamente "o progresso nunca foi conservador e ordenado". Os grandes períodos de rápido avanço entre as nossas crises de depressão mais se têm assemelhado à violência das gigantescas[43] corridas do ouro.

Uma periodologia baseada em ciclos de negócios não nos daria épocas bem marcadas [44]. Os Estados

41. *Economic Studies* (London, 1880), pág. 155.

42. Werner Sombart dedicou um estudo especial à correlação entre guerra e capitalismo, *Krieg und Kapitalismus* (München-Leipzig, 1913).

43. James Truslow Adams, *The Epic of America* (Boston, 1931), pág. 278.

44. O único autor, que eu saiba, que deu atenção especial a esta correlação é W. G. Sumner. Acreditando firmemente em leis econômicas absolutas, êle lamentava o fato de que "certas pessoas perdem a cabeça e começam a duvidar das doutrinas econômicas que já foram mais sòlidamente estabelecidas. É parte dos sintomas de moléstia perder a confiança nas leis da higiene e recorrer a remédios de charlatão. Já notei que em todo grande movimento social aparecem certos fenômenos destinados a iludir pela aparente inconsistência de divergências. Por isso temos visto os economistas, em vez de se conservarem unidos e sustentarem, na hora mais necessária, tanto a autoridade científica como a verdade positiva de suas doutrinas, dispersarem-se e correrem de um lado para outro, transviando-se até alguns dêles inteiramente". "The Influence of Commercial Crises on Opinions about Economic Doctrines," in *The Forgotten Man and Other Essays* (New Haven, 1919), págs. 224, 225. É interessante que Sumner voltou repetidas

Unidos apresentam uma ilustração especialmente feliz da correlação íntima entre guerra e pensamento econômico. Paul Manteaux foi o primeiro a chamar nossa atenção para o fato de que "foi antes a guerra americana que os escritos de Smith que demonstrou a decadência da antiga Economia Política.[45] E foi Wesley C. Mitchel quem frisou o paralelo entre a reconstrução "após as guerras napoleônicas e o aparecimento da Economia Política clássica," e entre "a reconstrução depois da guerra mundial e a perspectiva de renovada vitalidade em economia".[46]

As três grandes crises de guerra nos Estados Unidos anteriormente à Grande Depressão foram as da guerra mundial. Tôdas elas exerceram influências modificadoras sôbre a estrutura econômica e conseqüentemente sôbre o estado de espírito nacional.(Do ponto-de-vista de nosso estudo a guerra com o México e a guerra hispano-americana podem ser consideradas como perturbações menores). A guerra com a Inglaterra produziu os primeiros interêsses definidos em economia, especialmente nos problemas de produção, e estimularam a formação de um estado distinto nacional; o período após a guerra civil criou um interêsse nos problemas de distribuição; e a primeira guerra mundial pôs o país em face da necessidade de reconsiderar os fundamentos principais de sua organização econômica. Cada período teve seus heróis e seus vilãos, seus amigos e inimigos, novos interêsses e novos ódios, declínios e pontos culminantes, abandono de velhas rotinas e volta a elas. Cada um teve seus conflitos, sonhos e realizações. Cada um estêve sujeito a influências estrangeiras e a resistências domésticas.

---

vêzes ao problema dos ciclos de negócios. Assim, em 1877 ou 1878 examinou *a crise comercial de 1837;* em 1879 publicou o ensaio acima mencionado: em 1896 apareceu *The Cause and Cure of Hard Times.* Ignora-se em geral o fato de que Francis Bowen também dedicou especial atenção ao problema das crises.

45. *The Industrial Revolution,* English translation (New York 1928).

46. "The Prospect of Economics," in The *Trend of Economics,* edited by R. G. Tugwell (New York, 1924).

II

O CONFLITO

A história econômica dos Estados Unidos difere da de qualquer outro país pelo fato de que começou com a transplantação de um povo civilizado para um vasto território de extraordinários recursos. Nenhuma misteriosa metamorfose transformou inglêses em americanos pelo contato com Plymouth Rock. A história intelectual da América começou antes do descobrimento do país. A herança indiana não afetou os Estados Unidos, não deixou recordações econômicas como no caso da América Latina, onde os incas e maias possuíam sistema bem desenvolvido de economia e de idéias econômicas.[1] A economia nunca conheceu nos Estados Unidos um período de completo isolamento. "Para entender certas fases da vida na América, quer na Quinta Avenida em Nova York, quer em Lake Shore Drive, em Chicago, cumpre voltar aos nevoeiros e à meia-luz dos dias do rei Eduardo III, da Inglaterra."[2]

Pelo fato de ser a colonização da América a transplantação de um povo civilizado, debatiam vivamente os americanos os planos e especificações da utopia que se deveria construir nos espaços livres do novo continente. A fundação dos novos Estados Unidos foi lançada em vigorosas polêmicas baseadas em importantes idéias e coloridas pela geografia, aspectos físicos e ambiente do Novo Mundo, bem como pela ausência de história e tradições que lhe fôssem próprias.

1. Charles Sotheran fêz um inútil esfôrço para descrever os aborígines americanos como, a certos respeitos, "idênticos aos socialistas modernos", para mostrar a origem indígena do socialismo americano. Ver *Horace Greely and Other Pioneers of American Socialism* (New York, 1892), págs. 58-60.

2. Thomas Cuming Hall, *The Religions Background of Amecan Culture* (Boston, 1930), págs. VIII, IX.

A distinção entre a mãe-pátria e os Estados Unidos era òbviamente forte. Durante a Guerra Civil, por exemplo, os recursos naturais escasseavam na Inglaterra e abundavam na América; a Inglaterra tinha pouca terra, os Estados Unidos tinham muita; naquela o trabalho era abundante, nesta era escasso; a superpopulação do Velho Mundo contrastava com o despovoamento do Novo Mundo; a Inglaterra estava sempre procurando novos mercados estrangeiros, ao passo que os Estados Unidos possuíam um vasto mercado nacional, que não se saturou por décadas.

De importância específica para o desenvolvimento do pensamento econômico foi a formação de uma nova psicologia, diferente da da Europa, porque era de "estrangeiros" libertos de tradições e sempre prontos para experimentações. As idéias econômicas da civilização transplantada òbviamente colidiam com a psicologia e as realidades do Novo Mundo. O pessimismo econômico da Inglaterra entrava em conflito com o otimismo dos Estados Unidos, gerado na primeira metade do século dezenove pela nova psicologia criada pelos vastos espaços e amplos recursos, e foi depois da Guerra Civil estimulada pela mudança de escala em concepções populares. O classicismo importado era como um jardim inglês formal com suas ruas direitas e sebes aparadas; o pensamento nativo representava os campos e florestas americanas com os seus vastos acres e emaranhadas selvas. A história do pensamento econômico americano é por longo período o estudo de um conflito e tentativas de reajustamento entre idéias importadas e realidades nativas. Neste conflito as posições e os atores mudavam quase que com cada geração. Alteravam-se os papéis e invertiam-se as situações; variava o colorido das doutrinas; modificavam-se as teorias e criavam-se novas relações — mas o conflito em si mesmo continuava vivo.

Todo o arcabouço da vida econômica americana estava em permanente mutação e o seu centro de gravidade se deslocava. A fronteira sempre em expansão, o crescente industrialismo e uma nova técnica impeliam para frente novas seções, novas classes, novos produtos;

a cambiante vida social criava novos tipos; a cambiante vida econômica produzia novos problemas. Conseqüentemente, uma perpétua mutação de problemas econômicos correntes ocupavam a mente americana. Em tôdas as fases do desenvolvimento do país — agrário, comercial, industrial e financeiro — os problemas econômicos constituíam um campo de batalha de desejos, política e pontos-de-vista opostos em luta ofensiva e defensiva. Cada década da história produzia novas e velhas questões econômicas que se deviam ajustar e adaptar ao esquema em rápida mutação; a discussão dêstes problemas era evidentemente complicada e agravada por motivos e fatôres políticos, religiosos e raciais.

Havia outras influências adicionais oriundas do Novo Mundo, visto que, além da Inglaterra, todos os outros países europeus mandavam para êste país não sòmente os seus filhos, mas também suas idéias. Franceses, alemães, austríacos e italianos eram e são de importância no desenvolvimento do pensamento econômico americano, tanto quanto na fusão de culturas importadas e ambientes locais que formaram o cadinho americano.

Assim a história do pensamento econômico dos Estados Unidos apresenta o aspecto de um agitado mar de teorias e problemas mudáveis e contraditórios, formados sob as influências recíprocas de ensinamentos e instituições importadas do Velho Mundo, da silenciosa pressão de um meio novo, dos novos fenômenos que surgiam da terra, do ruído das ruas e dos golpes do látego de publicistas agitadores.

Mas, não haverá neste mar agitado alguma ordem, alguma tendência predominante, algum princípio básico? Paul T. Homan queixava-se da "ausência de perspectiva" e da "falta de qualquer esquema de classificação" pelo qual um grande número de economistas pudessem ser adaptados a um tratamento ordenado". [3] Não serei eu quem procure encaixar os economistas em compartimentos e desarticular homens e movimentos para se ajustarem a uma classificação pre-

3. *Contemporary Economic Thought* (New York, 1928), Preface.

concebida. Mas, apesar das variações de pensamento, de período, de método, de interêsse e de origem, creio que se pode encontrar um fio carmesim que atravessa a meada das mudanças do pensamento econômico. Êste fio consiste em um conflito fundamental entre a idéia de *conservação* e a idéia de *transformação*, a dos *beati possidentes* e a dos *descontentes*.[4]

A idéia de conservação não pode ser melhor expressa do que na famosa frase de Lord Thurlow: "Eu apóio a Igreja da Inglaterra, porque é oficial." Isto significa tradição, inércia, resistência à mudança. Tem sua origem nos ensinamentos naturais dos clássicos inglêses com sua política individualista do *laissez faire*.

Não devemos supor que a palavra "transformação" queira dizer mudança radical: a propaganda da industrialização, por exemplo, em uma atmosfera agrária é uma idéia de transformação, tanto como os ensinamentos de um movimento populista em uma esfera predominantemente industrial. O americano olha sempre para o futuro, e não para o passado ou o presente.[5] À semelhança do *Signor Pococurante*, de Voltaire, êle sempre espera "ter amanhã um novo jardim construído sob um plano mais nobre." Carr R. Fish frisou que o americano "não tem mêdo do que é novo", e que "se tornou inventor não por meio de investigação científica ou em virtude de peculiares dons mentais, mas em virtude de um impulso espiritual para experimentar coisas novas e voltar à carga para experimentar de novo quando mal sucedido".[6] A idéia de transformação sempre tendeu a dar ênfase aos interêsses da nação ou da coleti-

4. Esta fórmula de conflito nada tem que ver com a divisão das teorias econômicas em filosofia da riqueza e filosofia da pobreza. John Adams frisou em 1808 que o objeto de ambos os partidos políticos era "principalmente a riqueza". "Principalmente a riqueza foi certamente o objeto da maior parte dos ensinamentos econômicos neste país."

5. Jacob H. Hollander erradamente combate êste anseio de transformação como explicação da "conservação essencial do pensamento econômico popular" nos Estados Unidos. Comp. *Economic Liberalism* (New York, 1925), págs. 174, 175.

6. *The Side of the Common Man* (New York, 1927), pág. 5.

vidade e a substituir o "laissez faire" dos *possidentes* pela intervenção do Estado, tão peculiarmente adaptada ao gôsto americano de experimentação por meio de legislação e administração. Por esta razão, têm sido os Estados Unidos sempre o afortunado campo de experiências de escritos e esforços utópicos. Por esta razão, vingou aqui o pragmatismo, que considera o mundo como sempre em processo de formação, em vez de sujeito a desenvolver-se segundo idéias preconcebidas. A idéia de transformação evidentemente encontrou apoio nos ensinamentos evolucionistas do século dezenove; mas suas teorias foram moldadas pela vida e os interêsses econômicos da nação, ao passo que os aderentes da idéia de conservação apenas põem em forma concreta e sistematizada as noções predominantes de seu tempo, as quais representavam os interêsses favoráveis ao *statu quo*. Macaulay disse uma vez que em todos os países há um partido da ordem e um partido de progresso; o primeiro, conservador por índole, apega-se às coisas estabelecidas, ao passo que o último, de espírito aventureiro, anseia por fazer experiências.

O conflito entre o princípio de conservação e os de transformação é a idéia germinante do pensamento econômico característico dêsse país altamente dinâmico em matéria econômica. A mudança teórica efetuou-se em virtude dessa oposição, e o desenvolvimento seguiu-se nas séries de conflitos. E as idéias brigam às vêzes mais do que os homens.

Nos capítulos que seguem veremos como os sequazes de ambos os princípios em cada período deram expressão às suas crenças e esforços.

III

A CONTRIBUIÇÃO DA AMÉRICA

A economia moderna surgiu com o aparecimento do individualismo, a formação de territórios e estados nacionais, e a vitória do capitalismo sôbre as heranças da Idade Média. E' verdadeiramente simbólica a coincidência cronológica da Declaração da Independência e a publicação da *Riqueza das Nações*.

E' inteiramente impossível descobrir e acompanhar idéias econômicas fragmentárias durante o período colonial da história dos Estados Unidos. Edgar A. J. Johnson empreendeu recentemente traçar na América o último pôsto avançado do pensamento medieval inglês,[1] mas só em um sentido antiquado é que se pode dizer que houve "poetas antes de Homero e reis antes de Agamenon". Mesmo em relação à figura pròvàvelmente mais característica dêsse período, John Winthrop, inglês típico, Johnson tem certamente razão em afirmar que "há realmente muito pouco de original no pensamento econômico de Winthrop. Winthrop refletia razoàvelmente bem as correntes de idéias do seu século. Isto quer dizer que suas idéias eram medievais e lhe foram transmitidas principalmente através de fontes eclesiásticas inglêsas. E' um belo exemplo das idéias econômicas dos puritanos americanos. A riqueza e a sua aquisição não eram desprezados. O puritano não era verdadeiramente um asceta, nem tão pouco idealizava a aquisição das riquezas, como está em voga acreditar-se hoje em dia. Êle tentava impor a filosofia social dos escolásticos medievais a uma sociedade de pioneiros, na qual a tentação para uma vida

---

1. *American Economic Thought in the Seventeenth Century* (London, 1932).

de aquisição material era apenas limitada pela oportunidade".[2]

O professor alemão Kellner frisou o caráter receptivo da literatura americana nas seguintes palavras:

"Bis zum Abfall der Kolonien vom Mutterlande sind alle literarischen Erzeugnisse Amerikas einfach Schösslinge des englischen Stammes wie die Siedlungen selbst. So wie die Kolonisten englischen Tuch tragen, aus englischem Geschirr essen, mit englischen Ziegeln ihre Häuser bauen, so schreiben ihre Gottesgelehrten ihre Staatsmänner, ihre Dichter in der Sprache der Heimat, in den Formen und Rhythmen, in den Ueberlieferungen und stillschwengenden Vereibarungen der alten Literatur. Jeder Schriftsteller sieht darauf, den englischen Mustern so nahe als möglich zu kommen, ja nicht gegen die Reinheit der Sprache zu verstossen, vor allem sich keinen Amerikanismus entschlüpfen zu lassen".[3]

As coisas não se passavam diferentemente no campo do pensamento econômico. O espírito americano estava certamente despertando antes da Guerra de Independência, mas até mesmo o *tory* americano nativo arremedava a maneira de pensar inglêsa.

A única e solitária figura de importância na história colonial do pensamento econômico americano foi, sem dúvida, Benjamin Franklin, filho e produto do período de transição, visto que sua vida e obras pertencem em parte à história dos Estados Unidos independentes. Houve poucos economistas americanos que, despertando opiniões diametralmente opostas, fôssem tão freqüentemente discutidos e examinados. Conhecendo a atitude de Dunbar em relação a tudo o que diz respeito à economia americana, não nos surpreende o seu veredicto altamente negativo. Êle declarou que "de Franklin se pode afirmar que não sòmente não contribuiu para adiantar o desenvolvimento das ciências econômicas, mas também que não parece tê-la conhecido

---

2. "Economics Ideas of John Winthrop", *New England Quarterly*, 1930.

3. *Geschichte der nordamerikanischen Literatur* (Berlin und Leipzig, 1913).

no ponto a que já havia atingido."[4] Um historiador moderno do pensamento econômico graciosamente admite, em uma nota marginal, que "Benjamin Franklin poderia ser chamado o primeiro economista americano;"[5] Alguns autores de monografias dedicadas a Franklin manifestam, porém, entusiasmo por suas qualidades e realizações como economista. W. A. Wetzel, por exemplo, rejeitou francamente o veredicto de Dunbar. Negou que "Franklin não se tivesse assenhoreado da ciência até o ponto em que se achava já então. Precisamos neste ponto ter em mente a condição fragmentária das ciências econômicas inglêsas antes de 1776. Já se declarou que Franklin estava familiarizado com o *Ensaio sôbre Impostos e Contribuições*, de Petty. É claro que não há meios de verificar até onde êle tinha lido os outros primeiros economistas inglêses. Mas o fato de que a sua opinião sôbre todos os assuntos econômicos (ou, melhor, de economia política, porque esta é a única espécie de economia conhecida nos séculos dezessete e dezoito) era procurada por todos os filósofos do dia, basta para provar que Franklin entendia sofrìvelmente bem de ciências econômicas. O único sistema econômico de que se pode falar neste período é o sistema fisiocrático. Que homem de língua inglêsa, perguntamos, compreendeu êste sistema melhor do que Franklin?"[6]

Lewis J. Carey, autor duma monografia mais recente sôbre as *Idéias Econômicas de Franklin*, [7] modernizou a construção do sistema econômico de Franklin e chegou ao ponto de traçar a sua influência pes-

4. *Op. cit.*, pág. 7 "Que Franklin haja lido muito dos escritos de outrem em matéria de Economia Política não é coisa que se possa inferir de suas obras. *A Riqueza das Nações*, de Smith, é citada num artigo sôbre o aumento dos salários, provocado provàvelmente pela Revolução Americana e escrito pouco depois de 1879, quando Franklin se achava no estrangeiro, mas a citação é feita para estabelecer um fato, e não para adiantar a discussão ou elucidação de um princípio", *Ibid.*

5. Lewis H. Haney, *op. cit.*, pg. 282.

6. *Benjamin Franklin as an Economist* (Baltimore, 1895), págs. 54, 55.

7. Garden City, 1928.

soal e literária sôbre Adam Smith, Malthus e mesmo Karl Marx. O historiador James Truslow Adams afirmou que Franklin tipificou a cultura americana dêsse período,[8] e W. L. Parrington, historiador da literatura, é de opinião que Franklin "foi o que se pode chamar hoje um sociólogo."[9] Um erudito alemão meticulosamente investigou, analisou e sistematizou as opiniões de Franklin, apresentando-o como um quase acabado adepto de Smith.[10] O chefe da Escola Alemã de Sociologia Econômica, Max Weber, tentou apresentar Franklin como uma encarnação do espírito americano em matéria de economia e sabedoria mundana, e encontrou em suas *Sugestões para os que quiserem enriquecer* (1736) e *Conselhos a um jovem comerciante* (1748) expressões de ética utilitária. O caso de Franklin serviu para Weber como ilustração da conexão entre o protestantismo e o espírito capitalista.[11]

Assim como John Winthrop era típico do século dezessete, assim Franklin representava o século dezoito. Franklin tipificava não "a cultura americana dêsse período", como sugeriu James T. Adams, mas o período como tal e as idéias européias em sua filosofia geral, e a América com a sua fisionomia particular em suas idéias econômicas. T. C. Hall acertadamente declarou que "Benjamin Franklin encarna não o espírito da velha classe aristocrática e dominante de Boston — isso se deve procurar em John Adams — mas a encarnação da classe que na Inglaterra produziu De Foe e Cobbert... nem John Adams nem Benjamin Franklin tiveram o que quer que fôsse em comum com João Calvino."[12]

Sua filosofia era sem dúvida simples, e êle um filósofo no sentido desta palavra no século dezoito quando a filosofia natural estava conquistando a França:

8. *The Epic of America*, pg. 69.
9. *Op. cit.*, vol. I, pg. 170.
10. Richard Hildebrand, "Benjamin Franklin als Nationalökonom", *op. cit.*
11. *Gesammelte Aufsätze Religionssoziologie* (Tubingen, 1920), vol. I.
12. *Op. cit.*, pg. 214.

o interêsse de Franklin nas ciências físicas era certamente considerado nesse tempo como uma contribuição para a filosofia. [13] A sua atitude humanitária e liberal, e especialmente seu desprêzo pela escravidão, fortaleceram sua posição saliente como pensador no Velho Mundo tanto como no Novo.

Benjamin Franklin absorvia as idéias como uma esponja, mas remodelava-as em sua mente sob a influência de suas próprias observações. Nunca foi um sonhador ou teorista, mas conservou-se sempre prático ao tratar dos vastos problemas que lhe despertavam o interêsse e a imaginação. Balzac certa vez caracterizou Franklin como o homem que inventou o pára-raio, a burla e a república. Franklin tipificou o período da renascença e da América de seu tempo e foi provàvelmente o primeiro representante do país como um todo e não de uma de suas partes.

A procura de paralelismos sugere uma comparação com Goethe — não Goethe, o grande poeta, mas Goethe o homem do século dezoito — com os interêsses universais daquele que foi provàvelmente o maior enciclopedista de seu tempo. Mas, se Goethe é uma figura demasiado grande para ser comparada com Franklin, o autodidata russo do século dezoito, Lomonosov pode ser-lhe contraposto — *mutatis mutandis*, já se vê: o solo era diferente, diferente a atmosfera política, mas era a mesma a ansiedade de conhecimentos de um plebeu, o mesmo enciclopedismo de interêsse, a mesma combinação da filosofia natural com a invenção prática. Escritor e poeta, interessou-se vivamente e com amplo êxito nas experiências da Física e da Química, contribuiu para a reforma da linguagem, compilou a primeira gramática e consagrou tempo aos estudos históricos.

---

13. H. W. Schneider descreve nos seguintes têrmos a recente atitude americana para com Franklin: "Os filósofos ofendem-se pela simplicidade, quase simplista, desta filosofia. Sem dúvida que nada pode haver de valor em uma doutrina que está ao nível da inteligência de um lavrador da Pensilvânia." A significação da Filosofia Moral de Benjamin, em *Studies in the History of Ideas*, vol. II (New York, 1925), pg. 302.

Embora europeu em sua filosofia geral, era Franklin americano em suas idéias econômicas, tendo apenas adotado as partes da filosofia francesa adequadas às condições do seu país. Suas idéias econômicas eram, em geral, as do tipo *laissez faire* no sentido em que eram entendidas pelos seus amigos fisiocratas na França; mas foi o pioneiro do pensamento econômico americano, imprimindo otimismo à discussão do problema da população e dos salários, e baseando suas opiniões nos aspectos peculiares à economia americana dos vastos espaços. Foi um dos primeiros propagandistas da busca de juros baratos. O panfleto de Franklin sôbre "Currency" (1729), publicado quando êle contava vinte e três anos de idade e influenciado por suas experiências de Massachussetts, continha certas noções mercantilistas acêrca de dinheiro e balança comercial. Mas mesmo êste panfleto assinalou a adesão de Franklin ao partido agrário, posição em que se manteve até o fim da vida. Era o período final do mercantilismo e o comêço da fisiocracia. A hostilidade de Franklin ao mercantilismo inglês teve origem na vida americana contemporânea. Encontrou aliados nos fisiocratas franceses, com quem estêve em contato pessoal após sua primeira viagem à França em 1767. Travou conhecimento com Mirabeau, Quesnay, Du Pont de Nemours, Turgot e muitos *dei minores*. Assinou, leu e auxiliou com sua colaboração as *Ephemérides du Citoyen*, publicação dos fisiocratas. As suas *Positions to be Examined Concerning National Wealth* (1769) mostram claramente a influência dos fisiocratas franceses: considerava a agricultura "o único meio honesto de um homem receber um real aumento da semente lançada na terra, por uma espécie de milagre contínuo operado em seu favor pela mão de Deus." [14]

O famoso panfleto de Franklin sôbre a população [15] influiu profundamente em outros escritores — inclusive Adam Smith, Godwin e Malthus — que se referiram à sua afirmação de que a população dos Esta-

14. *Works*, vol. II, pg. 438.
15. *Observations concerning the Increase of Mankind* (1751).

dos Unidos estava duplicando em cada vinte e cinco anos. Sua teoria otimista da população baseada na abundância de terras baratas levou lògicamente à sua adoção da economia dos altos salários, que êle considerava natural e eficiente nas condições americanas.

Embora autor de numerosos panfletos sôbre problemas econômicos, Franklin era algo mais que um panfletário. Seus biógrafos têm debatido ardorosamente acêrca das origens das idéias que tomou de empréstimo e das influências que sofreu. Tal debate é irrelevante para o nosso propósito; mas o fato é que os escritos de Franklin sôbre economia foram o primeiro caso de exportação do pensamento americano para a Europa. [16]

"Benjamin Franklin não viveu bastante para ver os efeitos do seu fogão de antracite, mas tornou possível o desenvolvimento capitalista da Pensilvânia. Tinha razão de sentir-se mais à vontade entre os "Quakers" da Pensilvânia do que entre os homens de grande nascimento em Boston, porque pertencia à classe dos açougueiros, padeiros e castiçaleiros, dos quais, entretanto, também descendia em grande parte a aristocracia de Boston. E' igualmente bem certo que êle anteviu de longe a vindoura supremacia comercial da classe a que pertencia por herança, gôsto e educação; mas esta classe nada tinha em comum com a pequenina minoria clerical puritana e aristocrata, que tão vaidosamente sonhava em 1628 constituir uma teocracia aristocrática nas praias da Nova Inglaterra e que tinha sido, havia muito, absorvida pela grande corrente imigratória dos dissidentes." [17] O autor de *Poor Richard's Almanac,* bem equilibrado e pessoalmente um tanto conservador, estava descontente com o *statu quo,* e ansiava pela transformação do sistema econômico dominante.

---

16. Usher afirma que parece que foi Franklin quem primeiro levou a expressão *laissez faire* a leitores inglêses em seus *Principles of Trade* (1774). Vejam-se "Explorations in Economics", em *Notes and Ensays Contributed in Honor of F. W. Taussig* (New York, 1936), pg. 404.

17. Hall, *op. cit.*, pg. 215.

O próprio Franklin frisou os elementos de descontentamento e a tendência transformadora em seus ensinos. Seu primeiro panfleto, como êle próprio depois fêz notar, "foi bem recebido pelo povo comum em geral. Mas os ricos não o apreciaram, porque êle vinha aumentar e fortalecer o clamor por mais dinheiro; e, como não tivessem no seu meio escritores capazes de refutá-lo, afrouxaram a sua oposição, e o ponto saiu vitorioso por maioria no Congresso". [18]

Quando em fins do século dezoito os Estados Unidos relaxaram os seus tentáculos políticos, o país ainda estava, econômicamente, em estado de dependência colonial. Intelectualmente, mesmo depois de conquistar a independência, o instinto colonial ainda era predominante; e sòmente depois da guerra de 1812 é que a América voltou os seus olhares para dentro de si mesma. O espírito americano estava acordando, mas era ainda dependente da mãe-pátria e admirava a França, flutuava entre a aderência às idéias da classe média sôbre o crescente capitalismo inglês e as generalizações humanitárias dos intelectuais franceses. O ano da inauguração de Washington viu a queda da Bastilha e o comêço da Revolução Francesa. Napoleão teria de vir na esteira da Revolução e a Europa seria largamente envolvida em guerras e conflitos durante uma geração.

A Constituição dos Estados Unidos era uma das mais importantes apresentações do pensamento econômico americano. Foi a influência moderadora de Charles A. Beard em sua *Economic Interpretation of the Constitution of the United States* que desfez os mitos a respeito da Constituição e expôs as suas doutrinas econômicas. No dizer de Parrington, "o documento revelou-se antes como inglês que francês; a expressão judiciosa de substancioso realismo do século dezoito que aceitava a base de propriedade para a ação política, era cética em matéria de idealismo romântico e mais cuidadosa em proteger escrituras de posse legal

18. *Works*, vol. II, pg. 254.
19. New York, 1913.

do que reclamar principados desconhecidos em Utopia.[20]

As idéias subjacentes na constituição eram inspiradas politicamente pela literatura republicana do século dezessete e, econômicamente, pela ideologia da nascente classe média inglêsa do século dezoito. Na realidade, a constituição restabelecia o velho sistema britânico de economia.

Certamente o pensamento fundamental da teoria raras vêzes foi mais bem expresso que por James Madison, o "Pai da Constituição", no décimo número do *Federalist Papers*, escritos em 1787 e 1788 para obter apoio popular para a Constituição, que se achava então dependendo das convenções ratificadoras dos diversos Estados. Depois de assinalar que a Humanidade tem sido constantemente influenciada e dividida por diferenças de religião ou govêrno ou por ligação com líderes de destaque, Madison acrescentou: "Porém, a fonte mais comum e duradora de ficções tem sido a distribuição desigual e variada da propriedade. Os que a possuem e os que não a possuem têm sempre constituído interêsses distintos na sociedade. Credores e devedores entram na mesma discriminação. Interêsses em terras, em manufaturas, interêsses marcantis e interêsses em dinheiro, além de muitos outros menores interêsses, brotam necessàriamente nas nações civilizadas e as dividem em classes diferentes, atuadas por sentimentos e opiniões diversas".[21] John Adams, Noah Webster e Alexandre Hamilton confirmaram esta concepção dos fundamentos econômicos do govêrno.

Se o fundamento econômico da constituição foi representado por interessados em propriedades que desejavam preservar o seu *statu quo*, o preâmbulo da Lei de Tarifas pôs em evidência a necessidade de, para estímulo e proteção das indústrias, lançar impostos sôbre artigos e mercadorias importadas. "Encontramos aqui claramente expressa a idéia de transformação necessária na forma de "estímulo e proteção das manufaturas",

---

20. *Op. cit.*, vol. III, pg. 409.

21. Schlesinger, *New Viewpoints in American History* (New York, 1922).

conceito êste que se tornou o ponto saliente do pensamento econômico até a guerra Civil.[22]

George Washington foi o primeiro agricultor e o primeiro soldado na América. Mal se pode conceber que êle possuísse qualquer sistema completo de filosofia econômica. Sua fôrça residia em aplicação, não em elaborar teorias. Como se sabe, Washington aceitou

22. Calvin Colon foi o primeiro a pô-lo em destaque: "É bastante ao nosso propósito aqui abreviar êste grande capítulo da História Americana e apenas chamar a atenção para a das colônias norte-americanas, até o seu têrmo com o estabelecimento da independência americana. Tôda essa história se resume em uma luta pela liberdade sem consegui-la. Porque se verá que as lutas comerciais dos estados confederados, até a adoção da constituição em 1789, foram maiores que nunca, e que a independência adquirida foi apenas nominal — e isto só e ùnicamente por falta de um sistema protecionista, que sob tão frágil amparo como os artigos da confederação não podia ser pôsto em prática. Os males dêste caráter específico — porque não havia outros — eram vistos, sentidos e deplorados: os Estados em suas posições isoladas tentaram proteger-se a si próprios mas com isso apenas pioraram o caso, agravaram as dificuldades com interferências, até que afinal, encontrando-se os Estados a pique de se dissolverem como nação, por causa dêste defeito, adotou-se como remédio a constituição federal. A história dêsses tempos mostra que o grande escopo, a premente necessidade da formação do govêrno federal, em 1789, era obter o recurso para a proteção dos direitos comerciais da nação e do povo; e, de acôrdo com êste desígnio, a primeira ação do nosso govêrno foi no sentido de formar e estabelecer um sistema protecionista. O projeto ou lei, que foi o grande objetivo da constituição federal na noção de Mr. Madison, o autor dessa medida, foi apresentado com o mínimo de demora, sob o seguinte preâmbulo: "Visto que é necessário um apoio do govêrno, para pagamento das dívidas dos Estados Unidos para o *estímulo* e *proteção* dos *industriais*, que se lancem impostos sôbre artigos, produtos e mercadorias *importados*, decreta-se", etc., e, depois de aprovado, foi submetido à assinatura do presidente Washington a 4 de junho de 1789 — notória coincidência — por ser o natalício da independência americana — não evidentemente um acaso, mas expressamente determinado, sem dúvida, como expressão histórica e profunda, da parte do Presidente e do público do sentimento de afinidade e identidade do propósito dêstes dois grandes acontecimentos, e de que o primeiro não se podia completar nem consumar sem o segundo. A mesma necessidade que gerou a revolução engendrou a constituição federal e esta lei — porque esta lei ou a sua significação política, estabelecida e assegurada, eram o fim de tudo." *Public Economy for the United States* (New York, 1856) págs. 134, 135.

a presidência com grande relutância. Tinha sido sua esperança e seu desejo passar o resto de seus dias em Mount Vernon — não como um simples cidadão da Virgínia, porque Washington era mais do que isto, mas como um agricultor científico, melhorando a lavoura americana por experiência e pelo exemplo. Estudou as melhores obras sôbre o assunto, manteve correspondência com inglêses entendidos no assunto, tais como Arthur Young, importou instrumentos aperfeiçoados e aplicou novos métodos. A cultura do tabaco que exaurira o solo de Tidewater, na Virgínia, foi abandonada já no ano de 1765 em Mount Vernon; a plantação de milho foi substituída pela do trigo, linho e plantas de raiz; as pastagens foram aumentadas, adotou-se uma rotação qüinqüenal de colheitas e carneiros alimentados em apriscos com nabos ou trevos". [23]

"Nenhum pormenor era demasiado insignificante para a sua atenção, nenhum escravo demasiadamente humilde para lhe merecer interêsse, nenhum contratempo por demais devastador para impacientá-lo mesmo durante suas campanhas e, na presidência, costumava escrever cartas de dezesseis páginas com instruções para os seus administradores; e a gente chega a desconfiar que, como Sir Robert Walpole, êle lia as informações dêles antes de se voltar para os negócios de estado. Quanto mais me familiarizo com as coisas da agricultura, tanto mais as aprecio," — escrevia êle a Arthur Young em 1788. "Quanto mais agradável é a tarefa de introduzir melhoramentos na terra do que tôda a vanglória que se pode ter em devastá-la na mais ininterrupta carreira de conquistas!" [24]

Washington escolheu Thomas Jefferson para seu Secretário de Estado e a Alexandre Hamilton para Secretário da Fazenda. A escolha destas duas figuras contrastantes é a melhor prova de que o *pater patriae* não possuía uma filosofia enconômica que lhe fôsse própria. Todavia, não era êle destituido da capacidade

---

23. Samuel E. Morrison and Henry S. Commager, *The Growth of the American Republic*, vol. I (New York, 1937), pg. 211.
24. *Ibid.*, p. p. 212, 213.

de entender os aspectos particulares dêste país e deu-lhes clara expressão em outra carta a Arthur Young. "A tendência dos lavradores dêste país (se lavradores podem ser chamados) — escrevia êle — não é tirar o máximo da terra, a qual é ou foi barata, mas tirar o máximo do trabalho, que é caro; a conseqüência disso tem sido que muita terra fôra *arranhada* e nenhuma cultivada ou melhorada como devia, ao passo que o agricultor da Inglaterra, onde a terra é cara e o trabalho barato, vê que é do seu interêsse melhorá-la e cultivá-la altamente, para obter grandes colheitas de um pequeno terreno".[25]

As idéias econômicas das constituições tornaram-se um ponto de partida para a luta entre os princípios de conservação e de transformação na primeira fase da independência dêste país. Esta luta foi encabeçada, dirigida e simbolizada por dois grandes oponentes, Hamilton e Jefferson. O primeiro Secretário da Fazenda contribuiu com os elementos fortalecedores, o primeiro Secretário de Estado com os elementos enfraquecedores dos princípios fundamentais da constituição. O conflito foi em parte seccional. Hamilton representava o Norte, com sua policultura, com seus mercadores como tais, porém ainda mais com sua economia e nascente manufatura; Jefferson representava o Sul agrário e monoprodutivo com sua economia de plantações. Hamilton era menos entravado por localismos do que os nativos americanos. Era inspirado antes pela revolução industrial inglêsa do que por idéias inglêsas; Jefferson era movido pelas idéias sociais igualitárias da França. O realismo e materialismo de Hamilton contrastavam com o romantismo de Jefferson. O mithianismo de Hamilton, colorido por inclinações e reminiscências mercantilistas, era fortemente combatido pelas tendências fisiocráticas de Jefferson; e o liberalismo e seccionalismo econômico de Jefferson protestavam naturalmente contra os princípios de centralização de Hamilton. A democracia de Jefferson combatia

25. Washington a Arthur Young, Dezembro 5, 1791, em *Letters from George Washington to Arthur Young and Sir John Sinclair* (Alexandria, Va. 1803).

as explosões de Hamilton contra a "majestade da multidão". Ambos eram influenciados por seu respectivo ambiente fronteiriço: Hamilton pela costa marítima; Jefferson, pelo Sul. As simpatias de Hamilton eram sempre aristocráticas, com uma reverência pela tradição; Jefferson simpatizava com o homem comum. A visão imperialista de uma Nação por parte de Hamilton era estranha a Jefferson, que pensava em um estado e uma federação de estados soberanos. A guerra civil levou a um clímax e solveu êste conflito, que tinha estado constantemente crescendo de intensidade durante 70 anos.

Hamilton encontrou uma imprensa favorável nos escritos dos economistas americanos.

Charles F. Dunbar não se cansava de tecer elogios às realizações de Hamilton como economista. "Não encontramos, escreve êle, ninguém tão bem versado em teoria econômica e que entre em indagações especulativas de real valor senão quando aparece Alexandre Hamilton. Êsse grande homem, cuja extraordinária carreira acabou no momento em que a maioria dos homens apenas estão prontos para a ação, foi um leitor e investigador da Economia Política aos vinte anos de idade. Aos 25, nos poucos vagares que lhe deparava o campo da Revolução amadureceu um esquema para um Banco dos Estados Unidos, e tornou-se correspondente de Morris nesse assunto. E finalmente, com a idade de 34, apresentou, como Secretário do Tesouro, seus grandes relatórios sôbre o crédito público, um Banco Nacional e manufaturas, relatórios êsses que foram a mais completa e compreensiva discussão das finanças nacionais jamais feita sob nosso govêrno, e também, como se deve lembrar, o assunto de um dos mais nobres períodos de Webster." [26]

Henry Cabot Lodge corroborou êste juízo em têrmos ainda mais elogiosos. Declarou que "Hamilton figura como um dos grandes pensadores nos dias em que a economia política e o vasto mecanismo das finanças modernas começaram a existir. Salienta-se cons-

---

26. *Op. cit.*, pg. 7.

picuamente naquele período de tanta importância e nesse vasto campo do pensamento, ao lado de homens da estatura de Turgot, Pitt e Adam Smith, e não se diminui em comparação com êstes contemporâneos, quer na fôrça e originalidade das idéias, quer no êxito prático. Estudou Adam Smith e depois escreveu o Relatório sob manufaturas, desenvolvendo a teoria sôbre a proteção das indústrias nascentes em sua aplicação aos Estados Unidos e declarando firmemente que esta era uma questão que cada nação tem de decidir por si mesma". [27]

Os três pontos do "sistema de Hamilton eram as manufaturas, o crédito público e o Banco dos Estados Unidos". Mesmo um exame superficial mostra que, se as idéias de Hamilton eram principalmente as de Smith, (embora, por vêzes, adote noções mercantilistas em relação a balança comercial e metais preciosos etc.; compare-se a sua discussão das Ilhas Indianas do Oeste) a sua política era a do mercantilismo.

A primeira tarefa de Hamilton foi estabelecer o crédito dos Estados novos; antecipou o dito de Carl Dietzel: "A vida de um Estado começa com o seu crédito público." Julgava necessário pagar ao par as dívidas federais e as dívidas nacionais depreciadas. Insistia em que se assumissem as dívidas do Estado. O seu relatório sôbre o crédito público de 14 de janeiro de 1790 é um dos documentos significativos na história das finanças americanas. Era de opinião que a chave do problema dos Estados Unidos se achava nas finanças públicas e que a chave de um forte sistema de finanças se achava em um grande banco nacional. Êste plano predileto de Hamilton se inspirava no exemplo do Banco da Inglaterra. Nenhuma outra instituição poderia ligar tão fortemente ao govêrno os grandes comerciantes, porque, tornando-se participantes da emprêsa, participariam êles tanto da responsabilidade como dos lucros". [28]

---

27. Henry Cabot Lodge, editor, *The Works of Alexander Hamilton*, vol. I. (New York and London, 1888), Preface, pg. VII.
28. Parrington, *op. cit.*, vol. I, pg. 303.

Os argumentos de Hamilton em favor da proteção das nascentes indústrias parecem fortes ainda hoje. O seu Relatório sôbre as Manufaturas foi feito na Casa dos Representantes a 5 de dezembro de 1791 visto que a Casa tinha, desde 15 de janeiro de 1790, reclamado sua atenção "para o assunto das manufaturas, e, particularmente, para os meios de fomentar as que contribuíssem para tornar os Estados Unidos independentes das nações estrangeiras em suprimentos militares e outros igualmente essenciais. Hamilton recomendou o protecionismo como defesa contra o livre-câmbio da Inglaterra. Em seu Relatório êle não despreza os motivos fiscais, mas chama especialmente a atenção para os danos causados às manufaturas americanas fomentadas durante a guerra revolucionária, pela invasão diluvial de mercadorias estrangeiras ao se restabelecer a paz. Insiste, portanto, sôbre a conveniência de uma economia política destinada a libertar a nova república de sua dependência das potências estrangeiras para seu suprimento de coisas essenciais. Hamilton descreve e discute "as circunstâncias principais das quais se pode inferir que os estabelecimentos fabris não sòmente ocasionam um aumento positivo da produção e renda da sociedade mas contribuem essencialmente para torná-los maiores do que poderiam ser sem tais estabelecimentos. Estas circunstâncias são:

"1. A divisão do trabalho.

"2. Extensão do uso de maquinismos.

"3. Emprêgo adicional às classes da comunidade que não se acham ordinàriamente ocupadas no negócio.

"4. Promoção da emigração oriunda de países estrangeiros.

"5. Criação de maiores oportunidades para a diversidade de talentos e disposições, que distinguem os homens uns dos outros.

"6. A formação de campo mais amplo e vário para empreendimentos.

7. Criação em alguns casos, e garantia em todos, de uma procura certa e firme dos excessos da produção do solo.

Cada uma dessas circunstâncias tem considerável influência sôbre o conjunto dos esforços industriosos

em uma comunidade; unidos, êles lhe fornecem um grau de energia e eficácia que mal se pode conceber."[29]

Hamilton frisou nos seguintes têrmos a sétima circunstância":

"Esta é uma das circunstâncias mais importantes entre as indicadas. E' o meio principal pelo qual o estabelecimento de manufaturas contribui para o aumento da produção ou renda de um país e se relaciona imediata e diretamente com a propriedade da agricultura.[30]

Estava convencido de que "as idéias de interêsses opostos entre as regiões do Norte e as do Sul da União são, na maior parte, tão infundadas quão prejudiciais. A diversidade de circunstâncias, em que geralmente se pretende basear a oposição autoriza uma conclusão exatamente contrária. As necessidades mútuas constituem um dos mais fortes liames de conexão política; e a extensão destas mantém uma proporção natural com a diversidade dos meios de suprimento mútuos." [31]

Hamilton frisa o ponto-de-vista nacional: a independência e segurança constituíam seu objetivo primário, e êle estava convencido de que os interêsses da nação eram idênticos aos dos industriais.[32] Era bem

29. *Works*, vol. IV, pg. 87.
30. *Ibid.*, pg. 95.
31. *Ibid.*, pg. 139.
32. Em recente estudo, Harold Hutcheson esforçou-se por apresentar Tench Boxe como assistente de Hamilton na preparação de *Report of Manufactures*. É verdade que Tench Boxe foi defensor de uma economia nacional e propugnador da cultura e manufatura do algodão americano, mas antes se esforçou por ser, como realmente mal foi, "um conselheiro econômico de importantes figuras políticas de seu tempo," como afirma Hutcheson. (Veja-se Tench Boxe, *A Study in American Economic Development* (Baltimore 1938). Preface, p. VII). Infelizmente as circunstâncias não permitiram que Hutcheson tivesse acesso aos principais manuscritos de Boxe; e sua apreciação baseia-se em fatos mais *prováveis* que reais. Tão pouco concordo com a explicação de Hutcheson quanto ao motivo pelo qual Tench Boxe ficou esquecido como economista: "Que Tench Boxe não haja merecido o reconhecimento que se lhe deve como precursor da Escola Nacionalista Americana, explica-se certamente em parte por suas complicações políticas. Ao que parece, o que o levou a tomar parte ativa na política foi o desejo de reparar suas finanças.

versado na literatura de seu tempo e recebeu manifestamente a influência da filosofia política de Hume e do *Leviathan* de Hobbes. Parece que Adam Smith foi a fonte de inspiração de muitos dos seus escritos oficiais. Certamente Hamilton lhe tomou emprestado o conceito da divisão do trabalho e repetiu-o pormenorizadamente. Mas a experiência e as condições inglêsas na América exerceram sôbre êle influências mais fortes que as teorias. Percebeu o comêço da industrialização da América e deixou-se fascinar pela possibilidade de transferir para o Novo Mundo os progressos técnicos dos inglêses.

E' êrro apresentar o sistema financeiro estabelecido por Hamilton sob a administração do Tesouro, "como uma imitação servil do sistema inglês ou como uma peça admirável de invenção original. [33] Hamilton ajustou o sistema inglês às condições americanas com o objetivo de tornar os Estados Unidos independentes e financeiramente fortes.

Hamilton representava os ianques, o produto do Novo Mundo inspirado pelas idéias da classe média inglêsa. O ianque substituía o puritano do período colonial, que era o produto do Velho Mundo no ambiente geográfico do Novo.

Em muitos sentidos, pode Hamilton ser considerado precursor da futura escola nacional americana e o pai do "Sistema Americano". Em carta a Rufus King, datada de 1796, afirma êle claramente: estamos trabalhando ativamente para estabelecer neste país, cada vez mais, princípios nacionais e livres de todos os elementos estrangeiros, de sorte que não sejamos nem

---

Queixoso por índole e com a fama de inconsistente em seus compromissos políticos, gozou de pouco êxito nessa esfera." (*Ibid.*, pg. 201). Era inconsistente em suas idéias econômicas tanto quanto em sua fé política. É possível descobrir convicção, otimismo e interêsse pelas indústrias nos escritos de Boxe; mas suas idéias intervencionistas eram moderadas: êle não era nem livre-cambista, nem francamente protecionista. E nem mesmo Hutcheson é capaz de descobrir originalidade nos princípios de Boxe (*Ibid.*, p. 193).

33. Charles F. Dunbar, "Some Procedents Followed by Alexander Hamilton, em *Economic Essays*, pg. 71.

gregos nem troianos, mas verdadeiramente americanos".[34]

Jefferson era diferente: não possuía os pendores práticos de Hamilton, que se caracterizavam pela clareza, energia e fecundidade de planos. Era antes um tipo de enciclopedista do século dezoito: filósofo, advogado, erudito, cientista, arquiteto, homem de letras e estadista. Estava mais próximo de Franklin de quem se considerava sucessor.[35] Se Washington era amigo de detalhes, o forte de Jefferson residia nos planos vastos. A sua formação filosófica do século dezoito opunha-se ao cunho prático de Hamilton. A América de Jefferson era um mundo simples, ainda em parte na fase da economia nacional. Representava as plantações do Sul e os interêsses agrícolas das fronteiras, onde ainda não tinham surgido as distinções de classe. Era do tempo em que Ohio, Kentucky e Tennessee, os primeiros Estados do Oeste, eram admitidos na União.

Fascinado por invenções como as de Franklin, o coração de Jefferson estava na vida rural e com simpatia pela sorte do agricultor. Agricultor prático êle próprio, como Washington e Monroe, e possuidor de extensas terras de agricultura, era influenciado pela cultura do Sul, pelo individualismo da primeira fronteira e pelas idéias da revolução francesa, que por êsse tempo corriam ràpidamente através da América. A admiração francesa do "selvagem", tão popular no século dezoito, não era estranha a Jefferson, que se interessava pelos índios americanos e por sua organi-

---

34. Sendo um dos maiores americanos, foi o menos americano de seus contemporâneos: estadista mais ao feitio de Colbert, cujo inato amor da ordem e do sistema era fortalecido pela ausência dessas qualidades em seus frouxos, turbulentos e suspeitosos concidadãos." (Morrison and Commager, op. cit., vol. I, pg. 218). Esta generalização mal se pode sustentar.

35. A seguinte bem conhecida conversação é característica: "Ouço dizer que o Sr. vai substituir o Dr. Franklin," disse Vergennes, Ministro das Relações Exteriores na França.

— Sou seu sucessor — replicou Jefferson: ninguém pode substituí-lo."

Morrison e Commager frisam o fato: "A ciência, a literatura e as belas-artes atraíam Jefferson tanto quanto haviam atraído Franklin, êle era sem favor o primeiro arquiteto americano de sua geração." *Ibid.*, pg. 225.

zação econômica, especialmente no que respeitava às terras.[36]

Nas *Notas sôbre a Virgínia* há uma passagem bem conhecida que amplia a tese de Jefferson de que uma boa economia americana é uma economia agrária:

"Os economistas políticos da Europa estabeleceram como princípio que todo Estado deve esforçar-se por manufaturar para si próprio; e êste princípio, como muitos outros, nós transferimos para a América... mas nós temos uma imensidade de terras desafiando a indústria do agricultor. Será melhor, então, que todos os nossos cidadãos se empreguem no esfôrço de aproveitá-las, ou que metade dêles seja tirada para se empregar em manufaturas e mão-de-obra em benefício de todos? Os que lavram a terra são o povo escolhido, em cujo peito êle encontra um depósito peculiar de virtudes sólidas e genuínas. E' o foco em que êle conserva vivo aquêle fogo sagrado, que de outra sorte poderia fugir da face da terra. A corrupção moral das massas dos cultivadores é fenômeno de que não há exemplo em nenhum século ou nação. E' a marca impressa naqueles que, não olhando para o céu, nem dependendo de seu próprio solo e indústria para sua subsistência, como o faz o agricultor, ficam à mercê dos acasos e caprichos dos clientes para poderem viver. A dependência gera a subserviência e a venalidade, sufoca os germes da virtude e prepara instrumentos adequados aos desígnios da ambição. Falando de modo geral, a proporção do conjunto das outras classes de cidadãos de qualquer Estado para com a dos seus lavradores é a mesma proporção dos seus elementos corruptos para com os seus elementos sadios, e constitui um barômetro suficientemente bom para medir o seu grau de depravação. Enquanto, pois, tivermos terra para lavrar, nunca deveremos desejar ver nossos cidadãos ocupados em uma banca de trabalho ou fazendo girar uma roda. Para as operações gerais da manufatura que fiquem na Europa as nossas oficinas. E' preferível carrear provisões e materiais e conservar as

36. Veja-se Sotheran, p. p. 58-60.

maneiras e os princípios relacionados com êles. As massas populares das grandes cidades contribuem para o sustento do govêrno pouco mais ou menos o que as feridas contribuem para o fortalecimento do corpo humano. São os costumes e maneiras do povo que preservam o vigor da república. E' a sua degeneração o campo que em pouco tempo lhes corrói as leis e a constituição." [37]

Jefferson encontrou fundamento teórico para as suas convicções nos ensinos dos fisiocratas. Como êles, frisava que a agricultura é a "mais sábia" das ocupações, porque, ao cabo, mais contribui para a verdadeira riqueza, bem como para a boa moral e felicidade". (Carta a Washington, em 14 de agôsto de 1787). Proclamou êle: "Os cultivadores da terra são os mais úteis cidadãos. São os mais vigorosos, os mais independentes, os mais virtuosos e acham-se ligados pelos mais fortes laços ao seu país e integrados em seus interêsses e na sua liberdade. Assim, pois, enquanto puderem encontrar emprêgo nessa direção, não serei eu quem os converta em marinheiros, artesãos ou qualquer outra coisa". (Carta a John Gay, em 23 de agôsto de 1785) [38]

Edwin R. A. Seligman não achou onde colocar a Jefferson na história do pensamento econômico. Afirmou que "Jefferson nunca pretendeu apreender os problemas econômicos e suas únicas contribuições para o assunto se encontram nas suas *Notas sôbre a Virgí-*

---

37. Tal foi sua atitude em 1782 — atitude idêntica à de Franklin.

38. Gilbert Chinard acredita que "é muito pouco provável que Jefferson tivesse ouvido muita coisa a respeito de fisiocracia antes de ir à França. Êle tinha já os princípios mais essenciais de Filosofia Política antes de 1776, e certamente antes de 1784. Não parece que, quando chegou a Paris e pouco depois que publicou suas *Notes on Virginia*, tenha sido recebido pelos próprios franceses como um discípulo francês. Ao contrário, foi aclamado como mestre e sua originalidade não foi sequer posta em dúvida. O fato é que, muito independentemente, êle chegou às mesmas conclusões a que chegaram os economistas franceses sôbre certas questões importantes" (*The Correspondence of Jefferson and Du Pont de Nemours* (Baltimore, 1931), Introduction, pg. XII). A atração da fisiocracia foi, sem dúvida, irresistível para Jefferson.

nia, que revelam notória incapacidade para predizer o futuro desenvolvimento industrial do país. Muitos anos depois, Jefferson, como êle próprio nos diz, "reviu e corrigiu cuidadosamente a obra de Destutt Tracy, *Tratado de Economia Política* (Georgetown, D. C., 1817), que foi traduzido do original francês inédito. Não há, pois, evidência de que Jefferson se haja aproveitado da sua leitura."[39] Mas Jefferson não poderá certamente encontrar um veredicto benévolo na pena de um panegirista de Alexandre Hamilton.

Se quiséssemos definir ràpidamente o papel de Jefferson na história do pensamento econômico dos Estados Unidos, diríamos que Franklin introduziu neste país a fisiocracia e Jefferson difundiu-a. Se Quesnay foi o Confúcio da Europa, como lhe chamaram os seus seguidores, Jefferson foi o Confúcio da América.

Mas o *irdische Beigeschmack,* a pressão das realidades nacionais, deixou sua impressão neste representante americano da fisiocracia francesa. Confessou êle e frisou em seus últimos anos que "nós devemos agora colocar o fabricante ao lado do agricultor", ou permanecer em dependência econômica. (Carta a Benjamin Austin, 1816). Esta mudança de opinião foi determinada pela experiência das guerras napoleônicas. O bloqueio continental lançou as verdadeiras bases da indústria nacional e estrangeira da América.

As condições atuais nos Estados Unidos transformaram o Hamilton smithiano e o fisiocrata Jefferson em protecionistas, favorecendo o desenvolvimento industrial e a independência do país e sugerindo para êste fim a intervenção do Estado. As exigências do meio ambiente sobrepujaram os seus sistemas teóricos. A principal distinção entre os dois homens residia no fato de que Hamilton estava lutando principalmente pela civilização material, como hoje diríamos, ao passo que Jefferson pugnava pela cultura, "maneiras e espírito".[40] O país precisava de uma e outra coisa.

---

39. Essays in Economics (New York, 1925), pg. 130.

40. "A rápida industrialização dos Estados Unidos não deixou de causar certa apreensão a Du Pont de Nemours. Havia

Assim, o abismo entre os objetivos econômicos de Hamilton e de Jefferson tornou-se mais estreito; mas o abismo político permaneceu escancarado.

Não devemos encerrar esta breve discussão do pensamento econômico de Jefferson sem uma referência ao seu papel na organização dos estudos econômicos dos Estados Unidos na Universidade de Virgínia, que êle apresentava como baluarte contra "os jovens e piedosos monges de Harvard e Yale".[41] Mais tarde, Emerson se queixou, em um olhar retrospectivo, de que, mesmo no Estado mais adiantado de Massachussetts, "não houve desde 1790 até 1820 um livro, um discurso, uma conversação ou um pensamento no Estado".[42] E Dunbar lamentava que "até o ano de 1820 nenhum americano produzisse sôbre Economia Política qualquer tratado que merecesse lembrado pelo mundo."[43] Estas afirmações eram errôneas: era um período de economia nacional nascente. O espírito americano estava acordando.

---

em sua opinião verdadeiro perigo de que o caráter do povo fôsse completamente alterado e abalados os fundamentos do govêrno". (*The Correspondence of Jefferson and Du Pont de Nemours*, Introduction by Gilbert Chinard, p. I.

41. Na Universidade da Virgínia a Economia Política começou a ser ensinada em 1826, embora sua discussão tivesse ocorrido freqüentemente antes. Jefferson tomava sempre vivo interêsse no assunto. Quando Du Pont de Nemours enviou a Jefferson seu projeto de uma universidade nacional em Washington, projeto cuja realização foi impedida por questões políticas e fiscais que culminaram na guerra contra a Inglaterra, uma das quatro escolas planejadas foi a de Ciência e Legislação Social. Quando em 1817 elaborou suas idéias para a instituição, a qual logo se havia de tornar a Universidade de Virgínia, incluiu no curso de instrução, por sugestão de Cooper, a matéria de Economia Política". Seligman, *op. cit.*, pgs. 316-317.

42. *Journals*, vol. VIII, pg. 339. Nesta declaração Emerson estava de acôrdo com os britânicos. "Os críticos britânicos da *Edinburgh Review* e *The Quartely*, comentando as recentes obras de viagens na América, fizeram notar a pobreza literária do solo americano. Sydney Smith que não era de forma alguma o mais ofensivo dêstes críticos, declarou em 1820: "Durante os 30 ou 40 anos de sua independência nada absolutamente fizeram pelas ciências, pelas artes, pela literatura. Quem lê em todo o globo um livro americano? quem vai representar um drama americano? quem olha para um quadro ou artista americano?"

Bliss Perry, *The American Spirit in Literature* (New Haven, 1920) pg. 88.

43. *Economic Science in America*, *op. cit.*, pg. 10.

IV

A AMÉRICA DA FRONTEIRA MOVEDIÇA

Tôda a história social e econômica dos Estados Unidos se pode interpretar em têrmos da fronteira movediça. Desde o tempo dos colonizadores de Plymouth até o presente, em que a fronteira se vai estendendo até o Alasca, o movimento nunca cessou. Mas o período que vai da guerra com a Inglaterra até o da Guerra Civil foi mais notòriamente o da fronteira movediça; e foi ao mesmo tempo o verdadeiro período da fundação econômica do país. Êste movimento da conquista das florestas e campos é bem conhecido e já foi descrito muitas vêzes. O seu ritmo foi especialmente acelerado neste período, produzindo rápidas mutações e deslocações na estrutura da nascente economia nacional. Por décadas o movimento da fronteira constituiu o fundo da vida americana e o eixo em tôrno do qual giraram alguns de seus mais importantes problemas.

O crescer constante do número dos produtos principais produziu deslocações sistemáticas, mas produziu ao mesmo tempo uma contribuição permanente à esfera dos interêsses do país. Em contraste com o Brasil, onde se verificou uma constante mudança dos principais produtos, o que ocorreu nos Estados Unidos foi não já uma mudança, mas antes um acréscimo aos campos já familiares das atividades econômicas; a febre do ouro em 1849 e o movimento de fronteiras que ela produziu na costa ocidental não são exceções. O Govêrno acelerou e expandiu o movimento de fronteira, acrescentando, por compra, territórios vizinhos. A política internacional dos Estados Unidos no período em discussão começou com a doutrina defensiva de Monroe em 1823, e estava-se movendo sistemàticamente para o *Manifest;* pode-se também explicar em têrmos da fronteira movediça.

O ritmo e as mudanças foram acelerados pelo entusiasmo dos novos meios de comunicação — barreiras, canais e ferrovias. O famoso relatório de Gallatin, em 1807, pleiteando um sistema completo de ligação de tôdas as seções do país permaneceu pràticamente no papel até depois da guerra de 1813. A abertura do canal de Eire em 1825 foi seguida pela epidemia de construção de canais no comêço do ano de 1830. As vias férreas revolucionaram as velhas conduções, visto como originaram econômicamente um movimento centrífugo, paralisando o seccionalismo e unindo o Leste e o Oeste — ao passo que as antigas rotas principais corriam de norte para sul — e ao mesmo tempo estendendo constantemente o mercado nacional. O progresso econômico neste período foi grande, e todos os compêndios de história econômica contêm uma descrição apreciativa dêle.

Não foi, por certo, um desenvolvimento retilíneo. O desenvolvimento cíclico da economia moderna afetou fortemente os Estados Unidos. O pânico de 1819, reflexo seródio das guerras napoleônicas, a violenta crise de 1837, e a longa depressão de 1857 a 1860 são familiares a todos.

Neste meio tempo, vinham-se efetuando drásticas mudanças seccionais. O Embargo arruinou a navegação e os comerciantes da Nova Inglaterra, mas trouxe a prosperidade para os interêsses manufatureiros. Representa um capítulo na conhecida história do papel representado pelo bloqueio continental de Napoleão na industrialização de grande parte do mundo. O surto de industrialismo da Nova Inglaterra foi rápido. "Em uma faixa de terra irregular, mas estreita, estendendo-se do sudeste de Maine até Chesapeake Bay, erigiram-se estabelecimentos fabris, brotaram cidades e vilas como por golpe de vara mágica, e a migração das fazendas pobres e as duras condições de vida rural da Nova Inglaterra estavam também voltando-se para os centros fabris e assim prometendo um novo Leste, cuja vida seria industrial e urbana como a do fumarento e esquálido Lancashire na Inglaterra. Os velhos interês-

ses comerciais e marítimos, que tanto poder haviam dado aos federalistas e tornado conhecida a bandeira americana em todos os mares, estavam agora cedendo o passo aos jovens e vigorosos capitães de indústria cujas fábricas em Lowell Providence, New Haven, Nova York, Filadélfia e Baltimore davam emprêgo a milhares de pessoas."[1]

O declínio dos interêsses ligados à produção dos fumos do Sul foi compensado pelo aparecimento do reino do algodão. Mas o Sul foi menos atingido pela mudança e resistiu a tôda a intromissão em sua economia patriarcal e escravocrata de plantações.

O centro das atividades estava sendo transferido para os Estados centrais e ocidentais. O Estado, que fôra a pedra angular da nação, com os seus crescentes interêsses fabris, de posse da principal passagem para o Este, estava-se tornando, graças à sua posição estratégica, o Estado líder do país. "As fôrças econômicas, sem dúvida, forneceram ao protecionismo da Pensilvânia a sua dinâmica propulsora. Durante todo o período antes da guerra houve marcada correlação entre as condições econômicas dominantes e as tendências do sentimento protecionista no Estado."[2]

A ocupação das terras tem sido o pensamento central na história dos colonizadores, produzindo uma mobilidade e inquietação que só começaram a diminuir com o *Homestead Act* de 1862.

A guerra de 1812 foi uma linha de demarcação em muitas direções, mas foi certamente um marco miliário na história da formação da nação americana. Para criar uma nação não era bastante transplantar colonizadores do Velho Mundo, declarar a independência, proclamar uma constituição e acrescentar hordas de emigrantes à população.

O completo isolamento causado pela guerra forçou

1. William E. Dodd, *Expansion and Conflit* (Boston and New York, 1915), p. 41.
2. Malcolm R. Eiselen, *The Rise of Pennsylvania Protectionism* (Philadelphia, 1932), pg. 266.

o país a se voltar para os seus interêsses internos econômicos e intelectuais. O declínio do centro de navegação foi ao mesmo tempo um declínio do espírito cosmopolita do litoral. A Doutrina de Monroe, de 1823, foi um pronunciamento do desejo de isolamento do Velho Mundo; era ao mesmo tempo provàvelmente a mais significativa evidência de uma crescente consciência nacional. A América ficou dominada pelo espírito nacional nascido nos novos centros fabris e na fronteira.

O continente americano possuía imensos recursos naturais e uma fronteira que se distendia continuamente, apresentando um imenso mercado nacional com uma procura jamais exaurida. Os imigrantes e habitantes da fronteira supriam os fatôres subjetivos necessários ao desenvolvimento dos empreendedores — individualismo agressivo e a filosofia de experimentação sem tradições. A fronteira gerou e consolidou o industrialismo, criando constantemente nova procura, estimulando novas emprêsas industriais e tornando-se industrializada ela própria. Foi esta a origem do americanismo que superou o colonialismo e o cosmopolitanismo.[3] Como escreveu Gallatin em 1816, "o povo tem agora mais objetos gerais de afeição a que ligar o seu orgulho e opiniões políticas. São mais americanos; sentem e agem mais como nação"[4] Êste americanismo econômico foi a grande fôrça amalgamadora na história da população americana.[5] Foi a fronteira, e não Plymouth Rock, que criou o americano. Uma fronteira é um estado de espírito e êsse estado de espírito produziu o tipo americano. Não possuía a dignidade e cultura da Nova Inglaterra; era vigoroso, irrequieto, otimista, belicoso, "impaciente da velha

---

3. Veja-se Carl R. Fish, *op. cit.*, p. p. 1-2.

4. Gallatin a Mathew Lyon, maio 7, 1816, em *The Writings of Gallatin* (Philadelphia, 1879), vol. I, pg. 700.

5. A. M. Simons judiciosamente observou que "sòmente depois que desapareceram as fronteiras surgiram grandes colônias

ordem de coisas", para usar a frase de Turner — porque baseado nos princípios democráticos e na fronteira romântica. Entrou sua expressão política no movimento de revolta de Jackson, quando o homem da fronteira, o combatente indiano, o herói militar, o homem "comum", derrotou o homem "superior", John Quincy Adams. O têrmo *Oeste,* diz Larson, "não se limita necessàriamente aos fatos geográficos, nem precisa expressar uma área definida. Pode-se definir como uma condição peculiar de vida social, a vida que freqüentemente se desenvolve quando homens e mulheres que se acham mais ou menos controlados pelo instinto de civilização procuram estabelecer seus lares nos desertos." [6]

Die Stadtluft macht frei da história européia transformou-se nos Estados Unidos em "The frontier air makes free". Whittier deu-lhe expressão enfática na quadra:

> "We cross the prairie as of old
> The Pilgrims crossed the sea,
> To make the West, as they the East,
> The homestead of the free!"

O jovial americanismo encontrou o seu mais forte representante na nova classe média formada pelo estado de espírito da fronteira. Esta classe média se ressentia de qualquer domínio teológico, aristocrático ou das classes mercantis; tinha os seus próprios interêsses econômicos e começara a verificá-los. A classe média estava ansiosa por apressar o desenvolvimento capitalista do país. Criou um programa: cessão de terras livres, espaço para expansão, melhoramentos, papel-moeda, proteção alfandegária. A observação de John Randolph era caraterística: "Os comerciantes e industriais de Massachussets e New Hampshire repelem êste projeto, ao passo que homens vestidos de camisas de caça, com perneiras de couro de veado e mocassinas nos pés, querem proteção para os produtos

6. Laurence M. Larson, *The Changing West* (Northfield, 1937), pg. 4.

de fabricação nacional."[7] Desde o Embargo, o espírito americano tinha estado moldando de novo a sua psicologia formada pelo mundo agrário e mercantil.

A nova classe média — o homem da fronteira e o fabricante — era impaciente da velha ordem de coisas. Seu dissentimento encontrava expressão no crescente pensamento econômico nacional da América. Entrava no mundo com a idéia de se bastar a si própria. O isolamento interno das diferentes partes do país, o isolamento da fazenda, da habitação individual da fronteira, o isolamento do país durante o Embargo, compelia o americano — e, segundo êle cria, a nação — a resolver os seus próprios problemas. O principal problema era maior produção. O nacionalismo econômico expressava-se a favor da industrialização. A situação era o reverso da da Inglaterra. Lá, a revolução industrial criou a disciplina da economia. O nascente pensamento econômico americano insistia na industrialização do país. (Dava-se o mesmo no caso das vias férreas, que foram criadas pela revolução industrial na Inglaterra, mas causaram a revolução industrial dos Estados Unidos).

O pensamento nacional americano encontrou parte de sua inspiração na prática napoleônica. O ponto de partida de tôda a economia política de Napoleão era o interêsse nacional da própria França. Êle não podia conceber uma nação forte sem forte indústria, nem forte indústria sem protecionismo.[8] Declarou êle: Les douanes que les économistes blamaint ne devaient point être un objet de fisc, il est vrai; mais elles devaient être la garantie et les soutiens d'un peuple."[9] Sempre de acôrdo com Napoleão, o pensamento nacional americano não simpatizava com os economistas teóricos, mas tinha a sua própria orientação. Como disse um antigo e ignorado economista americano, "tudo o que se relaciona com a Economia Política deve ser original. Sem

7. *Debates of Congress* (1824), pg. 2370.
8. Veja-se E. Tarlé, The Continental Blockade (em russo) (São Petersburgo, 1913).
9. *Le Mémoires de Saint-Hélène* (Paris, 1894), vol. II, pg. 621.

recorrer ao passado, temos de consultar o futuro; temos tudo por criar e pouco a corrigir; e em vez de instituições corretivas, baseadas em visões retrospectivas, precisamos estabelecer princípios que digam respeito à prosperidade. E por isso não podemos ser demasiado cautelosos em tomar por máximas corretas as que se encontram em obras européias sôbre Economia Politica."[10]

As idéias inglêsas do *laissez faire* e especialmente do livre-câmbio, representando os interêsses e aspirações da classe média inglêsa mais antiga e forte, eram inaceitáveis à jovem classe média americana. Nos Estados Unidos, só a decadente aristocracia marítima e mercantil da Nova Inglaterra, bem como os novos ricos da aristocracia de Nova York, continuou apegada às idéias inglêsas. Êstes interêsses mercantis eram inseparáveis do espírito cosmopolita inglês. Quando mais tarde, sob a influência do crescente industrialismo, suas opiniões passaram de um intransigente livre-cambismo para um decidido protecionismo, sua atitude geral permaneceu inalterada: a de preservação do *statu quo* de tradição inglêsa e a negação de qualquer intervenção estadual na economia particular. E mesmo quando os intelectuais da Nova Inglaterra começaram a pregar a necessidade de transformação na atmosfera contagiosa do vigoroso otimismo americano, êles o fizeram de um modo filosófico e mesmo sentimental, distinto da robusta vivacidade de americanismo daquele período. Uniram ao utilitarismo inglês a filosofia idealista da Alemanha.

O Sul já se achava sob a influência do pensamento francês. Em seu esfôrço contínuo para adaptar a constituição aos fins democráticos, Jefferson se inspirou no pensamento liberal da França. Nessa direção, o Sul era agora acompanhado pelo Oeste, que deu vigor e atividade às idéias igualitárias francesas que se haviam tornado os princípios teóricos do Sul.

10. L. Baldwin, *Thoughts on the Study of Political Economy* (Cambridge, Mass. 1809), pg. 67.

Assim, a divisão seccional é clara no período sob investigação; a Nova Inglaterra e o Sul defendem o seu respectivo *statu quo*. Os Estados centrais do novo Oeste insistem em transformação. Esta divisão naturalmente não é absoluta: há freqüentes entrelaçamentos. Invertem-se às vêzes os papéis, e nós encontramos dissidentes entre os filhos da Nova Inglaterra e os sulistas; há também uns poucos representantes das posições médias, mas a tendência permanece.

O dissentimento e a procura de uma nova ordem de coisas assumiu por vêzes formas radicais e engendrou os primeiros pregadores socialistas e os primeiros sonhadores utópicos da América.

* * *

Começaremos com os seguidores dos clássicos inglêses que surgiram principalmente nas costas da Nova Inglaterra, continuação da Europa. Os seus ensinamentos apresentavam o classicismo inglês pouco atenuado. Em matéria econômica, a Nova Inglaterra era ainda intelectualmente uma colônia da Velha Inglaterra. Henry Adams disse: "O verdadeiro representante do espírito de Boston sempre se curvou, rebaixando-se, diante da majestade dos padrões inglêses." A razão não era apenas adesão servil aos mestres, mas também uma combinação de semelhante hereditariedade, influências e interêsses. Os primeiros clássicos americanos não sòmente tomaram emprestadas idéias inglêsas, mas simpatizaram com elas. Em origem, simpatias e meio ambiente, êstes primeiros clássicos eram em grande parte inglêses. O antigo ambiente de John McVickar (o primeiro professor de Economia Política em *Columbia College*) era a Inglaterra; Thomas Cooper, nascido em Londres e educado em Oxford, era e continuou a ser conhecido como "o presidente britânico do "South Carolina College"; Henry Vethake nasceu na Guiana Inglêsa. McVickar publicou o artigo sôbre Economia Política com que McCulloch contribuíra para a Enciclopédia; Samuel Phillips Newman baseou todo o seu trabalho em Adam Smith.

Os primeiros clássicos americanos foram tirados principalmente dentre professôres e ministros. Entre os mestres acadêmicos de Economia Política estavam freqüentemente detentores de cadeiras de Matemática, Filosofia Moral, Química ou Literatura. A maior parte dêles ensinavam Economia Política — para empregar a expressão de Bagehot — "como astrônomos que nunca tinham visto as estrêlas". As fontes de sua inspiração e sabedoria eram a sala de aula e a biblioteca. Mas, no dizer de James Russell Lowell, os "livros são boa forragem sêca; nós podemos alimentar-nos dêles, mas, afinal de contas, os homens são o único pasto verde."

Êstes clássicos não podiam deixar por vêzes de tomar posição em relação a problemas atuais, como tarifas, transações bancárias, moeda circulante e taxação. Mas a sua principal produção era a de compêndios. McVickar, como acima dissemos, publicou a "Economia Política" de MacCulloch; Cooper publicou [11] em 1896

---

11. O pensamento e a atividade de Cooper eram um tanto complicados e mutáveis. *South Carolina College*, no período de nulificação, era um interessante centro de política e erudição. Seu presidente era o filósofo e economista Thomas Cooper, um emigrado da Inglaterra. Fôra durante sua residência na Pensilvânia um defensor de tarifas protecionistas, segundo a teoria do fomento das indústrias infantes como defesa; mas na Carolina do Sul tornou-se ardente adversário das tarifas e extremado campeão da soberania do Estado, e seu ensino influiu nos homens que se tornaram líderes naquele estado. Antiescravocrata na Inglaterra, foi na Carolina do Sul não só defensor da escravatura, mas também o predecessor dos mais eminentes homens que formularam a filosofia pró-escravidão. Originalmente democrata idealista jeffersoniano, atacado como jacobino, multado e prêso sob a vigência do *Alien and Sedition Act* por crítica ao Presidente John Adams, tornou-se na Carolina do Sul crítico da democracia e dos postulados sociais da Declaração da Independência. Originalmente antagonista do Banco Nacional, tornou-se seu defensor e instou com Nicholas Biddle para que permitisse o uso do seu nome como candidato à nomeação para a presidência dos Estados Unidos. Talvez que estas confirmações do pensamento da Carolina do Sul expliquem porque, em uma das mais conservadoras comunidades, pôde êle atacar violentamente o clero e o eclesiasticismo e expor em suas classes, por anos, antes que fôsse obrigado a retirar-se, uma teoria materialista e utilitária". Frederich Jackson Turner, *The United States*, 1830-1850 (New York, 1935), p. p. 202, 203.

suas conferências sôbre os *Elementos de Economia Política,* altamente elogiadas por McCulloch; êste foi seguido por Henry Vethake com os seus Princípios de Economia Política [12]. Francis Wayland, Presidente de Brown University, publicou o mais popular compêndio anterior à Guerra Civil (não puramente clássico). [13]. Marcius Wilson seguiu a Wayland [14], mas não sem algum elemento de otimismo, desusado nesta corrente de pensamento. Todos êles afinavam pelo liberalismo econômico que se tornou triunfante na Europa na primeira metade do século XIX. A livre competição e a negação da interferência do estado era seu dogma; liberdade política o seu *slogan.* O reverendo McVickar disse caracteristicamente: "Em uma palavra, é a *liberdade,* liberdade de trabalho, empreendimento e capital, como condição do pleno desenvolvimento de todos os nossos recursos nacionais. Eu ensino, pois, a perfeita liberdade em princípio e a sua aplicação na prática até onde fôr consistente com as necessidades e proteção moral do Govêrno." [15]

Cooper disse: "Desde o tempo de Colbert até o presente todos os fatos tendem a estabelecer a racionalidade do *Laissez nous faire;* deixem-nos dirigir os nossos negócios." [16] A sua liberdade econômica reduzia o cidadão às dimensões do *homo economicus,* uma criatura adquiridora de posse dos direitos de comércio, mas não dos direitos de homem. Sua feição comum era uma extrema abstração.

Os primeiros clássicos americanos formularam um corpo de verdades universais e leis naturais. Além disso, McVickar apresenta uma ilustração típica, declarando que "pôr em dúvida os princípios da ciência é sempre a parte dos ignorantes; os princípios são fixos

---

12. Philadelphia, 1838.
13. *The Elements of Political Economy* (Boston, 1837).
14. *A Treatise on Civil Policy and Political Economy* (New York, 1838).
15. *Introductory Lecture to a Course of Political Economy* (London, 1830).
16. *Op. cit.,* pg. 22.

e uniformes."[17] Em comparação com os seus inspiradores inglêses, os primeiros clássicos americanos apresentavam um peculiar colorido deístico, que fàcilmente se explica por sua origem e dominação no solo dos puritanos. McVickar expressou esta tendência quando disse: "Não posso deixar de respeitar as pretensões do livre-câmbio como uma coisa santa, que se acha associada à orientação de um poder superior ao homem, aliada à sorte da raça humana e destinada a ser o bendito meio de difundir no mundo a paz universal e comunicar gradualmente a tôdas as tribos e povos da face da Terra as bênçãos da *civilização*, o confôrto do labor *social* e a luz da religião *revelada*."[18]

Em suas *Primeiras Lições* usou êle linguagem inda mais forte: "Proibir o comércio entre as nações é, pois, verdadeira insensatez, porque contrário à vontade de Deus."[19]

Francis Wayland, no prefácio de seu livro, declarou que "os princípios de Economia Política são tão ìntimamente análogos aos da Filosofia Moral, que quase tôdas as questões pertinentes a uma podem ser discutidas sôbre os fundamentos relativos a outra."[20] E ainda muitos anos mais tarde Arthur L. Perry começou o seu tratado com a seguinte afirmação:

"A Economia Política é a ciência das trocas, ou, o que é exatamente a mesma coisa, a ciência dos valores. Para tratar esta ciência em forma ordenada faz-se mister uma análise dos princípios da natureza humana que dão origem às permutas; um exame das disposições providenciais, de ordem física e social, pelas quais se manifesta que as permutas foram designadas por Deus para o bem-estar do homem; e uma investigação das leis e usos elaborados pelos homens para facilitar ou impedir as permutas."[21]

"Mas é evidente à primeira vista que o Criador não fêz assim os homens. A sociedade é obra da mão de

17. *First Lessons in Political Economy*, N.º 1 (Boston, 1825), pg. 4.
18. *Introductory Lecture*, pg. 34.
19. *Op. cit.*, pg. 23.
20. *Op. cit.*
21. *Elements of Political Economy* (New York, 1866), pg. 1

Deus. E' a mais complicada e a mais admirável das obras de suas mãos, por isso que era a última."[22]

E ainda mais tarde Francis Bowen considerava as leis naturais como "ordenanças da divina providência."[23]

Em raras ocasiões, a despeito da universalidade das concepções clássicas, o americanismo fêz-se sentir quando os clássicos americanos procuravam ilustrar teorias dos compêndios inglêses com exemplos e dados tirados da vida americana. Nisto diferiam dos primeiros economistas inglêses do século XIX que "deduziam suas doutrinas, não do estudo das obras de seus predecessores, mas da experiência prática da Inglaterra durante a guerra."[24] McVickar e Thomas Cooper raras vêzes se referem às condições existentes nos Estados Unidos. Em nota marginal característica encontramos explosões de Cooper contra o Sistema Americano.[25]

Mas havia problemas em cuja discussão mesmo êstes obedientes sequazes dos clássicos inglêses não podiam desprezar as experiências e peculiaridades do meio americano. Os vastos espaços e a população esparsa do continente criaram condições contraditórias da lei clássica da diminuição dos lucros, da teoria das rendas, da doutrina maltusiana da população, e da teoria do salário. Especialmente a teoria maltusiana foi um campo de provas para todos os economistas. Remeto o leitor ao inteligente estudo feito por Joseph J. Spengler, que trouxe prova de que "a reação dos escritores americanos sôbre Economia Política às doutrinas maltusianas da população foi grandemente desfavorável até meados do século XIX. E' sòmente à aproximação do período da Guerra Civil e nos anos seguintes que se encontra um movimento decidido em direção ao

22. *Ibid.*, pg. 39.

23. *American Political Economy* (New York, 1870), pg. 19.

24. *E. Cannan, History of the Theory of Production and Distribution* (London, 1903), pg. 148.

25. "Doutrinas tais como as que são ensinadas por Mr. Clay e Mr. Rush mostram como estão atrasados da ciência do dia êstes membros da administração." *Op. cit.*, pg. 22.

maltusianismo. Entretanto, o antimaltusianismo continuou a ter apoio dos escritores americanos sôbre tópicos econômicos até o começo do presente século." [26] Assim, nas fileiras dos clássicos americanos se desenrolou um conflito interno, conflito travado entre a idéia importada e corrente de conservação, de pessimismo importado, e o otimismo nativo oriundo das condições reais da América que exigiam transformação. Alguns dêstes clássicos procuravam reconciliação, mas os mais dêles se envolviam em abstrações e nelas encontravam refúgio. Poucos possuíam agilidade mental para protestar.

Os epígonos do primitivo classicismo encheram a quarta e quinta décadas do século XIX e até mesmo os poucos anos após a Guerra Civil. Naturalmente a situação econômica e os seus problemas se alteraram: tarifas liberais estavam em vigor e problemas seccionais e de escravatura figuravam no programa de reforma. Havia também alterações na teoria inglêsa, quando se publicaram em 1848 os *Princípios de Economia Política,* de John Stuart Mill.

Os sequazes americanos dos clássicos mostraram por êsse tempo um declínio intelectual, mesmo quando comparados com os seus pálidos e apagados predecessores. Se tomarmos John Boscon ou Stephen Colwell ou Arthur Perry, o nosso veredicto permanecerá o mesmo. Perry introduziu uma nova nota demonstrando otimismo semelhante ao de Bastiat combinado com um profundo deísmo. [27]

---

26. "Population Doctrines in the United States. I, Anti-Malthusianism," em *Journal of Political Economy* (August, 1933), pg. 433.

27. Conquanto seja impossível tornar divertidas as discussões sôbre Economia Política, é igualmente impossível conduzi-las inteligentemente sem chegar de contínuo a conclusões grandemente confortadoras. Sob as leis que regem as operações da produção, encontramos um grato elemento que mostra que Deus determinou que o homem fôsse um produtor e que produzisse sob condições de crescentes vantagens. O mundo com suas fôrças e o homem com os seus motivos são tão admiràvelmente construídos, que estas condições de progressivas vantagens não podem, quando livres, deixar de redundar em benefício das massas humanas. Veremos primeiro o que é a produção e, ao depois, a animadora lei que nela subjaz." *Op. cit.*, pg. 105.

Qual foi a influência dos primeiros clássicos americanos? Daniel Webster foi quem melhor a formulou, expondo-a em carta a Dalton:

"Eu abandono o que se chama ciência de Economia Política. Creio que percorri recentemente mais de vinte volumes desde Adam Smith até o professor Dew, da Virgínia; e de tudo isso, se tivesse de recolher com uma das mãos todos os meros truísmos e com a outra tôdas as proposições duvidosas, pouca coisa restaria." [28]

E não é menos enfático em sua carta a Jared Sparks:

"Devo confessar que há grande soma de solenes lugares-comuns e também muita coisa de uma espécie de metafísica em todos ou quase todos os escritores que tratam dêstes assuntos. Não há ciência que mais precise de ser libertada de nevoeiros que a Economia Política. Se volvermos os olhos dos livros para as coisas, da especulação para os fatos, verificaremos freqüentemente que as definições e regras dêsses escritores falham em sua aplicação." [29]

Willard Philips resignou sua posição em "Harvard College" para se tornar legislador e jurista, porque considerava os ensinos correntes sôbre economia como "sofismas e postulados gratuitos". E muitos anos mais tarde lemos em *The Education of Henry Adams*, recordando o tempo de sua vida em "Harvard College" (1854-1858), que, "além de umas teorias incoerentes sôbre protecionismo e livre cambismo, pouco aprendera êle de Economia Política." [30]

A influência dos clássicos na prática não foi de maior importância. Os interêsses da riqueza e cultura da Nova Inglaterra foram mais bem representados nos grandes escritos de controvérsia, discursos, jornais e

---

28. *Writings and Speeches* (Boston, 1903), vol. XVII, pg. 501.
29. *Op. cit.*, vol. XVI, pg. 125.
30. Boston, 1918, pg. 60.

panfletos, que nos compêndios profissionais. Os verdadeiros representantes do individualismo econômico não eram os apagados e tediosos intelectuais, mas robustos homens de ação como John Marshall e Daniel Webster.

Embora nascido na Virgínia, John Marshall pertencia antes a Boston. Era um ardente defensor dos princípios conservadores da Constituição. "As suas estratégicas decisões judiciais serviram como caminho de passagem por onde transitou a doutrina da soberania da lei no século XVIII para se unir com a nova filosofia da exploração capitalista. As túrbidas águas da nivelação das fronteiras e da democracia dos direitos do estado passavam rugindo em tôrno dêle, enquanto prosseguia silenciosamente na obra que se impusera a si próprio. As duas concepções fixas que o dominaram através de sua longa carreira de magistratura foram a soberania do estado federal e a intangibilidade da propriedade privada; e estas encontraram sua justificativa na virulência do seu ódio à democracia." [31]

Daniel Webster, apesar de todo o seu desrespeito aos economistas contemporâneos, mostrava ter íntimo conhecimento dos clássicos inglêses. R. L. Carey examinou cuidadosamente as opiniões de Webster e afirmou: "O seu naturalismo e otimismo, a doutrina da harmonia entre o indivíduo e a sociedade, sua teoria do *laissez faire* e sua fé nos benefícios da sociedade em competição revelam a inconfundível influência de Adam Smith. Suas freqüentes referências ao trabalho como produtor de tôda a riqueza e a análise dos princípios fundamentais que regem o comércio internacional e os movimentos das espécies eram altamente sugestivos da economia ricardiana. Ademais, Webster foi guiado pela filosofia utilitária na determinação de muitas das suas orientações comuns. Entretanto, Webster não impõe restrições às suas próprias ações por fidelidade cega à doutrina. Sempre que lhe parecia necessária ao interêsse público uma transigência com princípios, embora sem os abandonar, não hesitava em fazê-lo,

31. V. L. Parrington, *op. cit.*, vol. II, p. p. 20, 23.

circunstância que se verificou ser verdadeira em referência a algumas de suas mais caras opiniões, tais como as do *laissez faire*, da competição, do livre-câmbio e da política das terras públicas." [32]

"Através de tôda a literatura de Daniel Webster se encontra a confiança em uma ordem econômica benevolente e natural, que opera melhor quando deixada entregue a si mesma. O seu naturalismo era especialmente proeminente nos discursos sôbre livre-câmbio proferidos antes de 1895, em todos os quais denunciou vigorosamente o Govêrno." [33] Mas, aderindo aos princípios do *laissez faire* e do individualismo, Webster abandonou em 1828 a política do livre-câmbio e uniu-se aos propagandistas do protecionismo para a navegação, agricultura e manufaturas americanas; continuou a ser sempre um forte advogado da supervisão governamental sôbre o desenvolvimento dos melhoramentos internos e de uma moeda nacional. Representando nos primeiros anos da vida os interêsses mercantis na Nova Inglaterra, Webster, nos seus últimos anos, sob a influência dos novos interêsses fabris da Nova Inglaterra, chegou ao ponto de aderir ao Sistema Americano, de Clay, contra o qual havia anteriormente protestado com violência.

Carey tem razão quando afirma que as idéias econômicas de Webster eram em máxima parte as de um conservador. Grande parte de sua vida foi consagrada a ações que visavam preservar contra inovações as instituições americanas. "Procurou realizar um equilíbrio e forçar o princípio do *statu quo* na vida política e econômica." [34] Mas não era tão conservador a ponto de não perceber as mudanças correntes, a despeito mesmo da sua antiga declaração: "Não tenho pressa em ver Sheffield e Birmingham na América." [35]

32. *Daniel Webster as an Economist* (New York, 1929), pg. 196.
33. *Ibid.*, pg. 26.
34. *Op. cit.*, pg. 195.
35. Speech on the Embargo, abril 6, 1814, em *Writings and Speeches*, vol. XIV, pg. 43.

A atitude conservadora de Webster em relação às instituições estabelecidas determinou-lhe o papel que tinha de representar em sua longa e agitada carreira pública. Nas grandes questões de comércio e tarifa, bancárias e financeiras, crédito e moeda corrente, receita e despesa do Govêrno, salientou-se quase invariàvelmente como campeão das práticas tradicionais e consolidadas. Havia em Webster pouco do reformador ou do evangelista social e econômico. Raramente figurou como um cruzado em novas aventuras pelo desconhecido e jamais foi prêsa de sonhos e visões utópicas em prol do reerguimento das massas." [36]

A estrita adesão de Webster ao princípio de conservação melhor se ilustra pela sua atitude em face da instituição da propriedade. Em um famoso ensaio declarou êle: "Quase todos os homens dentre nós se interessam pela preservação do estado das coisas tais como estão, porque quase todos possuem propriedades e vêem claramente o que perderiam com a mudança." [37] E não podemos deixar de concordar com o autor de uma monografia sôbre Webster como economista: "A importância atribuída por Webster à propriedade na ordem econômica existente era pràticamente ilimitada. Mostrou, primeiramente, que grandes movimentos e revoluções da história do mundo têm sido animados por lutas sôbre propriedades; em segundo lugar, interpretou a Constituição dos Estados Unidos como sendo primàriamente a expressão do desejo dos seus criadores no sentido de proteger e preservar a propriedade; e, terceiro, desenvolveu em um de seus melhores discursos uma exposição do Govêrno com bases na propriedade." [38]

* * *

---

36. Carey, *op. cit.*, pg. 20.

37. "Law of Creditor and Debtor," em *North American Review* (julho, 1820). reimpresso em *Writings and Speeches*, vol. XV, pg. 84.

38. Carey, *op. cit.*, pg. 33.

No Sul as coisas eram diferentes. O pensamento econômico dessa região não era uniforme nos primeiros sessenta anos do século XIX. O idealismo de Jefferson teve sequazes em Jackson e Lincoln, ao passo que Calhoun representava os pendores da reação econômica, e Henry Cly, a energia vivaz da fronteira. Era a diferença de pontos-de-vista entre a Virgínia e Carolina do Sul e o Novo Oeste. Mas, se considerarmos o Sul como uma entidade, o traço principal do seu pensamento era sua defesa contra o Norte — a defesa de suas instituições econômicas, de seus direitos políticos, do seu *dolce far niente* intelectual. O Sul preferia uma tempestade ocasional que lhe abalasse os fundamentos do sistema aos ventos fortes e persistentes do Norte.

Falando do tempo anterior à Guerra Civil, James Truslow Adams nota amargamente que "mesmo os que amam o Sul não podem deixar de ver algo de patológico na vida intelectual entre os anos de 1830 e 1860. Ao Norte os frescos ventos das novas idéias eram portadores de muitas vozes, uma das quais eram os brados por vêzes insinceros dos abolicionistas. No Sul parece que não havia tais ventos, mas apenas o refrão da escravidão contra o mundo. Em quase tudo, o Sul alinhava-se contra o movimento geral dos tempos. A despeito de eventuais esforços para estabelecer manufaturas, a economia escravocrata era fundamentalmente agrária, ao passo que as tendências do mundo eram para o industrialismo. As igrejas do Sul, tendo de defender o que as do resto do mundo condenavam, foram forçadas a separar-se. Os autores tinham de empenhar-se grandemente em pintar com as mais atraentes côres o que o resto do mundo considerava errado. Os estadistas tinham de pugnar continuamente por uma instituição condenada pelo juízo do mundo. Todo o ato político, tôda a questão constitucional tinha de ser considerada à luz da escravidão. Mas essa situação trazia no bôjo sério perigo para a saúde da vida espiritual tanto dos indivíduos como os da coletividade." [39]

---

39. *Op. cit.*, pg. 94.

5

A oposição ao Norte concentrou-se primeiro na Virgínia, mãe do Oeste agrário, e sua filosofia econômica encontrou sua melhor expressão em John Taylor, da Carolina, Senador da Virgínia e expositor contemporâneo dos ideais de Jefferson. A leitura dos numerosos volumes de seus escritos deixa certamente a impressão de que êsse pensador, esquecido pelas gerações, recentes, era um crítico penetrante do sistema hamiltoniano, mesmo que não concordemos com Parrington, que diz ter sido êle "o mais original economista de sua geração." [40] Taylor era um epígono declarado das tendências fisiocráticas na parte positiva de seus ensinamentos, ao mesmo tempo que agudo e severo crítico da nascente ordem industrial.

Mas, ao passo que Jefferson possuía bastante penetração para reconhecer em seus últimos anos a progressão econômica do industrialismo, Taylor ainda dava ouvidos ao edílio bucólico do agrarianismo e opunha-se ferozmente à classe mercantil. Asseverou: "O lucro não pode brotar do nada, por isso que é substancial: deve, pois, ser o produto do labor e só do labor"; e acrescentou que os "corretores nada acrescentam à mercadoria" [41] e permaneceu fiel a esta convicção até o fim da vida. Era contra "um monopólio do grosso do meio circulante", pelo Banco dos Estados Unidos. Opunha-se à aristocracia financeira e ao "ministro intoxicado de influências" que exclame: "A dívida pública é uma bênção pública." Taylor era contrário ao "despotismo comercial concreto".

Entre os seus escritos, o *Arator,* [42] como êle chamava suas *Agricultural Letters,* dá a quintessência da atitude antiindustrial de Taylor que era eqüivalente da atitude anticapitalista ou, como diria um historiador, pré-capitalista). Culpava o sistema hamiltoniano pela condição de abatimento da agricultura:

"Os exércitos, as marinhas, os empréstimos, as atividades bancárias e especialmente os direitos alfande-

---

40. *Op cit.,* vol. II. pg. 14.

41. (John Taylor), *An Enquiry into the Principles and Tendencies of Certain Public Measures* (Philadelphia, 1794), pg. 10.

42. Georgetown, 1813.

gários protecionistas eram todos hostis ao seu bem-estar. Tomados em conjunto, criavam um sistema que derivava sua substância e seus privilégios especiais do Govêrno e à custa de sete oitavos da população empenhada na agricultura. O melhor mercado para a nossa agricultura era o estrangeiro, mas o melhor para as nossas manufaturas era o nacional. Assim, os produtos agrícolas tinham de transpor o oceano e enfrentar a competição no estrangeiro, ao passo que os interêsses fabris encontravam competição da parte dos estrangeiros aqui em suas próprias bases. As desvantagens da primeira competição bastam para excitar todos os esforços da agricultura a fim de salvar sua vida; as vantagens da segunda bastam para dar gradualmente uma forte constituição às manufaturas. As manufaturas americanas recebem em primeiro lugar uma compensação eqüivalente ao frete, comissão e taxas inglêsas sôbre as suas rivais inglêsas; e, em segundo lugar, uma compensação eqüivalente aos nossos próprios impostos necessários. A esta enorme desigualdade se acrescentam direitos protecionistas para mais enriquecer a uma e empobrecer a outra." [43]

Parrington escreve: "Taylor tinha crescido em meio da economia doméstica tradicional. Estava habituado a pensar na produção em têrmos de consumo e a considerar o dinheiro como uma medida estável de trocas. Não podia ajustar sua mente à teoria da produção para lucros, da especulação do homem médio, como socialmente legítima; e, quando essa especulação se estendia à moeda nacional, e extraía seus proveitos do instrumento das trocas, sentiu-se alarmado." [44]

Durante a terceira década do século XIX o povo da Carolina do Sul "se tornara tão hostil às tarifas e interêsses fabris que as exigiam, que lá por 1831 era considerado vergonhoso ser acusado de desejar a prosperidade a qualquer emprêsa fabril." [45] "Era tão ver-

---

43. *Arator*, p. p. 18-21.
44. *Op. cit.*, vol. II, pg. 18.
45. Chauncey S. Boucher, *The Anti-Bellum Attitude of South Carolina towards Manufacturing and Agriculture*, em Washington University Studies (St. Louis, Mo. 1916), pg. 245.

gonhoso na Carolina do Sul ter qualquer espécie de relações com os interêsses fabris, que os homens brigariam se disso fôssem acusados." [46] O Sul considerava o industrialismo como escravidão sob o disfarce de liberdade. Tomas R. Dew frisou o "êrro e má política do sistema restritivo." [47]

Alexander H. Stephens não era um economista, mas tìpicamente sulista em sua negação do industrialismo crescente:

"Historiador diligente e aplicado a uma só idéia, e não um pensador político e criador; perfeito democrata da escola de Jefferson, humanitário, corajoso e amante da liberdade; tendo consagrado sua vida à preservação da liberdade constitucional como esta se moldara antes que a revolução industrial aluísse as bases da vida moderna, Alexander H. Stephens era um cavalheiro honesto que defendia bravamente as tradições do Sul em face da nova ordem. Pertencia a uma geração anterior, instintivamente hostil a tôda consolidação que, sob o impulso da evolução econômica, estava obliterando as linhas do estado, acumulando energias financeiras em grandes reservatórios e criando novas relações entre o trabalho e o capital. Com tal evolução era evidente que a política prática devia acompanhar o fato econômico; que uma riqueza que se consolidava criaria uma política consolidada do estado. Grandes emprêsas com ramificações em tôdas as direções não tolerariam por muito tempo uma multidão de soberanias estaduais; a soberania deveria centralizar-se em Washington onde poderia ser guiada e controlada. A Guerra apressou o que pela natureza das coisas era inevitável." [48]

Hugh Swinton Legaré, o inteligente e culto sulista, diplomata, homem de letras, orador, estadista, educado em Paris, Londres e Goettingen, admirador e conhecedor da cultura grega e romana, cujos discursos e escritos eram como que trechos escolhidos da literatura

46. *Ibid.*, pg. 243.
47. *Lectures on the Restrictive System* (Richmond, Va., 1829), Preface.
48. Parrington, *op. cit.*, vol. II, pg. 92.

neoclássica francesa e infatigável estudante, representava o sulista típico que aceitava a crescente industrialização como um fenômeno progressivo, mas permanecia fiel às idéias de liberdade, que êle entendia mais no sentido dos intelectuais do século XVIII, do que nos dos ensinamentos da classe média do século XIX. "Sei, diz êle, que a principal fonte e origem de nosso êxito é a liberdade — liberdade de pensamento, liberdade de palavra, liberdade de ação, liberdade de comércio." [49]

O realismo econômico de Legaré liga-o a um outro filho da Carolina do Sul, Calhoun, ao passo que John Taylor e Stephens seguiam a primitiva orientação de Jefferson. Representava os crescentes interêsses algodoeiros dependentes dos mercados estrangeiros e não o simples agrarianismo de John Taylor. Defendia eloqüentemente o progresso industrial:

"Senhor, é frase favorita dos que se orgulham do que se chama "a marcha do intelecto", que as coisas se acham assim mudadas porque "o mestre-escola está presente" mas eu lhe direi que se acha presente alguma coisa mais eficaz que o mestre-escola e maior que Salomão: é a máquina a vapor em sua dupla capacidade de meio de produção e de transporte, o mais poderoso instrumento de pacificação e comércio e, por conseguinte, de progresso e felicidade, que o mundo jamais viu; instrumento que, ao mesmo tempo que aumenta o capital e multiplica além de tudo que se pode imaginar os produtos da indústria, também põe em contato uns com os outros os povos mais distantes, apaga tôdas as peculiaridades de caráter nacional e promete, para um futuro não remoto, converter pelo menos o mundo cristão em uma grande família. A simples circunstância, de pôr os admiráveis produtos fabris dos maquinismos modernos a preço módico e ao alcance dos mais humildes dentre as classes laboriosas, de substituir as roupas escassas e andrajosas por vestimentas decentes e confortáveis, — a esquálida aparência que torna a pobreza não sòmente mais penosa, mas ao mesmo

49. *Writings of Hugh Swinton Legaré*, editado por sua irmã (Charleston, S. C., 1846) vol. I, pg. 306.

tempo mais humilhante e degradante para as suas vítimas, bem como mais repugnante do que devera ser aos outros — contribuirá notòriamente para elevar os pobres na escala social, para despertar o seu respeito próprio e aumentar a simpatia de outros por êles; em uma palavra, para fazê-los sentir-se dignos de um lugar entre os homens, em vez de serem párias e refugos cujo contato é contaminoso. Gente bem vestida e bem abrigada cuidará por si mesma de se prover de todos os outros confortos da vida; e é a difusão dêsses confortos e o gôsto crescente dêles entre tôdas as classes da sociedade européia — o desejo das riquezas como é comumente chamada — que vai gradualmente pondo têrmo aos destrutivos e sanguinários embates da guerra e reservando todos os recursos até então nela desperdiçados para as emprêsas da indústria e do comércio, procurados com ardoroso espírito que outrora se expandia em cenas de perigo e carnificina." Mas, fiel à mentalidade sulista, Legaré deplorava que "o resultado de tudo isso é essa verdadeira desigualdade de riqueza, essa acumulação de imensas porções dela em poucas mãos, contra a qual temos tão duramente lutado nos últimos tempos, como se fôsse uma coisa inconsistente com a liberdade, o bem-estar e o melhoramento moral e intelectual da humanidade. Fortunas gigantescas acumulam-se em poucos anos de comércio próspero — mecânicos e industriais superam e suplantam em opulência e esplendor aos príncipes da terra. A face da Europa foi transformada por esta indústria ativa operando com tão poderosos instrumentos e em tão grande escala. Eu que tenho viajado em partes do continente que o espírito do lucro, com os seus habituais concomitantes da indústria e progresso, invadiram desde a assinatura da paz num intervalo de quinze anos fiquei grandemente impressionado com a revolução que se vai operando." [50]

"Não foi sòmente como sulista" que êle protestou contra as tarifas protecionistas. "A doutrina do livre-

50. "Spirit of the Sub-Treasury," speech in the House of Representatives of the United States, October, 1837, *op. cit.*, vol. I, pp. 285, 286.

-câmbio, disse êle, é uma grande doutrina fundamental da civilização. O mundo terá de adotá-la finalmente, se tivermos de realizar as visões do progresso em que nos comprazemos. Tem-se observado com justiça que a maior parte das guerras que nos últimos dois séculos assolaram a Europa e mancharam de sangue as terras e os mares, tiveram origem na concupiscência do imperialismo colonial ou no monopólio comercial. As grandes nações não se poderão manter sob um govêrno unido a não ser por um govêrno despótico, desde que uma parte do país seja lançada contra a outra em uma perpétua luta por privilégios e protecionismos sob qualquer sistema protecionista. Elas se despedaçarão; e, se a mesma rapacidade e egoísmo cego animar os fragmentos que ocasionaram a desunião do todo, nada poderá pôr têrmo à luta entre os interêsses opostos. Quando se ajuntam às calamidades das guerras públicas e dissenções civis os crimes gerados pelas leis tirânicas do lucro e as sangrentas penalidades necessárias para pô-las em execução, a injustiça feita a muitos ramos da indústria para promover o êxito de outros, o pauperismo, o descontentamento, o desespêro e as mil desordens sociais que tal violação das leis da natureza nunca deixam de engendrar — reconhecer-se-á, creio eu, que a causa do livre-câmbio é a grande causa do progresso humano." [51]

Legaré era naturalmente favorável ao papel-moeda e atribuía "ao próprio comércio e não aos meios que êle emprega," as flutuações da moeda, "as ruinosas irregularidades do papel bancário"; [52] E considerava "absurdo falar-se de qualquer coisa como moeda metálica nos Estados Unidos". [53] Recusava-se a "tornar todo o país tributário dos cambistas de Wall Street."

A produção do Sul quantitativamente em escritos sôbre matéria econômica era notòriamente inferior à do Norte. Nem Taylor, nem Stephen, nem Legaré eram economistas profissionais.

51. "Speech before the Union Party," delivered before the Union and States Rights Party, July 4, 1831, Charleston, S. C., *op cit.*, vol. I, pp. 272-273.

52. "Spirit of the Sub-Treasury," *op. cit.*, vol. I, pg. 307.

53. *Ibid.*, pg. 313.

Encontramos depois um representante sulista da vida acadêmica, George Tucker, professor de Filosofia Moral e depois de Economia Política na Universidade de Virgínia, o qual era novelista, historiador, economista e estadista. J. R. Turner tem razão em dizer que "os economistas não o esqueceram; êles nunca o conheceram";[54] mas êle exagera a importância de Tucker como pensador original. Turner certamente modernizou a doutrina de Tucker quando declarou que "sua teoria subjetiva do valor é essencialmente a mesma que foi sustentada pelos principais pensadores da moderna escola psicológica", evidentemente sob a influência de seu próprio mestre, Frank A. Petter, líder da escola psicológica americana em matéria econômica. Eu antes diria que o lugar de Tucker na história desta disciplina se baseia em suas investigações indutivas.[55]

Tucker era um desabusado anti-ricardiano. Explicou no prefácio de *The Laws of Wages, Profits and Rent* que, quando as teorias que êle reputara falsas tinham recebido a sanção de tantos nomes distintos e haviam sido tão geralmente adotados em nossas universidades e colégios, parecia-lhe essencial à sua própria defesa, bem como mais justo para a causa da ciência, dar atenção especial às teorias em questão e indicar o ponto em que êle as considerava errôneas. "Êle havia sido, desde muito, de opinião que Mr. Ricardo, embora possuindo altos méritos como escritor de Economia Política e merecedor de tôda a sua reputação como conhecedor dos assuntos de dinheiro e finanças, se engana em seus princípios elementares da ciência; que a origem e progresso das rendas admitem explicação mais simples e natural que as que êle deu; que sua teoria do salário é inconsistente consigo mesma, e que a dos lucros é desmentida por tôda a história do capital no mundo civilizado."[56]

---

54. *Op. cit.*, pg. 82.
55. Veja-se também seu *Progress of the United States in Population and Wealth in Fifty Years as Exhibited by the Decenial Census* (New York, 1843) *History of the United States to the End of the 26th Congress in 1841*, 4 vols. (Philadelphia, 1856-57); and *Life of Thomas Jefferson*, 2 vols. (Philadelphia, 1837).
56. Philadelphia, 1837, p. iv.

Tucker era todo otimismo em relação aos Estados Unidos, e nesta direção, bem como em sua tenaz oposição aos clássicos, liga-se à corrente nacional romântica do pensamento econômico americano abaixo discutido. Seu otimismo se acha melhor expresso em sua novela utópica *Viagem à Lua*. Merecem citadas as profecias que êle faz:

"Em todos os países, disse eu, a civilização e a população têm andado de mãos dadas; e a necessidade de um aumento de subsistência para números crescentes tem sido a produtora das artes úteis e do progresso social. Em tôdas as fases bem sucedidas do seu progresso, tais países têm sentido igualmente os males ocasionados por uma subsistência escassa e precária. Na América, porém, o povo se acha no pleno gôzo de tôdas as artes da civilização ao mesmo tempo que não tem restrições em seus meios de subsistência e, por conseguinte, em sua capacidade de multiplicação. Duas conseqüências decorrem dêste singular estado de coisas. Uma é que o progresso da nação em riqueza, poder e grandeza é mais rápido do que jamais antes se verificou no mundo. Outra é que, estando o nosso povo menos embaraçado e tolhido por suas necessidades, e sentindo naturalmente menos os males morais que a pobreza e o desconfôrto engendram, o seu caráter moral e intelectual se desenvolverá e amadurecerá mais ràpidamente, e inclino-me a pensar que será levado a um ponto mais alto de excelência do que foi jamais atingido. Antecipo-lhes a eloqüência e a arte de Atenas, a coragem e amor da pátria de Esparta, a constância e as proezas militares dos romanos, a ciência e a literatura da Inglaterra e da França, a indústria dos dinamarqueses, a temperança e obediência às leis da Suíça. Em cinqüenta anos, êles se elevarão em número a trezentos ou quatrocentos milhões, mesmo admitindo um decréscimo na razão da multiplicação. Não parece impossível que, pela estrutura do seu govêrno, continuem êles unidos para uns poucos e grandes propósitos nacionais, ao mesmo tempo que possa cada estado elaborar as leis adequadas aos seus habitos, caráter e circunstâncias peculiares. Em mais meio século terão êles levado

a religião cristã e a língua inglêsa até o oceano Pacífico". [57]

Um era professor, outro, jornalista; um era mestre universitário, outro, homem servido apenas de uma educação escolar comum: mas a mesma atitude anti-ricardiana e antimaltusiana foi tomada por J. Newton Cardoso, descendente, como Ricardo, de judeus portuguêses, e figura misteriosa na história da economia americana, sendo que até o seu primeiro nome não pode ser reconhecido com bastante certeza. Suas *Notas sôbre Economia Política* [58] obtiveram a aprovação de Tomas Cooper, que declarou que "Mr. Cardoso of Charleston em suas *Notas sôbre Economia Política* se revelou conhecedor das questões mais delicadas relativas a esta ciência e mereceu ser lido por aquêles que desejam versar com plena vantagem os escritos de Malthus e Ricardo." [59] Cardoso se opôs a Ricardo e aos seus seguidores inglêses tanto como americanos e especialmente a McVicker. A convicção dêste economista, que era jornalista em Charleston, era que, "se os princípios desta teoria (que são fundados em circunstâncias completamente contrárias às que prevalecem em nosso próprio país) fôssem adotadas como texto de preleções em nossos colégios e universidades, retardariam grandemente o progresso desta importante ciência entre nós." [60] Êste foi um dos primeiros casos de declarado "americanismo", de uma recusa "a ser implìcitamente guiado pelos resultados de investigações realizadas por escritores europeus em relação às fontes da riqueza sem exame das circunstâncias em que os seus sistemas foram elaborados." [61]

A mesma expressão frisante do meio nativo, o mesmo americanismo, se encontra nos escritos de outro sulista, Nathaniel A. Ware, advogado e defensor do protecionismo, um otimista que queria em cada caso

57. (Joseph Atterly), *A Voyage to the Moon* (New York, 1827), pp. 62, 63.
58. Charleston, S. C., 1826.
59. *Lectures on the Elements of Political Economy*, Preface.
60. *Ibid.*
61. *Ibid.*

investigar "qual é a verdadeira condição das coisas em referência à proposição, não o que escreveu ou estabeleceu Adam Smith." [62]

Houve poucas exceções a esta tendência geral no Sul. Provàvelmente o mais notável dissidente ali foi William Gregg, "o primeiro grande burguês do Sul, o precursor de uma nova era", como lhe chama o seu biógrafo. [63] Os *Ensaios sôbre Indústria Doméstica,* de Gregg, [64] foram um apêlo para se criarem manufaturas e ao mesmo tempo uma propaganda de suas próprias emprêsas. Mas, se Gregg não concordou com as doutrinas econômicas do Sul, adotou certamente as maneiras feudais delas em sua administração da fábrica e cidade de Granitville. [65] Apresentava êle uma estranha mescla de sulista e de "Quaker", que era realmente de origem. Em suas noções econômicas Gregg estava sofrìvelmente próximo do grupo de economistas da Pensilvânia. Era, como êles, um economista que se fizera por si mesmo, estudando a vida, não os livros. Insistia em afirmar que a riqueza nacional não consiste em dinheiro, mas "no progresso mental e físico do povo; no drenamento de pântanos e na cultivação de terras baldias; na fertilização do solo cansado; no aumento da população; na construção de vias férreas, barreiras e pontes e tôdas as facilidades para comunicação interna; no aumento e melhoramento de nossas cidades, construindo novas aldeias e casas confortáveis e duradouras." [66]

Considerava a indústria como "o fundamento de todo o bem-estar humano." "Não pode haver dúvida de que William Gregg conhecia a Henry C. Carey, de Filadélfia e estava familiarizado com as causas que êle defendia. A mãe de Gregg viera de Filadélfia, e êle visitou aquela cidade, tanto para negócios como em

62. *Notes on Political Economy* (New York, 1844), pg. 4.
63. Broadus Mitchell, *William Gregg, Factory Master of the Old South* (Chapel Hill, N. C., 1928), Foreword, p. ix.
64. Charleston, S. C., 1845.
65. Acredito que Mitchell idealizou a Gregg quando o comparou com Robert Owen (*op. cit.*, pg. 77).
66. *Ibid.*

companhia da família. Deve ter freqüentado alguma das reuniões semanais em casa de Carey, onde havia animada discussão de Economia Teórica e Política. E' difícil dizer se Carey moldou o pensamento de Gregg. Certo é que contribuiu grandemente para a sua formação. E' notória a semelhança das idéias dos dois homens — o valor social e econômico da associação, a necessidade de uma diversidade de empreendimentos, particularmente a ligação da agricultura e manufatura, a condenação do exaurimento do solo pela exportação dos produtos principais, a virtude da introdução das indústrias manuais nas pequenas cidades, a eliminação de intermediários inúteis, o desgôsto pelo domínio industrial da Inglaterra e a conveniência de grandes obras como o drenamento de pântanos aparecem nos argumentos de ambos. O reconhecimento final do protecionismo por Gregg pode ter sido derivado da influência de Carey. Há evidência de que Gregg foi por sua vez útil a Carey porque estava em condição de dar demonstração prática dos seus princípios." [67]

John C. Calhoun era o eqüivalente sulista de Daniel Webster. Agiu tão francamente em favor da aristocracia dos plantadores como Webster o fêz pelos argentários de Leste. "Calhoun não fêz mistério de seu verdadeiro propósito. Meu alvo está assentado: é nada menos que fazer voltar o govêrno para onde começou a sua atuação em 1789; obliterar tôdas as medidas intermediárias originadas dos princípios e orientações peculiares da escola a que me oponho. Quanto à escravidão, a base do sistema de plantação, essa é nas circunstâncias "um bem, um bem perfeito." Não havia, pois, dúvida alguma sôbre o caráter do argumento político e econômico de Calhoun. Era precisamente declarado e diametralmente oposto ao de Webster. [68]

O Sul da América, anteriormente à Guerra Civil, era assim francamente anticlássico em seu pensamento e apresentava neste sentido frisante oposição aos ensinos dominantes na Nova Inglaterra. Concorria nesse

67. *Ibid.*, pp. 19-20.
68. Charles A. and Mary R. Beard, *The Rise of American Civilization* (New York) pg. 675.

ponto com a escola romântica nacional, mas, como vimos insistia com muito poucas exceções no livre-câmbio, mesmo quando a nova Inglaterra já se havia tornado protecionista. O ponto-de-vista do Sul é compreensível quando se consideram os interêsses de navegação ainda importantes de Charleston e o comércio de exportação dos estados produtores de algodão e fumo. Dêste modo, o Sul se opunha à escola romântica nacional.

Henry Clay do Novo Oeste forneceu uma ponte entre o estado de espírito do Sul e o da escola romântica nacional. Seu domínio político foi o Ohio River Valley. Êle queria pòliticamente combinar os capitalistas de Leste e os agricultores de Oeste. Clay não era um homem de educação brilhante como Legaré, um idealista do tipo de John Taylor, ou um grande jurista como Daniel Webster. Não tinha fortes convicções pessoais e em política flutuou entre Jefferson e Hamilton. Era um mestre em Política, cheio do espírito virgem do empreendedor. Era o produto de Kentucky, do Novo Oeste, do jovem, orgulhoso, otimista e jovial americanismo. Era o liame entre o Novo Oeste e a nova economia monetária. O seu Sistema Americano, expressão que se originou da discussão de tarifas em 1824, era a Economia Política do período de formação da nação. Era o correspondente econômico da doutrina de Monroe, a expressão do sentimento e desejo de isolamento, com o propósito de construir a própria casa. Baseava-se nas velhas doutrinas de Hamilton que apresentava um plano para vencer o crescente seccionalismo. Sua idéia subjacente, segundo a qual se deviam evitar fretes marítimos e desenvolver mercados nacionais, era uma conseqüência natural da colocação remota dêsse país em relação ao Velho Mundo. James Truslow Adams judiciosamente frisou a intenção, que Clay tinha, de vencer a fricção seccional. Clay tinha visão de um mercado continental "desde Hudson até Cap Horn", e afirmou que "está em nossas mãos criar um sistema do qual sejamos o centro e no

qual tôda a América do Sul entre em atuação com os Estados Unidos." [69]

Tendo viajado nas terras melancólicas dos clássicos da Nova Inglaterra, povoadas de fantasmas, e percorrido as plantações do Sul, onde cultos senhores de terras suspiravam por uma continuação da vida patriarcal, somos levados pelo Sistema Americano do novo Oeste, elaborado por Clay, ao centro de atividades e novo pensamento da primeira metade do século XIX. Deixando o campo dos aderentes do princípio de conservação vamos unir-nos aos adeptos do princípio de transformação. O Sistema Americano, que dominou a política prática do país por muitos anos depois de promulgado por Clay, brotou diretamente do solo americano, mas não nasceu na véspera. Recebeu um fundamento teórico, foi preparado por uma série de pensadores que sentiram que as condições indígenas dêsse país não se podiam explicar em têrmos de classicismo inglês. Estas considerações teóricas dos escritores contemporâneos eram adequadas e afinavam com as aspirações e desejos das almas cândidas da crescente classe média. Esta corrente de pensamento é às vêzes rotulada como "Escola Nacional". Bem podemos reter esta designação, de modo a não romper com a terminologia tradicional geralmente aceita, mas a designação de "Romantismo Econômico" seria mais satisfatória, visto que o nacionalismo dêsse período era apenas uma das características do romantismo. Esta era a expressão americana do universal movimento romântico do período, e o romantismo era forte na obra vigorosa da conquista de fronteiras. Era uma tentativa de criar o americanismo econômico, paralela, talvez, da famosa defesa feita por Channing de uma independente escola de escritores americanos, em seu outrora famoso artigo sôbre uma "literatura nacional" (1823).

A escola romântica dos Estados Unidos tinha muitos traços em comum com a escola germânica do período, embora não haja indício de uma absorção de suas idéias ou de sua influência direta. Como Adam

69. Veja-se meu *Struggle for South America* (Boston, 1931), pp. 98-99.

Miller (1779-1829) o Allá da economia na Alemanha, a escola americana rejeitou o cosmopolitismo e atomismo dos clássicos inglêses. A concepção que Raymond tinha da nação como organismo e as consequências que daí tirava satisfariam não sòmente a Adam Miller, mas mesmo a Othmar Spann, o chefe da escola orgânica ou universal na economia moderna. E' significativo e simbólico que Frederic Lizt, o Maomé do romantismo econômico germânico, achou inspiração na América.

Sismond foi o primeiro crítico que a escola clássica encontrou em sua marcha através da Europa. Estava pregando a intervenção do Estado contra a competição, e suas idéias despertaram interêsse e acharam eco em solo americano. A gente daqui começou a sentir que as ilhas Britânicas não eram o alfa e ômega do mundo civilizado. Todavia, seria pouco inteligente tentar explicar parte da atitude anticlássica como expressão de sentimentos políticos ou como oriunda de uma errônea interpretação dos escritos clássicos.[70]

A corrente do romantismo nacional americano teve origem e inspiração não em literatura e idéias importadas, não em simpatias e aversões políticas, nem em qualquer filosofia geral *a priori*, mas nas peculiares condições e exigências nativas do país em expansão e desenvolvimento.

Quem eram êstes representantes do novo espírito americano? Raramente encontramos entre êles personagens dignas como as do tipo característico da Nova Inglaterra, com seus ministros e professôres. São em maior parte franco-atiradores, raramente acadêmicos; não estudaram em Oxford; eram o mais das vêzes leigos, economistas que a si mesmo se fizeram e que eram tão desprezados por Dunbar. Thomas Cooper mostrou melhor compreensão quando declarou que "neste país a Economia Política e a teoria da política são de especial importância. Todo o moço bem educado nos Estados Unidos se considera um político."[71] Por ofício

70. Como James E. Moffat o tentou. Veja-se seu artigo intitulado "Nationalism and Economic Theory", no *Journal of Political Economy* (August, 1909).

71. *Op. cit.*, Prefácio.

eram tipógrafos, livreiros, editôres, jornalistas e raras vêzes homens de letras ou acadêmicos.

Os mais fortes nacionalistas americanos dêste grupo eram os recentes imigrantes irlandeses e alemães do Keystone State. Muitos dêles tinham alguma cousa da atitude mental do fotógrafo. Ressentiam-se do pessimismo dos clássicos; opunham-se à teoria da população de Malthus, à teoria ricardiana das rendas, à teoria do fundo de salários. Eram cheios de otimismo e invocavam a abundância e progresso da América como testemunha, em sua denúncia das sombrias conclusões baseadas na experiência haurida na primeira fase da revolução industrial na Inglaterra. Esperavam a harmonia social e por ela lutavam. Era uma reação contra o pessimismo em matéria econômica e alinhavam-se na oposição contra o pessimismo puritano que se iniciara com o manifesto unitário de 1815.[72]

Êstes homens se ressentiam dos princípios gerais dos clássicos menos do que de alguns de seus aspectos secundários, mas protestavam enèrgicamente contra a conseqüência prática da teoria clássica, baseando sua crítica não no seu caráter dedutivo e lógico, mas na discrepância entre as doutrinas inglêsas e os fatos americanos. Quase todos os representantes da escola nacional americana frisavam em comum a distinção e antagonismo entre a riqueza pública e a riqueza particular, desprezadas pelos clássicos, mas frisada por Lord Lauderdale, que aparentemente influenciou alguns americanos dêsse período. Subscreviam a afirmação de Adam Smith: que "o grande objeto da Economia Política de todos os países é aumentar as riquezas e poder dêsse país,"[73] mas insistiam em que "as riquezas e o poder" do país não são idênticos ao poder e às riquezas particulares.

Os mais dêles — os de pendor mais filosófico, como Raymond e Rae com erudição e lógica, e diversos outros — insistiam na criação e não na aquisição como o objeto da atividade econômica, distinção esta que

72. Woodbridge, Riley, *American Thought from Puritanism to Pragmatism* (New York, 1923), pg. 149.
73. *Wealth of Nations*, book II, chap. V, pg. 297.

vivamente recorda um dos ensinamentos de Thorstein Veblen no século XX. Insistiam na modificação do princípio do *laissez faire* em ajustamento às condições americanas.

"A luta para subjugar o deserto com recursos suficientes tanto em capital como em homens impediu a aceitação geral de uma política de *laissez faire*, não obstante as tendências individualistas geradas pela fronteira. O auxílio do govêrno se fazia necessário não só para estradas, mas também para canais e outras obras de melhoramento interno. Emprêsas industriais que se haviam grandemente expandido durante as guerras napoleônicas encontravam novos mercados para os seus produtos no crescente Oeste. Com o fim de manter os lucros assim obtidos contra o restabelecimento da indústria européia, os industriais dos Estados Unidos reclamavam o auxílio de tarifas protecionistas."[74]

A idéia central desta tendência do pensamento girava em tôrno da exigência de maior produção. Esta exigência crescia consistentemente, o país se desenvolvia, as fronteiras se moviam, as manufaturas se organizavam, mas a fome de capital e artigos de consumo não estava satisfeita.

Os problemas de tarifas, de atividades bancárias e moeda circulante eram as principais questões práticas do período. A escola americana protestava contra as doutrinas do livre-câmbio, adotando a atitude de que "Manchestertum ist die Lehre des wirtschaftlich Starken";[75] A iniciativa e proteção do Estado eram consideradas necessárias para o progresso. Era o *programa internacional defensivo do americanismo industrial.* O americano da fronteira, sofrendo da falta de capital, incluiu no seu programa a exigência de "dinheiro barato" contra as teorias conservadoras dos clássicos e das classes argentárias da Nova Inglaterra. E' um traço comum de todos os países novos durante o

---

74. William S. Carpenter, *The Development of American Political Thought* (Princeton, N. J., 1930), pp. 114-115.
75. Von Schulze-Gaevernitz, *Britischer Imperialismus und englischer Freihandel* (Leipzig, 1906), pg. 69.

período do movimento de fronteira. O pensamento que presidia à propaganda era de que a contínua abertura de novos territórios e o seu ajustamento à economia monetária envolviam a necessidade de um correspondente aumento de circulação.[76]

A expressão "escola" deve ser tomada *cum grano salis*. Os românticos nacionais rebelados contra os clássicos não formavam um grupo consistente entre si mesmo, mas eram indivíduos isolados, agindo na maior parte sem nenhum contato mútuo; apenas na Pensilvânia havia uma forma de agrupamento, uma associação de almas afins. A corrente nacional romântica, tradicionalmente rejeitada ou desprezada pelos economistas americanos, era com todos os seus defeitos um fenômeno americano significativo, um importante capítulo na história econômica do país, bem como na história de seu pensamento.

O fundador dessa escola foi Daniel Raymond. Dunbar põe-no de lado com a observação de que "Raymond (1820) trouxe para a discussão zêlo e sinceridade, mas isto de mistura com um método vago e idéias imprecisas que inutilizam os seus esforços e lhe destroem o valor da obra, a qual, realmente, por sua confusão de definição e falta de sistema, parece um fruto tardio da geração das definições que precedeu a Smith antes que da que o seguiu".[77] Raymond, advogado sem clientela, nascido em Connecticut, foi não sòmente o autor da primeira obra sistemática americana sôbre economia, mas, segundo suas próprias palavras, foi um pioneiro para afastar o domínio de "teorias estrangeiras e sistema de Economia Política";[78] também foi êle um dos primeiros elos na cadeia de esforços para forjar o Sistema Americano. Raymond considerava os seus próprios escritos como

76. Mostrei isto em meu *Brazil, A Study in Economic Types*. (Chapel Hill, N. C., 1935).

77. *Economic Science in America*, pg. 11.

78. *Thoughts on Political Economy* (Baltimore, 1820) Prefácio, p. VI.

uma importante tentativa para "quebrar a noz da Economia Política".[79]

Raymond sentiu a própria tragédia mais que os seus futuros críticos e intérpretes. No prefácio aos *Elementos de Economia Política* ponderou que seria admirável que um livro sôbre o meu assunto, escrito do lado contrário do Atlântico, com o nome do autor, fôsse favoràvelmente recebido pelo público em geral. A nossa independência ainda não está suficientemente estabelecida para isso."[80] Pode-se imaginar vìvidamente o desenvolvimento da competência crítica e criadora de Raymond, bem como a sua eventual influência no lado direito do Atlântico nesse período. Êle seria certamente um participante dos almoços de Ricardo, membro do Clube de Economia Política e teria associações intelectuais; seus livros seriam lidos e seus pensamentos discutidos. Pode-se imaginar Raymond no Parlamento Britânico como um correspondente ou aliado de David Ricardo. Mas Raymond nasceu em Connecticut e a tristeza solitária do seu escritório de advocacia em Baltimore eram as únicas causas imediatas de seu interêsse em Economia Política.

Raymond frisou que "o nosso país oferece o mais belo teatro da terra para a aquisição de conhecimentos sôbre as ciências de governança e Economia Política. Aqui se podem fazer experiências com segurança, aqui se pode ver a operação dos princípios da natureza em sua maior pureza, e aqui se conservará vivo aquêle espírito de liberdade e igualdade que ainda se há de difundir através do mundo e há de aquecer e animar tôdas as nações de terra."[81] Segundo o pensar de Raymond a nação era uma comunidade orgânica, e êle se opunha às teorias individualistas. O campo próprio da Economia Política era para êle o estudo da maneira de assegurar a maior produtividade possível da nação por meio de legislação. Não se inte-

79. *The Elements of Political Economy* (Baltimore, 1823), vol. II, p. 393.
80. *Ibid.*, pg. III.
81. *Ibid.* vol. II, pp. 399-400.

ressava nos problemas da distribuição individual dos rendimentos, e em duas das quatro edições de sua obra omitiu a discussão de rendas, salários, lucros e juros. O valor tinha pouca aplicação à riqueza pública no pensamento de Raymond. Êle se opunha a Malthus e Ricardo. Fazia rigorosa distinção entre a riqueza pública e a particular. A fonte da riqueza era a terra; a causa da riqueza era o trabalho. Repetiu várias vêzes em sua obra que "é lei da natureza que o homem comerá o seu pão com o suor do seu rosto."

Êste economista considerava como "êrro dominante nos escritores de Economia Política a adoção de um sistema parcial em vez de geral. Em vez de considerar os três grandes departamentos da indústria como partes essenciais de um grande todo, entre as quais não se pode, portanto, estabelecer comparação quanto à sua importância relativa em promover a riqueza nacional, quase todos os escritores têm adotado um sistema parcial e têm-se tornado partidários de um dos grandes ramos da indústria, que êle sustenta ser a única ou a principal fonte da riqueza. Daí a origem dos chamados sistemas mercantis e agriculturais. Dêstes sistemas o mais antigo é o mercantil." [82] Combatendo o cosmopolitismo dos clássicos, Raymond favoreceu o protecicionismo nas relações internacionais e o livre-câmbio dentro da nação. Algumas das suas afirmações parecem ainda hoje contemporâneas: frisou, por exemplo, que "deve existir um vício radical na instituição de um país em que o melhoramento nas artes das máquinas economizadoras de trabalho são desfavoráveis ao bem-estar do povo." [83]

Êle se exprimiu do seguinte modo em relação à influência das guerras sôbre a economia: "A guerra age como poderoso estimulante da indústria nacional e, portanto, promove a riqueza nacional. Por mais que isto repugne às noções geralmente aceitas sôbre o assunto, dificilmente haverá uma nação na face da terra que não tenha em alguma fase de sua existência for-

82. *Ibid.*, vol. II pg. 307.
83. *Ibid.*, vol. pg. 307.

necido um exemplo em prova da poderosa eficácia da guerra em promover a riqueza bem como o poderio nacional. Mas felizmente para a humanidade não é êste o efeito legítimo e ordinário da guerra."[84]

Há na literatura algumas tentativas falhas de revelar a semelhança das idéias de Raymond com as doutrinas de Hamilton, e exposições mais justificadas de sua dependência de Laudedale, mas há sugestões ainda mais numerosas apresentado-o como precursor, inspirador ou fonte de Lizt e Carey. Um erudito investigador do papel de Raymond na história da teoria econômica, intrigado pelo desusado número de coincidências entre o pensamento de Raymond e o de Lizt, empreendeu uma comparação de páginas e passagens. Êle não estava convencido de que Lizt tirara suas idéias substancialmente de Raymond, mas sugeriu que êle era "um devedor não confesso a Raymond e que antecipara a Lizt nas linhas essenciais do seu sistema."[85]

E' difícil avaliar o grau de influência de Raymond sôbre os seus contemporâneos. Pessoalmente, sentiu-se desapontado. Mas nós sabemos que Mathews fazia o mais alto juízo da obra de Raymond e ofereceu-se para fazer uma dotação à cadeira de Economia Política da Universidade de Maryland, com a condição de que se permitisse que Raymond a ocupasse.

---

84. *Ibid.*, pg. 91. A inter-relação entre guerras e crises não escapou à atenção de Raymond: "Tôdas as flutuações são favoráveis à riqueza e felicidade nacionais — e, quanto mais permanente a procura de artigos, tanto melhor. Esta é uma das causas da atual angústia da Inglaterra e dêste país. A guerra ocasionou uma procura desusada dos produtos do trabalho dos dois países. A paz interrompeu a procura e milhares de trabalhadores foram por conseqüência postos fora do emprêgo. *Ibid.* p. 95.

85. Charles P. Neill, *Daniel Raymond. An Early Chapter in the History of Economic Theory in the United States* (Baltimore, 1897), pp. 56-57. Um erudito francês corroborou esta opinião; veja-se Lepelletier, "Un précurser de List: Daniel Raymond", em *Revue d'Economie Politique* (Paris, 1900, nos 10, 11, pg. 843). Ed Meuser defendeu a originalidade de List ("List oder Raymond?" em *Zeitschrift für die Ges. Staatsw.*, vol. LXIX, 1913) against Kurt Kohler (*Problematisches in Fr. List* (Leipzig, 1908).

Dois filhos da Nova Inglaterra merecem menção como precursores da Escola Nacional Romântica. Alexandre Everett, irmão de Edward Everett, jurista e diplomata era em suas *Novas Idéias sôbre a População*[86] antimaltusiano e protecionista. No Manual de Economia Política,[87] Willard Phillips, advogado, editor das obras econômicas de Benjamin Franklin, mostrou algumas das tendências do período; era também antimaltusiano e anti-ricardiano, mas favorável a Smith. Phillips condicionou a validade das leis gerais em matéria econômica, e frisou que "não se pretende insinuar que os verdadeiros princípios econômicos de um país sejam em tudo diferentes dos de outros; mas que muitos dêles são de grande importância em um e de pequena importância em outro, e que ainda outro tem aplicação prática em certos lugares e são inteiramente inaplicáveis em outro".[88] Concebeu o fenômeno da "produção nacional" em distinção dos negócios particulares.

Phillips realçou o papel da procura e do mercado nacional na economia americana. "A situação dos Estados Unidos dá ao país o domínio de um imenso mercado seu, próprio, que ora é suprido por importações, mas que nós podemos em muitos sentidos suprir com os nossos próprios recursos. Mas seria tão absurdo tentar suprir-nos pela produção doméstica, de todos os artigos para cuja produção dispomos de recursos internos, como seria desprezar inteiramente êsses recursos e esperar do estrangeiro o suprimento de grande parte dos artigos comuns mais necessários e convenientes."[89] Daí o seu moderado protecionismo: A inferência é muito clara, a saber: é de boa política e de boa economia que uma comunidade se supra com os próprios recursos de um artigo de necessidade ou confôrto, embora lhe custe um pouco mais para produzi-lo por si mesmo, que importado, em tempo de paz. Tal tem

86. Boston, 1823.
87. Boston, 1828.
88. *Ibid.*, Prefácio pp. V-VI.
89. *Ibid.*, pg. 221.

sido a política da França, da Inglaterra e de todos os outros países europeus, bem como a dos Estados Unidos".[90]

Dunbar não deu sua aprovação ao escrito de Phillips; mas a obra do diplomata Everett, que por muitos anos residiu na Europa e teve contato pessoal com alguns dos principais economistas do mundo, é por êle classificado "entre as melhores de muitas tentativas feitas nessa direção."[91] Dunbar reconheceu a habilidade dialética de Everett, mas rejeitou-lhe o raciocínio.

John Rae, figura quase tão misteriosa do Norte como Cardoso o foi no Sul, pertence a êste grupo. Emigrado escocês no Canadá e mais tarde nos Estados Unidos, tinha uma natureza descontente e inquieta. Médico por educação, infatigável viajante, como explicou em seu prefácio, foi levado por uma súbita mudança de circunstância a trocar "os lazeres literários da Europa pela solidão e labôres das florestas canadenses." Por algum motivo desconhecido, visitou a Noruega e residiu em Havaí e nas Ilhas Sanduíche. A Filosofia, a Medicina, a Física e a Metafísica constituíam a esfera de seus interêsses. Os seus manuscritos, freqüentemente perdidos, foram publicados por outro. Trinta anos após a publicação de sua obra principal, soube êle que John Stuart Mill lhe dera atenção; e, ao que parece, nunca teve conhecimento de que ela foi traduzida e publicada em 1856 na "Biblioteca de l'Economista," de Ferrara. A erudição de Rae era notável para sua época. Conhecia os mercantilistas e fisiocratas, citava Smith, Ricardo, Laudedale, Malthus, Sismond; não sòmente usava a literatura inglêsa, mas também consistentemente a literatura italiana e francesa; e os seus conhecimentos de autores gregos e latinos são admiráveis.

A sua obra, intitulada *EXPOSIÇÃO DE ALGUNS NOVOS PRINCÍPIOS SÔBRE MATÉRIA DE ECONOMIA POLÍTICA CRITICANDO AS FALÁCIAS DO SISTEMA DE LIVRE-CÂMBIO E DE ALGUMAS OUTRAS DOUTRINAS DEFENDIDAS NA "RIQUEZA DAS NA-*

---

90. *Ibid.*, pg. 189.
91. *Op. cit.*, pp. 11-12.

ÇÕES", foi publicada em Boston em 1834, de novo descoberta, posta em ordem e editada por C. W. Mixter em 1905, sob o título *A TEORIA SOCIOLÓGICA DO CAPITAL*. O editor considerava o título dado pelo autor como um êrro, "porque a parte principal da emprêsa consistia não em estruturas sôbre as doutrinas de Adam Smith, mas em uma discussão independente, esmerada e profunda do assunto geral do capital. Foi êsse último que pôs recentemente Rae em evidência diante da atual geração de economistas em conexão com a discussão mundial sôbre o capital em novos e frutíferos aspectos inaugurados por Bohm-Bawerk." [92] E' uma vulgaridade histórica considerar os escritos de Rae do ponto-de-vista de Bohm-Bawerk. Rae tem o seu lugar na história do pensamento sem necessidade de refulgir com a glória reflexa dos austríacos.

Mais complicado e por vez nebuloso, Rae se entrelaça em muitos sentidos com os românticos americanos. Notou a oposição aos clássicos nos Estados Unidos "As doutrinas que Adam Smith sustentou com tanta competência nunca se arraigaram tão profundamente nesse país como na Inglaterra, e foram ainda mais fortemente combatidas. Há por isso considerável diferença entre o estado do sentimento público na Grã-Bretanha e na Inglaterra em ralação às mais interessantes questões práticas de Economia Política. Êste é especialmente o caso em relação à política do sistema protecionista." [93]

John Rae opunha-se à escola de Adam Smith. Falou de sua "convicção da falta de solidez do sistema sustentado na *RIQUEZA DAS NAÇÕES*". Insistia no fato de que "os interêsses individuais e nacionais não são idênticos; fazia distinção entre aquisição e criação; era favorável à intervenção do Estado e numerando especialmente os casos em que o poder dos legisladores seria benéfico; e era, sem dúvida, protecionista; dava especial atenção às invenções.

A escola nacional romântica atingiu a fase de florescência e culminância nos destinos dos economistas

92. Prefácio do editor, p. XV.
93. *Op. cit.*, Prefácio do autor, pg. II.

da Pensilvânia. O sentimento da fronteira e da fábrica penetravam cada vez mais o pensamento americano. O Estado da Pensilvânia tornou-se o centro de fermentação dêste movimento, dando origem ao núcleo de uma escola de economia americana.

Um panfletário americano da época aplicou ao grupo dos ricardianos o têrmo de "economistas industriais". Êste têrmo podia ser aplicado nos Estados Unidos ao grupo anti-ricardiano, especialmente ao setor da Pensilvânia, que eram os defensores do sistema americano.

Mathew Carey (1760-1839) era um propagandista ros, editôres, autores e publicistas — o pai um leigo que serviu a Benjamim Franklin como tipógrafo em Paris e foi colocado por Laffayette em Filadélfia; o filho um economista de grande erudição e que se fizera por si — eram os mais influentes representantes dêste grupo. O alemão Frederic List foi o laço temporário entre as duas gerações da família de Carey, que deixou impressão em todo o período anterior à Guerra Civil.

Mathew Carey (1760-1839) era um propagandista e não um erudito. Tinha em vista despertar a opinião pública a favor do sistema protecionista. Por vêzes dedicou seus panfletos aos "representantes dos grandes capitalistas industriais dos Estados Unidos". E' inútil procurar um sistema abstrato em suas opiniões. Era antes homem de uma só idéia. Mathew Carey tinha grande admiração pela superioridade e influência industriais da Inglaterra, que êle sentira em sua velha terra natal, a Irlanda, bem como em o Novo Mundo. Teve a visão de uma laboriosa América industrial, independente da Inglaterra, cortada de canais, barreiras e vias férreas. A maneira de atingir êste alvo era, em sua opinião, um sistema de tarifas vigorosamente protecionista. Era favorável à intervenção do Estado para dirigir a sociedade econômica e atenuar os sofrimentos materiais da população.

Mathew Carey foi provàvelmente na esfera econômica o primeiro a escapar ao isolamento. Fundou a Sociedade de Filadélfia para Promoção da Indústria Nacional, em 1819; trabalhou ativamente na Sociedade

da Pensilvânia para Promoção de Manufaturas Úteis, fundada em 1791, sob um nome ligeiramente diferente, com a cooperação de Alexander Hamilton, (sua admiração por Hamilton era tão grande, que usou o pseudônimo *Hamilton* em seu *Essay in Protection*).

Já mencionamos sua tentativa de fazer dotação para uma cadeira destinada a Raymond, a quem êle admirava; Niles foi seu amigo e companheiro de armas nessa campanha; List tinha-se familiarizado com os seus escritos, quando apareceram no *Weekly Register*, de Niles, que êle assinava antes mesmo de vir para a América; ficou conhecendo mais tarde os vários endereços de Carey na Sociedade de Filadélfia, e secundou-o em seu ataque a Adam Smith, bem como em seu programa de Economia Política." [94]

Mathew Carey foi um dos propagandistas contemporâneos de uma nova política econômica pugnando pela transformação do *statu quo*. A êste grupo pertencia Hezekiah Niles, amigo de Carey, tipógrafo por profissão, editor do famoso *Weekly Register*. Niles não era pensador original nem profundo; acompanhou obedientemente os passos do movimento romântico nacional. O seu pensamento total em assuntos de salários e população não era tão novo como crê o seu biógrafo, mas era "otimista, americano e em contraste marcado com os principais economistas inglêses". Acreditava que a população e os salários podiam aumentar, e não que um aumento daquela devesse necessàriamente ser seguido por uma redução dêstes. [95] As opiniões de Niles sôbre população, salário e tarifas são pràticamente idênticas às dos outros economistas nacionais dêste período; e êle revelou um ilimitado otimismo quanto aos resultados do Sistema Americano, nome que êle usou depois de 1824. Predisse ilimitada prosperidade baseada em tarifas protecionistas.

Niles exerceu influência sôbre a opinião pública através do seu *Register*, onde propagou suas idéias (até com o auxílio de estatísticas); por vinte e cinco anos

94. Veja-se K. W. Rowe, *Mathew Carey. A Study in American Economic Development* (Baltimore, 1933), pg. 117.

95. R. G. Stone, *Hezekiah Niles as an Economist* (Baltimore, 1933), pg. 130

depois de 1811 chamou incansàvelmente, semana após semana, a atenção de todos os setores do país para os grandes problemas nacionais da atualidade.

O biógrafo de Niles tem provàvelmente razão em dizer que "grande parte dêste primeiro êxito do *Register* se pode atribuir à firme atitude assumida pelo editor durante a guerra de 1812. Desejava que os americanos fôssem independentes dos governos europeus, tanto no sentido militar como por amor da autonomia econômica. Esta última não era nenhuma teoria nova de Niles, mas tinha sido por êle nutrida durante os períodos do embargo e da abstenção de relações." [96]

Niles nunca mencionou o nome do seu grande aliado contemporâneo, Frederic List ao defender o protecionismo. Mas List estava bem familiarizado com os escritos de Niles. [97]

Quando chegou a êste país, em 1825, Frederic List possuía o prestígio e a autoridade de um professor europeu, aliados à sua fama como propugnador da liberdade contra o despotismo e altamente recomendada por Lafayette aos seus amigos americanos. Era membro do legislativo em Wütenberg, publicista e escritor. List trouxe consigo para os Estados Unidos o conhecimento e a influência das condições alemãs contemporâneas. A Alemanha, como tal, não existia nesse tempo. Pòlìticamente havia numerosos estados soberanos de diferentes tamanhos e também econômicamente desunidos. A revolução industrial, já em pleno vigor na Inglaterra e na França, apenas começava a alcançar os estados germânicos. A Alemanha era econômicamente um país novo e relativamente atrasado com alto grau de cultura. Foi num período de fermentação intelectual e em que era forte o romantismo que apareceu a jovem Alemanha. A Alemanha já estava lutando por alcançar união política e econômica. Sua industrialização era impossível sem um grande mercado nacional. Margaret E. Hirst, o melhor biógrafo de List, corretamente salientou que "a situação econômica e política da Alemanha durante a vida de

96. *Ibid.* pg. 44.
97. *Ibid.* pg. 70.

List oferecia algumas evidentes analogias com a da dos Estados Unidos durante os primeiros anos de sua existência separada. Em ambos os casos havia certo número de entidades comerciais e fiscais distintas com maior ou menor independência política. Os Estados Unidos, porém, atingiram a união comercial e política desde cedo pelo estabelecimento da constituição federal; ao passo que a Alemanha teve de construir lentamente o seu *Zollverein* e não alcançou plena unidade política senão em 1871. Mas assim como a guerra napoleônica tinha dado um estímulo artificial a algumas indústrias alemãs à custa do consumidor alemão, assim também os bloqueios continentais, o Embargo de Jefferson em 1807, o Intercourse Act de 1809, e a conseqüente guerra com a Inglaterra embaraçaram grandemente o comércio internacional dos Estados Unidos, elevaram os preços e deram impulso a indústrias nacionais, que foram também auxiliadas pela retirada dos capitais dos riscos da navegação e comércio. Em seu subseqüente desenvolvimento as manufaturas americanas progrediram com o rápido crescimento da população que se espalhou sôbre vastos tratos de terra livre; ao passo que na Alemanha o movimento a favor do livre-câmbio por muito tempo superou o desejo de proteção contra a concorrência estrangeira." [98]

Mas os Estados Unidos possuíam ao mesmo tempo uma imensa extensão de terra livre, que não existia na Alemanha. Embora ambos os países fizessem em comum um esfôrço no sentido de obter independência econômica da Inglaterra, "os Estados Unidos adquiriram sua independência política separando-se da Inglaterra e unindo-se com a França, e por êsse modo — e só por êsse modo — podem adquirir sua independência econômica." [99]

Assim entrou List nos Estados Unidos em atmosfera em parte familiar. Êle foi fortalecido em suas opiniões pelo êxito da economia americana e influenciado pela abundância do espaço, dos recursos e da

---

98. *Life of Friedrich List* (London, 1909) pp. 109-110.
99. Friedrich List, *Outlines of American Political Economy* (Philadelphia, 1827), Apêndice, p. 13.

energia. A idéia das tarifas como elemento de nutrição brotou-lhe no espírito durante a sua estada na América.

Onde estavam as idéias de List? Êle as apresentou na mais eloqüente forma em seus famosos *Esboços de Economia Política Americana,* publicados na forma de cartas a C. J. Ingersoll, por êsse tempo Vice-Presidente da Sociedade de Filadélfia para Estímulo da Indústria Nacional, da qual Mathew Carey era Presidente, quando List chegou. Mesmo uma leitura superficial desta obra mostra que List não apresentou nenhumas idéias novas e originais. Raymond, Rae, Mathew Carey, Hezekiah Niles eram todos fortemente contrários às doutrinas dos clássicos inglêses; todos êles davam ênfase ao movimento nacional; pregavam todos a distinção entre a economia pública e a economia particular; favoreciam o intervencionismo; apoiavam o protecionismo; eram todos, como o próprio List, mais propagandistas do que eruditos. Mas List apresentava essas idéias em forma brilhante, com paixão fanática e com a autoridade de um professor europeu. Escrevia êle:

"A economia dos indivíduos e a economia da humanidade, como foram tratadas por Adam Smith, ensinam a maneira pela qual um indivíduo cria, aumenta e consome a riqueza em companhia de outros indivíduos, e como a indústria e a riqueza da humanidade influem sôbre a indústria e a riqueza dos indivíduos. A *Economia Nacional* ensina os meios pelos quais certa nação, em sua situação particular, pode dirigir e regular a economia dos indivíduos, e restringir a economia da humanidade, quer para prevenir restrições e poder estrangeiro, quer para aumentar a capacidade produtiva dentro dela mesma, ou, em outras palavras: Como tratar, na ausência de um Estado legítimo dentro do globo da terra, um mundo em si mesmo, a fim de aumentar em poder e riqueza a ponto de ser uma das mais poderosas, ricas e perfeitas nações da terra, sem restringir a economia dos indivíduos e a economia da humanidade mais do que o permite o bem-estar do povo." [100]

100. *Ibid.* pg. 8.

Não é de surpreender que List afoitamente empreendesse a disseminação de suas idéias econômicas, que tinha em comum com o seu hospedeiro da Pensilvânia, com quem êle se igualava no ódio não sòmente aos clássicos inglêses, mas até ao Presidente Cooper. Evidentemente os pensilvânios tinham em alta estima o professor alemão, que declarou em um discurso: "A América fará por si mesma um sistema de economia política que lhe seja próprio, e mandará os livros dos fundadores do pseudo-sistema cosmopolitano para a Abadia de Westminster da ciência, a fim de ocupar daí por diante um lugar honroso na sua história ao lado de Quesnay e seus aderentes, os quais em seu tempo também floresceram brilhantemente por um considerável período, mas foram afinal destronados por Mr. Smith e seus discípulos. Não é provável que êsse país se deixe tôlamente arrancar de sua prosperidade por nomes vazios e sistemas estéreis." [101]

Alguns dos economistas americanos da escola nacional romântica ainda hesitavam em refutar a Adam Smith, embora refutassem muito enèrgicamente as doutrinas dos seus seguidores. List declarou que os erros fundamentais de Adam Smith e companhia ainda não foram entendidos tão claramente quanto deviam.

"E' esta teoria que fornece aos adversários do sistema americano os meios intelectuais de sua oposição. E' a combinação dos pretensos teoricistas com os que se julgam interessados no pretenso livre-câmbio que dá tanta fôrça aparente ao partido oposto. Ufanando-se de sua imaginária superioridade em ciência e conhecimentos, êstes discípulos de Smith e Say estão tratando a todos os defensores do senso comum como uns empíricos cuja capacidade mental e predicados literários não são bastante fortes para conceber a doutrina sublime de seus mestres." [102]

"A economia nacional americana, conforme as diferentes condições das nações, é inteiramente diversa da economia nacional inglêsa. A economia nacional

101. Citado por Hirst, *op. cit.*, pg. 276.
102. *Outlines*, pg. 5.

inglêsa tem por objeto produzir manufaturas para o mundo inteiro, monopolizar todo o poder manufator, até mesmo à custa das vidas de seus cidadãos, manter o mundo, e especialmente suas próprias colônias, em uma condição de infância e vassalagem pelo manejo político, bem como pela superioridade do seu capital, de sua perícia e de sua marinha. A economia americana tem por objetivo estabelecer a harmonia entre os três ramos da indústria, sem os quais nenhuma indústria nacional pode atingir a perfeição. Tem por fim suprir suas próprias necessidades por seus próprios materiais e sua própria indústria — povoar um país ainda não estabilizado, atrair população estrangeira, bem como capital e aptidões estrangeiras; aumentar sua própria capacidade e meios de defesa a fim de assegurar a independência e o futuro crescimento da nação. Tem, finalmente, por fim ser livre e independente e poderosa e permitir que todos gozem à vontade do poder, da liberdade e da riqueza. A economia inglêsa é predominante; a economia nacional americana apenas aspira a tornar-se independente." [103]

Como outros representantes da corrente, List fazia distinção entre economia individual, cosmopolitana e nacional, e queixava-se de que as duas primeiras "tratam, portanto, principalmente dos efeitos da *troca de matérias* em vez de tratar da *capacidade produtora*."[104] Êle uniu-se à corrente americana que opina que "o govêrno tem não só o direito, mas também o dever, de promover tudo quanto possa aumentar a riqueza e o poder da nação, se êsse objetivo não pode ser realizado por indivíduos." [105] Êle não tinha reservas em sua admiração por êste país.

"A condição desta nação não se pode comparar com a de qualquer outra. Nunca se vira antes a mesma espécie de govêrno e estrutura da sociedade: nem uma tão geral e igual distribuição da propriedade, da instrução, da indústria, do poder e da riqueza; nem dons

103. *Ibid.*, pg. 12.
104. *Ibid.*, pg. 18.
105. *Ibid.*, pg. 10.

similares da natureza, conferindo a êste povo riquezas e vantagens naturais do Norte, do Sul e dos climas temperados, tôdas as vantagens de vastas praias marítimas e de um imenso continente ainda não dominado e tôda a atividade e vigor da mocidade e da liberdade. Não há nem nunca houve um povo que duplicasse o número de seus estados em cinqüenta anos, sobressaindo-se em tal grau de indústria, aptidões e capacidades, criando em poucos anos uma marinha e levando a efeito, em curto período, melhoramentos que em tempos idos teriam sido suficientes só por si para distinguir uma nação para sempre." [106]

Deixo de parte o problema de quanto List era devedor aos seus predecessores americanos; [107] mas êle não merece certamente o papel original que lhe é atribuído, na história dos Estados Unidos, por William Notz, que declarou que "neben Alexander Hamilton, Matthew Carey und Hezekiah Niles ist List als einer der bedeutendsten handelspolitischen Schrifsteller des ersten Viertels des achtzehnten (evidentemente devia ser "neuzenhnten"), Jahrhunderts in der Geschichte der Vereinigten Staaten anzusehen." [108]

É natural que um homem do talento de List tivesse nova expressão, novas sugestões, nova e brilhante forma — mas o vinho era o vinho velho. Êle foi influenciado por sua experiência e observações nos Estados Unidos, mas também influiu, êle próprio, mais sôbre a Alemanha do que sôbre os Estados Unidos, onde suas idéias já andavam no ar. Bruno Hildebrand, um dos

---

106. *Ibid.*, pg. 11.

107. Veja-se supra. "É difícil fugir à conclusão de que Hamilton, Raymond e Carey exerceram forte influência positiva e Cooper forte influência negativa sôbre a obra posterior de List. O seu costume de apenas mencionar outros escritores de Economia Política para criticá-los explica o seu silêncio em relação aos primeiros nomeados. Tal conclusão de modo algum afeta os méritos primaciais de List. Os argumentos para os quais Raymond e Carey apenas conseguiam despertar interêsse passageiro, revestia-os a eloqüência de List com tais atrativos, que por sessenta anos têm êles podido reger a política das nações". Hirsu, *op. cit.*, pg. 117.

108. "Friedrich List in Amerika, "in *Weltwirtschaftliches Archiv*, vol. XXI, (1925), pg. 288.

fundadores da escola histórica alemã, chamou a Alexandre Hamilton o predecessor de List e frisou inteligentemente que "was Hamilton für Amerika erstrebte, wollte List in den letzten acht Jahren für Deustschland erreichen."[109] Sua residência nos Estados Unidos influenciou e fortaleceu a formação das idéias do futuro autor do *Sistema Nacional de Economia Política*, e os *Esboços* podem ser considerados como traçado preliminar dêsse sistema. Especialmente no problema do protecionismo o Bloqueio Continental impressionou a List na Europa; o êxito material das tarifas impressionou-o nos Estados Unidos.

"Na América List aprendeu também mais completamente a importância dos meios de transporte para o fim de fortalecer os laços econômicos e políticos dos diferentes estados; e daqui voltou êle para a Alemanha para encarecer o valor do sistema ferroviário como agente de unificação da Alemanha. Aqui viu, o que não podia ver tão bem no Velho Mundo com sua rotina, que a nova unidade e fôrça nacional devia ser conquistada pelo desenvolvimento da riqueza industrial — e não era menos evidente que essa riqueza industrial dependia do crescimento da interdependência econômica e da unidade entre as diferentes partes da União Federal." [110]

Em um belo parágrafo do *Sistema Nacional*, o próprio List confessou:

"Quando mais tarde visitei os Estados Unidos, pus de lado todos os livros; êles apenas tenderiam a desorientar. A melhor obra sôbre Economia Política que se pode ler nessa terra moderna é a vida real. Lá se pode ver o deserto transformar-se em ricos e poderosos Estados; e o progresso que na Europa requer o decurso de séculos lá se realiza a olhos vistos, isto é, da condição de pura fome para a da criação de gado desta para a agricultura e da agricultura para as manufaturas e comércio. Lá se pode ver o rendimento progredir gradualmente do nada a proporções importantes. Lá

109. *Die Nationalökonomie der Gegenwart und Zukunft* (Frankfurt a M., 1848), pg. 58.
110. Sherwood, *op. cit.*, pg. 16.

o simples camponês sabe pràticamente muito mais do que os argutos sábios do Velho Mundo, como se podem melhorar a agricultura e os rendimentos; êle se esforça para atrair as manufaturas e os artesãos para sua vizinhança. Em parte alguma como ali se pode aprender a importância dos meios de transporte e seu efeito sôbre a vida mental e material do povo. Eu tenho estudado ávida e diligentemente o livro da vida real, comparando-o com os resultados de meus prévios estudos, experiência e reflexões." [111] Admitiu que: "Die stufenweise Entwicklung der Volksökonomie ist mir erst hier klar geworden." [112]

O seu papel se limita ao brilho da forma, à eloqüência da palavra e à marca professoral e européia impressa em teorias indígenas. Homem apaixonado e imaginoso, encontrou nos Estados Unidos a confirmação de algumas de suas idéias européias; absorveu como uma esponja impressões novas e ensinamentos nativos e pôde visualizar melhor que os americanos o futuro dêste país.

"Tôda a história americana dos cem anos seguintes se conterá nestas três palavras, se se tomar bem nota do que disse Jefferson — coloque-se o industrial ao lado do fazendeiro. E' o único meio de impedir que a população e o capital se retirem do Oeste. O Ohio breve será tão populoso quanto a Pensilvânia; a Indiana como Ohio; o Illinois como a Indiana. Depois êles passarão por sôbre o Mississipe; em seguida para os Montes Rochosos; e por fim voltarão sua face para a China em vez da Inglaterra. A Pensilvânia e todos os Estados orientais e centrais poderão crescer em população, na artes e ciências, na civilização e na riqueza, e a União só se tornará poderosa fomentando os interêsses industriais. Creio, senhor, que é esta a verdadeira *Economia Política Americana.*" [113] Esta passagem contém a história futura no movimento para o Oeste, que acabava de surgir nos tempos de List.

---

111. *National System* (New York, 1904), Prefácio, pg. 54.
112. *Der Internationale Handel* (Stuttgart, 1842), Prefácio.
113. *Outlines*, etc., pg. 24.

Achando-se de acôrdo com a escola romântica nacional da América, List achava-se em luta com a escola romântica contemporânea da Alemanha em matéria econômica, à frente da qual se encontrava Adam Muller. Karl Knies disse dos dois homens: "Êles são as duas faces da estátua de Jânus; a sua oposição a Adam Smith é a linha de ligação entre êles." [114]

Houve exceções e dissenções até na Pensilvânia. Mesmo no auge do primitivo protecionismo, êste Estado produziu um livre-cambista de valor, Condi Ragnet, [115] que fundou na Filadélfia em 1829 o seu *Free Trade Advocate.* Êste periódico encontrou melhor aceitação no Sul que no Norte; o seu nome foi trocado e o seu lugar de publicação transferido de cidade para cidade, mas a luta de Ragnet contra o Sistema Americano e sua defesa de um ilimitado *laissez faire* estavam em desacôrdo com os tempos.

A corrente romântica, nacionalista, otimista, protecionista e anticlássica teve sua síntese e culminância nas obras de Henry C. Carey. Não posso concordar com um recente investigador que coloca a Carey na companhia dos pioneiros literários que "expressaram uma reação viril ao ambiente econômico contemporâneo." [116] Êle representou antes o capítulo final desta corrente. Carey não possuía a profundidade, a agudeza legal e lógica, a originalidade de pensamento independente que distinguia Raymond; movia-se nas trilhas já aceitas dos escritores nacionalistas do seu período; mas resumiu-os em um sistema, embora confuso e desordenado. Ao mesmo tempo aguçou a controvérsia teórica com os clássicos e empregou ilimitado ardor em propagar as conseqüências práticas do seu sistema. Discorda de Teilhac, que acredita que a reação contra os clássicos tende a enfraquecer-se em Carey." [117] Êste foi

114. *Die Politische Oekonomie vom Standpunkte der geschichtlichen Methode* (Braunschweig, 1853), pg. 194.

115. Vejam-se umas poucas notas sôbre êste economista em M. R. Eiselen, *The Rise of Pennsylvania Protectionism* (Philadelphia, 1932).

116. A. D. Kaplan, *Henry Charles Carey. A Study in American Economic Thought* (Baltimore, 1931), pg. 27.

117. *Op. cit.,*

fortemente influenciado pelas condições e aspirações da Pensilvânia; mas a sua essência como o seu aspecto eram declaradamente urbanos, industriais e nacionais e não justificavam a designação de economista pensilvânio antes que nacional, a qual lhe foi dada por Cliff-Leslie. [118] Carey não sofria de provincialismo estreito. Seus escritos foram volumosos, não obstante o fato de que a sua primeira publicação não veio a lume senão em 1835, quando já contava 42 anos de idade. "Treze volumes em oitavo e 3000 páginas de panfletos subsistem como fruto de sua atividade, além de uma quantidade de matéria, que se computa como o dôbro disso, contribuída por êle para o jornalismo" — tal é o cálculo de Dunbar. [119] Publicou cinqüenta e sete panfletos sôbre problemas da atualidade.

O *Essay on the Rate of Wages*, de Carey, publicado em 1835, foi seguido por *The Harmony of Nature*, em 1836 (por êle retirado da circulação), *The Principles of Political Economy*, em 1837-1840, o *Past, Present and Future*, em 1848, *The Harmony of Interests*, em 1852, *Principles of Social Science*, em 1858-59, (abreviados no *Manual of Social Science* em 1864) e *Unity of Law*, em 1872, para só mencionar suas obras maiores. Os seus *Principles of Social Science* foram a publicação que despertou forte interêsse europeu no Sistema Americano. A obra continha pràticamente tôda a sua filosofia social.

Carey misturava os métodos em seu raciocínio. As discussões filosóficas e aspectos sociológicos se entrelaçavam com cálculos estatísticos e ilustrações históricas. Seu horizonte era largo e sua perspectiva era vasta, lembrando às vêzes Adam Smith. O último epígono da escola assim descreveu o método de Carey: "O seu método consiste em apanhar uma massa de ilustrações heterogêneas tiradas de todos os climas e séculos e agregadas a fim de provar doutrinas preconcebidas. Não hesita em atravessar o mundo da América até a Índia, ou a história desde o presente até Adão, para

118. *Op. cit.*
119. Artigo sôbre Carey em *Palgrave's Dictionary.*

extrair ilustrações que lhe parecem reforçar sua doutrina. É a Sociologia Histórica em sua forma mais crua, mas ao mesmo tempo era de muito valor, porque servia de base às doutrinas protecionistas que então se desenvolviam." [120]

Carey acreditava na harmonia do mundo e tomou por divisa da tradução alemã autorizada dos seus *Princípios de Ciências Sociais*, o dito de Kepler: "O edifício do mundo é um todo harmonioso." O otimismo da escola romântica, fortalecido pelas realizações da economia americana, culminou nos ensinos de Carey. As suas idéias de harmonia consistiam em dar ênfase à necessidade de cooperação paralela e o desenvolvimento complementar da agricultura diversificada, do comércio e indústria, e em uma crença quase religiosa de que êsse desenvolvimento conduziria à paz social. O argumento de Hamilton quanto às vantagens sociais de uma indústria diversificada encontrou nova interpretação por parte de Carey. Dá importância, como o faz List, à influência civilizadora das manufaturas e comércio. Afirma que a América seria um país estúpido, bárbaro e desinteressante, se todos os americanos se dedicassem à agricultura; e a própria agricultura se veria em má condição, visto que os produtos da terra não encontrariam então mercado conveniente.

Não é correto classificar Carey como um mercantilista limitado, como o seu contemporâneo alemão Adolf Held fêz em defesa da escola inglêsa.[121] Livre-cambista e adepto do *laissez faire* em sua primeira obra, concentrou o seu ataque contra a teoria do salário, de

120. Simon N. Patten, *The Reconstruction of Economic Thought* (Philadelfia, 1912), pg. 32.

121. "Carey's neue Lehre ist nämlich grossentheils nur ein etwas beschnittenes Merkantilsystem. Das Streben nach industrieller und commercieller Uebermacht über andere Nationem ist allerdings äusserlich weggefallen und wird sogar wie jeder Monopolgeist eifrig bekämpft. Aber es war dies schon bei manchen von den alten Merkantilisten mehr auf die industrielle Selbständigkeit reduziert worden, und nichts Anderes als letztere ist Carey's lokale Attraktion, sein Beisammenwohnen des Ackerbauers und Handwerkers: zugleich ist ein gewisser eifersüchtiger Neid auf das mächtige England nicht zu verkennen, obwohl seine Macht nicht als Glück sondern als Blendwerk geschildert wird,

Senior, e opôs-se a Malthus. Em seus *Princípios de Economia Política* é francamente contrário à "Escola Britânica" como tal, e em seus *Princípios de Ciências Sociais* resumiu suas "descobertas" e seu "sistema". A *Harmonia de Interêsses* é a obra mais estatística de Carey, na qual apresentou um estudo dos resultados do protecionismo nos Estados Unidos e considerou uma tarifa protecionista como o melhor meio de abolir a escravidão legal e real.

A luta de Carey contra os clássicos concentrou-se na tradição da corrente romântica sôbre Malthus e Ricardo. Aprovava e admirava Adam Smith. O ódio aos pessimistas inglêses é compreensível da parte do otimista americano crente na harmonia social. J. W. Jenks frisou que "in allen grosseren Werken Careys fident man Malthus und Ricardo oft gennant und häufig mit einem Hass, einer Verachtung, als ob sie Verbrecher oder Gottesleugner wären." [122] Carey insiste em dizer que "o sistema de Ricardo é um sistema de discórdia; cria hostilidade entre as classes: o seu livro é um manual para demagogos que procuram alcançar o poder pela distribuição do solo, pela guerra e pela pilhagem." [123]

A prova das suas teorias e filosofia, Carey tirou-as das condições americanas. Os clássicos — "a escola britânica", como êle a chamava — eram a fonte negativa de sua inspiração. Êle era antifrancês (a sua luta de prioridades com Bastiat é bastante conhecida para precisar de discussão). Mas o Princípio de Associa-

---

ähnlich wie ihr schon Genovesi den Untergang prophezeit. Merkantilistisch sind ferner bei Carey die Schutzzölle als Mittel zur Erreichnung eines blühenden Zustands und der Hinweis auf die Notwendigkeit von Regierungsmassregeln statt des reinen *laissez-faire et passer*. Endlich entspricht die Ueuberschätzung der Nachfrage ganz derjenigen Entwicklung, welche das Merkantilsystem zuletzt genommen hatte.

"Hätte Carey seine Ideen consequent bis zum Aeurssersten durchgeführt, so wäre er zu etwas Aehnlichem gekommen, wie Fichte mit seinem geschlossenen Staat." *Carey's Socialwissenschaft und das Merkantil system* (Wurzburg, 1866), pg. 163.

122. *Henry C. Carey als Nationalokonom* (Jena, 1885), pg. 104.

123. ***Past, Present and Future*** **(Philadelphia, 1848), pg. 74.**

ção que êle proclamou estava em harmonia com as vagas do mundo do são-simonismo. Geralmente falando, Carey apreciava mais as correntes alemãs e predisse a liderança econômica da Alemanha. Mas, a despeito de uma semelhança de vistas, Carey não deveu sua inspiração a List, embora estivesse familiarizado com os seus escritos e os citasse.

Carey tornou-se um patriarca em virtude de sua idade (viveu êle de 1793 a 1879) bem como de sua influência. Forneceu o elemento organizador da economia americana. O famoso "Carey's Vespers" foi tão importante na discussão e desenvolvimento do pensamento americano no seu período, como o fôra "Ricardo's Breakfasts" na Inglaterra; mas não se tornou no solo americano um eqüivalente do histórico Clube de Economia Política em Londres. Dunbar predisse que "não se encontrará muita coisa da obra de Carey na economia política do futuro." [124] Mas, se houve jamais uma escola americana de ciências econômicas, Carey foi o seu chefe.

Sua principal influência foi sôbre a Economia Política e a Legislação. Livre-cambista em sua primeira publicação, tornou-se o mais distinto e incansável defensor do protecionismo. Colaborou com Horace Greely, e por quase uma década foi o redator virtual da *Tribuna* em todos os assuntos relativos às tarifas. E também os industriais americanos têm uma grande dívida para com Henry Carey. O seu idealismo atraiu figuras tão opostas como Wendell Phillips e Peter Cooper.

Menos extensa, mas não menos apaixonada, foi a luta de Carey contra as doutrinas monetárias ortodoxas. Em harmonia com o espírito da fronteira e de acôrdo com os interêsses dos industriais necessitados de apoio financeiro, estendeu êle a sua guerra contra os clássicos inglêses, contra os negócios bancários e tradições e doutrinas sôbre moeda corrente dos inglêses. Afirmava que os princípios de Lombard Street não correspondiam às necessidades dos Estados Unidos. Consi-

---

124. *Op. cit.*, pg. 15.

derava o Banco da Inglaterra como um sistema errado e falso, e pregava a liberdade bancária e papel-moeda. A influência de Carey pode encontrar-se na *greenback propaganda* de 1878, no *Silver Bill* etc.. Não é estranhável que os seguidores americanos dos clássicos inglêses se opusessem tenazmente a Carey.

Carey visitou a Europa três vêzes, em 1825, 1857 e 1859; tomou parte em conferências econômicas e teve contatos pessoais com John Stuart Mill, Humboldt, Cavour, Liebig, Ferrara, Chevalier, Eugen Duhring, Max Wirth, Schultze-Delitzsch, e muitos outros. Manteve correspondência regular com um número excepcionalmente grande de contemporâneos proeminentes. Seus livros foram traduzidos em quase tôdas as línguas importantes, foram citados por Mill, influíram sôbre Bastiat e sua escola, Baudrillart e Pass, e foram publicados por Ferrara.

Os alemães retribuíram com entusiasmos os sentimentos pró-germânicos de Carey. Wilhelm Roscher e Karl Knies o mencionaram; Held dedicou-lhe um estudo especial; Lange examinou suas tendências sociais, e assim por diante; mas Carey encontrou o seu campeão na pessoa de Eugen Duhring, que o chamou "fermento do mais forte."

"Sein System", escreveu êle, "welches die originellste Erscheinung seit Adam Smith's grosser Leistung ist, darf nicht mehr bloss als ainseitige Volksrtschaftslehre betrachtet werden. Es ist eben eine Sozialwissenschaft und zwar in der strengsten Form, also sehr weit davon entfernt den träumerischen Conceptionen der Sozialisten irgendwie zu huldigen. Dagegen ist es von jenen menschenfreundlichen Instinkten getragen, deren Bedeutung wir in jeder grossen socialen Propaganda anerkennen, und die wir selbst in den am meisten chimärischen Ausgeburten des noch träumenden Socialismus ehren müssen." [125]

Gustav Schmoller dedicou diversas páginas a Henry Carey em sua revista do livro de Jenkes sôbre êle. O

---

125. *Carey's Umwalzung der Volkswirtschaftslehre und Socialwissenchaft* (München, 1865).

seu veredicto foi: "Er ist offenbar ein Mann von seltener Begabung, ober ohne Schule, ohne Bildung, ohne Zucht und Ordnung der Gedanken." [126]

As idéias de Carey foram um exemplo da exportação do pensamento americano em larga escala. A maior parte dos representantes da escola nacional romântica americana nunca foram devedores à Europa, mas Carey foi seu credor. Foi não sòmente um elemento organizador no desenvolvimento do pensamento econômico americano, mas também o único que podia ter a pretensão de haver formado uma escola; até a década de 80 para 90 do século XIX sua influência é claramente observada. Na Pensilvânia, E. Peshine [127] Smith seguiu cegamente o seu mestre e esforçou-se por construir um sistema verdadeiramente americano de Economia Política; a êste grupo pertenceu Charles Nordhoff, Stephen Colwell, que publicou a tradução do Sistema Nacional de List. [128] William Ellis Thompson e vários outros.

A escola de Carey teve alguma repercussão mesmo no norte, onde Calvin Colton, em sua *Economia Política para os Estados Unidos,* se esforçou "para construir um sistema de economia para êste país e mostrar até onde os princípios dos economistas europeus são inteiramente inaplicáveis aqui." [129] Frisou o ponto-de--vista relativista: "A primeira coisa que devemos notar é a nossa definição do assunto: *A Economia Política é a aplicação derivada da experiência a uma dada posição, a dados interêsses e dadas instituições de um estado ou nação independente, para o aumento da riqueza pública e particular.*" [130] Do seu ponto-de-vista, "a doutrina do livre-câmbio tinha assumido a posição e afirmado as prerrogativas de proposições uniformes em todos os lugares e tempos; e de cujas deduções, uma vez admitida a pretensão, não havia apêlo. Mas a sua pre-

126. *Op. cit.*, pg. 110.
127. *Manual of Political Economy* (Philadelphia, 1853); mais tarde traduzido em francês.
128. Philadelphia, 1856.
129. New York, 1856, pg. 18.
130. *Ibid.*, pp. 26-27 (Italics his.)

tensão de ser colocada entre as ciências era um escudo roubado." [131]

Colton considerava o protecionismo não como "restrição, mas como "emancipação", [132] um sistema protecionista americano, uma libertação de taxação estrangeira". [133] E' característico da Nova Inglaterra o elemento teológico em suas opiniões. "O govêrno das instituições dos Estados Unidos, como vimos, veio à existência na base da política protecionista, foi gerado por ela. Esta política era o gênio nativo do povo, o natural desenvolvimento de sua posição, de suas lutas e de suas originais e subseqüentes relações.

Era uma necessidade que lhes fôra imposta pela Providência e da qual não podiam escapar impunemente." [134]

Francis Bowen da Universidade de Harvard chamou ao seu tratado *Economia Política Americana.* [135] Repetiu o relativismo teórico e aprovação de Colton à política protecionista.

"A situação dos Estados Unidos é tão especial, que argumentos tirados da experiência européia para orientar a legislação americana tendem a ser inteiramente falazes e falhos. Podemos com mais proveito buscar uma lição no outro lado do globo habitável, isto é, na Índia Britânica. Lá encontramos uma deficiência de capital, uma abundância de território fértil, um conseqüente excesso de produtos da agricultura, e uma carência daquela perícia em manufatura que só se pode obter por longa experiência e sob uma estrita política protecionista, tal como a de que a Inglaterra tem gozado por quase dois séculos; tôdas essas circunstâncias nos lembram vivamente os aspectos correspondentes em nossa condição." [136]

Bowen opunha-se a "tôda ciência da economia política inglêsa, bem como às suas três principais teorias:

---

131. *Ibid.*, pg. 17.
132. *Ibid.*, pg. 180.
133. *Ibid.*, pg. 381.
134. *Ibid.*, pg. 40.
135. New York, 1856; usei a edição de 1870.
136. *Ibid.*, pg. 488.

à de Adam Smith relativa ao livre-cambismo; à de Malthus em relação à população, e à de Ricardo com referência à renda. Elas se entrelaçam intimamente umas às outras; e uma cabal apreciação do misto de verdade e falsidade nelas contido tenderia a libertar a ciência do seu caráter local inglês e adaptá-la à aceitação e utilidade universais." [137] As condições na América eram diferentes — e êle declarou caracteristicamente em relação à corrente nacional romântica que "aqui na América precisamos duma economia política americana, adaptando-se os princípios da ciência ao que é especial em nossa condição física, instituição social e empreendimentos industriais." [138] Bowen manifestou também um forte elemento teológico que era tão familiar aos economistas da Nova Inglaterra. Declarou que "a sociedade é uma máquina delicada e complexa, cujo verdadeiro autor e governador é divino." [139]

Bowen seguiu a escola nacional romântica em problemas monetários. E aconteceu que êste fato foi a causa da nomeação de Dunbar para Harvard, visto que Bowen expôs "idéias que lhe eram próprias e que não eram aceitáveis aos personagens mais influentes nos negócios de Harvard. [140]

---

137. *Ibid.*, pg. 152.

138. *Ibid.*, Prefácio, pp. IV-V.

139. *Ibid.*, pp. 18-19.

140. "Era a própria associação de Economia Política (como era ainda então chamada) com o assunto mais amplo que provàvelmente tenha alguma relação com a nomeação de Dunbar e com a completa mudança frontal que implicava. Nos anos anteriores a matéria tinha sido ensinada no Colégio do Professor francês Bowen (A. B. 1833), erudito de grande valor e mestre acabado do velho tipo. Seu livro sôbre a Economia Política Americana, ora esquecido, foi em seu tempo uma obra intelectual de não somenos valor. Caráter independente e um tanto obstinado, expôs êle inflexìvelmente idéias próprias que eram bem acolhidas por personagens das mais influentes nos negócios de Harvard. Êste foi o período *greenback*, em que ia acesa a luta de homens do *hard money* e os do *soft money*.

Bowen, conquanto conservador em quase todos os assuntos, aliou-se com os homens do *soft money* ao ponto de defender o pagamento da dívida nacional, não em ouro ao par, mas com considerável desconto — proposta que se afigurou escandalosa aos

Mas a todos os sequazes da escola nacional romântica, tanto na Pensilvânia como na Nova Inglaterra, faltava a vibração, a sinceridade e o ardor para uma ampla generalização de Henry C. Carey. Esta corrente sofreu um declínio depois dêle; perdeu sua importância em aplicação prática, visto que já não era mais necessário pregar o industrialismo e protecionismo. As principais idéias dos economistas industriais e dos homens da fronteira tornaram-se os lugares-comuns da política econômica. Suas idéias transformistas tornaram-se geralmente aceitas e dominantes.

* * *

A escola romântica nacional foi a corrente mais poderosa, mas não a única, em favor da transformação da sociedade econômica em existência. Havia outras fontes de oposição aos aderentes do *statu quo*, refletindo os ensinamentos conservadores e pessimistas dos clássicos e professando crença no sonho americano. Os transcendentalistas da Nova Inglaterra, os pioneiros do socialismo e os sonhos utópicos do homem comum representavam diferentes aspectos de dissentimento, de protesto contra o princípio de conservação.

Um economista não deve exagerar a influência do transcendentalismo no desenvolvimento do pensamento econômico americano. Parrington, habitualmente sóbrio em seus julgamentos, exagerou sua influência nas brilhantes páginas que dedicou a êste movimento.

"A renascença da Nova Inglaterra, escreveu êle, foi tardia em seu aparecimento e de breve duração; contudo, nos curtos anos de seu extraordinário vigor impri-

---

ortodoxos. Dunbar fôra por muitos anos editor do *Boston Daily Advertiser*, e, como tal, tratara da questão monetária com sagacidade e discernimento, bem como com os laivos conservadores que lhe assinalaram a subseqüente carreira acadêmica. Bowen não podia ser pôsto de lado; mas a nomeação de Dunbar serviu ao propósito de pôr o ensino da Economia Política em mãos que se reputavam seguras." F. W. Taussig, Economics, 1871-1929, em *The Development of Harvard University*, Samuel Eliot Morison, editor (Cambridge, Mass., 1930), pp. 187-188.

miu à vida americana um estímulo que os historiadores não têm exagerado grandemente. Estamos agora bastante distanciados dêle para ver que foi o último florescimento de uma árvore que estava morrendo nas raízes; mas na tumultosa década de 1830-40 parecia ser um renascimento da mentalidade nativa da Nova Inglaterra abrindo-se para novos mundos e grandes aventuras. Embora suas profecias recebessem pouca atenção em seu próprio lar, e não fôssem ouvidas nas vastas extensões do Oeste onde os homens estavam demolindo e edificando em planos inteiramente diversos dos que estavam sendo traçados pelos arquitetos de Concord, a sua significação na evolução do idealismo americano — a marca ética que êle estampou na cultura americana — sobreviveu até muito depois de esgotada a sua fôrça. Foi a última e sob certos aspectos a mais brilhante das várias tentativas para aclimatar na América o pensamento romântico da Europa revolucionária; e, com o seu desaparecimento, a civilização neste mundo ocidental caiu nas mãos de outra estirpe de homens que a moldaram a seu bel-prazer." [141]

"Rejeitando o inferno de seus pais, êles (os transcendentalistas) tornaram-se os mais zelosos em fazer dêste mundo um céu; e, embora o ianque, mais prático, fôsse cético em relação aos seus planos e não consentisse que convertessem Boston em uma Utopia transcendental, êles conseguiram criar uma agitação tal como a Nova Inglaterra nunca antes havia conhecido. Ao menos por um breve tempo as idéias liberais foram benvindas em lares onde até então haviam sido estrangeiras; por breve tempo foi o intelectual e não o comerciante quem dominou na Nova Inglaterra." [142]

Precisamos examinar retrospectivamente êste período. Os brâmanes estavam no poder. State Street dominava financeiramente, Back Bay dominava socialmente, Cambridge dominava intelectualmente. A vanguarda permanecia inalterada. Mas nos arredores de Boston — em Concord, em Roxbury — os esforços eram

---

141. V. L. Parrington, *op. cit.*, vol. II, pg. 271.
142. *Ibid.*, pg. 274.

vigorosos e penetrantes. Quase todos os transcendentalistas eram clérigos, da escola unitária, não filósofos profissionais. O transcendentalismo era econômicamente não um movimento, mas um jôgo intelectual; não era uma explosão de romantismo, porém uma expressão de sentimentalismo ético em harmonia com o idalismo històricamente herdado dos puritanos. O *Sehnscht* alemão — ou mesmo *saudade*, a mais intraduzível das palavras portuguêsas — era mais característico dêle do que *Sturm und Drang*. A influência alemã era, antes, de Tieck e Novalis, do que de Goethe, a despeito da afirmação de Hamilton, quando mais tarde se referiu ao renascimento intelectual da Nova Inglaterra, que "Goethe foi a vaca de quem tiraram o leite." Mesmo Emerson, o mais realista do grupo, tinha em si próprio certo misto de Tolstoi e Ruskin.

As idéias transformistas desta corrente eram antes de fuga que de ação — fuga entre as paredes da biblioteca, fuga na solidão de Walden, fuga em Brook Farm. Os transcendentalistas fizeram companhia ao resto do país em seu vigoroso otimismo da década 1830-40, mas o seu ótimismo era abstrato e incorpóreo. Não estavam êles em harmonia com o seu século em sua recusa de glorificar o progresso industrial, em suas idéias de volta-à-terra, nos remanescentes de rousseauísmo tão claramente sentidos em suas vidas e escritos. Emerson, por exemplo, francamente preferia uma sociedade agrária, e declarava que "o homem deve ter uma fazenda ou um ofício mecânico para sua cultura". Alguns dos transcendentalistas eram severos críticos do crescente industrialismo, críticos em teoria e críticos em experimentação.

Thoreau, com a sua filosofia do individualismo corrente no século XVIII, deplorava o desenvolvimento da indústria têxtil em a Nova Inglaterra, com os seus multiplicados bilros e crescente proletariado, e deplorava a existência de um sistema que facultava lazeres vulgares para os mestres à custa da escravidão dos seus operários. Mesmo depois da introdução da Fourier Phalanx, Brook Farm conservou o seu caráter sentimental e antiindustrial, e, com a exceção de William H.

Channing e, talvez Riplay, não era socialista. Parrington tem razão em definir *Walden* como "o manual de uma economia que se esforça para refutar Adam Smith e transformar a ronda da vida diária em alguma coisa mais nobre que um mesquinho evangelho de *mais e menos* (plus and minus)".[143] Thoreau em seu *Walden* insistentemente afirmava que "agir coletivamente é agir de acôrdo com o espírito de nossas instituições."

* * *

Brook Farm foi o ponto de ligação do domínio das comunidades utopistas americanas. Como tentativa de escapar da verdade e experimentação na transformação da vida econômica, não foi um caso isolado. Estava em tom e em harmonia com as numerosas experiências sôbre o solo americano, começando com as bem conhecidas comunidades religiosas. O traço comum de tôdas as comunidades utopistas da América — comunistas, socialistas, anarquistas ou cooperativas — era o temor do presente e a antecipação dos horrores futuros da industrialização invasora. Algumas delas aceitaram seus aspectos tecnológicos; outras voltaram à terra, às formas primitivas da vida; mas tôdas elas representaram tentativas isoladas dum colorido sentimental e ético, por vêzes com um forte ressaibo teológico. Êstes traços não eram estranhos mesmo às comunidades mais pràticamente orientadas e que foram organizadas sob a influência de Robert Owen.

Houve nos Estados Unidos durante o século XIX algumas centenas de comunidades, com centenas de milhares de membros, existindo ainda agora algumas delas (principalmente as comunidades religiosas e sectárias mais ou menos bem sucedidas). Se omitirmos as comunidades puramente religiosas, poderemos dizer que a primeira metade daquele século foi o período da formação de comunidades coletivistas nos Estados Unidos.[144]

---

143. *Op. cit.*, vol. II, pg. 400.
144. Sua história tem sido descrita muitas vêzes. Veja-se J. H. Noyes, *History of American Socialism* (Philadelphia, 1870);

Eram principalmente de origem estrangeira, consistindo de multidões heterogêneas, enfrentando agruras e vivendo vida curta. Os Estados Unidos, que são uma experiência em si mesmos, um protesto contra o antigo regime e o Velho Mundo, foram sem dúvida um campo fértil para esta experiência. Sua ideologia foi importada da Europa; sua aplicação prática foi tentada em solo americano.

O período de 1825 a 1830 presenciou às comunidades de Owenite. O período de descontentamento nas décadas de 1830 a 1850, especialmente depois de 1837, foi de um apaixonado filosofar, especialmente favorável para as experiências ecarianas e de Fourier. O momento subjetivo foi criado pela onda de imigração européia de vítimas políticas sofrendo das conseqüências de uma série de revoluções. As três décadas anteriores à Guerra Civil viram a elevação e a queda do "utopismo aplicado", como lhe chamou Noyes, tentativas para realizar no continente de terras baratas as idéias de Cabet, Fourier e outros. Indiana, Ohio e Tennessee eram o campo de atividades das comunidades de Owen; Wisconsin e Tennessee, do *fourierismo;* Texas, o dos *icarianos.* Êste movimento brotou de várias fontes, assumindo em tempo uma variedade de formas e sendo guiado por diferentes ideais, mas continuamente nutrido de teorias de origem européia.

As idéias de Owen sôbre organização cooperativa eram prematuras para os Estados Unidos, com seus vastos espaços e movimento de fronteira apenas em comêço e sua carência de labor. As tentativas *fourieristas* e *icarianas* foram ainda menos afortunadas. As possibilidades ilimitadas foram responsáveis pelo fato de que a verdadeira utopia americana dêsse tempo residia no industrialismo, movimento de fronteira e forma capitalista da vida econômica. O verdadeiro Yankee Brook

---

W. A. Winds, *American Communities* (Oneida, N. Y., 1878); Charles Gide, *Communities and Cooperative Colonies,* tradução do francês (New York); Charles Nordhoff, *The Communistic Societies of the United States* (New York, 1875). Mas o tópico ainda espera por um investigador paciente que nos ofereça estudo definitivo dêstes interessantes experimentos.

Farm e as revoltas de Walden com todo o seu sentimentalismo idealista protestando contra o crescente industrialismo e suas tentativas de fuga, não foram mais bem sucedidos, mas permaneceram como uma querida possessão da Nova Inglaterra, depois de terem sido ridicularizadas no tempo de sua atividade.

Exceto quanto a Brook Farm, o fundo ideológico das experiências em transformação não desabrocharam por êsse tempo em um forte movimento nos Estados Unidos. Afora Albert Brisbane, Park Goodwin e Horace Greeley, não tinha nenhum representante de valor. Assim como os clássicos inglêses eram arremedados e suas idéias repetidas por seus sequazes americanos, assim os socialistas e utopistas americanos da primeira metade do século XIX copiaram os seus inspiradores europeus.

Charles Sotheran esforçou-se por descobrir as fontes indígenas do socialismo americano. Referiu-se ao índio aborígine; exagerou a importância de Thomas Skidmore,[145] cujos ensinamentos, considerados por êle socialismo americano "puro e simples", foram formulados e publicados em *New York City* por um americano ao tempo em que Karl Marx contava onze anos de idade, e Ferdinand Lasalle era uma criança de quatro;[146] Sotheran sustentava que "sôbre os princípios fundamentais daquele primitivo socialismo americano se ergueram mais tarde Horace Greeley, Albert Brisbane, Park Godwin, George Ripley e os socialistas fourieristas, todos os quais reclamavam da sociedade a cura de seus erros econômicos e pugnavam pela abolição da escravidão dos bens móveis e da escravidão do salário";[147] frisou que "o socialismo, longe de ser uma importação estrangeira comparativamente recente para êste país, como se acredita popularmente e ilusòriamente, é realmente menos europeu em origem do que americano em desenvolvimento evolutivo."[148]

145. *The Rights of Man to Property* (New York, 1820).
146. Sotheran, *op. cit.*, pg. 102.
147. *Ibid.*, pg. 102.
148. *Ibid.*, pg. VIII.

O terreno ainda não estava preparado para o socialismo americano. Como veremos mais tarde, os traços peculiares do desenvolvimento americano retardaram as idéias e movimentos socialistas neste país, e êstes elementos retardantes estavam vivos durante quase todo o século XIX.

O único socialista americano de mérito foi Albert Brisbane. São-simonista a princípio, fourierista mais tarde, estudou êle em Paris e Berlim e foi assíduo visitante do famoso Salão de Frau Varnhagen von Ense em Berlim. A depressão que se seguiu à destruição do Banco dos Estados Unidos deixou especuladores com vastos tratos de terra; chusmas de artesãos desempregados nas cidades estavam sonhando com as delícias rurais e recordando a falácia de que na terra nunca se passa fome. Esta combinação fêz com que se disseminasse a propaganda de Brisbane. Sua obra principal foi a exposição dos postulados de Fourier sob o título de *Destino Social do Homem,* ou *Associação e Reorganização da Indústria.* [149]

Albert Brisbane apresentou-se com a sua americanização do esquema de reorganização social de Charles Fourier. Brook acolheu-o e experimentou-o. Horace Greeley tornou-se um de seus mais apaixonados aderentes e tornou-se diretor da *North American Phalanx* e Presidente da Sociedade Nacional de "Associationists", e seu mais valoroso propagandista e orador. O biógrafo de Greeley, James Parton, afirmou que "em cálculo aproximado, êle escrevera e publicara, durante sua longa carreira editorial, matéria suficiente para encher cento e cinqüenta volumes como êste; e seus escritos, quer tenham ou deixem de ter quaisquer outros méritos, têm a peculiaridade de serem *legíveis,* e *lidos.* Êle teve, além disso, oportunidade de se dirigir ao maior número de pessoas que qualquer outro editor ou homem [150]

Horace Greeley, o Dom Quixote americano daquele período, foi o traço de ligação entre os sonhadores utópicos do socialismo e os políticos realistas. Tipica-

149. Philadelphia, 1840.
150. *The Life of Horace Greeley* (New York, 1858), pg. 421.

mente americano por fora, largamente popularizado em todo país por inumeráveis caricaturas, apresentava uma espantosa mistura e confusão de idéias, ao mesmo tempo que uma apaixonada devoção à propaganda e zêlo por aplicação imediata. Declarou-se socialista, fourierista, ofereceu a Brisbane uma coluna semanal na *Tribuna* sôbre o socialista utópico; publicou a revista *O Futuro*, de Brisbane, dedicada à explanação dos planos de Fourier, viveu em têrmos de amizade com Margaret Russell. Karl Marx foi o principal correspondente europeu da *Tribuna;* mas Henry C. Carey foi a sua autoridade e o seu colaborador nos problemas correntes da vida econômica americana. Greeley dedicou seus *Ensaios Destinados a Elucidar a Ciência da Economia Política*[151] *"À Memória de Henry Clay"*.

O socialismo de Greeley, tanto teórico como prático, era de um tipo ético, sentimental e idealista, combinado com uma ardente propaganda que êle aplicou às suas idéias um tanto instáveis e mutáveis. Segundo Sotheran, era um socialista cristão, socialista trabalhista, socialista agrícola e socialista de Estado. A sua feição principal era a curiosidade intelectual. Mas em suas opiniões sôbre economia política geral, Greeley estava de acôrdo com a escola romântica nacional, embora sua argumentação fôsse por vêzes diferente. Considerava a política do *laissez faire* como "política suicida". Preferia tirar ilustrações "de nossa história nacional, principalmente daquela parte em que há muitas testemunhas vivas."[152] Era inteiramente favorável ao protecionismo como um meio para melhorar o salário, correspondendo às pretensões do movimento trabalhista do seu período e proclamava que a agricultura e a indústria são complementares, e que o govêrno deve fomentar as "indústrias nascentes". "O protecionismo é o caminho mais curto para o livre-câmbio".[153]

As idéias agrárias de Greeley influenciaram em sua propaganda de juros módicos e sua defesa da *Homestead Law* como meio de dar a todos um quinhão do

---

151. Boston, 1870.
152. *Op. cit.*, Prefácio, p. IX.
153. *Tribune*, 23 de janeiro de 1851.

solo. Foi esta a sua reação ao movimento agrário do seu tempo. O próprio Greeley lançou-se com entusiasmo no grande movimento agrário das décadas de 1840 a 1860, movimento para democratizar a política da terra nacional que resultou no *Homestead Act* de 1862. Greeley era filho e produto do seu tempo. Não sòmente aconselhava aos outros — "Moço, vá para o Oeste "— mas os acompanhou eventualmente em sua jornada.

Politicamente, Greeley e a sua *Tribuna* foram poderosa influência na organização dum novo Partido Republicano. Deram cunho idealista a muitos de seus princípios e levaram o partido a apoiar algumas porções da classe operária. Foi por êsse tempo que Whittier escreveu as canções de campanha do partido, e Lowell trasladou suas doutrinas para a poesia. Uma das numerosas contradições e ironias da atividade de Greeley é que, sendo jeffersoniano em espírito, socialista por autodeterminação, aderente da escola nacional romântica em sua Economia Política, foi também quem supriu a ideologia dos primeiros esboços do G. O. P.

* * *

A nossa revista das principais correntes do pensamento econômico americano anteriormente à Guerra Civil mostra que os princípios fundamentais de conservação, representados no solo americano pelos eruditos seguidores dos clássicos inglêses, encontraram aqui forte oposição. Mas, ao passo que o classicismo era uniforme, a idéia de transformação foi apresentada por diferentes correntes e teve vários matizes, esquemas e aspectos. Homens do povo, economistas que se fizeram por si mesmos, idealistas sentimentais, dissidentes intelectuais, industriais e homens da fronteira, operários e agricultores, com diferentes pontos-de-vista e com aspirações e desejos distintos, estavam combatendo os aderentes do princípio de conservação. A fronteira não civilizada adquiriu uma originalidade nativa sua, própria, ao passo que o litoral permaneceu imitador. A oposição foi especialmente forte nos estados centrais e no Oeste. A batalha foi ganha na Guerra Civil quando se criou uma América industrial unida.

V

A AMÉRICA INDUSTRIAL

A moderna história econômica dos Estados Unidos começa no período após a Guerra Civil, com a revolução econômica do terceiro quartel do século XIX. Na primeira metade do século, "dois mundos diversos se estendiam no mapa da América continental. Olhando em direções opostas e nutrindo diferentes credos, êles não caminhariam fàcilmente juntos nem se alegrariam com o jugo que os unia. A América agrícola, atrás da qual ficavam dois séculos e meio de experiências, era um mundo descentralizado, democrático, individualista, suspeitoso; a América industrial, atrás da qual ficavam apenas meia dúzia de décadas de agitadas experiências, era um mundo centralizador, capitalista, feudal, ambicioso. Um dêles era um sistema decadente, o outro, um sistema nascente, e entre êles haveria fricções até que um se assenhoreasse do outro."[1] A Guerra Civil trouxe a decisão. Em 1860, pela primeira vez na história americana, a produção das fábricas, moinhos, oficinas e minas excedia em valor à das fazendas. Em 1882 os Estados Unidos importaram algumas centenas de milhares de toneladas anualmente; dentro de dez anos exportavam quinze mil toneladas.

A nova e abundante prosperidade "apoiava-se numa expansão das facilidades de transporte como o país nunca antes tinha conhecido. A década de 1850 a 1860 viu surgir as linhas de um sistema nacional de transporte e comunicação. Rudimentares como podem parecer êsses esforços a uma geração mais adiantada, prefiguravam o miraculoso encurtamento de distâncias dos anos posteriores à Guerra Civil. Antes de 1850, os

---

1. V. L. Parrington, *op. cit.*, vol. III, pg. 7.

meios de viagem e transporte consistiam em grande parte em curtas linhas de trilhos esparsos, alguns canais, rios navegáveis e estradas mal construídas."[2]

Foi verdadeiramente notável a rapidez com que a indústria se restabeleceu depois da Guerra Civil. Isto se produziu em grande parte pela remoção de tôdas as barreiras ao comércio interestadual e pela rápida extensão dos sistemas ferroviários que culminaram nas grandes linhas transcontinentais. Havia em 1860 30.000 milhas de estradas de ferro, 52.000 em 1870, 166.000 em 1890, e 242.000 em 1910. A população do país dobrou no decurso da vida de uma única geração entre 1870 e 1900. William E. Dodd afirmou que "o povo dêsse país não constituiu uma nação senão depois do têrmo da Guerra Civil em 1865."[3] Em todo caso, a nação de 1865 diferia manifestamente da que existia anteriormente à Guerra Civil.

Diferia primeiro de tudo em escala; o elemento de "grandeza" estava começando a aparecer na economia americana: era o momento da produção em massa. Foi o grande período não sòmente de construção urbana, mas também de um crescente espírito urbano que se opunha ao romantismo americano e reclamava realismo. O século dos grandes negócios, com suas lutas, escândalos e intrigas, era pitoresco e até dramático sem cavaleiros armados. Independentemente de nossa atitude para com os heróis e vilãos dêsse período, "esboçar o cenário americano que se desdobrou entre a Guerra Civil e o fim do século XIX, sem estas figuras avultando no primeiro plano, é traçar um quadro de sombras", como escreveram os Beards. "Introduzir nêles os presidentes e principais senadores e deixar de fora tais atores primaciais do drama é mostrar pouco respeito à substância da vida."

Era o tempo em que desapareciam lentamente as peculiaridades americanas em comparação com o desenvolvimento da Europa. À medida que os Estados Uni-

---

2. Arthur C. Cole, *The Irrepressible Conflict*, 1850-1865 (New York, 1934), pg. 3.
3. *Expansion and Conflict* (Boston, 1915), Prefácio, p. V.

dos se tornavam mais urbanizados, os problemas políticos e sociais americanos se tornavam cada vez mais semelhantes aos da Europa ocidental. O declínio e final desaparecimento do movimento territorial da fronteira foi o acontecimento capital dêste período. Após a Guerra Civil o movimento de fronteiras não sòmente se estendia na face da terra, mas penetrava o subsolo — a prata e o ouro de Nevada, Colorado e Montana, o cobre de Michigan, o minério de ferro da Pensilvânia e Nova York. Mas o fim estava próximo. O declínio do seccionalismo, devido à difusão do urbanismo e da padronização, estava progredindo. Ainda se sentia o interêsse particular dos estados produtores do trigo, da prata e do algodão, mas a uniformidade da vida e do pensamento faziam imensos progressos com a industrialização do país e a expansão de sua civilização material.

"Com o lançamento dos trilhos da União Pacífico pelos fins da década de 1850 a 1860, o destino da América como uma unidade econômica que se bastava estava fixado. Daí por diante, por um período indeterminado, a tendência seria de movimento das fronteiras externas para os centros industriais, e com essa tendência viriam mudanças de grande alcance na rotina cotidiana da vida. A máquina chegaria às mais remotas aldeias para romper a tradicional economia doméstica, e a divisão do trabalho substituiria o versátil homem da fronteira pela mão-de-obra especializada da fábrica. Uma nova psicologia urbana desbancaria a velha psicologia agrária, e com a nova psicologia outras filosofias viriam para corresponder às novas realidades." [4] O triunfo da padronização foi completo depois da extinção da fronteira.

Os tipos pitorescos da fronteira se iam desvanecendo à medida que o movimento territorial fronteiro era superado pelo intensivo movimento fronteiro de industrialização, que reclamava uniformidade. A difusão da padronização e uniformidade produziu nova centralização. O pânico de 1873, 1890 e 1907 levou à criação do Sistema Federal de Reserva, outro momento

4. V. L. Parrington, *op. cit.*, III, pg. 103.

centralizador no desenvolvimento econômico dos Estados Unidos. O período significava a entrada da América no campo de competição imperialista. Para o crescente industrialismo do país, a atividade imperialista no continente americano significava a substituição do decadente movimento interno da fronteira, assim como o movimento industrial fronteiro fazia o papel de colônias para a Europa; isto é, a troca de materiais baratos e gêneros alimentícios por produtos acabados e capital para inversão. E diferia em ritmo. Na frase de Emerson, os Estados Unidos resolveram engatar o seu vagão a uma estrêla, porque a aceleração era o novo conceito popular de escala. Uma ilustração da mudança de escala se pode ver em uma comparação do financiamento da guerra empreendido por Robert Morris e o empreendido por Jay Cooke; era no primeiro caso uma fértil tentativa de sacrifício próprio de um indivíduo, e no segundo uma aproximação organizada das massas. "Não resta dúvida de que a carreira espetaculosa de Jay Cooke deslumbrou inteiramente os seus concidadãos contemporâneos. Nunca se vira coisa semelhante na América. O maior homem de negócios que a classe média jamais tinha produzido, um financeiro que conhecia a psicologia do apêlo às massas, propagandista de proporções verdadeiramente heróicas, êle era reputado nada menos que um mágico por todos os pequenos ganhadores de dinheiro da Idade de Ouro." [5]

---

5. V. L. Parrington, *op. cit.*, vol. III, pg. 42. É um tanto surpreendente que não se tenha feito nenhuma tentativa de investigar as fontes ideológicas dos planos de Jay Cooke. Não há dúvida de que êle introduziu nos Estados Unidos a prática da escola de Saint-Simon, e figura como digno parceiro de Pereira na França, Mauá no Brasil, além de muitos outros. A luta de Cooke com J. P. Morgan evoca vivamente a memória dos conflitos de Pereira com os Rothschilds, tão belamente representados em *L'Argent*, de Zola, no duelo financeiro entre Saccard e Gunderman. Henrietta M. Larson, em seu estudo sob o título *Jay Cooke Private Banker* (Cambridge, Mass., 1936), não dá a devida atenção a êste problema. Comparem-se meu *Brazil*, pp. 89-96, e meu ensaio "Saint-Simon in America", em *Social Forces* (Outubro de 1932).

Esta magia era a percepção da mudança de escala. A Guerra Civil revolucionou a estrutura financeira do país, mas em todos os campos da atividade econômica a concepção popular da escala mudou. A combinação de fatôres subjetivos — o caráter do povo, seus hábitos e educação de homens de sete instrumentos, suas habilidades inventivas, a imigração em massa — e o fator objetivo, que era uma possibilidade sem paralelo de recursos naturais, produzíram o pleno desenvolvimento da forma capitalista em larga escala. Mesmo no campo comparativamente desprezado da agricultura, o país tornou-se o supridor de alimentos da Europa. "Foi êste vigoroso Leste, com o seu acúmulo de capital líqüido à espera de inversão, e suas fábricas produzindo os materiais necessários para impelir para Oeste os núcleos coloniais, que tirou o máximo proveito da conquista do extremo Oeste. O impulso da fronteira contribuiu muito para levar por diante a revolução industrial." [6]

A mais revolucionária das mudanças foi o aparecimento de uma nova sociedade econômica. A primeira metade do século assistiu à formação de uma classe média, fortalecida pelo acréscimo de novos industriais e homens da fronteira. A classe média americana do período em consideração deve ser entendida em sentido largo; incluía não sòmente o burguês urbano e o grupo de colarinho branco, mas também o fazendeiro abastado e até certo ponto o operário bem pago.

A abolição da escravatura destruiu o sistema das grandes plantações, e com êle o sistema patriarcal da sociedade. A classe média em processo de formação, com o seu espírito de robusto individualismo e da ardente esperança que se expressava nos programas democráticos e a fé em um progresso favorável, estava lutando contra o colête de fôrça do classicismo inglês. Criou a sua própria filosofia econômica, que achou expressão nos ensinos da escola nacional romântica e pugnou pela transformação do *statu quo* contemporâneo.

---

6. V. L. Parrington, *op. cit.*, vol. III, pg. 8.

Com o novo período da glorificação do homem de negócios, estabeleceu-se a época da classe média.

Parrington exprimiu brilhantemente o caráter dêste período. "A liberdade, escreve êle, tinha-se tornado individualismo, e o individualismo tinha-se tornado o inalienável direito de prioridade, de explorar, de esbanjar. Com as velhas restrições foram-se os velhos ideais. O idealismo da quinta década, o romantismo da sexta — tôda a herança do jeffersonismo e da contribuição cultural francesa — foram impensadamente postos de lado e, sem nenhuma consciência social, sem nenhum interêsse pela civilização, nenhuma preocupação com o futuro da democracia a respeito da qual tanto falava; a Idade de Ouro lançou-se à tarefa de ganhar dinheiro. Das sóbrias restrições, da aristocracia, das velhas inibições do puritanismo, da mesquinhez de uma exigente economia doméstica, recuou grandemente em reação e deixou-se embriagar com a descoberta de ilimitadas oportunidades de exploração. Humanos, seguiram os seus próprios sonhos. Alguns eram construtores com planos grandiosos nos bolsos; outros eram náufragos sem nenhuma espécie de planos. Era um mundo anárquico de homens fortes e capazes, egoístas, incultos, amorais — excelente exemplo do que faz a natureza humana de posse de liberdade indisciplinada. Na Idade de Ouro a liberdade era a liberdade de piratas saqueando as galeras da Espanha." [7]

Depois da Guerra Civil os sonhos dos nacionalistas românticos estavam pràticamente realizados. O país aceitou e acelerou geralmente a industrialização e tirou o máximo partido dêste novo movimento de fronteiras. A classe média não sòmente venceu, mas tornou-se ditatorial. A posição ideológica modificou-se agora. A classe média triunfante abraçou o princípio de conservação e passou a defender e alargar os seus ganhos. A vitória da classe média foi também quantitativamente completa, visto como lhe pertencia grande parte da população operária e agrícola. A direção da América estava nas mãos de "capitalistas

7. *Op. cit.*, vol. III, pg. 17.

expectantes". O romantismo democrático da fronteira estava moribundo, como moribundos estavam os velhos ideais de democracias decentralizadas e de liberdade individual. A nação apressou-se em confiar o seu poder nas mãos do novo industrialismo.

Os novos e os velhos problemas de trustes, de trabalho, de terra, de moeda corrente, de tarifas, a classe média triunfante atacou-os do ponto-de-vista da conservação e preservação do adquirido *statu quo*. Êste período foi rico em movimento e colorido, e encontrou melhores intérpretes nas belas letras do que nas ciências econômicas. O caldeirão estava fervendo ativamente. O que Bret Harte fêz pelos campos de mineração da Califórnia, e fêz Mark Twain pelo vale do Mississipe, Howells, Frank, Norris e mais tarde Dreiser e Sinclair Lewis fizeram em suas novelas sociológicas pelo mundo dos negócios em descrição e interpretação.

Por cinqüenta anos depois da Guerra Civil, o princípio de conservação estêve triunfante. Por cinqüenta anos "o homem econômico" foi o herói, o eixo e ponto de partida para considerações econômicas. Por cinqüenta anos a vitória dos princípios de Hamilton e Marshall vigoraram sem contestação. Os nomes de *Gilded Age* e *Chromo Civilization* respectivamente de Mark Twain e de Edwin L. Goldwin, podem ser aplicados, na evolução do pensamento econômico americano, a todo o período em discussão.

Os interêsses e simpatias da classe média triunfante na América afinavam agora com o classicismo inglês, que predominou por todo êsse período. Não devemos subestimar o valor de uma *pose* européia na vida intelectual dêsses países na segunda metade do século XIX. As vagas das novas doutrinas continentais batiam nas praias americanas. Assim a escola histórica da Alemanha teve o seu momento de efêmero sucesso, os marginalistas austríacos invadiram os Estados Unidos e uniram as suas fôrças à dos clássicos. Mas a combinação dos neoclássicos e austríacos dominou êsse período em que o povo americano adquiriu uma mentalidade capitalista. Um ecletismo teórico penetrou a massa dos economistas profissionais, muitos

dos quais voltaram sua mente para a despretensiosa descrição e descoberta de fatos.

A escola nacional romântica teve muito poucos epígonos e os ensinamentos de Henry George foram um episódio no desenvolvimento da escola. O homem comum exprimia seu descontentamento e os seus sonhos de transformação em um dilúvio de escritos utópicos, dos quais o mais famoso e influente foi *Looking Backward*, de Bellamy, [8] e o homem de negócios começou a olhar com mêdo e ansiedade para os períodos de pânico e de crise. Geralmente falando, porém, podemos seguramente aplicar aos economistas dêste período a afirmação, de John Macy, de "que a imaginação literária americana depois da Guerra Civil foi quase estéril." [9]

Apesar das centenas de livros publicados por eruditos economistas, James Bryce, arguto observador, frisou que nos Estados Unidos "a atmosfera não está carregada de idéias como na Alemanha, nem de finuras críticas como na França. E' estimulante, mas o estímulo desvia a ardente mocidade para fora dos bosques das musas e a lêva para a agitada multidão dos mercados." [10]

O começo da formação do proletariado e a vaga européia do marxismo teve como resultado o começo do socialismo nos Estados Unidos. Mas o verdadeiro e vigoroso representante do protesto e da luta pela transformação foi o fazendeiro. A oposição agrária foi a única oposição real ao triunfo da classe média urbana e dos grandes negócios.

Durante êsse período o país, especialmente a parte ocidental dêle, transformou-se de comunidade agrícola comparativamente simples em um complexo estado moderno industrial; e no processo de ajustamento a classe agrícola da população, entre outras, tendia a sentir-se agravada. O resultado foi uma série de agitações

---

8. Boston, 1887.
9. *The Spirit of American Literature* (New York, 1913), pg. 13.
10. *The American Commonwealth* (London, 1888), vol. II, pg. 627.

radicais por parte dos lavradores para obter melhoramentos em sua condição relativa por meio de esforços organizados. Dêste movimento geral de agricultores, a primeira manifestação começou com o estabelecimento da ordem Patrons of Husbandry em 1867, foi-se adiantando lentamente por uns poucos anos e depois culminou sùbitamente em uma série de surpreendentes manifestações políticas e econômicas, durante os anos de 1873 a 1875. Do princípio ao fim da década, êste movimento de Granger gradualmente cedeu, embora muitas das suas características se incorporassem nos programas dos movimentos agrícolas mais radicais que surgiram nos princípios da nona década."[11]

Em todo caso, o Professor J. Laurence Laughlin tinha razão em dizer que "a Guerra Civil foi, por assim dizer, a convulsão que gerou o desejo de estudar Economia Política nos Estados Unidos. O país estava agitado até os fundamentos por questões econômicas, porque elas entravam nos aspectos políticos das campanhas existentes."[12]

A família de Walker, pai e filho, Amasa Walker e o General Francis Amasa Walker representavam a transição do velho para o novo estilo de pensamento. Como no caso da família de Carey, o filho exerceu mais influência que o pai na história do pensamento econômico americano. Como no caso de Carey, Walker, o pai, era homem de negócios com interêsses altamente pronunciados em problemas práticos de economia, e os filhos em ambos os casos esforçaram-se por criar e desenvolver suas próprias teorias. Como Carey, filho, o General Walker foi, em certo sentido, o elemento organizador dos economistas de seu tempo. Era diretor do Departamento Estatístico, o primeiro presidente da Associação Econômica Americana, e foi doze vêzes eleito presidente da Associação Estatística Americana.[13] Cor-

---

11. S. J. Buck, *The Granger Movement* (Cambridge, Mass., 1913), Prefácio.
12. *The Study of Political Economy* (New York, 1885), pg. 24.
13. Veja-se S. N. D. North, "Seventy-Five Years of Progressive Statistics", em *The History of Statistics* (New York, 1918).

respondeu ao espírito do tempo e à novas correntes do pensamento europeu, mas não foi certamente de fora a fora um seguidor da escola histórica alemã, como Richard T. Ely procura representá-lo.[14]

Como Carey, filho, o General Walker teve fama européia. Era membro de sociedades científicas e congressos da Europa em Paris, Bruxelas, Londres; recebeu condecorações da Espanha e da Suécia; encontrou-se e correspondeu-se com Levasseur, Ashley, Marshall, Foxwell, Adolph Wagner e Nicholson; o seu compêndio, traduzido em muitas línguas, foi adotado na Inglaterra.[15] Foi o primeiro economista profissional americano que penetrou no campo internacional, ao passo que Carey, filho, foi o primeiro economista leigo de reputação internacional.

Francis Walker frisou a existência das vagas intelectuais entre a Europa e êste país. "Êste recente movimento, que se presencia nos Estados Unidos, é, em parte, apenas a nossa colaboração em um movimento que, durante o mesmo período, tem estado avançando em todos os países em que os homens pensam e escrevem sôbre assuntos econômicos; em maior parte talvez é o efeito retardado de causas que têm estado em operação por muitos anos no estrangeiro, mas que, por maior falta de comunicação vital com os pensadores econômicos da Europa, vieram a produzir plena impressão sôbre nós sòmente depois de longa demora."[16]

---

14. "Os homens mais moços da América estão manifestamente abandonando os ossos secos da Economia Política ortodoxa da Inglaterra por amor aos novos métodos da escola germânica. Pode-se citar o nome de Francis A. Walker, o distinto filho de Amasa Walker, como um americano cujas obras econômicas respiram frescura, vigor e independência. Essencialmente indutivos e históricos quanto ao método, têm êles despertado larga atenção e provocado favorável apreciação em ambas as praias do Atlântico". Richard T. Ely, *The Past and the Present of Political Economy* (Baltimore, 1884), pg. 64.

15. Veja-se J. Ph. Munroe, *A Life of Francis Amasa Walker* (New York, 1923).

16. General Francis A. Walker, "Recent Progress of Political Economy in the United States," discurso de abertura, *Publications of the American Economic Association*, vol. IV, n.º 4 (junho, 1889), pp. 18-19.

Amasa Walker (1799 a 1875) foi professor, homem de negócios, advogado ferroviário, mestre de Economia Política. Foi secretário de Estado em Massachusetts e congressista. Auxiliou a formação do Partido do Solo Livre em 1848. Considerava a Economia Política como sendo "enfàticamente uma ciência de negócios." Walker era ortodoxo, livre-cambista e sequaz da escola da moeda corrente, mas tìpicamente americano no rejeitar as teorias de Malthus. Sua obra principal, a *Ciência das Riquezas*,[17] foi preparada em colaboração com o seu filho, Francis A. Walker. Walker, filho, era soldado, professor e presidente do Instituto de Tecnologia de Massachusetts. E' conhecido na história econômica como General Francis A. Walker.

O otimismo de Francis Walker, sua crença na harmonia, a sua limitada aceitação do *laissez faire* ligou-o à escola romântica nacional. Mas a apresentação de suas teorias como reinterpretação de Ricardo e glorificação do empreendedor colocou-o ao lado dos clássicos. Afirmou êle que "a doutrina de Ricardo não se pode impugnar como não se impugna a existência do Sol no céu" Não subscreveu as teorias de população dos românticos. Não era favorável à imigração irrestrita, e frisou especialmente o fato de que a imigração não tinha, em última análise, reforçado a população, mas tinha apenas "substituído o estoque nacional pelo estrangeiro."

Mas ao mesmo tempo era ainda forte o americanismo. O General Walker e Alfred Marshall sentiram-no ambos vivamente em seu primeiro encontro.[18]

---

17. Boston, 1866.

18. Eis aqui um extrato da carta de Marshall: "Tenho viva lembrança do dia em que o procurei em Boston, creio que em 1875. Parece-me que eu lhe havia levado um cartão de apresentação da parte do Presidente Eliot, de forma que êle sabia o ponto do meu interêsse. Êle se conservou sentado em silêncio por um minuto, dizendo: "Não sei bem sôbre o que deva conversar". Devia saber que poderia falar por uma semana inteira sem chegar ao fim do que eu desejava saber. Mas tinha pendor para as parábolas e parece que decidiu que a melhor coisa a fazer era levar-me a ver quão fundamentalmente diversos eram os problemas econômicos na América e na Grã-Bretanha: qualquer dos dois

E' característica da atitude de transição de Walker a seguinte declaração:

"Por mim, apenas direi, em geral, que, embora eu repudie a pressuposição das harmonias econômicas que subjaz na doutrina do *laissez faire*, e embora espere confiadamente que o Estado realize certas importantes funções em matéria econômica, acredito que tôdas as propostas para alargar os poderes e aumentar os deveres do Estado devem ser longa e minuciosamente investigadas." [19]

A principal contribuição de Walker para a teoria econômica foi seu ataque à teoria ortodoxa do fundo de salários, que largamente influiu, sobretudo em sua parte crítica, sôbre os economistas inglêses e americanos. A sua teoria positiva originou-se no otimismo americano e tentou provar que o total de salários sob livre competição tendia a igualar o produto e o trabalho. [20] Walker propôs mostrar que os lucros dos *entrepreneurs* aumentavam o fundo de salário, e que, por isso, o *entrepreneur* era o benfeitor e não o explorador do trabalho, visto como o capitão da indústria, tal qual o inventor de uma nova máquina, abria novas fontes de riquezas para todos. Os lucros eram dêste ponto-de--vista um ganho adicional da administração, o qual vinha ter com justiça às mãos daquele que o criava. A doutrina da qual êle deduziu sua teoria do *entrepreneur* era a teoria ricardiana da renda. Em seus últi-

---

países poderia aprender do outro, mas o aprendido teria de ser destilado de novo antes que pudesse ser usado pela parte oposta. Afinal disse êle: "Já sei o que hei de fazer", e, isto dizendo, pegou num livro de fotografias de índios, deu-mo, falou alguma coisa a respeito de alguns dêles e das relações pessoais que com êles tivera e encheu-me a cabeça com o assunto. Não me recordo dos pormenores da conversação que se seguiu, mas em substância deu nisto. "A economia britânica tem sua pedra angular na teoria das rendas, de Ricardo; em certo sentido, isto é universal; mas os desenvolvimentos particulares dela, que mais importam a uma velha comunidade, pouco valem em uma terra onde os possuidores nominais de milhões de acres são a gente cuja fotografia o senhor acaba de ver." Monroe, *op. cit.*, pp. 308-309.

19. "Socialism" (1887), reproduzido em *Discussions in Economics and Statistics* (New York, 1899), vol. II, pg. 270.

20. *The Wage Question*, New York, 1876.

mos anos Walker estêve sob a evidente influência do metódo histórico penetrante e não vacilou em afirmar o sentido em que, na sua opinião, "a prossecução da Economia Política, sob a influência dominadora de Mr. Ricard, foi infeliz".[21]

Como presidente da Associação Econômica Americana por muitos anos, o General Walker teve freqüente oportunidade de exprimir a sua opinião sôbre a situação e progresso da Economia Política nos Estados Unidos. Por vêzes criticou, em têrmos ainda mais fortes, o absolutismo do *laissez faire* em matéria econômica:

"Todavia, enquanto, o *laissez faire* era afirmado de bôca cheia, na Inglaterra, exagerando os colaboradores de revistas o conceito dos professôres das universidades, a doutrina era cuidadosamente modificada por alguns economistas, e nenhum dêles a sustentava com o rigor que lhe era dado nos Estados Unidos. Aqui ela não era simplesmente o teste da economia ortodoxa: servia para decidir se um homem era ou não um economista. Não julgo exagerar quando digo que, entre os que se tinham na conta de guardiões da verdadeira fé, era considerado preferível que um homem nada soubesse a respeito da literatura econômica, nem tivesse qualquer interêsse sôbre o assunto, a que, tendo qualquer soma de conhecimentos e um pouco de propósitos honestos, adotasse opiniões divergentes do padrão estabelecido.

Tal intolerância não era necessàriamente motivada por fanatismo. Estava, antes, implicada na própria natureza da doutrina do *laissez faire*. Se ela era verdadeira, não havia motivo para que um economista tivesse qualquer espécie de comunhão profissional com um dissidente. Nenhum bem poderia advir disso, senão apenas um possível enfraquecimento da fé por parte dos discípulos e certo estímulo à heresia."[22]

Declarou-se êle contra os primitivos seguidores americanos dos clássicos:

---

21. "The Present Standing of Political Economy" (1879); reproduzido em *Discussions*, vol. I.

22. Discurso de abertura do terceiro congresso anual, em dezembro de 1888.

"Em perfeita analogia com isto estava o argumento segundo o qual, naquilo que eu chamaria, com alguma ofensa, a economia aristocrática dos começos do século, procurava-se mostrar que não era importante, nem realmente desejável, que a classe trabalhista tomasse qualquer parte ativa na distribuição das riquezas e sentisse qualquer responsabilidade em afirmar e sustentar os seus próprios interêsses nessa distribuição." [23]

Houve diversos outros economistas do tipo de transição — seguidores do classicismo, mas ligeiramente afetados pela intrusiva pendência histórica, como David A. Wells, autor de manuais de Geologia e Química, estatístico e Comissário Especial do *Revenue Bureau*, e que nesta qualidade publicou os clássicos *Reports* para 1886 a 1869. Editou um volume dos ensaios de Bastiat e foi altamente louvado por Simon e Newcomb. O seu método era histórico-comparativo. A sua exposição era ampla, urbana e cheia de conhecimento dos fatos da vida. Mas suas convicções eram de tipo *laissez faire* puro e simples. Em sua opinião, para fazer que o complicado maquinismo da sociedade civilizada "se mova suavemente, convém que se prevejam e removam do seu mecanismo tôdas as obstruções possíveis." [24] Edward Atkinson discutiu a teoria do salário; Horace White especializou-se em matéria monetária e bancária; J. Schoenhoff estudou tarifas, e assim por diante.

* * *

Antes da Guerra Civil, a escola nacional romântica fêz uma tentativa de adaptar os clássicos ao ambiente da América; depois da Guerra Civil deu-se uma conquista completa do pensamento econômico americano pelo capitalismo e pelos clássicos.

A nova ditadura — a da classe média — usou como ideologia o classicismo sem mescla que estava reafirmando a sua influência nos Estados Unidos. Desde o operário até o aristocrata ladrão, a teoria clássica adaptava-se aos desejos de aquisição e ao princípio de con-

---

23. "Recent Progress." op. cit., pg. 33.
24. *Recent Economic Changes* (New York, 1890), pg. 466.

servação. John Stuart Mill tornou-se o seu profeta; mas os seus sequazes americanos puseram de lado o humanista Mill, e usaram sua teoria como uma justificação e consubstanciação de completa libertação do homem de negócios. Os seguidores americanos de Mill desprezaram nos ensinamentos dêle os elementos do positivismo de Augusto Comte e a influência de Saint Simon, bem como a de Sismond e os socialistas de 1848, mas consideraram como evangelho a sua economia ricardiana e a sua filosofia benthaniana. Os discípulos americanos de Mill adotaram a sua substância inglêsa, mas rejeitaram os novos horizontes que se abriram sob a influência das idéias francesas em sucessivas edições de seus livros e de seus últimos escritos.

A tradição acadêmica do classicismo estava-se enrijecendo na segunda metade do século XIX.

Um manuseio da literatura do período imediato à Guerra Civil não apresenta sinais de grande e novo desenvolvimento na economia americana. E' verdade que surgiram problemas econômicos de maior importância e em maior escala, mas os economistas acadêmicos continuaram a isolar-se da vida real, fazendo cursos baseados em McCulloch e Mill. Continuaram a seguir tradicional e obedientemente aos clássicos inglêses e aos seus aderentes americanos. Poucos dêles levaram em consideração as peculiaridades dos Estados Unidos. Muitos permaneceram fiéis ao elemento psicológico na interpretação da vida econômica. Isto se dava mesmo com alguns dos dissidentes, como, por exemplo, Richard T. Ely e o seu discípulo, John R. Commonth, que organizou o Instituto Americano de Sociologia Cristã, em Chautaqua. Alguns dentre êles empreenderam estudos de problemas bancários e moeda corrente. Dunbard, homem típico do período, combinou em si todos êsses traços.

W. G. Sumner, sob a influência de Martineau (como êle próprio confessa, era um representante extremado do princípio de conservação e do *laissez faire*), deixou-se influenciar grandemente pela filosofia darwinista e era defensor "do livre-câmbio e do dinheiro caro" e combateu e ridicularizou tôdas as idéias de transformação,

considerando absoluta e eterna a forma econômica contemporânea. "A sociedade, disse êle, precisa antes de tudo libertar-se dêstes intrusos — isto é, ser deixada entregue a si mesma. Aqui estamos, pois, mais uma vez de volta à velha doutrina: *Laissez faire*. Vamos traduzi-la em inglês claro, e ler: Não se intrometa" [25]

Sumner queria que o povo entendesse que tôda a vida social era regida por leis imutáveis e inexoráveis, e que o único meio pelo qual se pode gozar da possível prosperidade e progresso consiste em descobrir estas leis como se revelam na história e a elas obedecer. Exclamou patèticamente: "Se êste país com tôda a sua população, seus recursos e oportunidades, não prospera pela inteligência, indústria e atividade de seu povo, pode algum homem de juizo supor que políticos e oradores ocasionais tenham à sua disposição quaisquer planos para fazê-lo tal?" [26]

Sumner rejeitou o "processo empírico" em favor das teorias ortodoxas que êle chamava "o processo científico". Combateu as noções bimentalistas de Francis A. Walker; considerou o protecionismo como "roubalheira legalizada", e condenou tanto o *Interstate Commerce Law* e o *Sherman Anti-trust Act* como ofensivos aos princípios do *laissez faire*. Era escritor copioso e infatigável orador. Seus discursos, cheios de violência, circulavam largamente e eram comentados por todo o país, ora louvados, ora condenados. O seu estilo era pobre, mas êle possuía o dom de cunhar expressões tais como "o homem esquecido". Como observou Frank W. Taussig, um dos seus contemporâneos, êle "expunha e clareava certas doutrinas, bastante simples na sua essência, com um admirável dom de fraseologia e efeito duradouro", mas "não se pode dizer que tenha contribuído com qualquer elemento novo para as ciências econômicas". [27]

---

25. *What Social Classes owe Each Other* (New Haven, 1925), pg. 120.

26. "Cause and Cure of Hard Times", reproduzido em *The Forgotten Man and Other Essays* (New Haven, 1919), pg. 150.

27. Citado em *William Graham Sumner*, de Harris E. Starr (New York, 1925), pg. 389.

A negação da transformação por parte de Sumner melhor se expressou quando, no decurso da oitava década ou começo da nona, êle "se divertiu em figurar para si mesmo a condição do mundo sob um regime socialista, da espécie que êle sempre ridicularizara e combatera. Êle o fêz imaginando o conteúdo de um jornal socialista, a *New Era*, com data de 4 de julho de 1950, consistindo em editoriais, notícias, anúncios públicos, crimes e até uma revista de um livro. Tudo caricaturas de forte colorido dos fenômenos que acompanham um tal regime em seu período de exuberância. "O que se segue, escreve êle, é uma cópia completa e verbal de um jornal (da cidade de Nova York) da data assinalada. Está impresso em uma pequena fôlha de papel grosseiro, e tão mal impresso, que é difícil de ler, e os erros tipográficos, que foram todos corrigidos, são imperdoáveis.

"O lema do jornal é: Que os ricos paguem! Que os pobres gozem! o redator responsável é Lassalle Smith, e os proprietários Marx Jones, presidente da Junta de Contrôle Ético da Cidade de Nova York; Calebot Johnson, presidente da Junta de Arbritagem dos Preços e Salários; Baboeuf Brown, presidente da Junta de Contrôle de Rendas e Empréstimos, e Rousseau Peters, presidente do Banco Cooperativo" [28]

Não é de admirar que Upton Sinclair certa vez exprimisse dúvidas sôbre se "jamais tinha havido um economista mais capitalista do que Sumner."

Havia exceções. Simon Newcond, o astrônomo, pregava a necessidade de investigações científicas, frisava a base psicológica das ciências econômicas e andava à procura de um equilíbrio. Uniu-se com Walker na glorificação do *entrepreneur*, e declarou que a obra do criador de vias férreas "constituía a própria base da civilização". E assim falou, explicando-se, aos operários: "É para o meu e vosso bem que Vanderbilt não cesse de ganhar dinheiro." [29] Arthur T. Hadley repetiu

---

28. A. G. Keller, nota para "The Cooperative Commonwealth", por William Graham Sumner, em *The Forgotten Man*, etc., pg. 441.

29. *A Plain Man's Talk on the Labour Question* (New York, 1886).

anos depois pràticamente essas palavras: "Para o economista medieval o homem de negócios era um ladrão licenciado; para o economista moderno êle é um benfeitor público."[30]

J. Laurence Laughlin foi provàvelmente o mais ortodoxo de todos os sequazes dos clássicos inglêses e combinou em sua adesão a êles um forte colorido teológico. Considerava os princípios econômicos como "expressões da verdade cristã"; mas a sua principal importância reside nos seus estudos das questões bancárias e na moeda corrente.

* * *

O intervalo histórico da oitava década e princípios da nona encrespou sùbitamente o plácido lago dos americanos admiradores dos clássicos inglêses. Conquanto a oposição tivesse anteriormente recebido sua inspiração teórica de fontes francesas, desta vez foi a Alemanha que deu ao pensamento econômico americano argumentos contra os clássicos. Esta mudança na influência estrangeira afinava com o pendor geral, visto que pelo ano de 1848 a influência francesa começou a desvanecer-se diante da alemã.

O aparecimento da escola histórica de economia na Europa continental datava de 1843, época da primeira publicação na Alemanha do *Grundriss*, de Roscher. Esta tendência do pensamento obteve decisiva vitória no último quartel do século, guiada pela chamada nova escola histórica, cujo líder e chefe era Gustav Schmoller. A oposição à escola clássica e o favorecimento da intervenção, combinados com um modo ético e humanitário de abordar o assunto, eram aclamados com simpatia pela nova geração de economistas americanos, especialmente porque algumas das idéias aí contidas davam uma interpretação histórica mais clara a certos fenômenos da vida americana, ao passo que os clássicos se iam tornando cada vez mais emaranhados em um cipoal de sutilezas teóricas. No primeiro quartel do século XIX um grupo de historiadores americanos — foi

30. *Economics* (New York, 1896), Prefácio.

em 1820 que Edward Everett, George Bancroft e George Ticnor voltaram de Goettingen para a América — importou os métodos alemães de investigação, o seu ponto-de-vista e espírito idealista, que influiu sôbre o transcendentalismo da Nova Inglaterra. O mesmo destino teve a nova geração de economistas americanos, que empreendeu semelhante migração no último quartel do século, simultâneamente com um novo período de viagem de historiadores americanos à Alemanha. [31]

As ondulações crescentes da escola histórica germânica, reforçadas pela oposição dos economistas irlandeses, Cliffe-Leslie e J. K. Ingram, aos clássicos, e especialmente pelo discurso de Ingram sôbre "A Posição Atual e as Perspectivas da Economia Nacional" (1878), alcançaram a América no princípio da nona década. Richard T. Ely frisou, em sua introdução à conhecida *História da Economia Política*, de Ingram, que, "nos Estados Unidos, Ingram foi uma das fôrças que produziram o que com algum exagêro se chamou a "nova economia." [32] A Alemanha recentemente unida, vitoriosa sôbre a Áustria e a França, e avançando galhardamente no caminho do capitalismo integral, provocava admiração. J. Laurence Laughlin descreveu nas seguintes palavras esta mudança:

"Velhos estudantes em Goettingen, de volta à universidade depois das últimas guerras em que a Alemanha se empenhou, ficam surpresos ao encontrar agora inteiramente mudado o antiquado sítio, onde até bem

31. "Mas no final da nossa década e no comêço da décima notou-se grande avanço no estudo da história nos Estados Unidos. As causas dêsse avanço foram várias. A mais essencial foi, sem dúvida, o sentido elevado da importância e unidade nacional que se seguiu ao período da Guerra Civil e da reconstrução. Mas não foi pequeno o impulso vindo da Alemanha — a velha Alemanha da cultura desinteressada e dos superiores e distintos mestres, a qual parece que desapareceu, mas para a qual na oitava e nona décadas acorria a flor dos estudantes americanos em número impressionante, da qual regressavam com sôfrega ambição de erguer a mais alto nível a erudição americana." J. Franklin Jameson, "Early Days of the American Historical Association," em *American Historical Review*, vol. XL, n.º 1 (outubro de 1934), pg. 2. Veja-se também Richard T. Ely, *Ground Under Our Feet.*

32. P. XI.

pouco tempo predominavam os hábitos e costumes e a ingênua simplicidade de cem anos atrás. O espírito comercial apoderou-se dos camponeses de mente outrora tão simples, e na silenciosa cidade agora se ouve a forte marcha do cosmopolitismo em suas ruas. Os Estados Unidos, bem como a Alemanha, tinham problemas a resolver. [33]

Durante a nona década mais de dois mil americanos estudavam em universidades alemãs, o dôbro do que havia nos dez anos anteriores e muito mais do que na década seguinte. Entre êstes havia muitos economistas. Knies em Heidelberg, Roschet em Leipzig, Held e mais tarde Wagner e Schmoller em Berlim, Conrad em Halle, Cohn in Goettingen, von Helfferich em Berlim, Knapp Strasburg, Leroy-Beaulieu e Lavasseur em Paris, eram os mestres; Henry C. Adams, Richmond Mayo Smith, Simon N. Patten, John B. Clark, Richard T. Ely, Frank W. Taussig, Arthur T. Hadley, Henry W. Farnam, Edwin R. A. Seligman e E. B. Andrews eram os mais conhecidos dos estudantes americanos no estrangeiro neste período de *Wanderjahre*. J. B. Clark abriu a migração em 1873, estudando sob a direção de Knies e Roscher. Quase vinte anos depois, quando o intervalo histórico findara neste país, o prestígio dos economistas alemães era ainda grande aos olhos dos principiantes em investigações econômicas. [34]

Os que guiavam êste novo movimento histórico sentiam a necessidade de organização. O professor Ale-

33. *The Study of Political Economy,* pp. 17-18.

34. "Para êstes quatro homens — Manger, Schmoller, Bohm-Bawerk e Wagner — se voltam presentemente os olhos de tôdas as nações, como para os mais conspícuos representantes de nossa ciência no país em que essa ciência tem sido mais assídua e proveitosamente cultivada durante os últimos cinqüenta anos. As universidades, que são o campo de sua atividade pedagógica, constituem centros de desusada atração e interêsse para os economistas. Berlim e Viena são presentemente como que um ímã que lhes atrai estudantes de Economia oriundos de todos os países." H. R. Seager "Economics at Berlin and Vienna." no *Journal of Political Economy.* (March, 1893), n.º 2, pg. 239. "Quando estudante em Berlim, fiquei imbuído das idéias germânicas e regressei à Pátria com a esperança de ajudar a transformar a civilização americana de base inglêsa, em civilização de base germânica. Como outros estudantes em retôrno, pensava eu que a última

xander Johnston da Universidade de Princeton declarou em uma reunião convocada em Saratoga, no mês de setembro de 1885, a fim de organizar uma sociedade econômica: "Isto é um esfôrço para impedir a formação de qualquer "crosta" no desenvolvimento das ciências econômicas." Uma *declaração de princípios*, proposta e aceita ao formar-se nessa reunião a Associação Econômica Americana, como "indicação geral das idéias e propósitos" dos fundadores, continha esta afirmação: "Embora apreciemos a obra dos economistas do passado, não levamos tanto em vista a especulação como o estudo histórico e estatístico das condições presentes da vida econômica" para o futuro desenvolvimento da Economia Política. Em seu *manifesto* a nova escola declarou-se favorável à intervenção do Estado: "Consideramos o Estado como uma agência educacional e ética, cujo auxílio positivo é condição indispensável do progresso humano. Conquanto reconheçamos a necessidade da iniciativa individual na vida das indústrias, afirmamos que a doutrina do *laissez faire* é pouco segura em política e falha em moral." Podem-se discernir nesta declaração as aspirações éticas do *Verein für Sozialpolitik* alemão.

De modo característico do seu papel de homem do período de transição, o General Walker concordou em ser o primeiro presidente. Foi êle, creio eu, o único professor acabado do grupo de jovens economistas americanos que formaram a Associação Econômica Americana. Os da "velha escola", Laughlin, Sumner, Taussig e Hadley, recusaram-se a unir-se à nova associação. Êste grupo assumiu uma posição militante. A famosa discussão da ciência econômica representava a luta entre a nova escola histórica e os clássicos ortodoxos. [35]

---

palavra em todos os assuntos vinha da Alemanha", Simon N. Patten, *The Reconstruction of Economic Theory* (Philadelphia, 1912), pp. 1-2.

H. G. Sumner, da velha geração disse: "Eu estava então integralmente germanizado, como provàvelmente devem ficar todos os nossos moços após algum tempo de estudo na Alemanha. Eu não tinha passado pelo processo de afinação necessário para reconduzir ao senso comum um jovem americano," Harris E. Starr, *op. cit.*, pg. 71.

35. Science (1886), vols. VII, VIII.

A leitura das páginas amarelecidas de *Science*, de 1886, nos pôe menos em contato com uma edição americana do *Methodenspreit* contemporâneo, que com uma atmosfera de luta entre os seguidores do estrito *laissez faire*, crentes em leis econômicas absolutas e aderentes da idéia de intervenção. W. G. Sumner continuou a afirmar enfàticamente que "é o êrro absoluto interpretar o curso dos acontecimentos que vemos como se se movessem no sentido de maior regularidade. "Arthur D. Hadley declarou que "o perigo de acreditar que o esfôrço humano pode interferir em matéria econômica é dez vêzes maior que o perigo de uma confiança extremada no *laissez faire*". F. W. Taussig assumiu o ponto-de-vista de que a ciência econômica nada tem com as funções do Estado. Dos economistas históricos apenas uns poucos se esforçaram por elevar a discussão ao nível da metodologia. Seligman declarou: "A escola moderna sustenta que as teorias econômicas de qualquer geração devem ser consideradas primàriamente como expressão das condições peculiares de lugar, tempo e nacionalidade, nas quais as doutrinas se desenvolveram, e que nenhum grupo particular de princípios pode arrogar-se a pretensão de verdade imutável, ou a presunção de aplicação universal a todos os países ou épocas. Não desejamos desfazer a obra de economistas anteriores; mas, precisamente por causa de nossa crença na relatividade e continuidade da doutrina econômica, somos forçados a considerar como positivamente errôneo e falso, hoje em dia, muito do que era nesse tempo comparativamente correto e praticável. "Êle repudiou a asserção de que o novo movimento era germânico e procurou uma transação entre os ortodoxos e os rebeldes:

"O descontentamento pela aplicação continuada de doutrinas antiquadas se fêz sentir no vale do Pó, no coração da Nova Inglaterra, e nas margens do Tâmisa. Verdade é que os alemães formularam êste descontentamento mais sistemàticamente a princípio; porém o atual movimento teria por último atingido às mesmas proporções, mesmo que Roscher e Knies nunca tivessem vivido, exatamente como Adam Smith teria expresso as

suas idéias, se os fisiocratas nunca tivessem existido. A nova escola é um produto do século, do *zeitgeist*, e não de qualquer país em particular; porque os pensamentos subjacentes e evolutivos de uma geração varrem irresistìvelmente todos os países cujas condições sociais estão maduras para uma transformação. Os mais extremados dos alemães, porém, ultrapassaram o alvo, subestimaram indevidamente a obra da escola inglêsa e em seu zêlo negaram demasiado dogmàticamente a possibilidade de formular quaisquer leis gerais."[36]

Richmond Mayo Smith foi ainda mais claro em sua expressão: "Tôda a ação do Estado, disse êle, tôda lei promulgada ou ordenança forçada ou tratado negociado tem conseqüências econômicas às vêzes da maior importância. A Economia Política deve aqui dirigir a ação do Estado, deve dizer quais serão as conseqüências de tal ação, e se será para o bem ou para o mal. E só pode fazer isso por um apêlo à história, por comparação com a experiência de outras nações e pelo uso de estatísticas. Por outras palavras verificamos que o mais fiel aliado da ciência política é o emprêgo na economia política do método histórico, comparativo e estatístico de investigação." E. J. James foi um tenaz adversário de Taussig em sua controvérsia relativa ao Estado como fator econômico.

Richard T. Ely intrometeu-se na discussão entre Simon Newcomb e Seligman e acusou a Newcomb de falar "como se a Economia Política fôsse uma ciência matemática, com um corpo de verdades imutáveis e eternas, como a afirmação de que uma linha reta é o caminho mais curto entre dois pontos. É apenas, segundo o seu ponto-de-vista, a aplicação de princípios fixos que se devem mudar com o tempo e com os lugares. Ora, o que é êste corpo de verdades matemáticas em matéria econômica? Há alguns truísmos dessa natureza em economia; mas um grande e importante corpo de tais

36. É de lamentar que o ensaio de Seligman — "Change in the Tenets of Political Economy in Time," nunca fôsse reimpresso.

principios, eu nunca pude descobri-lo, embora o tenha procurado diligentemente e por muito tempo." [37]

Ao passo que Seligman discutia princípios, Ely iniciou uma ofensiva contra os ortodoxos. Queixou-se de que essa corrente, importada na América, "adquiriu fôrça em certos círculos educados, particularmente ao Norte e a Leste, prestígio a que não poderia aspirar nem mesmo na Inglaterra. Ela estava sempre pronta com os seus pequeninos testes de ortodoxia a distribuir louvor ou condenação, honra ou opróbrio. A aceitação de seu credo era por vêzes condição de preferência acadêmica. Um pequeno grupo de homens, não sem alguma influência da imprensa, constituíram-se em guardiões especiais dêle e, mantendo ainda essa posição tentam agora exercer uma espécie de terrorismo sôbre a inteligência do país. Qualquer desvio dêsse caminho reto e estreito aberto por êles era vigorosamente condenado. Tem-se percebido tão geralmente que os professôres de Economia Política da América eram meros defensores das instituições existentes, que as massas lhes têm virado as costas em colérica impaciência, e têm nutrido preconceitos mesmo contra as doutrinas importantes e inatacáveis que êles ensinaram." [38]

A reação contra a escola clássica levou à formação de uma nova revista econômica em Chicago, o *Journal of Political Economy*, a qual frisou em suas declarações iniciais que, "embora admitindo discussões teóricas, o jornal se dedicará principalmente ao estudo das questões mais práticas de transportes ferroviários, finanças, bancos, dinheiro, agricultura e outros assuntos que tais em matéria econômica e estatística." [39] Êste programa foi repetido por Laughlin em seu artigo introdutório no primeiro número. Era uma clara revolta contra o programa de *Quarterly Journal of Economics*, de Dunbar e Taussig, que era a cidadela dos clássicos americanos desde o seu primeiro número em 1886.

---

37. "Political Economy in America," em *North American Review*, vol. CXLIV n.º 2, (fevereiro de 1887), pg. 114.

38. *Ibid.*, pg. 116.

39. Vol. I, n.º 1. (dezembro de 1892).

Gradualmente, porém, a Associação Econômica Americana retirou a sua exigência de que se subscrevessem contos particulares do credo. Todo o seu caráter se mudou. Com a exceção de Laughlin, que considerava a associação como socialista, a "velha escola" lhe aderiu bem cedo.

"A economia americana, escreveu Simon N. Patten, fêz tudo menos o que dela então se esperava. Supunha-se que êste novo grupo de pensadores seria histórico, mas nenhum trabalho metódico se fêz. O inesperado foi o aparecimento da nova escola de teoricistas dedutivos — precisamente aquilo que se tentara prevenir com a formação da Associação Econômica Americana." [40]

Pelos fins do século estavam mortos nesse país os ideais da escola histórica. Os seus métodos sobreviveram como parte da instrução dos jovens doutôres.

* * *

O interregno histórico foi curto. As classes sociais dominantes no país estavam em busca do *laissez faire*. Gradualmente começou a desenvolver-se uma tendência de retôrno ao classicismo, ao método dedutivo. Isto foi estimulado pelo ressurgimento da abstração na Europa — nas obras de Jevons, Walras e Carl Menger.

Mas êste neoclassicismo americano era uma espécie de mistura de Ricardo e Bohn Bawerk. Um escritor francês observou que "o pensamento moderno nos Estados Unidos está permeado de neoclassicismo inglês. Taussig é o Marshall dos Estados Unidos. A economia ricardiana era ainda vigorosa, não tanto porque é anglo-saxônica, como porque a evolução econômica da América seguiu e alcançou a da Inglaterra."[41] Mas Taussig não era naturalmente um parceiro americano de Alfred Marshall. Sua atitude se caracterizava pela "estreiteza insular do nosso saber econômico" tão deplorada por Jevons. [42] O Taussig dos meados da era vitoriana

40. *The Reconstruction of Economic Theory*, pg. 4.
41. Ernest Teilhac, *op. cit.*, pg. 176.
42. *Theory of Political Economy* (London, 1879), Prefácio, pg. XLVI.

ainda se considerava uma autoridade em tôdas as questões econômicas e mal se apercebia de quanto o mundo havia avançado e de que a sua cultura econômica de Manchester já não era adequada. [43] Êle ainda insistia na idéia de que "a Economia Política investiga e explica os fenômenos da riqueza." [44]

A fonte especial de inspiração dos neoclássicos americanos era Alfred Marshall; mas alguns dêles eram também ligeiramente influenciados pela corrente nacional romântica da América, superficialmente pela escola histórica alemã, e os mais dêles fortemente pela escola austríaca. A maioria dos neoclássicos envolvia-se em sutilezas lógicas. O mundo econômico era para êles o *hinterland* da universidade. Não usavam a dedução, porém um raciocínio *a priori*. O raciocínio formal dos neoclassicos e marginalistas era lògicamente estético. O *homo economicus* dos clássicos tinha sido restaurado em tôda a sua glória; a interpretação hedonística reduziu-o a uma figura geométrica. O processo econômico

---

43. Eis um caso típico em que a ciência econômica de Taussig fê-lo pobre profeta: "Conquanto eu tenha cuidadosamente procurado evitar que minhas opiniões desfigurem de qualquer forma a narrativa, não julguei necessário ocultá-las. Meu ponto-de-vista tem sido o de quem considera o princípio do protecionismo radicalmente falso. Seria ir longe demais dizer que são insustentáveis todos os argumentos apresentados a favor da proteção. Mas o raciocínio sôbre o qual se funda o princípio geral do livre-câmbio me parece irrespondível; e para os Estados Unidos a maior aplicação praticável dêsse princípio é, como firmemente acredito, a melhor política. Dentro de que limites se confina a máxima aplicação prática não cabe discutir aqui. Certo é que na presente situação econômica do país e na atual disposição do público, se dará em certo grau uma reforma em futuro não remoto, reforma cuja razão de ser, espero eu, se tornará mais clara nestas páginas." *The History of the Present Tariff* (New York e London, 1885), Prefácio, pg. VII.

Taussig nunca perdeu a fé na fôrça onipotente da dedução. "Ninguém que não seja bem versado no raciocínio econômico geral pode esperar ter opinião bem fundada em relação à controvérsia protecionista e quaisquer que sejam as conclusões a que possa chegar, não as poderá provar por fatos e algarismos. Se suas conclusões gerais se lhe fixaram bem firmemente no espírito, poderá simplesmente ilustrá-las por fatos derivados da História e da Estatística." *The Tariff History of the United States* (New York and London, 1901), pg. 364.

44. "The State as an Economic Factor," em *Science*, vol. VIII (28 de maio de 1886), n.º 173, pg. 489.

tornou-se objeto de ensino simplificado que se representava por figuras e símbolos. A Economia era para os neoclássicos como um tabuleiro de xadrez, fixo e final. Numerosas controvérsias e teorias antagônicas se desenvolveram nesta base.

Por vêzes os neoclássicos frisaram o momento psicológico e a si mesmos se chamaram escola psicológica. Frank A. Fetter, o seu principal representante, fêz da psicologia voluntarista o seu fundamento, aplicou a teoria marginal e converteu todos os problemas econômicos em problemas de valor. Mostrou o otimismo tradicional americano em sua primeira obra sôbre população, mas não deu atenção às condições dos Estados Unidos. [45] Em outras ocasiões os neoclássicos tentaram empregar o método matemático ou combinaram alguns ou todos os traços das escolas.

Com exceção dos neoclássicos puros, eram todos êles mais ou menos ecléticos. O seu ecletismo porém não era um esfôrço de síntese; não era um desenvolvimento resultante de um conflito de princípios opostos.

A figura máxima entre os economistas acadêmicos era sem dúvida John B. Clark, considerado por muitos como "o maior pensador econômico que a América jamais produziu"; outros frisavam o seu "heróico" tratamento teórico e louvavam a sua teoria de distribuição, sua nítida distinção entre Economia Estática e Dinâmica. Sem dúvida, Clark era um teoricista de destaque, senhor de invulgar clareza e lógica. Desenvolveu algumas de suas teorias independentemente dos seus grandes contemporâneos, especialmente os austríacos, mas ao mesmo tempo que êles. E' verdade que êle foi provàvelmente o pensador mais original dentre os neoclássicos americanos. J. H. Hollander tem razão em afirmar que "a libertação do estudo econômico nos Estados Unidos da indagação local e histórica em que estava a pique de se lançar e sua restauração à investigação tradicional das uniformidades subjacentes na conduta econômica, parecem-me o maior serviço de Clark." [46] Clark provocou certamente um reavivamento do interêsse pela argumentação abstrata neste país.

45. *Versuch einer Bevölkerungslehre* (Jena, 1894).
46. *Economic Essays in Honor of J. B. Clark*, pg. 3.

Mas Clark era, como economista, essencialmente mais complicado. Passou por uma evolução um tanto peculiar. Sua *Filosofia da Riqueza* (1885) continha algumas das idéias da escola nacional romântica americana, mas ao mesmo tempo êle falou de processos mutáveis sob manifesta influência germânica e revelou nesta obra seu pendor marginalista e seu interêsse nos ensinos de Henry George. Neste livro, Clark descobriu que o *homo economicus* era uma ficção e que havia outros motivos além do interêsse próprio; declarou que a competição que convertia em "ignóbil luta por lucro pessoal", desaparecera e devia desaparecer; que uma vasta regulamentação governamental era necessária; e que uma sociedade é um organismo e não um mero agregado de indivíduos. Clark, sob a influência germânica de sua formação aos pés de Knies, estava-se expressando na maior parte em têrmos não de leis estáticas, mas de processos mutáveis.

Em sua *Distribuição da Riqueza* (1899) encontramos um Clark diferente, que acredita em leis econômicas universais e absolutas, e que se tornou cento por cento neoclássico. Neste "Estudo dos Fenômenos Estáticos Sociais" (subtítulo da obra) Clark explicou o seu primeiro grupo de leis — As Leis Universais de Economia. Desenvolveu aqui a teoria de produtividade dos salários na mais bela forma teórica. Sua tese principal era que cada um dos fatôres da produção — terra, trabalho e capital — tendia a receber o quinhão do produto social que contribuíra respectivamente para produzir. A sua teoria evoca a lembrança das idéias do General Walker, mas Clark presumiu conscientemente condições de perfeita competição e de equilíbrio estático. Concebia a estática como ponto de partida para entender a dinâmica. Esta teoria foi tratada em esbôço em *The Essencials of Economic Theory* (1907).

A teoria do valor, de Clark, baseada na união consciente dos fatôres e atitudes subjetivos e objetivos, é característica da sua fusão do classicismo inglês e marginalismo austríaco. Chegou ao marginalismo através da ênfase que deu em sua *Filosofia da Riqueza* ao fundo psicológico da procura por parte do consumidor.

Em tôda a sua longa carreira de erudito, Clark esqueceu-se de suas antigas dúvidas e das idéias de sua *Filosofia*, e começou a elucidar as leis universais da Economia. A beleza lógica, a precisão e a perfeição arquitetural do seu sistema influíram profundamente em seus contemporâneos e fortaleceram o neoclassicismo neste país. Como escreveu Alvin Johnson em seu necrológio, "mal pode hoje em dia o estudante de ciências econômicas conceber a excitação provocada no fim do século pelo aparecimento da *Distribuição da Riqueza*".[47] Mas Johnson se engana quando fala do americanismo nativo como em amadurecimento durante a carreira de J. B. Clark: êste foi o período do seu desaparecimento.

Se o papel, o lugar e a importância de Clark na história do pensamento americano se podem especificar por comparações, êle foi o Alfred Marshall americano; mas um Marshall que não fêz escola. Como Marshall, Clark era um "eclético original", que provocou e fortaleceu o renascimento do pensamento abstrato e produziu um cadinho de teorias e noções nativas e importadas, velhas e novas. Nenhuma corrente lhe era estranha. Mas as idéias nativas americanas do seu primeiro livro cedo se desvaneceram; o seu neoclassicismo permaneceu e venceu.

Paul T. Homan tem razão no seguinte sumário: "A que conclusão nos leva êste elaborado corpo de lógica econômica? É, em síntese, um sistema de harmonias econômicas. A harmonia social, conclui-se, resulta da emprêsa competidora. Tôda a exposição pode, pois, ser considerada como uma ampla e completa defesa da forma competidora das emprêsas comerciais. A competição, operando através do esfôrço geral de ganho de prazeres, elimina automàticamente conflitos de interêsse e injustiças, e em um mundo em transformação espalha os seus crescentes benefícios diante de tôdas as classes, quer elas amem ao Senhor quer não. Se nada suprime a competição, o progresso continua para sempre."

47. "John Bates Clark, 1847-1938," em *American Economic Review* (Junho de 1938), pg. 429.

Êste é, realmente, um brado longínquo do Clark que podia, vinte anos antes, escrever: "A competição individual, a grande reguladora da era passada, tem, em campos importantes, desaparecido pràticamente. E devia desaparecer: ela era, nos moldes recentes, incapaz de fazer justiça." [48]

As idéias transformistas tornaram-se estranhas à concepção de absolutismo e leis universais de Clark. Quando êle visualizou a evolução do seu sistema econômico contemporâneo, o que houve foi uma mudança em escala e não em espécie. Defendeu o sistema de competição contra as acusações de William J. Ghent, que falou da "morganização da indústria," [49] e desenvolveu a sua prócria visão de uma sociedade futura no esquecido ensaio sôbre *A Sociedade do Futuro.* [50]

Assim, foi Clark o máximo representante da "mecânica do interêsse próprio", para usar a expressão de W. C. Mitchel; e, como a maioria dos neoclássicos americanos, encontrou um meio de escapar de um emaranhado de sutilezas e de raciocínio lógico, estético e formal.

A corrente econômica dominante durante o período em discussão foi a neoclássica; mas não foi meramente um renascimento do classicismo, mas antes o seu verão indiano. Muitos dos economistas voltaram a sua atenção para a descoberta de fatos e à investigação de problemas concretos da vida econômica, atraídos especialmente para o campo dos problemas bancários e da moeda circulante. Algumas dessas investigações foram de valor duradouro. Algumas se parecem com dissertações doutorais germânicas. Muitas se desenvolviam como estudos francamente técnicos. Tôdas elas, sem o saber, apresentam todos os sintomas da escola histórica degenerada.

Em suas idéias relativas à política econômica, seguiam os neoclássicos a doutrina do *laissez faire;* mas pensavam que a liberdade inclui liberdade de concorrência e esperavam que o govêrno a pusesse em vi-

48. Paul T. Homan, *op. cit.*, pg. 94.
49. *In Our Benevolent Feudalism* (New York, 1902).
50. Em *The Independent,* 18 de julho de 1901.

gor. "E' interessante que um sistema com reminiscências dos primeiros defensores do *laissez faire* a abasse com uma nota de regulamento do govêrno. Mas ao govêrno não compete produzir nenhum novo esquema constituído: a sua parte é forçar a competição, "conservando viva a fôrça sôbre a qual os aderentes de uma política de *laissez faire* apóiem sua esperança de justiça e de prosperidade." [51]

No campo específico das tarifas, pelo ano de 1890, a doutrina de que o protecionismo era uma necessidade permanente tinha já aparecido, e os economistas apelavam para a classe dos assalariados para que lhes desse apoio, pela razão de que uma redução de impostos seria certamente seguida de uma redução de salários.

A escola nacional romântica, que chegara à sua culminância com Henry C. Carey, foi representada após a Guerra Civil apenas por uns poucos epígonos. A explicação da decadência do espírito americano já foi dada: o seu propósito, que era a industrialização do país, estava em processo de cumprimento; a necessária transformação tinha-se realizado; a classe média estava no poder; com isto o princípio da conservação e defesa do *statu quo* tornou-se predominante e encontrou um fundamento ideológico adequado nas doutrinas dos clássicos.

* * *

Os epígonos da escola nacional romântica defrontavam-se com um problema diferente. A situação estava agora mudada: a fronteira não se expandia, mas desvanecia-se; êles começavam a protestar contra o industrialismo crescente e por demais poderoso; representavam o lavrador abandonado no Oeste médio e no extremo Oeste; articulavam o protesto contra as doutrinas do Leste industrializado. — "Terra e dinheiro!" — era o seu brado. Mas o domínio público já não se achava mais atrás de todo o americano, e o poder monetário estava concentrado em Wall Street. Esta corrente era teòricamente fraca, mas pollticamente de

51. Paul T. Homan, *op. cit.*, pg. 92.

certa fôrça. Era antes um movimento que uma teoria, e exprimia a opinião econômica dominante de certos grupos americanos. Mas antes de travar conhecimento com êste movimento devemos dar um breve relato sôbre os epígonos teóricos da escola romântica nacional.

Henry George era o mais poderoso representante desta corrente. Como outros dêste grupo, não era um economista acadêmico. Como muitos dêles era um marinheiro, tipógrafo, jornalista e editor. Pode muito fàcilmente ser interpretado à luz do seu ambiente. Especialmente a técnica de Leland Stanford e o grupo da Central Pacific Railway puseram Henry George a examinar a história da especulação de terras na América e o persuadiram de que o monopólio da terra era a mais profunda fonte de injustiça social. Chegou à conclusão de que a expropriação dos recursos naturais era a origem da renda e a renda era uma taxa social de natureza parasitária; arrancava-se do produtor o incremento não ganho. Como os nacionalistas românticos, era êle severo crítico dos clássicos, especialmente de Ricardo e Malthus. Combateu as teorias clássicas de população e de renda, e, embora von Schulze-Gaevernitz o chame "ein gesteigerter Ricardo", [52] êle adotou a interpretação mais estreita possível da teoria ricardiana. A remuneração recebida pelo capital e pelo trabalho era determinada pelo que êles eram capazes de produzir da terra marginal — a terra que não pagava arrendamento. O quinhão que cada um dêles recebia dêste produto marginal era determinado pela concorrência entre êles. Mas, ao mesmo tempo, ao descrever as desastrosas conseqüências do sistema econômico vigente, Henry George não estava menos cheio de otimismo e crença na possibilidade da transformação, do que os antigos nacionalistas românticos americanos. A sua obra *Progresso e Pobreza* [53] é escrita em belo estilo literário, mostra vasto conhecimento da literatura e apaixonado humanitarismo, e é rica de ilustrações,

52. *Britischer Imperialismus*, pg. 101.
53. Primeira edição, 1879. Usei a edição Doubledy-Doran (New York, 1898).

especialmente de freqüentes comparações entre velhos e novos países. Henry George insistia sôbre as significações precisas dos têrmos, o que geralmente faltava nos escritos econômicos. Tinha um vivo sentimento da fronteira.

Onde se realizam mais plenamente as condições para as quais tende por tôda a parte o progresso material — isto é, onde a população é mais densa, maior a riqueza e mais altamente desenvolvido o mecanismo da produção e trocas — aí encontramos a máxima pobreza, a mais dura luta pela existência e o máximo de ociosidade forçada.

"E' para os países mais novos — isto é, para os países onde o progresso material ainda se encontra em sua primeira fase — que os trabalhadores emigram em busca de salários mais altos e o capital aflui à procura de maior rendimento. E' nos países mais velhos — isto é, nos países onde o progresso material já alcançou maior desenvolvimento — que se encontra mais espalhada a penúria no meio da máxima abundância. Ide a uma das novas comunidades onde o vigor anglo-saxônico está apenas começando a corrida do progresso; onde o mecanismo da produção e permuta é ainda rude e ineficiente; onde o incremento das riquezas ainda não é bastante grande para tornar possível a qualquer classe viver folgadamente e com lucro; onde a melhor casa é apenas uma cabana de paus ou uma choça de pano e papel e o homem mais rico é obrigado ao labor quotidiano — e, embora encontreis aí a falta de riqueza e de todos os seus concomitantes, não encontrareis nenhum mendigo. Não há luxo, mas não há penúria. Ninguém ganha a vida fàcilmente, nem vive uma boa vida; mas todos podem ganhar a subsistência e ninguém que possa e queira trabalhar é oprimido de temores de sofrer necessidades". [54]

George tinha fé na Economia Política. "A Economia Política, escreveu êle, tem sido chamada a ciência triste, e, como é correntemente ensinada, de desesperação e desânimo. Mas isto, como vimos, apenas porque

54. *Progress and Poverty*, pp. 6-7.

tem sido degradada e agrilhoada; têm tido as suas verdades deslocadas e as suas harmonias, ignoradas; com a bôca amordaçada e com o seu protesto contra o mal convertido em uma aprovação da injustiça. Liberta, como tenho procurado libertá-la, e na sua forma simétrica e própria, a Economia Política é radiante de esperanças.[55] Deve estar na alçada da Economia Política dar tal resposta. Porque a Economia Política não é um feixe de dogmas. E' a explicação de certo grupo de fatos. E' a ciência que, na seqüência de certos fenômenos, procura traçar relações mútuas e identificar causa e efeito, exatamente como as ciências físicas procuram fazer em outras ordens de fenômenos."[56]

Descreveu o seu trabalho como uma tentativa sintética "de unir a verdade apreendida pela escola de Smith e Ricardo à verdade percebida pelas escolas de Proudhon e Lasalle; para mostrar que o *laissez faire*, em sua plena e verdadeira significação, abre caminho à realização dos nobres meios do socialismo; para identificar a lei social com a lei moral e para refutar idéias que na mente de muitos obscurecem grandes e elevadas percepções."[57] Contudo, não era um socialista, nem um fisiocrata como a sua ênfase sôbre a terra levou muitos a pensar. Era um representante retardado da escola nacional romântica da América, cuja brilhante pirotécnica servia para a popularização da Economia Política mais do que muitos pesados volumes de erudição acadêmica. Mas George não tinha fé no progresso da civilização, a qual em seu entender tendia sempre para o mesmo resultado — renda mais alta em benefício do senhor da terra.

Era essencialmente um homem desta idéia e, por conseguinte, deu uma interpretação monística da história econômica e do presente econômico baseado sôbre esta idéia. E' admirável a seguinte ilustração:

"Aqui está uma pequena vila; em dez anos será uma grande cidade — em dez anos a estrada de ferro terá substituído a diligência, a luz elétrica ao candeeiro;

55. *Ibid.*, pg. 557.
56. *Ibid.*, pg. 11.
57. *Ibid.*, pg. XI.

terá abundância de máquinas e melhoramentos que tão grandemente multiplicam o poder realizador do trabalho. "Estarão dentro de dez anos mais altos os interêsses?" Êle vos dirá que não. "Estarão mais altos os salarios do labor comum?" Êle vos dirá que não. "O que, então, estará mais alto?" "O arrendamento: valor da terra. Vai, pois, tu mesmo e adquire uma porção de terra e toma posse dela. Poderás sentar-te e fumar o teu cachimbo; poderás deitar-te como os lazarones de Nápoles ou os leprosos do México; poderás subir em um balão ou afundar-te em um buraco da terra; e, sem fazer o menor trabalho, sem acrescentar um átomo à riqueza da comunidade, estarás rico em dez anos. Podes ter em a nova cidade uma residência luxuosa; mas ela será entre os edifícios públicos um asilo de mendicidade." [58]

Por causa do arrendamento, os salários não podem melhorar. "A razão pela qual, a despeito do aumento da capacidade de produção, os salários tendem constantemente para um mínimo que mal dá para viver, é que, com o aumento da capacidade produtora, as rendas tendem a aumento ainda maior, produzindo-se assim uma tendência constante para forçar a queda do salário". [59] George frisou que as rendas é que "absorvem a produção acrescida pelo progresso do trabalho material, e que o trabalho não consegue obter, e frisou também que o antagonismo de interêsses não é entre o capital e o trabalho, como se acredita popularmente, mas é na realidade entre o trabalho e o capital de um lado e a propriedade da terra do outro. [60]

A renda é a causa principal das crises. "Uma reflexão sôbre a maneira pela qual o avanço especulativo no valor das terras cerceia os ganhos do trabalho e do capital e reprime a produção, leva, a meu ver, irresistìvelmente à conlusão de que esta é a principal causa dessas periódicas depressões industriais a que parecem crescentemente sujeitos todos os países civilizados ao mesmo tempo." [61] O resultado prático é o que Henry

58. *Ibid.*,
59. *Ibid.*, pg. 280.
60. *Ibid.*,
61. *Ibid.*, pg. 225.

George reclama: "Êste é, pois, o remédio para a injusta e desigual distribuição da riqueza na moderna civilização e para todos os males dela decorrentes: *É necessário que façamos da terra uma propriedade comum*".[62] E o único meio de abolir o mal é o impôsto único. O plano do impôsto único significa a nacionalização da renda sòmente, permanecendo inalterável a propriedade da terra.

Desde os fisiocratas até Henry George a terra era o principal objeto do zêlo reformador e o impôsto único estava de certo modo relacionado com as teorias do *impôt unique*.

As idéias de George não eram inspiradas por teorias, mas pelo ambiente americano — não sòmente o dos Estados Unidos, mas também o do continente americano como um todo. Muito antes dêle, idéias semelhantes foram pregadas na Argentina quando Rivadavia propôs em 1826 o sistema enfitêutico.

A reação nas esferas acadêmicas foi, como era de esperar, altamente desfavorável. Henry George foi dado como um ignorante radical, pela maioria dos economistas acadêmicos.

"A primeira atitude dos economistas foi ignorar a George. Quando êste se recusou a submeter-se ao desdém do silêncio, o seu método e doutrina passaram pelo crivo de severa crítica. Entre os seus críticos de destaque figurava Francis A. Walker, que, em 1877, dois anos antes da publicação do *Progresso e Pobreza*, tinha também atacado a doutrina do fundo de salários, e que, seguindo Say, tinha feito distinção entre lucros e interêsses, a fim de converter lucros em renda. Havia ainda Alfred Marshall, R. T. Ely, E. R. A. Seligman, F. W. Taussig, E. e W. A. Scott, todos os quais voltaram sua atenção à refutação das teorias de George".[63] J. B. Clark, que reconhecia a sua dívida para com Henry George, chamou, apesar disso, ao seu esquema, "a quintessência do roubo." Os economistas estrangeiros deram mais atenção às teorias de Henry George e espe-

62. *Ibid.*, pg. 326.
63. Ernest Teilhac, *op. cit.*, pg. 118.

cialmente na Alemanha êle inspirou a Boden Reformer. Gustav Schmoller caracterizou a George quase com as mesmas palavras que aplicou a Henry C. Carey:

"Je weiter ich aber las, desto mehr gewann mich der Schriftsteller, und zuletzt legte ich das Buch mit dem Gefühle weg, dass hier ein frischer ganzer Mann, dem die neue Welt, das Rauschen des Urwaldes und die kernhafte Kraft des Amerikannertums noch ein ganzes Herz und einen offenen, scharfen Blick gelassen, uns ein Selbstbekenntnis darüber ablegt, was aus einer Mischung solcher Elemente mit der abgelebten Schulweisheit englischer Popularphilosophie werden könne. Ich ward deshalb milder darüber gestimmt, dass der Verfasser mit dem, was er Neues gegenüber der englischen Nationalökonomie bringt, für uns Deutsche zu einem grossen Theil nur offene Thüren einstösst, dass er mit seinen praktischen Vorschlägen in der Hauptsache Kindlich-Unpraktisches verlangt, dass er, einer tieferen wissenschaftlichen Bildung ermangelnd, vielfach doch ganz in den alten Geleisen manchesterlincher Weisheit stecken bleibt." [64] Schmoller percebeu que a obra de George "jeden unbefangenen Leser gewinnen wird und mir als klarer Beweis gilt, dass der Verfasser ein ungewöhnlich begabter Denker ist, der in anderer Lebenslage und Stellung wirklich Grosses hätte leisten können, auch so bleibt das Buch für einem self-made-man, der sich vom Druckergesellen zum geachteten Journalisten emporgearbeitet, eine glänzende Leistung." [65]

O homem da rua na América lia os livros de George.

Esta influência de Henry George tem sido muito maior do que os economistas profissionais estão geralmente dispostos a reconhecer. Fêz êle mais na América para popularizar a ciência da Economia Política do que qualquer outro economista. Deu a diversos de nossos jovens economistas o seu primeiro impulso para o estudo. Seus vigorosos ataques críticos à doutrina do fundo de salário e à doutrina da população maltusiana

64. *Op. cit.*, pg. 248.
65. *Ibid.*, pg. 259.

são o resultado do seu estudo das condições da economia americana e em harmonia com a obra de Carey e Walker." [66] E mesmo Laurence Laughlin, declarado adversário de Henry George, teve de reconhecer que lhe era devido "o mérito de ter estimulado por seus escritos o interêsse em Economia Política a um ponto ainda não reconhecido para qualquer outro escritor dêsse país." [67] Mas explicou que "a excepcional circulação da obra *Progresso e Pobreza,* de Henry George, foi em grande parte favorecida pelo fato de que o seu autor viera, êle próprio, das fileiras dos trabalhadores." [68]

Simon N. Patten, também um epígono da escola nacional romântica, era de um tipo inteiramente diferente. Homem de grande erudição, que estudara com Conrad em Hallen, bem familiarizado com a escola histórica alemã original, e influenciado pela escola austríaca, foi êle grandemente afetado pelo ambiente americano. Êste filho de um pioneiro foi provàvelmente o último grande otimista na história do pensamento econômico americano. Seu discípulo e amigo, professor Seager, considerava-o "o mais original e sugestivo economista que a América jamais tinha produzido." [69]

Patten rejeitou a competição como um recurso próprio para a regulação industrial. Rejeitou o barato como critério de eficiência e afirmou que a competição não conduz à sobrevivência do mais apto. De acôrdo com Carey, substituiria êle a competição pelos recursos protecionistas e de cooperação, tais como as tarifas. Foi tão longe em justificar a intervenção do Estado, que chegou a desenvolver algumas idéias de consciente planejamento social. [70]

---

66. Sidney Sherwood, *op. cit.*, pg. 41.

67. "The Study of Political Economy in the United States," — em *Journal of Political Economy,* vol. I, dezembro de 1892).

68. *Ibid.*, pg. 3.

69. Introdução ao *Essays in Economic Theory* de Simon N. Patten (New York, 1934), pg. XI.

70. "The Scope of Political Economy," em *Yale Review* (novembro de 1893).

A doutrina maltusiana foi rejeitada por Patten, que era um tanto cético em relação a tôdas as teorias dos clássicos. "Êle se referiu às condições observadas por Malthus, Mill e Ricardo como uma economia de *deficit* e declarou que as leis derivadas de uma economia de *deficit* não se ajustavam a uma economia de *surplus* dinâmica e moderna." [71]

Como outros nacionalistas americanos, Patten acreditava que a influência civilizadora da indústria e comércio era muito maior que a da agricultura e adotava com List a teoria das fôrças produtoras, frisando a importância da produção em comparação com a permuta. Patten estava ao mesmo tempo sob a influência da escola austríaca e deu grande ênfase a todo o problema econômico do ponto-de-vista do consumo. "Com pouco ou nenhum exagêro se poderia dizer que o consumo era para a sua economia o que o valor era para a dos classicistas." [72] Sua idéia de transformação foi claramente expressa, quando êle declarou: "vivemos em 1912, mas pensamos em têrmos de 1848."

Encontramos em Brooks Adams outro dissidente dêste período — era um pensador isolado, cético, brilhante e sincero rebelde, desprezado pela sua própria geração e pela seguinte. Estêve sob a influência da escola histórica em seus métodos, mas foi um tanto coletivista, como êle dizia, em suas esperanças. A sua obra *Supremacia Econômica da América,* [73] a despeito de tôdas as predições que não se cumpriram, constitui ainda leitura estimulante e até inspiradora. As suas considerações sôbre o declínio da Inglaterra, o futuro da centralização na Alemanha e da coletivização na Rússia, a sua convicção de que "o velho equilíbrio social, que se tinha estabelecido em 1815 com a queda de Napoleão I, tinha recebido o seu primeiro xeque em 1870, quando a Alemanha se consolidou após a queda

---

71. Joseph J. Spengler, "Population Doctrines in the United States. I. Anti-Malthusianism," em *Journal of Political Economy, vol. XLI* (agôsto de 1933), n.º 4, pg. 458.
72. James Lane Boswell, *The Economics of Simon Nelson Patten* (Philadelphia, 1933), pg. 32.
73. New York, 1900.

da França; mas que os últimos efeitos dêsse choque apenas começassem a manifestar-se vinte anos depois", [74] afiguram-se hoje modernas e proféticas.

* * *

O verdadeiro dissidente, representando o desejo de transformação e protestando contra a Idade de Ouro, contra a classe média triunfante, contra os entrincheirados interêsses financeiros e industriais, era o abandonado fazendeiro do médio Oeste e do extremo Oeste. O Sul uniu-se-lhe na procura de dinheiro barato. O velho agrarianismo democrático desafiou o domínio da classe média e a sua proteção da democracia americana, e êste protesto foi principalmente expresso na forma dos movimentos do terceiro partido. O fazendeiro americano "tinha sido por muito tempo semi-classe média, considerando o incremento não ganho como a mais proveitosa colheita, e comprando e vendendo terras como se fôssem chita." [75] O seu descontentamento resultava da extinção da fronteira. "Já não existe uma terra da oportunidade. Já não é o país do pobre. Chegamos por demais depressa aos caminhos do Velho Mundo". [76]

O fazendeiro estava reclamando mais terra e dinheiro barato. A doutrina do dinheiro barato era um *Leitmotif* econômico da história americana na década de 1780, na de 1830 e depois da Guerra Civil. Muitos aspectos da história americana só se podem entender como um movimento de proprietários de terra endividados. O *greenbackism*, como já se disse, foi o eqüivalente americano do radicalismo na Europa. Como demonstrou Turner, êle converteu a doutrina dos colonizadores do Oeste, do *laissez faire* e individualismo na doutrina da intervenção do govêrno nacional em favor das massas. O que se pedia não era "menos govêrno", na frase de Jefferson, porém mais govêrno.

---

74. *Op. cit.*, pg. V.
75. V. L. Parrington, *op. cit.*, vol. III, pg. 26.
76. Emerson Hough, *The Passing of the Frontier* (New Haven, 1920), pg. 168.

As comunidades devedoras, sofrendo da deflação, sempre frisaram que a emissão da moeda era uma função da soberania. Em virtude da pressão feita pelos movimentos do terceiro partido, o fazendeiro procurou introduzir reformas tais como a iniciativa e o *referendum*, a revogação e o *direct primary*, e o impôsto de renda; e mais tarde, influenciado por William J. Bryan uniu-se com os democratas em um ataque aos excessos do sistema capitalista. O movimento Locofoco, o Partido do Solo Livre, o antigo Partido Republicano, o Partido Greenkack, o Partido Populista, o Partido Progressista, todos davam ênfase mais ao homem que à propriedade. A queixa tem sido que os preços dos produtos agrícolas são baixos, que a renda do fazendeiro é muito menor que antigamente, e que os monopólios estão esmagando o pequeno produtor e onerando o consumidor. O fazendeiro começou a revolta contra o *Big Business.*

Depois da Guerra Civil houve três grandes insurreições políticas: o movimento Greenback da oitava década, o Populista da nona e décima, da Non-Partisan League da segunda década, do século XX. O período após o pânico de 1873 em particular foi assinalado por uma vigorosa tentativa agrária de destruir na América as trincheiras do capitalismo.

O movimento Granger rebelou-se contra as estradas de ferro, o monopólio, a posse por ausentes, a discriminação; era o protesto natural de uma comunidade democrática contra o domínio do capital corporativo. O movimento principal era promover os interêsses educativos e sociais dos seus membros. Quando o movimento mudou o seu objetivo para a reforma política e social, a organização começou a declinar. A Aliança dos Fazendeiros teve mais ou menos a mesma história. Mas a influência política da Aliança tornou-se muito maior do que a que fôra jamais atingida pelo Grange. Contudo o período de sua influência política foi muito curto. A Aliança exerceu considerável influência na eleição de 1890, mas o seu declínio foi rápido depois desta data. A Aliança foi a precursora do "Partido do

Povo", que se tornou a primeira grande organização de fazendeiros neste país." [77]

"Para o fazendeiro os maiores inimigos eram as estradas de ferro com os seus altos preços de transporte e suas discriminações em favor dos grandes armadores; os industriais que podiam manter altos preços porque seus produtos eram protegidos por uma tarifa e porque recorriam a práticas ilegais para controlar preços; os banqueiros e os emprestadores de dinheiro, porque se recusavam a emprestar dinheiro ao fazendeiro sôbre sua colheita e porque cobravam altos juros sôbre hipotecas, os oficiais do govêrno, porque o fardo maior da taxação era lançado sôbre valores imobiliários e não sôbre as rendas ou bens móveis. Dominar as estradas de ferro, reprimir os monopólios, mudar o sistema de taxação, tornar o crédito mais fácil, erigir elevadores do govêrno e emitir recibos de armazenagem de modo que a safra possa ser conservada fora do mercado quando há excesso de produção e fornecer dinheiro à vista ao fazendeiro e emitir papel-moeda — tal era o programa econômico dos fazendeiros americanos na nona e décima décadas." [78]

"O Oeste foi mal sucedido em seu ataque aos abusos da moeda e do câmbio. Foi mal sucedido ao tentar quebrar o domínio monopolizador que as indústrias protegidas por tarifas tinham sôbre o mercado nacional. Mas obteve assinalada vitória em sua luta contra as estradas de ferro e, por isto, ganhou a primeira batalha em uma longa luta ainda não terminada. O mesmo descontentamento do Oeste que tinha reclamado com brados *greenbacks* e prata livre e que pedia se refreasse o monopólio industrial, foi responsável pela primeira peça de legislação rural de alguma significação econômica. Os mesmos estados do Oeste que fizeram experiências com legislação ferroviária na oitava década foram as primeiras comunidades americanas que começaram a escrever em seus estatutos, 30 anos mais tarde,

---

77. W. B. Bizzell, *The Green Rising* (New York, 1926), pg. 170.

78. L. M. Hacker e B. B. Kendrick, *The United States since 1865* (New York, 1933), pg. 180.

sôbre as leis sociais que haviam de tornar a luta feroz da vida econômica americana, pelo menos suportável para a grande maioria da população do país. A significação da Lei do Comércio Interestadual reside neste fato: foi a manifestação inicial de um movimento consciente para a regulamentação do *Big Business* no interêsse da sociedade em geral. E pela promulgação desta lei, em 1887, o Govêrno federal iniciou uma carreira de legislação social cujas ramificações deveriam finalmente atingir todos os campos do esfôrço particular. As leis que declaravam ilegais as combinações para restrição do comércio, reprimindo práticas desleais em negócio, prescrevendo a duração do dia de trabalho nas estradas de ferro, proibindo o comércio em algodão futuro, procurando eliminar por meio de impostos o trabalho dos menores, requerendo compensação para os operários em caso de acidentes — tornaram-se tôdas elas possíveis por isso que o Oeste, na oitava e nona décadas, clamava por interferência governamental na conduta da indústria particular. A promulgação da lei do comércio interestadual indicava que tinha começado nos Estados Unidos o crepúsculo do individualismo, crespúsculo êsse que havia de ser realmente longo." [79]

O mesmo aconteceu com "o projeto de lei para punir os trustes" (1890). "Não se pode deixar de presumir a boa-fé do congresso que elaborou o *Sherman Anti-Trust Law*. O sentimento popular era tão hostil às atividades dos trustes e monopólios e os pedidos de providência e socorro estavam tão generalizados, que os senadores e representantes que quisessem assegurar o seu futuro político eram compelidos a dar ouvido às queixas de seus constituintes." [80]

Mas bem cedo a Lei Sherman se tornou letra morta. Os trustes e combinações continuaram a multiplicar-se. "Pode-se dizer que em geral as organizações e partidos dos fazendeiros eram favoráveis à maior atividade governamental; ridicularizavam as doutrinas econômicas e políticas do *laissez faire;* acreditavam que

79. *Ibid.*, *pp.* 262-263.
80. *Ibid.*, pg. 290.

os governos do povo podiam e deviam ser usados de muitos modos para promover o bem-estar público, para assegurar a justiça social e para restaurar ou preservar a igualdade política e econômica. Eram pioneiros neste campo de política social, mas não agiam sòzinhos. Com êles cooperavam informantes independentes, individualmente ou em grupos, partidos e organizações trabalhistas." [81]

O movimento agrário não formou um sistema teórico, não produziu economistas. Era grupo ou homem e não pensamento individual. Esta tendência do pensamento não tinha teorizadores, mas líderes — por vêzes brilhantes, porém, pela maior parte espíritos confusos, mais fortes em estratégia política do que em Economia Política. A êste grupo pertence Ignatius Dommelly, o "filósofo de Minesota", autor do utópico *Caesar's Columm,* [82] que foi em 1876 o presidente da *National Anti-Monopoly Convention* (a qual elegeu para presidente Petter Cooper), e que foi eleito em 1900 pelo Partido do Povo para a vice-presidência. As idéias econômicas de Cooper eram simples. Aceitou o paternalismo como função necessária do govêrno. "Êle queria que o estado construísse e possuísse os grandes sistemas ferroviários do Oeste; queria empregar o domínio nacional em benefício do colonizador; não queria que se entregasse o Estado aos exploradores nem os recurso da nação aos especuladores". [83]

O herói do movimento agrário foi sem dúvida William Jennings Bryan, o favorito das massas rurais. Provinciano sincero, antiurbano, fazendeiro do Oeste com antepassados sulistas, era um devotado aos velhos ideais americanos da Declaração de Independência e representava o pensamento agrário de Jefferson. Opunha-se à pressão do sistema industrial e atirou-se à campanha contra as tarifas, conduziu "the silvers forces" pelo seu discurso *Cross of Gold,* candidatou-se à presi-

81. Solon J. Buck, *The Agrarian Crusade* (New Haven, 1920), pp. 199-200.
82. Chicago, 1890.
83. V. L. Parrington, *op. cit.*, vol. III, pg. 282.

dência como antiimperialista e reclamou a posse das vias férreas pelo govêrno.

Genuìnamente americanos do período após a Guerra Civil foram os numerosos sonhos utópicos que exprimiram o descontentamento do homem comum com o estado das coisas. Aqui o desejo de transformação era dramàticamente realçado. Antes da Guerra Civil êste país fizera experiências em comunidades utópicas; depois da Guerra Civil, com a extinção da fronteira e com o triunfo do capitalismo, o homem comum só podia fazer experiência em sonhos. A procura de utopias tornou-se uma aventura patética e sem fim, ao mesmo tempo que uma viva manifestação da consciência americana pugnando por transformação. Mas por vêzes os aderentes do princípio de conservação também revestiam os seus ideais de formas utópicas. Tôdas essas utopias eram um reflexo de lutas mundanas e seus proponentes eram ingênuos, sentimentais, modernos, racionais, otimistas, com pendores teológicos, seccionais, nacionais. A maior parte dêles aborreciam a ciência econômica formal e subscreviam de preferência as idéias cooperativistas e de associação, por vêzes em combinação com o individualismo e a iniciativa particular. Impressionavam-se fortemente com a volta dos tempos difíceis e andavam em busca da prosperidade permanente. A maior parte dêles eram altamente imaginosos em relação às invenções que faziam época. Criticavam a prática e as doutrinas correntes sôbre a renda, população, dinheiro, bancos, trustes e monopólios e cedo apresentaram a sua construção positiva de comunidades transformadas, com base no *Weltanschauung* dos escritores individuais. Quase todos os seus escritos eram, do ponto-de-vista literário, monótonos e tediosos.

A cronologia dos escritos utópicos merece menção especial. Houve quatro antes da nona década; cinqüenta e cinco nos últimos vinte anos do século XIX, quarenta e sete dêles depois do livro de Bellamy; e cinqüenta e cinco nos primeiros trinta anos do presente século, trinta e sete dos quais na época anterior à primeira guerra mundial. A guerra hispano-americana

assistiu ao fim da primeira corrente de utopia, a primeira guerra mundial ao fim da segunda. O desenvolvimento febril do industrialismo americano nos Estados Unidos durante o último quartel do século XIX impressionou profundamente o espírito público e pressagiou o caráter dos primeiros anos do século XX.

Pelos fins do século passado, os escritos utópicos tornaram-se mais freqüentes, a começar de 1880. A segunda metade da nona década presenciou uma verdadeira torrente dêste tipo de literatura. Êstes romances já não eram isolados, mas entrelaçados uns aos outros. Tornou-se moda por êste tempo usar a forma de novela para introduzir discussões de problemas sociais contemporâneos, bem como polêmicas entre socialistas e seus oponentes. Ao considerar estas utopias, vale a pena lembrar que as datas de sua produção eram contemporâneas com o rápido e inopinado desenvolvimento de gigantescos industriais americanos, o primeiro despertar da consciência de uma classe trabalhadora, a febril agitação dos fazendeiros, a propaganda contra o monopólio e a discussão da inflação monetária.

A mudança foi vasta e de universal influência. Perplexos pelos novos e profundos problemas sociais, e não tendo solução para êles, êstes escritores desferiram longo vôo abreviando o tempo e o espaço para encontrar alívio dos seus males presentes em algum planêta distante ou em diversos séculos do futuro. No reino da fantasia abriram velas em viagem de exploração à procura de condições econômicas e sociais melhoradas. O aparecimento das manufaturas no país teve um paralelo na crescente produção de planos sociais, e ideais de uma nova arquitetura social. A comunicação entre os Estados Unidos e as comunidades utopistas tornou-se mais freqüente em a nona década: já não consistia em viagens ocasionais.

Mas os *Zeitgeist* nunca abandonaram os utopistas: êles transferiram seus problemas domésticos para as ilhas utópicas cuja paz eterna se perturbava pelo ruído que provinha da questão do impôsto único, dos trustes e cadeias de armazéns, das greves e dos bimetalismos. Lendo esta multidão de romances, não se pode deixar

de sentir, por vêzes, como quem está relanceando a vista pelos capítulos de um manual de história econômica americana. Parecem tratados de economia escritos na forma de novelas. Remeto o leitor para a minha obra *Utopias Sociais na Literatura Americana*, na qual realizei um estudo especial neste campo.[84]

A mais importante e influente utopia social foi a que se apresentou em *Looking Backward*, de Ralph Bellamy.[85] O segrêdo de seu desusado êxito foi que o autor deu expressão a idéias que pairavam então no ar. William D. Howells salientou êste ponto em seu esbôço de prefácio ao *Blindman's World*, de Bellamy, publicado em Boston em 1898. "Como quer que seja, sabendo-o ou não, êle sentiu infalivelmente o que sentiria o homem médio". Foi um líder na caça de utopias dêsse tempo. O "Nacionalismo Cooperativo" de Bellamy é uma continuação das idéias expressas por Lawrence Gronlund em seu *Cooperative Commonwealth*,[86] revigorado pelo marxismo germânico e afetado pela nobre influncia da grande escola de Concord. A importância de Bellamy reside no fato de que a influência de seu livro repercutiu por todo o mundo. Ao passo que Platão contou durante a vida leitores aos centos e Moore os contou aos milhares, Bellamy pôde contá-los sempre por centenas de milhares. Um milhão de exemplares se venderam em curto espaço de tempo; os chamados *Bellamy Clubs* brotaram por tôda a parte do país. Mesmo na Europa foi esta a primeira utopia que obteve real popularidade. Foi uma das primeiras descrições da organização socialista do estado, embora para o público americano Bellamy aplicasse a ela o epíteto inócuo de "nacionalismo". Êle condenava a máquina e o industrialismo, queria apenas torná-los úteis a tôdas as classes da sociedade.

Looking Backward tornou-se o centro bem como o ponto de partida de novas produções utópicas. Escritores de tôda espécie fizeram tentativas no assunto.

---

84. *International Review for Social History* (Amsterdam, 1938), vol. III.
85. Boston, 1888.
86. Boston, 1884.

Ginecologistas e advogados de emprêsas cooperativas eram os polos opostos desta sociedade pitoresca, na qual apenas os eruditos e estadistas raro tinham entrada. Em regra, porém, a memória destas utopias não sobreviveu, sem exceção até de *Equality*, de Bellamy (1897). A sua obra era sentimental, mas não era melodrama tràgicamente concebido. O seu desprêzo aos economistas profissionais era visível. Bellamy foi considerado "um inventor social". O movimento nacionalista foi o resultado de suas idéias.

As utopias que se seguiram imediatamente a *Looking Backward* eram em maior parte ou pró ou contra Bellamy. A década de 1890 a 1900 produziu a maior colheita nesse campo.

* * *

Nenhum movimento trabalhista permanente se formou na América senão depois da Guerra Civil. Os vários partidos operários que floresceram por breves intervalos antes dêsse tempo voltaram-se do sufrágio universal e livre educação pública para movimentos populares de reforma, para movimentos agrários pela distribuição de pequenos *homesteads* de terras públicas, para utópicas experiências socialistas sob liderança burguesa durante a quarta e quinta décadas, e a agitação antiescravocrata que sobrepujou tôdas as outras questões na década anterior à Guerra Civil. O crescimento do sistema fabril após a Guerra Civil deu em resultado a introdução dos problemas do trabalho organizado.

A emancipação dos escravos contribuiu para a formação de uma classe trabalhista, mas a fronteira ainda retardou as tendências socialistas. O trabalho assalariado era antes uma condição temporária que uma instituição permanente anterior à extinção da fronteira. O efeito da válvula de segurança da fronteira deu a todo o movimento trabalhista um caráter temporário; o fato é que o trabalho era escasso e tinha exercido um quase monopólio por muitas décadas do século XIX. Em 1870 o suprimento de trabalho era ainda inade-

quado à procura e a classe operária era até certo ponto a minoria privilegiada. Em 1870 mal se conheciam greves e *lockouts;* mas entre 1881 e 1894 o país assistiu a mais de catorze mil embates entre o capital e o trabalho.

Marx explicou êste novo espírito pelo fato de que a imigração estava lançando trabalhadores nos centros industriais mais depressa do que as terras do Oeste podiam absorvê-los; que a Guerra Civil tinha deixado atrás de si uma dívida colossal e um fardo de impostos, e tinha criado "uma aristocracia financeira da mais baixa espécie"; e que as terras públicas estavam sendo devoradas por especuladores, vias férreas e companhias de mineração em um ritmo precípite.[87] Mas a formação de uma classe operária unificada era ainda embaraçada pela divisão em trabalho especializado e não especializado; esta divisão era intensificada pelo fato de que tendia a coincidir com a divisão entre nativo e estrangeiro, e aumentava o particularismo da mão-de-obra especializada; e era ainda embaraçada pela constante fluidez de classe e o papel predominante da população rural. Esta grande população rural, que continha o mais revolucionário grupo, os fazendeiros, estava fora do movimento trabalhista e era constantemente tentada a se organizar por si mesma.

O trabalhador europeu bem como o capitalista europeu provinham do pequeno fabricante dos séculos XVII e XVIII; era um desenvolvimento orgânico e consciente de classe. Nos Estados Unidos tanto o trabalhador como o capitalista apareceram inopinadamente sem qualquer tradição de classe. Mas os trabalhalhadores nos Estados Unidos não tiveram de lutar pela liberdade política, como foi o caso na Europa. Durante o período em discussão a classe operária neste país não tinha fundo ou tradição histórica, mas possuía (ou adquiriu) o robusto espírito individualista criado pela fronteira.

Ao passo que a classe trabalhista na Europa se uniu às fileiras do socialismo, rejeitando a idéia da possibilidade de harmonia entre as classes, e recla-

87. B. Wolfe. *Marx and America* (New York, 1934), pg. 19.

mando que se deitasse abaixo a sociedade, a crença na possibilidade de tal harmonia era característica do pensamento americano. Os anglo-saxões, geralmente falando, não criaram grandes teorias socialistas. Seu pendor individualista é talvez responsável por isso, e bem assim o fato de que seu movimento trabalhista adotou primeiramente a fórmula de união trabalhista, ao passo que na Europa continental as teorias socialistas precederam a formação das uniões trabalhistas.

No continente europeu (na maioria dos países), o movimento socialista se desenvolveu como um movimento de massa anterior à consolidação das uniões trabalhistas, e as uniões começaram com uma filosofia socialista. Na América (como na Inglaterra), por motivos históricos, as uniões se desenvolveram primeiro, enquanto os movimentos socialistas eram seitas impotentes ou inexistentes. Portanto, as uniões se desenvolveram nas bases de ideologia burguesa e subordinação das classes trabalhadoras à política capitalista. Por isso, Marx e Engels salientaram a necessidade de um partido trabalhista de massas, "qualquer que fôsse a sua primeira forma", como o "verdadeiro ponto de partida de desenvolvimento da classe trabalhadora americana." [88]

Os *Knights of Labor,* organização formada em 1869, elevou-se espetacularmente a grande importância, depois caiu, quase com a mesma rapidez, em esquecimento. Os seus objetivos, como estavam expressos em sua constituição, eram "trazer para dentro das obras da organização todos os departamentos da indústria produtora, fazendo do saber um ponto de apoio para a ação, e do mérito industrial e moral, e não da riqueza, o verdadeiro padrão de grandeza nacional." O programa dessa organização era uma rara combinação de idealismo e realismo. Baseava-se na fraternidade de todo trabalho ou o que veio a chamar-se "a grande união", uma organização geral do trabalho. Tanto os trabalhadores especializados como os não-especializados, e até mesmo os empregadores, se eram tam-

88. B. Wolfe, *op. cit.*, pp. 24-25.

bém operários, eram elegíveis como membros. O valor dos trabalhadores especializados devia ser usado como arma para obter concessões para todos. Os *Knights of Labor* atingiram o máximo de sua fôrça e influência em 1888, depois do que o seu declínio foi rápido. Como suas primeiras greves tinham sido bem sucedidas, o poder da organização era temido e respeitado. Mais tarde, porém, uma série de greves mal sucedidas reduziu consideràvelmente a fôrça da organização e enfraqueceu o prestígio de seus oficiais. Além disso, de uma verdadeira e real dissenção sôbre o lugar da uinão trabalhista nacional na estrutura do movimento do trabalho, resultavam contínuas lutas internas. Finalmente, com o crescimento da Federação Americana do Trabalho, os *Knights of Labor* cessaram de funcionar como organização ativa.

A Federação Americana do Trabalho, formada em 1881, foi organizada sôbre a base de autonomia para o sindicato operário. Em contraste com os *Knights of Labor* altamente centralizados, a Federação era uma combinação frouxa de sindicatos operários nacionais. O seu fim era unir o trabalho especializado para assistência mútua financeira, educativa e política, especialmente com base no ofício. Contudo, os poderosos sindicatos ferroviários permaneceram fora da Federação. Em contraste com a experiência inglêsa, o movimento trabalhista americano, enquanto sob a liderança da Federação Americana de Trabalho, absteve-se de constituir um partido do trabalho. Sua atividade política se limitava a promover a eleição dos seus amigos políticos e opor-se à de seus inimigos. Os corredores da Federação no Congresso e as várias legislaturas estaduais constituíram fatôres importantes em moldar o curso de legislação com vantagem para o trabalho. Quase tôda a orientação da Federação se pode atribuir a Samuel Gompers, que serviu de presidente, exceto por um ano, desde 1882 até sua morte em 1924.

O rol de membros da Federação Americana de Trabalho flutuou durante diversos períodos de sua história. Um aumento de pouco mais de duzentos mil membros em 1890 para 550 000 em 1900, e para quase

2 000 000 em 1914, é um magnífico recorde de crescimento. Durante a primeira grande guerra mundial, as uniões que constituem a Federação obtiveram ganhos substanciais. A escassez de trabalhadores produziu o aumento de salário. Sob tais condições o rol de membros elevou-se a mais de 4 000 000. Mas êste lucro não foi permanente, porque na reação que se seguiu ao armistício muitos empregadores lutaram com êxito para se libertarem de organizações que êles sentiam que lhes tinham sido impostas em tempos extraordinários. Pelo ano de 1926 o rol tinha caído a cêrca de 2 750 000. [89]

"Durante tôda a sua carreira como presidente da Federação Americana de Trabalho, Gompers aderiu tenazmente a certos princípios estabelecidos de comêço. Qualquer que possa ter sido o seu pensamento acêrca do futuro da sociedade capitalista — (em sua mocidade êle teve pendores socialistas) — êle não clamou dos telhados pela revolução. Pràticamente, aceitou a ordem capitalista e concentrou seus esforços em salários altos, redução de horas e condições favoráveis de trabalho dentro de limites. Em resumo, procurou fazer do trabalho um sócio satisfeito e próspero dos negócios no sistema americano de aquisição e fluição." [90]

A escola dominante de economia não apoiava o movimento trabalhista, mesmo na sua forma americana. "A grande greve do sistema ferroviário do sudoeste em Jay Gould resultou em derramamento de sangue, mas aos olhos de Taussig, de Harvard, "os homens estavam-se esforçando para obter uma parte na administração além daquela a que tinham direito. O lento e firme movimento da sociedade resultou em alguma coisa semelhante a uma organização militar. Os soldados têm os seus deveres e lugares determinados pelos capitães da indústria." Newcomb sustentava que qualquer restrição feita aos grandes possuidores de propriedade devem resultar no desaparecimento da propriedade e, com ela, da civilização. Os trabalhadores foram adver-

---

89. George Matthews Modlin e Frank Traver de Vyver, *Development of Economic Society*, na série "Economics and Social Institutions," vol. I (Boston, 1937), pp. 416-417.

90. Charles A. e Mary R. Beard, *op. cit.*, vol. II, pp. 224-225.

tidos de que, aderindo a uniões, estavam abrindo mão de um direito natural da humanidade que o mais desalmado dos tiranos nunca ousou negar, isto é: o de cada homem ganhar honestamente a vida à sua maneira, por qualquer tarefa respeitável de sua escolha. A abdicação da liberdade individual não era um ato melhor que uma escravidão voluntária. "Nunca houve um tirano, nem um inimigo público, e raras vêzes houve um exército invasor, empenhado em maior crueldade que a de uma greve. Os trabalhadores devem perceber que o nosso progresso natural para uma condição social sadia é retardado pela existência de falsas teorias que permeiam a sociedade e controlam a legislação." Qualquer economista que não tivesse essencialmente essa atitude na questão do trabalho não era um bom economista. O conservador Henry Carter Adams foi despedido de Cornell em 1886 porque o relato de um discurso sôbre o Problema do Trabalho deu a um síndico influente a impressão de que êle estava "solapando os fundamentos de nossa sociedade". [91]

Não é de admirar que o pensamento econômico americano nada produzisse de original ou de importante durante êsse período no campo do socialismo. A Economia Política oficial, representando interêsses capitalistas, era anglo-austríaca; protesto socialista contra esta Economia Política foi importado da Alemanha e dirigido por imigrantes. Só depois do comêço do século XX é que a liderança do socialismo está sendo transferida para as mãos dos nativos. O socialismo não teve raízes profundas no solo americano durante o século XIX, a despeito das numerosas publicações, discussões e partidos — e do aparecimento do movimento trabalhista.

Uma nova fase foi iniciada pelos Trabalhadores Industriais do Mundo organizados em 1905. Era uma combinação da união trabalhista americana com a ideologia e prática do sindicalismo. Originou-se do descontentamento entre a F. A. T. e o sindicalismo profissional. A idéia básica dos T. I. M. era a de "formar

91. Joseph Dorfman, *Thorstein Veblen and His America* (New York, 1937), pp. 60-61.

a estrutura da nova sociedade dentro do arcabouço da velha." As uniões industriais, paralelas à integração da indústria, se tornariam o fundamento da futura sociedade socialista. Os T. I. M. encontraram eco entre trabalhadores migratóricos não socializados e alguns dos imigrantes — grupos não incluídos na F. A. T.; era mais forte entre os operários das docas, regionalmente na costa do Pacífico e na faixa do trigo. Embora como organização, os T. I. M. tenham sido sempre um tanto pequenos e fracos e tenham começado a perder a sua importância depois dos anos militantes de 1905 a 1912, contudo os seus líderes e especialmente De Leon trouxeram algum novo pensamento teórico para o campo socialista.

O leitor não deve esperar encontrar nestas páginas sequer um esbôço de uma história do socialismo nos Estados Unidos, embora tal tentativa fôsse extremamente oportuna. O excelente estudo feito por John H. Noyes [92] é um tanto antiquado, como o é um outro mais recente por Morry Hilquitt; [93] além disso, êste último é substancialmente inferior ao de Noyes. O panfleto de Sombart, publicado há muitos anos, é ainda o melhor;[94] um breve esbôço muito sugestivo foi publicado por Bertram Wolfe. [95]

O desenvolvimento de algumas teorias socialistas importadas neste país apresentou alguns traços peculiares que o distinguem do movimento europeu — principalmente o franco desprêzo das teorias. Os Estados Unidos não produziram nenhuma obra original neste campo. "As raízes do desprêzo americano pela teoria jazem no fato de que as teorias importadas da Europa, e destiladas da experiência e prática européias, diferiam irremediàvelmente das condições práticas dêste novo país, com tão diversas condições (de colonos e pioneiros) e tão vastas extensões de terras livres". [96]

---

92. *History of American Socialism* (Philadelphia, 1870).
93. *History of Socialism in the United States* (New York, 1903).
94. *Op. cit.*
95. *Op. cit.*
96. B. Wolfe, *op. cit.*, pg. 21.

Simon N. Patten pôs em destaque outra distinção: "Os socialistas americanos não são socialistas científicos do tipo que Marx procurou criar. Todo o escritor socialista de prestígio é claramente idealista em sua atitude e repudiaria o socialismo, se pôsto em forma materialista. O socialismo sentimental de hoje é uma nova forma de exprimir conceitos idealistas." [97]

O socialismo importado adotou também um colorido ético e teológico, e tolerou (e, por vêzes, introduziu) aspectos éticos e cristãos contrários às especulações doutrinárias abstratas e causais dos socialistas germânicos. Por outro lado, todo problema da reconstrução socialista se tornou simplificado na mente do povo americano. Concluíram que, se a propriedade pública sob o capitalismo é meramente uma extensão da propriedade capitalista, que a nação reconheça os trustes. Êste *slogan* agradou ao povo em geral e foi aceito pelos Terceiros Partidos.

* * *

Dos treze Presidentes do país, de Abraham Lincoln a Woodrow Wilson, apenas dois eram democratas. Os outros onze eram republicanos. Seis chamavam o estado de Ohio seu berço natal. As idéias do *laissez faire* da classe média triunfante dominaram a administração de quase todos os presidentes; com poucas exceções, eram êles adeptos do Princípio de Conservação. Sustentando o protecionismo e respeitando a procura do dinheiro barato, pela recusa ou incapacidade de enfrentar o monopólio e os abusos ferroviários o govêrno central tinha manifestado seu desejo de subscrever as doutrinas econômicas da classe média. Poucas eram as exceções: o republicano Abraham Lincoln, que combinava as velhas idéias igualitárias do Oeste com a simpatia pela nova economia industrial; o republicano Theodore Roosevelt, cujo imperialismo era nacional e não de uma classe, e que se declarou contrário ao *Big Business*, o democrata Woodrow Wilson, cujo largo humanitarismo o impeliu da nova

97. *The Reconstruction of Economic Thought*, pg. 8.

democracia para a luta pela democracia mundial. As idéias transformistas de cada uma destas exceções eram de um caráter peculiar.

Lincoln não tinha queixas a fazer contra o espírito de empreendimento. "O ideal de progresso associava-se em seu espírito à economia fluida que permitia aos indivíduos capazes erguer-se por meio de hábeis explorações. Não morria de amôres pela economia estável do século XVIII, preferida por Jackson; o motivo do lucro, funcionando livremente, êle o considerava como legítima fôrça propulsora da sociedade; mas interessava-se em que a competição fôsse livre para todos em têrmos de igualdade. Ao observar a transição de um regime agrário para um regime industrial, sentia-se com mais simpatia com o novo que com o velho". [98]

Theodore Roosevelt frisou as melhores tendências do pensamento de Lincoln. Em seu brilhante discurso em Osawatomie disse êle:

"Dessa geração de homens, a quem mais devemos, é sem dúvida, Lincoln. Parte de nossa dívida para com êle vem do fato de que êle anteviu a nossa presente luta e viu o meio de sair dela. Disse êle: "Afirmo que, enquanto existir o homem, é do seu dever melhorar não sòmente a sua própria condição, mas auxiliar no melhoramento da humanidade." E de outra vez: "O trabalho tem prioridade sôbre o capital e é independente dêle. O capital é apenas fruto do trabalho, e nunca poderia ter existido, se primeiro o trabalho não o criasse. O trabalho é superior ao capital e merece mais consideração do que êle. Se essa observação fôsse originalmente minha, eu ainda seria mais fortemente denunciado como agitador comunista do que o serei jamais. Ela é de Lincoln. Eu apenas a estou citando; e êsse é apenas um dos lados, o lado que o capitalista devia ouvir. Agora, que o operário ouça a parte que lhe diz respeito: "O capital tem seus direitos que são tão merecedores de proteção como quaisquer outros. E isto não deve levar a uma guerra contra os possuidores de propriedade. A propriedade

98. V. L. Parrington, *op. cit.*, vol. II, pg. 154.

é o fruto do trabalho; a propriedade é desejável; é um bem positivo para o mundo." E vem então uma sentença bem característica de Lincoln: "Aquêle que não tem casa não deve deitar abaixo a casa de outro; mas deve trabalhar diligentemente e construir uma para si, assegurando assim, pelo exemplo, que sua própria casa fique livre de violência quando edificada". Quer-me parecer que, nessas palavras, Lincoln tomou substancialmente a atitude que devemos tomar; mostrou o senso adequado de proporção em sua apreciação relativa do capital e do trabalho, dos direitos humanos e os direitos de propriedade." [99]

Theodore Roosevelt pensava que o sistema dominante era essencialmente são; acreditava em "fôrças econômicas naturais"; mas não apreciava os "malfeitores de grandes riquezas" e fêz afirmações como esta: "A estrada de ferro é uma serva do público". Em uma série de discursos públicos esboçou o seu programa de regulamentação da indústria pelo govêrno. Insistiu na idéia de publicidade para os negócios corporativos, execução da Lei Sherman de *Anti-trust*, e assim por diante. A evolução de sua política levou Roosevelt à idéia de dar ênfase à necessidade de manter os negócios em prosperidade, mas dividindo essa prosperidade com os trabalhadores por meio do salário e com o consumidor por preços razoáveis. Era contrário aos "negócios tortuosos, grandes ou pequenos."

"E' surpreendente que Roosevelt desse liderança presidencial a êste descontentamento. Era êle membro de uma família de Nova York que tinha a um tempo garantido rendimento financeiro e posição social. Sem dúvida, em sua vida pública, êle tinha-se associado à reforma em seus aspectos mais respeitáveis, mas nutria uma grande antipatia pela maior parte do pensamento liberal e radical. Em relação aos *"Mugwumps,"* que eram o elemento progressista do seu próprio partido, bem como em relação a Bryan, La Follette e Hearst, manifestou uma pitoresca e vigorosa reprovação. Embora vivesse no Oeste, o papel do rancheiro lhe tinha

99. *The New Nationalism* (New York, 1911), pp. 8-9.

dado oportunidade de entender as idéias radicais dos fazendeiros do Oeste. Sua posterior hostilidade a algumas formas de riquezas e atividades foi produzida pelo seu nacionalismo. Viu a pureza e a existência do govêrno democrático ameaçadas pelas relações dos negócios e do govêrno. Em segundo lugar, abordou a maior parte do problema do ponto-de-vista da moralidade."[100]

O descontentamento e as idéias transformistas de Roosevelt originaram-se da sua experiência da vida da fronteira. Falando de si mesmo, disse êle: "Por muitos anos vivi na fronteira e, ali vivendo, trabalhei como qualquer outro homem da fronteira. Os homens que tomaram parte na vida de fronteira do presente, a qual se vai ràpidamente extinguindo, sentem especial simpatia para com a vida de fronteira do passado já de há muito extinta." [101]

Êste homem era a encarnação do movimento para se libertar do *laissez faire;* e nisso, bem como em sua distinção entre riqueza pública e particular, reside o seu americanismo: o seu Novo Nacionalismo antepõe as necessidades nacionais às vantagens seccionais, classistas ou pessoais. Finalmente, o seu imperialismo era um esfôrço para rever e alargar em uma escala continental o extinto movimento da fronteira. Descrevendo os triunfos no domínio da produção devidos ao progresso tecnológico do século XIX, Roosevelt frisou que "os problemas mais prementes que confrontam o século atual não dizem respeito à produção material da riqueza, mas à sua distribuição." [102]

Tôda a filosofia econômica de Roosevelt se acha melhor expressa na seguinte passagem: "Eu sou pelos homens e não pela propriedade, como vós fôstes na Guerra Civil. Estou longe de subestimar a importância dos dividendos; mas eu ponho os dividendos abaixo do caráter humano. Também não tenho nenhuma simpatia para com o reformador que diz que não faz caso

100. Edward C. Kirkland, *A History of American Economic Life* (New York, 1932), pg. 633.
101. *The Winning of the West* (New York and London, 1894), vol. I, pg. XIV.
102. *The New Nationalism,* pp. 125-126.

dos dividendos. Naturalmente, o bem-estar econômico é necessário, porque o homem tem de carregar a sua própria carga e ser apto para sustentar sua família. Bem sei que os reformadores não devem acarretar a ruína econômica do povo, porque então as próprias reformas se arruinariam. Mas devemos estar aptos para enfrentar desastres temporários, quer trazidos, quer não, por aquêles que nos farão guerra de armas na mão. Os que se opõem a tôda reforma farão bem em lembrar-se de que a ruína em sua pior forma é inevitável, se a nossa vida nacional não nos der nada melhor do que fortunas acumuladas nas mãos de uns poucos e o triunfo de um materialismo egoísta e sórdido tanto em política como em negócios." [103]

As vigorosas idéias transformistas de Woodrow Wilson se exprimiram em seu discurso sôbre a Nova Liberdade. Os seus discursos oferecem uma harmoniosa combinação de ambas as disciplinas dêste "professor de Jurisprudência e Economia Política." Descreveu o crescimento de combinação e de combinações por meio de alianças bancárias: "Um truste é um arranjo que tem por fim livrar-se da competição e um *big business* é um negócio que venceu a competição por se tornar vencedor no campo da inteligência e da economia. Um truste não produz eficiência em auxílio dos negócios: *tira a eficiência do negócio.* Eu sou a favor do *big business* e contrário aos trustes. Todo o homem que consegue vencer pela inteligência, que sabe eliminar os seus concorrentes nos negócios por conseguir um barateamento da mercadoria para o consumidor, ao mesmo tempo que aumenta o valor intrínseco e a qualidade dela, merece meu respeito." À objeção de que o restabelecimento da concorrência não leva em conta os acontecimentos reais das últimas décadas dêste país — porque dizem que foi justamente a livre concorrência que tornou possível aos grandes negócios esmagar os pequenos —, Wilson replicou: "Não foi a livre concorrência que fêz isto: foi a concorrência ilícita. E' esta concorrência esmagadora dos pequenos

103. *Ibid.*, pg. 28.

que a lei pode e deve fazer cessar." Wilson afirmava que a proibição da concorrência desleal havia de, pràticamente, liberar as energias do povo, permitindo aos de fora, pequenos produtores e inversores, a oportunidade de mostrar o seu verdadeiro valor. Embora êste modo de pensar tenha uns ressaibos do bom e do mau credo do truste, difere essencialmente do pensamento de Roosevelt na interpretação do passado, em sua ênfase e na política a seguir. Como Roosevelt, Wilson tinha abandonando a mera idéia de *trust busting*. Contràriamente a Roosevelt, considerava o estado de concorrência como mais normal que o do monopólio e propunha-se a regular os métodos daquela antes que as práticas dêste. A política devia ser preventiva e não curativa.

Em 1914, um Congresso Democrático ao qual Wilson imprimiu vigorosa e contínua liderança promulgou o *Clayton Anti-Trust Act* e o *Federal Trade Commission Act*." [104]

Mas tôdas as idéias transformistas de Wilson foram logo postas em segundo plano pela primeira guerra mundial. Pertence êle ao período em que o país se encontrou na encruzilhada.

104. Edward C. Kirkland, *op. cit.*, pp. 640-641.

VI

A AMÉRICA NA ENCRUZILHADA

O extenso movimento de fronteiras atingiu o seu limite no último quartel do século XIX. No período anterior à primeira guerra mundial êste país não era mais colonial do ponto-de-vista econômico, mas completamente ocidentalizado. A imensa rapidez e energia do processo econômico foi estimulada no século XIX pelo gigantesco movimento de fronteira em escala continental, criando constantemente novos mercados nacionais. O incessante fluxo de imigração teve o mesmo efeito gerador de mercados. A industrialização em rápido progresso estimulou a política externa e a expansão econômica, substituindo em parte o movimento da fronteira. A posição peculiar dos Estados Unidos, que habilitou o país a colhêr ricos proveitos dos benefícios da primeira guerra, resultou numa conquista temporária de mercados mundiais, tornando sem importância sua drástica limitação imigratória. Nesse ambiente se originou uma nova revolução industrial. A organização econômica do país estava assumindo formas novas. Se compararmos êste período com o que se seguiu à Guerra Civil, podemos dizer que o *bond salesman* substituiu a Jay Cooke do mesmo modo que Jay Cooke substituiu a Robert Morris. O fator financeiro tornou-se dominante e decisivo; adotou uma forma impessoal, padronizada, baseada no momento da produção em massa, que se desenvolvera grandemente nesse meio tempo na economia americana.

A primeira guerra mundial fortaleceu notàvelmente o papel da América no palco mundial, facilitou o problema dos mercados criando inesperados escoamentos e acelerou a industrialização. Politicamente, a entrada

dos Estados Unidos na guerra foi uma espécie de retôrno ao Velho Mundo após um século de isolamento. Mas foi um curto episódio de internacionalismo, ou, melhor, de idealismo internacional, tendo naturalmente uma base econômica bastante forte.

Os acontecimentos neste país depois da primeira guerra mundial estão ainda vivos em nossa memória. O período compreendeu a miragem de eterna prosperidade e a realidade de uma depressão sem limite, e aparecerá aos olhos do historiador futuro como um só ato em um rápido e movimentado drama. Não é aqui o lugar de descrever e analisar as mudanças. Minha interpretação leva à concepção de que os Estados Unidos, sendo parte da civilização ocidental, estão sofrendo do conflito universal entre o processo econômico e a sua forma. As tendências da instável forma econômica tornaram-se claramente visíveis neste país; em menor grau que na Rússia, Alemanha ou Itália, observamos a mesma tendência para uma economia dirigida e objetiva.

E' claro que se vêem tentativas para retardar êste movimento, para restaurar ou substituir os momentos responsáveis pelo desenvolvimento capitalista do país no século XIX. A expansão política do primeiro quartel do século XX foi substituída neste país, durante a pimeira década do segundo quartel por novos esforços de reviver o movimento interno de fronteira. Êstes encontraram expressão em emprêsas como as experiências do Vale do Tennessee onde o melhoramento da terra vai de mãos dadas com a produção de energia elétrica barata e melhores habitações, em vigorosos esforços para colonizar o Alasca, em reclamação de terras etc. A atmosfera e as condições tecnológicas, psicológicas e políticas estão entretanto impelindo irresistivelmente o país para fora da estrada real do sistema de concorrência.

Como resultado das novas tendências, a classe média, os burgueses, outrora triunfante, está em processo de decadência nos Estados Unidos, ainda que em menor grau que em outras partes da civilização ocidental. O capitão da indústria já não está em um pedestal

e o capitalista está amargurado. O homem comum, a massa do povo está-se tornando mais consciente de suas necessidades, de seus fins e possibilidades.

O período após a primeira guerra mundial até o presente tem sido de transição econômica em escala mundial; e, como observou certa vez Patten, "os períodos de transição tendem assim a rever uma multidão de idéias abandonadas, que estão de tal maneira entrelaçadas com idéias realmente novas, que parecem ter uma só e mesma origem. Tôda a espécie de vesânias e ismos aparecem e obscurecem as verdadeiras questões".[1] Depois da primeira guerra mundial, o pensamento econômico americano tem oscilado mais fortemente do que nunca entre os princípios de conservação e os de transformação. S. E. Morison lamenta que "os Estados Unidos tenham evoluído, de país de experimentação política que era, devedor à Europa, agitador radical do govêrno estabelecido, a esperança dos oprimidos e inspiração para todos os homens de tôda a parte que desejassem ser livres, para um país conservador e rico, banqueiro e estabilizador do mundo, o mais poderoso inimigo de transformações e revoluções."[2]

Morison parece não ter enxergado a presença e crescimento declarado da idéia de transformação. E' certo que os *beati possidentis*, adeptos do *statu quo*, aproveitadores da "dança dos milhões" da guerra e do após-guerra, bem como tôda a sociedade capitalista como tal, aderiram fortemente às suas idéias aquisitivas e exprimiram uma crença religiosa na prosperidade permanente e lutaram apaixonadamente por esta prosperidade, pelo milagre americano da prosperidade sem crises. Essa foi a religião silenciosa de Calvin Coolidge e a religião declamatória de Herbert Hoover. Antes de sua eleição em 1922, Hoover escreveu no *American Industrialism*: "Refrear as fôrças que nos negócios buscam destruir a igualdade das oportunidades e manter, ainda assim, as faculdades de iniciativa e criadoras

1. *The Development of English Thought* (New York, 1899), pg. 49.
2. *An Hour of American History* (Philadelphia, 1929), pg. 155.

do nosso povo, são os dois objetivos que precisamos atingir. Para preservar aquelas precisamos regular aquêle tipo de atividade que dominaria. Para preservar estas, o govêrno deve abster-se de produção e distribuição de mercadorias e serviços."

A luta dêsses princípios concentrava-se antes em política econômica do que em teoria. Mesmo em discussões teóricas assumia formas um tanto técnicas, e interessava-se em pontos de aplicação mais do que nos de doutrina. A reação teórica aos neoclássicos encontrou expressão nos ensinamentos dos institucionalistas, estimulada por Thorstein Veblen, e nos dos tecnocratas, que, de ponto-de-vista diferente, eram também inspirados por Veblen.

O enfraquecimento da classe média e o surto das massas lançou o fundamento de uma revolta contra o princípio de conservação, revolta independente da reação teórica. Esta revolta pedia transformação, e encontrou a sua expressão na doutrina do *New Deal*, representado por Franklin D. Roosevelt. Êle frisava não o aspecto aquisitivo, mas o criador, da atividade econômica, e revelou-se a êsse respeito de acôrdo com alguns dos representantes da velha escola nacional romântica da América.

O *New Deal* está ligado pollticamente com as revoltas democráticas anteriores — a jeffersoniana e a jacksoniana; mas é ao mesmo tempo uma fase americana da procura de uma nova forma econômica. E' o velho conflito entre os interêsses do homem comum e os das classes privilegiadas, entre os princípios jeffersonnianos e os hamiltonianos, mas transferidos para o ambiente tecnológico e social do século XX com o seguidor contemporâneo de Jefferson aplicando os métodos de Hamilton. As massas agrárias aceitaram o *New Deal* e o anseio por um terceiro partido tornou-se menos vigoroso no período em discussão. Mas a ascensão das massas operárias levou a uma intensificação do movimento socialista do país, movimento não mais baseado em idéias importadas por imigrantes, mas encontrando solo fértil nas condições da vida americana contemporânea. Êsse movimento se enfraqueceu

pela derrocada do socialismo moderado na Europa e fortaleceu-se pela arrojada experiência da Rússia.

Como a casa de Walker tipificava a transição do período da Guerra Civil, assim a de Clark tipificava a da Guerra Mundial. J. B. Clark era um produto e tipo dos fins do século XIX, como seu filho, J. Maurice Clark, o era dos princípios do século XX. A primeira guerra mundial é a linha de demarcação entre essas duas gerações. A evolução do pensamento dos economistas acadêmicos não pode ser mais bem caracterizada senão por uma comparação entre as filosofias dos dois Clarks. Ambos eram representantes moderados: o pai, do princípio de conservação; o filho, do de transformação.

Foi Suranyi-Unger quem frisou o paralelismo entre os Clarks, pai e filho. O primeiro, escreve êle, "estudou as mais vastas perspectivas dos fenômenos econômicos, tratou-os sob o aspecto dedutivo, e produziu assim um sistema abstrato, dedutivo, agradável e otimista. Seu filho, que iniciou sua carreira científica com o propósito de alargar mais os pensamentos do pai, não pôde libertar-se da influência de uma nova tendência que surgira nesse meio tempo e teve de admitir que a teoria econômica se deve basear nos resultados da nova psicologia. O primeiro quartel do século XX começa na economia americana com a grande obra do velho Clark sôbre distribuição, e fecha com a do seu filho sôbre a teoria da produção, que é talvez de não menor importância. A grande mudança que se operou desde então na ciência do Novo Mundo reflete-se claramente no espírito geral dêstes dois livros. Neste momento, os especialistas estão de novo dedicando atenção à investigação dos clássicos: o jovem Clark começa de novo uma investigação exata das mais minuciosas relações da vida econômica real, como aparece nas questões econômicas e sociológicas do dia de hoje, e daí chega, por indução gradual, ao conhecimento de verdades mais gerais. A ala radical do jovem institucionalista rejeita tôda teoria baseada em dedução, especialmente tôda a estrutura hedonística e utilitária da economia clássica americana, que o velho Clark e o seu grupo tiveram tanto trabalho para edifi-

car, e passa a investigar as leis de desenvolvimento histórico das instituições econômicas e suas complicadas e sempre instáveis relações para com o comportamento econômico da humanidade." [3]

Houve uma pequena mudança na obra dos economistas acadêmicos e ortodoxos depois da primeira guerra mundial. Alguns dos economistas procuraram escapar por meio de requintes legais e simplificações matemáticas; outros se escaparam em volumosas pesquisas de fatos e trabalhos descritivos. A tendência geral permaneceu inalterável. Taussig continuou a ensinar como havia ensinado nas três últimas décadas do século passado. Os que "descreviam" continuaram a produzir cada vez mais volumes em que combinavam métodos modernos de trabalho com uma mentalidade antiquada.

* * *

Entretanto, a crescente oposição aos neoclássicos encontrou sua fonte de inspiração nos escritos de Thorstein Veblen. Cronològicamente, pertencia êle em parte ao período anterior à guerra, mas sua influência começou a manifestar-se sòmente durante a guerra. Quando se acompanha a carreira dêste grande pensador, aprofunda-se uma sensação do trágico fracasso de sua vida. Era um homem em todos os sentidos talhado em grandes moldes. Sua infeliz experiência acadêmica e o seu estilo nìmiamente complicado e pesado foram responsáveis pelo tardio reconhecimento que recebeu. Mas, teriam as ciências econômicas lucrado mais, se Veblen tivesse sido um consumado professor? Êste filho de imigrantes noruegueses, crescido na atmosfera agrária do Oeste médio, absorveu o espírito de protesto contra a forma capitalista da economia e seus abusos. Viveu na atmosfera da propaganda *Greenback*, mas tornou-se filósofo e economista e não um agitador populista ou do terceiro partido.

Dorfman esboçou um bom retrato de um jovem Veblen ao fundo do descontentamento no Oeste, [4] mas

3. *Economics in the Twentieth Century*, pp. 327-328.
4. *Op. cit.*

considerou-o como um fenômeno de *deus ex machina* na história do pensamento americano, quando Veblen era na verdade, consciente ou inconscientemente, o prolongamento da idéia do descontentamento. J. M. Clark frisou êste elemento. "A economia ortodoxa, escreve êle, procura interpretar o equilíbrio; Veblen empreende a interpretação da mudança progressiva. E no mundo social isto eqüivale a dizer que a economia ortodoxa estuda as presunções de contentamento, ao passo que Veblen estuda a presunção do descontentamento." [5]

Veblen estudou em Clareton sob a orientação do jovem J. B. Clark que estava por êsse tempo concebendo as idéias da sua "filosofia das riquezas", em Johns Hopkins sob a direção de Ely, o representante da escola histórica; em Yale sob a direção de Sumler, o arquiconservador aderente do *laissez faire;* e em Cornell sob Laughlin, para quem os clássicos eram um evangelho; mas nenhum dêsses mestres lhe influiu sôbre o pensamento. Crê-se geralmente que a escola de pragmatismo de Chicago e o ensino psicológico primeiramente formulado por Pierce e desenvolvido por John Dewey contribuíram grandemente para a formação das doutrinas de Veblen. Condenou êle o emaranhado de sutilezas em que os economistas ortodoxos e natureza das instituições por meio das quais fune na análise dos fenômenos de valor, e outros que tais. Sua atenção foi dirigida para a mudança das instituições, para o aclaramento e interpretação das substâncias e do essencial das instituições. Era um evolucionista sem mescla em seu estudo da Alemanha imperial e do desenvolvimento do Japão, bem como em sua investigação do papel do engenheiro, das classes ociosas e do proprietário ausente.

"O problema que augustiou a Marshall, mas que êle não pôde dominar, a mutabilidade das instituições humanas, Veblen o coloca no centro do seu esquema de pensamento. Se, como êle postula, a mudança institucional é normal, então desaparecem tôdas as formas

5. "The Socializing of Theoretical Economics," no *The Trend of Economics*, pg. 85.

de normalidade postuladas sôbre a fixidez das instituições. Se se aceita aquela posição, então todo o caráter de sua teoria social deve apartar-se dos tipos costumeiros da especulação econômica.

"A idéia veblemiana que tem sido largamente aceita entre a mais nova geração de economistas é que a vida econômica é parte de um processo evolutivo e que a função da teoria econômica é projetar luz sôbre o processo." [6]

Veblen combateu a tendência tradicional e clássica de admitir as instituições e reduzir a natureza humana a matéria e cálculo racional, e insistiu em uma concepção realista da natureza humana até onde a ilumina a psicologia moderna, e sôbre a investigação da origem e natureza das instituições por meio das quais funciona o lado econômico do processo vital.

Êste pensador considera a concepção da tendência otimista e a possibilidade da harmonia social como metafísicas e teológicas de origem, relacionadas com os filósofos do século XVIII que acreditavam na ação benéfica de leis imutáveis da natureza. Atacou vigorosamente os sistemas neoclássico e marginal do pensamento econômico. Em sua crítica das instituições presentemente dominantes nunca assumiu o papel de um profeta. Anteviu e frisou que a transformação é inevitável; mas, como Karl Marx, não procurou descrever o sistema econômico do futuro, nem tentou construir instituições ideais. Sua teoria era a *panta rei*: Nada é absoluto, estável, eterno; tôdas as coisas são transitórias, relativas, temporárias. [7]

---

6. Paul T. Homan, *op. cit.*, pg. 182.

7. Schumpeter, mencionando uma vez a Veblen em nota marginal, acusou-o de insuficiente conhecimento de teoria: "Dieses Beispiel illustriert denn auch Veblens Aesserung (American Economic Review, XV, I, S. 51), dass die heutige Generation von Nationalökonomen, confidently an ihre Detailforschung gehe ohne viel Hilfe von general principles, es seien denn die Prinzipien des common sense, der Mathematik und allgemeiner Information. Das thut sie gewiss. Und die Folge davon ist eben Kraftvergeudung. Verwunderlich ist nur, dass er die Mathematik gelten lässt. Warum nicht auch diese durch common sense ersetzen? Veblens "theory of the leisure classes" beweist ausreichend, dass er selbst ers-

Veblen era fundamentalmente destrutivo em sua obra. Não foi sòmente aos neoclássicos que se opôs. "Nem pode Veblen encontrar coisa alguma muito mais favorável a dizer das escolas históricas ou marxianas do pensamento. Os primeiros economistas históricos, representados por Roscher, parecem-lhe a êle ter agido em uma presunção tácita da metafísica hegeliana, que considera a história como um processo vital de realização própria, ativo, determinado por si mesmo, que se desenvolve por necessidade interna. A sua investigação das leis dêste desdobramento espiritual em seu lado econômico não deu em resultado nada mais que a idéia de que a cultura se move em círculo, bem como em umas poucas e um pouco vagas ou óbvias generalizações acêrca de seqüências culturais. A ramificação ulterior, representada por Wagner, não se ocupa de obra teórica, e tira da economia clássica as doutrinas de que precisa. Quanto à outra ramificação, representada por Schmoller, Veblen vota-lhe considerável respeito, particularmente quando êle examina as origens das instituições econômicas. Pensa, porém, que Schmoller não dá adequado desenvolvimento científico aos fenômenos econômicos mais recentes e às influências culturais que os plasmaram.

"As doutrinas econômicas de Karl Marx são dadas como portadoras do mesmo vício que a economia clássica, no sentido de que são meramente deduções lógicas de premissas insustentáveis." [8]

O tema fundamental de Veblen — a antinomia entre "negócios" e "industriais" — estava de acôrdo com a descrição feita pela escola nacional romântica americana entre princípios "aquisitivos" e "criadores". Mas esta distinção se desenvolveu em Veblen não só como uma influência das condições nativas, mas princi-

---

tens der Theorie nicht entraten kann, zweitens mehr davon brauchen könnte. "Gustav v. Schmoller und die Probleme von heute," in Schmolers Jahrbuch, 50. Jahrgang, Heft 3 (1926), pg. 37. Duvido que Veblen visse qualquer justificação da teoria econômica no sentido ortodoxo (neoclássica da palavra).

8. Paul T. Homan, *op. cit.*, pg. 125.

palmente como resultado de seu *observacionismo* lógico.[9]

Era Veblen um cientista? A. A. Young declarou certa vez que "Veblen é homem de gênio, mas o nome de cientista não lhe vai bem. Êle é algo que pode ser igualmente bom ou melhor: um artista, um impressionista que traça o quadro do mundo como o vê.[10] Mas, se considerarmos a ciência econômica como uma arte, Veblen tinha certamente mais de economista que os pretendiam e pretendem ser cientistas.

H. J. Davenport desenvolveu em algumas direções certas idéias semelhantes às de Thorstein Veblen. Êle se declarou "antes conservador que inovador"; negou "tôda e qualquer simpatia" teórica para com os socialistas;[11] para êle a economia era "a ciência que trata os fenômenos do ponto-de-vista do preço — e, portanto, principalmente indústria e negócio";[12] mas frisou a idéia de troca em distinção dos neoclássicos:

"A propriedade particular, a iniciativa individual, a concorrência, o sistema monetário e a produção para o mercado do preço são meros ajustamentos atuais, nenhum dos quais existiu sempre ou existe agora por tôda parte ou tem certamente de permanecer. Tôda ordem de coisas envelhece e muda, e nada na vida humana é certo, senão êsse processo de mudança, e nada de tudo isso é reto ou justo ou bom no sentido de que deve subsistir, ou de que alguma coisa melhor não lhe possa tomar o lugar."[13]

Davenport na sua qualificação da sociedade moderna como sendo "distintamente uma sociedade pecuniária, uma sociedade de negócios" é também um declarado hegeliano, ao passo que o seu "regime de preços" e glorificação do "*entrepreneur*" estão mais em harmonia com a corrente ortodoxa.

---

9. Veja-se R. V. Taggart, *op. cit.*

10. *Economic Problems New and Old* (Cambridge, Mass., 1927), pp. 259-260.

11. The Economics of Enterprise (New York, 1925), Prefácio, p. v, (escrito em 1913).

12. *Ibid.*, pg. 25.

13. *Ibid.*, pg. 20.

Outro economista influenciado por Veblen, pôsto que sempre preferisse métodos peculiares e caminhos solitários, foi John R. Commons, a quem W. C. Mitchell certa vez chamou homem desorientado,[14] e cujas obras teóricas são na maior parte indigestas e decepcionantes. Como Veblen, Commons aceita a idéia de mudança institucional, desenvolve interpretações *behavioristas,* mas escolhe como método de investigação e tratamento a pesquisa legal e histórica. Declarou-se institucionalista, rejeitou a chamada teoria "exata", e definiu a economia institucional como "teoria da parte representada pela ação coletiva em contrôle da ação individual"; [15] mas devia antes ser dado como representante da escola social legal americana, paralela da escola chefiada na Alemanha por Karl Dieh.[16]

A principal importância de Veblen reside no fato de que êste pensador, por anos incompreendido e desprezado, se tornou o mestre e inspirador de uma nova corrente econômica americana. Foi a segunda revolta formal dos economistas americanos contra o domínio dos clássicos. Como a escola histórica em seu tempo, a nova escola entrou oficialmente no campo com um manifesto, e desta forma os "institucionalistas", como a si mesmos se chamavam, apareceram em 1924.

R. G. Tugwell, editor da coleção de ensaios dos rebeldes, admitiu em sua introdução: Dir-se-á, creio eu, que êste livro é uma espécie de manifesto da nova geração; e o é, em certo sentido, embora nenhum de nós, ao que me parece, tenha tido a intenção de dar o primeiro lugar em seu escrito à atitude crítica." [17] Tugwell se queixava de que "as ciências econômicas indubitàvelmente tinham mau odor metafísico, que só se pode dissipar por um impulso de reconstrução desde

---

14. *In the discussion of his Legal Foundations of Capitalism, in American Economic Review* (junho de 1924).

15. *Institutional Economics* (New York, 1934), pg. 1.

16. Veja-se o seu *Die rechtlichen Grundlagen des Kapitalismus* (Jena, 1929); também Hermann Kroner, *John R. Commons* (Jena, 1930), publicado na coleção de Diehl.

17. *The Trend of Economics,* Introdução, pg. IX.

os fundamentos." Os seus companheiros de manifesto concordavam com esta opinião.

W. C. Mitchell declarou que as discussões dos economistas ortodoxos eram "tediosas" e suas conclusões, "dúbias". Sfichter achava que "a doutrina ortodoxa é formulada com tão pouca referência a maquinaria, à ciência aplicada à indústria, às corporações, sindicatos operários, sistema de crédito, banqueiros comerciais e de inversão, como o eram as teorias de Adam Smith." Soull assinalou "a esterilidade da decadência prematura que existiu nas ciências econômicas".

As principais idéias de nova escola foram expressas da melhor forma por Mitchell. Lamentava que "por muitos anos tem havido uma notável diferença entre a maneira pela qual os economistas tratam a teoria econômica, de um lado, e, de outro, a maneira pela qual aventam problemas como o de transporte, finanças públicas, tarifas, dinheiro, seguro bancário, trustes e trabalho. As monografias pouco uso faziam dos tratados teóricos e os tratados pouco extraíam das monografias além das ilustrações. Os compêndios tinham freqüentemente uma parte teórica e uma parte aplicada, as quais não se ligavam intimamente a não ser pela capa." [18] A teoria econômica ortodoxa, como hoje a temos, herda os seus problemas e métodos da economia política clássica. A economia política clássica, por sua vez, recebeu seus problemas da política inglêsa no período de reconstrução que se seguiu a Waterloo, e os seus métodos da concepção da natureza econômica então corrente entre os filósofos e o homem da rua." [19] Mitchell achava que "Jevons, Menger, Walras, Clark e seus discípulos realmente não produziram uma nova espécie de teoria econômica; o que êles descobriram veio a ser apenas uma nova variedade da espécie ricardiana." [20]

18. "The Prospects of Economics," em *The Trend of Economics*, pg. 24.
19. *Ibid.*, pg. 4.
20. *Ibid.*, pg. 15.

Mitchell viu claramente a fraqueza da escola histórica germânica: "O engano de diferenciar a teoria econômica do estudo das instituições econômicas foi confirmado pelo aparecimento da escola histórica germânica na década de 1840 a 1850. Porque os críticos germânicos da economia política inglêsa trabalharam gradualmente até o ponto em que sentiram que era necessário deitar abaixo tôda a estrutura da teoria abstrata, dedicar uma ou mais gerações a colecionar os materiais históricos e, depois disso, fazer uma nova tentativa de generalização."[21]

Mitchell preferia a maneira de Marx tratar o problema. "Marx viu o problema central da ciência econômica na mudança cumulativa das instituições econômicas; sabia usar os documentos contemporâneos como valioso suplemento, senão como base, da teoria econômica: e mostrou quão vital se torna a teoria econômica quando atacada dêste lado, especialmente se os processos correntes de mudança se projetam no futuro."[22]

Mitchell declarou que "a economia é necessàriamente uma das ciências de comportamento humano", e só pode ser entendida por um estudo genético das instituições e do comportamento econômico; êle quer substituir o método "dedutivo mecanicista" dos clássicos por um método experimental estatístico, juntamente com a cooperação com outras ciências sociais.

Em sua revista de *The Trand of Economics* Allin A. Young se mostrou um tanto surpreendido pelo fato de que "parece haver pouca disposição de levantar a bandeira vermelha da revolução científica".[23] E tinha certamente razão: *The Trand of Economics* não era o produto de uma escola, mas uma coleção de ensaios de dissidentes. Nas palavras de Tugwell, aqui se acham tanto os dedutivistas como os indutivistas. Assim também estão os neoclassicistas e os institucionalistas,

21. *Ibid.*, pg. 18.
22. *Ibid.*, pg. 24.
23. *Quarterly Journal of Economics*, vol. XXXIX, n.º 2 (fevereiro de 1925).

os lógicos marginalistas e os experimentalistas, os *behavioristas e os funcionalistas*".[24]

O verdadeiro manifesto estava contido em um notável ensaio por Walton H. Hamilton, publicado muitos anos antes. Hamilton está convencido de que "sòmente a economia institucional satisfaz a exigência de uma descrição generalizada da ordem econômica. Sua pretensão é explicar a natureza e extensão da ordem no meio dos fenômenos econômicos, ou os que dizem respeito à indústria em relação ao bem-estar humano."[25] Declarou que "o ponto-de-vista institucional tem, sem dúvida, alguma importância, porque é um acertado caminho para chegar à verdade aceitável, mas a sua significação está em ser o único caminho para chegar à verdadeira teoria. Um apêlo à economia institucional não quer dizer um ataque à verdade ou validade de outros sistemas de pensamento econômico, mas é a negação da pretensão de outros sistemas de pensamentos a serem "teoria econômica."[26]

"Institucionalismo" e "behaviorismo" eram palavras de som estranho aos ouvidos europeus. Marcel Herbert confessou que, quando pela primeira vez ouviu a palavra "pragmatismo", imaginou que era algum têrmo da gíria americana. Tal foi também a primeira reação ao institucionalismo. Os alemães foram os primeiros a ver que estas teorias não eram novas, mas, sim, velhos pensamentos expressos nos moldes de novas palavras. Esta observação é especialmente honrosa aos austríacos, que estavam acostumados a combater a escola histórica. Assim disse Schumpeter: "In mehr oder weniger urbaner form hält eine jüngere Generation der älteren, die ihre characteristische Note vom Ideenkreise J. B. Clarks empfing, ein Sündenregister vor, das uns bekannt anmutet: Unrealitat, Irrelevanz, Interessenlosigkeit der Auffassungweisen und der Resultate — klingt das nicht ganz so wie das, was die "jüngere historische Schule" gegen die ökonomische

24. *Op. cit.*, pg. 10.
25. *American Economic Review*, vol. IX, n.º 1, Suplemento (março de 1919), p. p. 318.
26. *Ibid.*, pg. 308.

Wissenschaft anzufuhren hatte, die sie verband?"[27] Afirmou êle que: "Schmoller ist also der Gruppen, fur die Mitchell sprach, und die eine immer grössere Bedeutung im sozialwissenschaftlichen Leben gewinnen. Mehr als Ahnherr — er ist einer ihrer Führer, zum Teil unmittelbar ihr Lehrer, wie auch von Mitchell wiederholtanerkannt wurde."[28]

Oscar Morgenstern rejeita as idéias institucionais na ênfase que dá ao fato de que: "die Aehnlichkeit mit der Schmoller-Richtung erstreckt sich sogar bis in Einselheiten. Es ist gewiss kein Zufall, dass Mitchell bemerkt, es sei nun zu Ende mit den umfangreichem Abhandlungen, die die Totalitat irgendwelcher Probleme zum Gegenstand hätten, die alles umfassen wollten. Statt dessen sieht er eine Aera von unzähligen kleinen Einzelstudien kommen, in denen immer neues Material ausgebreitet werden soll. Das ist genau was unter Schmoller geschah, nur dass man damals sich mit den Schusterzünften einer deutschen Kleinstadt im x-ten Jahrhundert befaste und heute mit Hilfe der Korrelationsrechnung die Bewegungen der Bank-Depositen und unehelichen Geburten dartellt."[29]

Suas conclusões são: "Konkret und historisch war auch die Schmoller Schule und man darf die Behauptung wagen, dass hier nichts anderes vorliegt, als ein neuer Versuch, die Schmollerschen Methoden wieder ins Leben zu rufen. Der einzige Unterschied ist ein rein technischer: damals waren es die Archive und die historischen Dokumente, die die Quelle der (die Theorie ersetzenden) Belehrung darstellten, heute sind es die ziffernmässigen Statistiken. Ein Formunterschied. Die neue Technik schafft aber keine grundsätzlich neue Lage. Besonders sind die logischen Probleme die gleichen geblieben und ein Hinweis auf die Diskussion

---

27. "Gustav V. Schmoller und die Problem von heute", *op. cit.*, p. 1.
28. *Ibid.*, pg. 17.
29. "Qualitative and Quantitative Konjunkturforschung," em *Zeitschrift für die gesamten Staatwissenschaften,* Band 85; Heft I (Tubingen, 1928), pp. 79-80.

Menger-Schmoller und auf die Literatur, die ihr folgte, genügt." [30]

Othmar Span adere a esta opinião. Vê os institucionalistas "desiludidos pelo fracasso de tôda espécie de neoricardianismo desde o comêço da guerra. Como os membros da velha escola histórica da Alemanha (Roscher e Knies), embora esforçando-se ainda por não perder contato com a teoria, pensam que a investigação econômica se deve concentrar no estudo das "instituições e do comportamento humano" (a teoria dos motivos), de modo que o seu método se torna histórico, estatístico e psicológico." [31]

Suranyi-Unger acha também que "a teoria econômica americana em conjunto tende a voltar ao programa metodológico da escola sociológica da Alemanha no século XIX. Êstes estudiosos não admitem com freqüência que estejam cortejando a escola histórica, especialmente o seu ramo mais velho, e esforçam-se por dar às suas idéias metodológicas o ar de "aquisição moderna", usando um exterior brilhante e um nome de nova invenção. A essência, porém, do movimento nos é familiar a todos." [32]

Acredito que os críticos alemães têm razão. O fim principal dos institucionalistas não é um sistema lógico, mas o conhecimento de fatos da vida econômica; e a distinção entre êles e a nova escola histórica germânica está nas condições de trabalho dos economistas do último quartel do século XIX e o segundo quartel do século XX: a distinção entre o velho e o novo material e a nova e velha técnica. Falhou a tentativa de Tugwell quando procurou distinguir a nova da velha geração na América pelo fato de que a primeira "foi em grande parte educada nas universidades americanas, ao passo que nossos mestres o foram na Alemanha." [33] A geração mais nova estava inconscientemente continuando a obra não de seus mestres americanos, mas dos seus inspiradores germânicos recentes.

30. *Ibid.*, pg. 79.
31. *Op. cit.*, pg. 277.
32. *Op. cit.*, pp. 224-225.
33. *Op. cit.*, Introdução, pg. IX.

O chefe atual da escola é o economista americano de mais influência — Wesley C. Mitchell. Educado nas tradições de Chicago, Halle e Viena, apreendendo de J. Laurence Laughlin o interêsse pelos problemas da moeda corrente, idéias pragmáticas de John Dewey, e admirando os paradoxos exibicionistas de Veblen, Mitchell conseguiu combinar a flexibilidade da mente com a curiosidade, a exatidão nas pesquisas e a clareza do escopo. Diferentemente de outros institucionalistas, Mitchell não sòmente criticou a escola ortodoxa e lançou um programa construtivo, mas contribuiu com suas próprias obras para o programa. Como escreve Allyn A. Young, "nenhum economista de sua geração contribuiu com mais elementos importantes e substanciais para a ciência econômica que o Professor Mitchell. Mostrou quão fecundos podem ser os métodos quantitativos quando guiados e suplementados por uma análise competente. Deu nova significação e sentido às várias flutuações efêmeras e desajustamento em nossa economia de permuta. Êste seu trabalho substancial ajusta-se à estrutura geral da ciência econômica que se ergueu vagarosa e hesitantemente durante o último século e meio. Ajusta-se-lhe e a simplifica. Os postulados, as maneiras do pensamento são as mesmas já familiares aos economistas. O que é novo é o corpo de experiência concreta que o Professor Mitchell paciente e definitamente organizou e formulou em têrmos de tendências gerais." [34]

Mas ainda mesmo em suas laboriosas investigações de fatos concretos Mitchell continua a ser o grande teoricista que jamais se esquece de fazer sentir aos seus leitores e estudantes que "de fato, se não em teoria, o estado de mudança nas condições dos negócios é o único estado normal", e que combate a "idéia de uma ordem imutável".

Homan censurou a Mitchell pelo seu entusiasmo pela informação quantitativa, "o qual é tão grande que em uma ou duas ocasiões êle quase chegou a dizer que uma reforma social inteligente quase se reduz a

34. *Op. cit.*, pp. 250-251.

possuírem-se os necessários dados concretos sôbre os quais edificar."[35] Mas não penso que isto fôsse um lapso da parte de Mitchell: êle está sinceramente convencido de que, na presente fase tecnicológica, uma economia racional é possível, contanto que o nosso conhecimento real de fenômenos econômicos seja exaustivo e abranja o presente.

Lenin, como sabemos, atribuiu a mesma importância à Estatística e Escrituração.

Representante da moderna teoria americana de economia, que já deu o seu sabor americano, tão forte na primeira metade do século XIX, Mitchell desenvolveu eruditamente o problema de ciclos de negócios, pânicos, tempos difíceis e flutuações de preço, que por várias décadas ocupou a mente dos economistas acadêmicos da Europa e foi o assunto predileto dos leigos e utopistas americanos.[36] Mitchell foi o primeiro a abordar em forma realista o problema dos ciclos e a considerá-lo dentro do arcabouço da evolução econômica geral.

* * *

Ao passo que os institucionalistas são em grande parte economistas acadêmicos que se esforçam por construir a sua disciplina, os tecnocratas têm chegado virtualmente a uma negação das ciências econômicas. Consideram os problemas e crises presentes como principalmente tecnológicas. A idéia fundamental da tecnocracia é a sua tese da necessidade de substituir o atual sistema de preço por um novo sistema científico chamado "o sistema de energia". Afirmam que o atual sistema econômico, baseado no lucro e propriedade particular, desconhece a imensa energia construtiva inerente à tecnologia, e de que só se pode usar por meio de uma nova ordem social e industrial, em que os recursos naturais sejam utilizados para o fim de obter o mecanismo mais produtivo.

---

35. P. Homan, *op. cit.*, pg. 427.

36. *Business Cycles*, first edition (New York, 1913); revised edition (New York, 1927), vol. I.

A tecnocracia é uma doutrina americana, produto das condições especiais predominantes nos Estados Unidos: é uma crua simplificação baseada nas extraordinárias realizações tecnológicas dêste país, destinada a colocar a vida em base racional e matemática, em uma forma expressa em têrmos de energia. Os tecnocratas declaram que uma teoria de ciência econômica baseada nas noções de preço e lucros, dinheiro e crédito, pode ter sido adequada a uma era de pobreza, mas é antiquada sob as circunstâncias atuais neste "século da abundância". A economia de uma "idade de pobreza", afirmam êles, precisa ser substituída pela de uma idade de abundância. Os recursos naturais existentes são ilimitados,[37] e "é apenas o arranjo comercial e financeiro para a distribuição das mercadorias que impede uma segurança e padrão de vida mais elevado que o que êles jamais desfrutaram."[38]

A organização da produção, ao que se afirma, devia ser entregue a engenheiros técnicos, que substituiriam os financistas, economistas e *entrepreneurs*. (Veblen propôs a formação de um soviete de técnicos). A produção devia ser levada aos seus limites extremos, em vez de restringida por considerações de preço e lucro particular. A produção para criação de direitos de propriedade devia ser substituída pela produção para uso e serviço direto. A única restrição admissível seria ditada pela lei da conservação da energia, e deviam ser removidas "tôdas as complicações introduzidas por sistemas monetários."

O nascimento da tecnocracia pode-se dar como ocorrido no ano de 1919. O têrmo foi cunhado nesse tempo por William H. Smith, engenheiro e inventor em Berkeley, Califórnia, como nome de um novo sistema e filosofia de govêrno que êle propunha para o povo americano. O evangelho original e a base sôbre que se construiu a doutrina da tecnocracia foi um livro intitulado *The Engineers and the Price System*,

37. F. Henderson, *Foundations for the World's New Age of Plenty* (London, 1933), pg. 51.
38. Allen Raymond, *What is Technocracy?* pg. 176.

escrito por Thorstein Veblen em 1919. Êste pequeno livro se tornou a bíblia virtual da tecnocracia. Mas o movimento, como tal, só começou nos anos 1930 a 1933, ao tempo em que a depressão econômica nesse país atingia o mais alto ponto. Howard Scott assumiu a liderança de um grupo de tecnocratas formado por cientistas, engenheiros e economistas. Scott, L. Ackerman, Walter Rautenstrauch, Bassett Jones, e F. Handerson foram os principais representantes dessa teoria.[39]

"Um estrito contrôle e plano de produção, uma reforma radical do sistema monetário e financeiro, e a administração do país por engenheiros técnicos são exigências comuns a todos os tecnocratas. O Estado dos tecnocratas seria um Estado novo e científico conhecido como o "Estado de Energia". Sob a ditadura da engenharia, a produção ficaria sob rigoroso contrôle. Os técnicos encarregados da direção do Estado decidirão quais as mercadorias de que a sociedade mais precisa, e que porção delas é socialmente de valor produzir — e também consumir".[40]

A principal confusão dos tecnocratas tem sua origem no esquecimento do fato que a tecnologia trata de *coisas,* ao passo que a Economia trata de homens que produzem, consomem e desejam as coisas.

* * *

As condições peculiares aos Estados Unidos desapareceram e com elas as formas de protesto tipicamente americanas. A distinção entre a Europa capitalista e os Estados Unidos já não é mais de espécie, mas sim, de grau. Enquanto os movimentos do terceiro partido agrário exprimiam a principal exigência de transformação anterior à primeira guerra mundial, a crescente classe operária começou a organizar as suas fôrças no comêço do século XX. Em seus primeiros anos, esta classe adotou as filosofias socialistas ortodoxas da

---

39. Ferdinand Zweig, *Economics and Technology* (London, 1930), p. 237.
40. *Ibid.,* pg. 240.

Europa, procurando aplicar aos problemas americanos a experiência do velho mundo. Os assalariados ficaram privados de uma válvula de segurança na forma da fronteira que já não existia. As massas operárias, organizadas pelo *Knights of Labor* e pela União Trabalhista, identificaram-se com a ala esquerda da causa operária, que abrangia vários matizes de socialismo representados por líderes como Daniel De Lion, Eugene V. Debs e Victor Berger.

O socialismo, que Sombart não pôde encontrar em seu estado puro nos Estados Unidos no século XIX, mas que êle predisse que havia de vir em tempo, começou a achar solo mais favorável neste país. Com o novo século o socialismo tradicional tornou-se americanizado no sentido de que já não era um movimento organizado e chefiado por imigrantes. Dos que assistiram ao Congresso de Indianópolis de 1907, apenas vinte por cento eram estrangeiros natos.

Entretanto, o próprio socialismo sofreu uma crise radical na Europa — o seu berço e ponto de expansão. O declínio do capitalismo na civilização ocidental, o qual tomou forma visível neste período, significava ao mesmo tempo o declínio do socialismo ortodoxo tradicional. Assim, pelo tempo em que se havia preparado nos Estados Unidos o terreno para teorias e movimentos socialistas, o próprio movimento estava em declínio na escala mundial. O líder e economista do Partido Socialista, Norman Thomas, incansàvelmente repetiu os ensinamentos dos Democratas Sociais Alemães, mas a sua influência bem como o número de seus sequazes continuaram a ser insignificantes. Debalde procuramos sinais de americanismo em suas declarações. Uma das poucas exceções foi Daniel de Lion. Nascido em Curaçau, estudou na Europa, fêz conferências na Universidade de Colúmbia, apoiou Henry George em 1886, uniu-se aos *Knights of Labor* em 1888, ao Partido Socialista do trabalho em 1890, e estabeleceu o I. W. W. em 1905. Pleiteou o estabelecimento de uma sociedade socialista organizada em tôrno de unidades industriais de trabalhadores e suas idéias provàvelmente não deixaram de exercer influência sôbre os sovietes russos.

De Leon foi o primeiro a revelar e frisar a existência de elementos de marxismo nos escritos de James Madison.

Sob a influência da experiência russa a classe trabalhadora bem como a *inteligentsia* começaram a dar mais atenção às teorias comunistas vitoriosas sôbre o socialismo ortodoxo da Europa ocidental. Êste assunto está fora da esfera de nossa discussão, visto que a natureza da teoria comunista o torna universal e absoluto, não deixando fundamento para o americanismo. Teòricamente, o comunismo ficou nos Estados Unidos tão estéril como o socialismo tradicional.

Paralelamente à penetração do socialismo, observamos o declínio e mesmo desaparecimento das experiência utópicas puramente americanas, bem como da literatura utopista. As comunidades experimentais utópicas cessaram com o desenvolvimento do marxismo, cuja base é que a revolução social não se pode realizar por esfôrço individual ou por pequenos grupos — daí o desprêzo dos marxistas pelas realizações menores. A produção de literatura utopista foi quantitativa e qualitativamente fraca no período em discussão, ainda que com alguns traços americanos.

* * *

Êste período recebeu o seu tom mais específico da primeira guerra mundial e suas conseqüências. Eva Flügge frisou corretamente que "der Krieg nun, mit seinen ungeheueren wirschaftlichen Aufgaben und Konsequenzen, vertieft diese Krise im ökonomischen Denken in ausserordentlichem Masse. Die Tatsache, dass sich der riesige moderne Wirtschaftsmechanismus auf einen bestimmten Zweck einstellen liess, bringt die Frage der Wirtschaftskontrolle noch stärker in den Vordergrund der wirtschaftswissenschaftlichen Probleme".[41]

A economia da guerra foi ao mesmo tempo uma espécie de laboratório experimental para o govêrno e para os muitos economistas americanos que se filia-

41. *Op. cit.*, pg. 344.

ram às numerosas organizações da guerra. Os teoricistas e descritores foram forçados a entrar na Economia Política, por estarem assoberbados com os problemas concretos de organização, contrôle e planejamentos. Sua Economia Política, ditada pela supremacia das finalidades da guerra, foi compelida a desenvolver uma forte tendência para o contrôle do Estado e para a negação do *laissez faire*. A primeira guerra mundial causou e acelerou o aumento das funções e atividades governamentais ao ponto em que se tornou impossível uma restauração ao *statu* anterior à guerra. A batalha entre os princípios de conservação e de transformação teve a sua expressão mais vigorosa não em obras teóricas, mas na política do govêrno central. Dificilmente se poderão encontrar em qualquer outro período da história dêsse país figuras tão contrastantes como Calvin Coolidge e Franklin Delano Rooselvet.

A ideologia de Calvin Coolidge, de Vermont, foi a encarnação do princípio de conservação. Não tentou construir, mas esforçou-se por salvar, emendar e remendar. Sua divisa era: "O interêsse da América são os negócios". E os negócios eram para êste chefe da União dominado pelo espírito de propriedade o que a liberdade era para Lincoln, ou a paz e a democracia era para Woodrow Wilson. Acreditava na ordenação divina que a riqueza governasse e exaltava "os ideais do bufarinheiro, do negociante de cavalos, do capitão da indústria." [42]

Ao passo que Hoover dava ouvidos ao puro capitalismo dos grandes negócios, Franklin D. Roosevelt, cônscio da inevitabilidade da mudança, procurou suavizar a transição para a forma do futuro, e realizou uma revolução primitiva *sui generis*. Ao passo que a filosofia de Hoower era a dos clássicos individualistas, Roosevelt era eclético, mas em seu ecletismo havia duas fortes inspirações: no passado, um interêsse jeffersoniano no destino do homem comum; no presente, a pressão das contradições de um período de

42. William Allan White, *Calvin Coolidge* (New York, 1925).

transição. Ao mesmo tempo as suas idéias se harmonizavam com as ondas da mesma revulsão contra a deidade do dólar que resultou nas vitórias de Jefferson, Jackson, Lincoln, Theodore Roosevelt e Woodrow Wilson. Franklin D. Roosevelt apela para a experimentação e a coragem dos moços. Acredita que estamos "no limiar de uma mudança fundamental em nosso pensamento econômico." [43] Em seu discurso inaugural, fiel às idéias americanas de transformação, opôs-se às antiquadas tradições em ciência econômica e afirmou que "a felicidade não consiste na mera posse do dinheiro: reside na alegria das realizações, na vibração do esfôrço criador."

Mas a nossa discussão deve parar nas margens do presente, visto que ainda parece cedo demais para interpretá-lo.

43. *Looking Forward* (New York, 1933).

VII

CONCLUSÕES

O contraste entre a grandeza do desenvolvimento econômico da América depois da Guerra Civil até a grande depressão e a literatura econômica da América no período correspondente é quase estonteante para os observadores de fora; em comparação com a vida econômica, a disciplina da ciência econômica nos Estados Unidos é como que um cinema de câmara lenta. Mas o mesmo contraste tem sido apontado por estudantes das belas-letras e da mor parte das ciências sociais americanas.

Do mesmo modo se queixam historiadores e filósofos.[1] A opinião comum nega a própria existência de qualquer genuíno pensamento econômico americano, assim como um intérprete das letras americanas declarou certa vez: "O espírito americano em matéria de literatura é um mito".[2]

Fôrça é admitir que os Estados Unidos não produziram um Guesna, um Smith, um Ricardo ou um Mill. Debalde se procurará uma fagulha do fogo de Prometeu. Mas, ao contrário da opinião predominante, o povo americano tem dado expressão a um pensamento

---

1. Leon Kellner, op. cit., pp. 5-6. É semelhante à crítica habitual da historiografia americana. Allan Nevins declara que "os historiadores americanos nunca expressaram tão plenamente seu pensamento nacional, nem disseminaram tantas idéias influentes como o fizeram os historiadores britânicos e alemães." (Enciclopédia das Ciências Sociais, vol. VII, pg. 385). A opinião de James Harvey Robinson era que "a maioria dos livros de história são fracos e apagados, escritos por gente sem imaginação, com a mentalidade de fiéis amanuenses."

2. John Macy, *op. cit.*, pg. 5.

independente, com referência aos seus problemas econômicos. O pensamento econômico americano não é um edifício do tipo de uma catedral gótica, mas teve firmeza de propósito e de direitura de linhas. Suas correntes se têm mudado no tempo e com o tempo, seu desenvolvimento não se tem processado em sentido retilíneo, a corrente do pensamento tem-se alargado ou contraído, tem sido ora veloz, ora lenta.

Aliás, através de tôda a sua evolução se notam o traço e a presença de um espírito americano interior, cuja essência foi formada antes por intuição e sob a influência do meio ambiente, que pelo intelectualismo derivado da Europa.

O caudal do pensamento se tem nutrido, não das idéias dos grandes pensadores, senão das do homem comum.

Um olhar retrospectivo sôbre as principais correntes do pensamento econômico nos Estados Unidos revela que o americanismo, como já lembramos, não se caracteriza por semelhanças com o formal jardim inglês de teorias clássicas e neoclássicas, com seus passeios alinhados e suas sebes aparadas, mas pelos campos e florestas dêste país, com suas vastas terras e emaranhadas solidões. Santagiana fêz uma observação semelhante a respeito do desenvolvimento da filosofia em nosso meio, quando pôs em contraste os genuínos pendores nativos americanos com os "hereditários". Afirmou que a filosofia só é genuína quando expressa a vida dos que a cultivam", e que "a filosofia herdada se tornou cediça e a filosofia dela desenvolvida depois apanhou-lhe o odor da velhice".[3] Mas a posição ao domínio inglês sôbre a vida cultural da América não significa um ataque à Inglaterra: é uma defesa da América.

A história do pensamento econômico americano mostra uma batalha contínua sôbre pontos fundamentais — entre o princípio de conservação e o de

3. "The Genteel Tradition in American Philosophy," em *Winds of Doctrine* (New York, 1913), pg. 187.

transformação. Pondo de lado todos os detalhes e problemas menores, esta foi a verdadeira questão em debate. Neste conflito o americanismo sempre representou o anseio de transformação. Em outras palavras, o verdadeiro espírito americano reclamou transformação e não conservação — transformar o país, de deserto continental que era, em paraíso, ao passo que, como escreveu Emerson em seus *English Traits,* "a fôrça inglêsa reside também na aversão a mudanças". O espanto americano em materia econômica não preservou a mesma substância de geração em geração, mas tem, em cada período, protestado de uma forma ou outra, contra as idéias de conservação e contra a penetração ou domínio das teorias abstratas dos clássicos. O anseio de transformação era maior ou menor, os problemas alteravam-se, mas a inquietação do anseio permanecia.

Na fase da fronteira móvel, o americanismo éra representado pela escola nacional romântica, cuja energia era inexaurível; a América industrial ouvia fracos protestos de sentimentalistas ingênuos de utopistas provincianos e era ameaçada pelo Surto Verde; após a primeira guerra mundial, a América armada com todos os poderes de suas conquistas tecnológicas gerou um movimento tecnocrático tìpicamente americano, porém mal compreendido.

Houve sem dúvida outros protestos contra o classicismo — as numerosas revoltas populistas, o movimento trabalhista com suas bases teóricas socialistas, — mas todos representavam os interêsses de classes, grupos, e não o espírito americano como tal; seus brados por transformação eram estimulados antes por motivos econômicos de grupos e classes, que pelos fatôres objetivos do ambiente americano. Houve, como vimos, revoltas acadêmicas contra idéias conservadoras, mas careciam geralmente de vitalidade e vigor.

O genuíno pensamento econômico americano raramente tem mostrado interêsse em estudos sistemáticos de Economia, nem nunca desenvolveu um sistema simétrico. Suas idéias têm sido geralmente alimentadas por algum problema importante de política econômica

nacional. Tem estado sempre às voltas com questões palpitantes. O americanismo tem-se manifestado antes sob a forma de desejos, esforços, objetivos, que em lógicas e bem elaboradas construções teóricas. Em matéria de teorias, era muito frágil, ignorante ou dilettante, quando considerado do ponto-de-vista dos economistas acadêmicos. E era continuamente otimista, em contraste com o tradicional pessimismo dos ortodoxos.

Enquanto a América das tradições caseiras estava na encruzilhada em face do seu destino, a América da fronteira móvel desenvolvia um vitorioso americanismo. A corrente americana do pensamento econômico apresentou o seu desenvolvimento mais genuíno e independente no período entre a guerra com a Inglaterra e a Guerra Civil. Foi um período em que a vida econômica do país, o seu ambiente e as suas necessidades eram marcadamente distintas das da Inglaterra. Criou-se um espírito americano sob a influência do folclore econômico do país, sob a pressão silenciosa do meio. A História e a Geografia americanas coloriram o pensamento daquele período. A escola nacional romântica era a expressão da mentalidade americana e das condições nativas.[4]

Os economistas acadêmicos consideravam os leigos nativos, os dissidentes, como uma espécie de *demi-monde;* os economistas das escolas assumiam uma atitude de *snobs* em relação aos economistas das ruas. Até mesmo o leitor contemporâneo pode afastar-se dos eruditos clássicos com um bocejo; mas o que não pode é negar a frescura e sabor terrestre dos leigos em matéria de Economia que interpretavam as vozes do solo e da fronteira móvel.

E' verdade que as doutrinas e pretensões dos leigos eram antes matéria de ardente fé, que de conhecimentos. List exprimiu melhor a fonte da inspiração dêles em

4. Charles H. Beard certa vez declarou que a ciência americana, até 1860, deu poderosa e original contribuição ao pensamento mundial. Hamilton, Jefferson, John Adams, John Marshall, Taney, Webster Clay, Calhoun, Lincoln foram homens que falaram e escreveram como homens. Frisou que depois de 1860 a contribuição americana para o pensamento político foi medíocre.

sua famosa declaração: "Quando visitei os Estados Unidos, pus de lado todos os livros: êles só serviriam para me desorientar. A melhor obra que se pode ler sôbre Economia Política naquele país moderno é a vida real". E' verdade que os dissidentes eram diletantes. Por vêzes, tôda a ciência econômica que sabiam fôra aprendida no ambiente humilde e rude de uma oficina tipográfica. Não eram economistas de gabinete, porém, sim, homens dos sete instrumentos, vindos de todos os setores da vida cotidiana: impressores, redatores de jornais, advogados. Mas, como disse Max Weber: Fast alle Wissenschaften verdanken Dilettanten irgend etwas, oft sehr wertvolle Gesichtspunkte".[5]

Nem mesmo os clássicos inglêses eram "economistas treinados": incluíam não só o livresco estudante Adam Smith, que revelou tão invulgar sagacidade prática, mas também o homem prático de negócios, que foi David Ricardo, fundador da Economia Política Abstrata: e Mill, o empregado do *East India Company*, e muitos outros.

Da escola nacional romântica se pode dizer o que de Ricardo disse Bagehot: "Êle não foi à Economia Política; por assim dizer, a Economia Política é que veio a êle".[6] Mr. Lincoln disse a respeito de seu marido: Êle não era um cristão técnico". Dos membros da escola romântica nacional se pode dizer que não eram economistas técnicos. Suas idéias eram robustas, convictas, agressivas e otimistas — características, tôdas estas, do pioneiro. Não eram figuras de sombras, mas homens de carne e osso. Suas teorias possuíam

5. Op. cit., vol. I, pg. 14. Gustav Schmoller expressou a mesma idéia em aplicação às ciências econômicas: "Es liegt im Wesen einer jungen und einer auf praktisches Wirken gestellten Wissenschaft, dass neben den wirklichen Gelehrten die Agitatoren und Pamphletisten eine grosse Rolle spielen, ja dass mehrere der einflussreichen Männer der Wissenschaft ebensosehr das letztere als das erstere waren. Die Physiocraten wie die Sozialisten waren und sind in erster Linie Agitatoren; Bastiat und List, Schultze-Delitzsch und Lasalle, Prince-Smith und Marx waren es teilweise, selbst Ricardo könnte man in gewissen Sinne den Pamphletisten zuzählen, Gegensatz zu Ad. Smiths wissenschaftlicher Bildung und Objektivität." *Op. cit.*, pg. 107.

6. *Economic Studies*, London, 1880, pg. 153.

o *ordige Beigeschmarck* a que dava tanta ênfase Karl Knies. Propagaram idéias germinais, tradicionalmente americanas, mas suas obras representavam um cruzamento do fundo do pensamento europeu, as aspirações nativas e a produção indígena. Sua filosofia principal era a negação do clássico *laissez faire*: as regiões incultas da América precisavam intervenção do govêrno. A nação, o Estado e a economia em processo de formação não estavam aptos para o absoluto individualismo liberal dos clássicos; a revolução industrial ainda não havia atravessado os Estados Unidos; a classe média, bem como a forma capitalista da economia, estavam ainda em formação. Livre do mercantilismo inglês, a América não estava madura para o classicismo inglês; necessitava do mercantilismo americano modificado. Manchester engendrou o sistema inglês; a Pensilvânia construiu o sistema americano. O nacionalismo, as idéias protecionistas e as discussões sôbre o dinheiro, pela escola nacional americana, tendiam para o mercantilismo e esta tendência se encontra em muitas outras expressões do espírito americano — nos escritos utópicos da segunda metade do século dezenove, bem como nos desígnios tecnocráticos do século vinte. Os clássicos professorais encontravam sua base no naturalismo do século dezoito. As idéias americanas em matéria de economia — idéias voluntaristas, racionais, orgânicas, — contrastavam com as idéias espontâneas, irracionais e mecânicas dos clássicos. Tendo em alto aprêço o fator individualista, o espírito americano rejeitava o atomismo dos clássicos. Andava em busca de um sistema econômico, ao mesmo tempo que, politicamente, insistia pela autonomia humana. A escola nacional romântica foi o guia do americanismo e do princípio de tranformação até a Guerra Civil. Mesmo, porém, em décadas posteriores, apresentam-se, como vimos, claros reflexos desta corrente nos ensinos de muitos dissidentes da escola ortodoxa dominante.

A América industrial apresentava um quadro diferente. As principais exigências da escola nacional estavam satisfeitas; o país já se movia no sentido da

civilização capitalista; as teorias clássicas correspondiam às necessidades do capitalismo e da vitoriosa burguesia em formação. Os protestos americanos se iam enfraquecendo: perdiam a energia e vigor. Há uma sensação de drama no desvanecer do espírito americano. Seus protestos são mais sentimentais, ingênuos, provincianos; representam as queixas do homem comum, "o esquecido", e seu pedido de participação no "Great Barbecue", como Parrington chamou a êste período. Mas, tais protestos eram meros sonhos utópicos. Os escritos utopistas dêste período são as fontes adormecidas para a história das idéias americanas. Estão à espera do erudito industrioso que queira estudar tôdas estas panacéias dos tempos difíceis, investigações à procura da prosperidade, programas de taxação e coisas que tais. Lendo cronològicamente as utopias, podem-se sentir as mutações no sentimento público e no desenvolvimento econômico do país.

A utopia americana não era uma explosão de rebeldia, uma revolta contra o presente. Em vez de ser uma fuga da realidade, era de ordinário bem definidamente um esquema imediatamente aplicado ao mundo em tôrno de nós. A mesma idéia de imediata aplicação prática é a chave da democracia do século vinte, a qual expressou a mentalidade americana em matéria econômica na encruzilhada.

O campo principal da procura de transformação mudou-se com o tempo. No período da fronteira móvel o genuíno pensamento americano estava atarefado com problemas de produção. Na América industrial o problema da distribuição agitava os utopistas e os dissidentes; no período após a primeira guerra mundial o pensamento americano envolveu-se em problemas de organização. Mas a despeito de muitas distinções e diferenças, tôdas as correntes representativas do espírito americano têm tido alguma coisa em comum: os seus proponentes têm sentido que em países novos os postulados da Economia eram um tanto contrários à verdade; mostravam um esfôrço pela prosperidade das nações como um todo. Mesmo quando

frisavam o elemento da iniciativa particular, tinham em mente realizações criadoras e não aquisitivas: eram pela organização paternalista ou dirigida. Podemos atribuir à influência de Benjamin Franklin sua preferência pela ação de comunidade à ação individual.[7] Dêste ponto-de-vista, Veblen era também uma expressão do espírito americano.

O americanismo possuía imaginação, que era o que faltava aos ortodoxos. Os economistas representavam o espírito de conservação por excelência. Os seus ensinamentos desfecharam em dogmatismo e apologética. Notamos outrossim uma semelhança com o desenvolvimento da doutrina acadêmica neste país, onde, como diz Santajana, "os filósofos profissionais são habitualmente meros apologistas".[8]

A relação entre a economia doméstica e a Economia Política sugere a imagem dupla de uma cena da natureza e o seu reflexo espelhado na superfície de um lago. Os clássicos e os neoclássicos não deram a expressão correta, visto como não eram e não são americanos; não eram absolutamente nacionais; não eram nem cosmopolitanos nem provincianos; não refletiam o momento e o meio. A comunidade de linguagem fortaleceu a economia inglêsa e, a despeito da mescla austríaca, os postulados ortodoxos continuaram a ser acima de tudo uma cópia dos inglêses. Falar dos clássicos americanos faz lembrar a passagem em *Fable for Critics*, de Low, acêrca dos "Bulwers, Disraelis e Scotts americanos". Claro que houve casos em que os próprios ortodoxos eram incapazes de se subtraírem completamente às influências do meio, mas sua mentalidade geral fugia às noções de tempo e espaço e era baseada nas abstrações lógicas do original inglês.

Os economistas acadêmicos produziram realizadores e administradores capazes, lógicos, brilhantes, porém raramente homens de pensamento criador e

---

7. F. J. Turner chegou quase a êste ponto em sua afirmação que "se pode traçar a luta entre o capitalista e o pioneiro democrático desde os primeiros tempos coloniais." *American Historical Review*, vol. XVI, pg. 227.

8. *Op. cit.*, pg. 197.

nunca líderes vigorosos. Em seus escritos, voltavam-se para a vida, mas não lhe percebiam a intensidade e a significação. Paul F. Homan tinha razão em dizer que "a fluidez do pensamento econômico contrastava estranhamente com o dogmatismo e finalidade que se expressavam em compêndios universitários." [9]

O desaparecimento sistemático dos traços peculiarmente americanos na literatura dêste país de depois da Guerra Civil, a formação e a vitória da burguesia nativa, a qual aceitou as doutrinas de seus confrades inglêses, deu aos clássicos um fundamento e fôrça que êles antes não tinham tido, e estabeleceu um monopólio dos ortodoxos. O jardim formal inglês foi estendendo-se e substituindo os bravios campos e florestas americanos.

Quando os economistas ortodoxos da lareira não se enclausuraram dentro das paredes do templo escolástico, hauriram sua inspiração das abstrações de Wall Street. Na linguagem vebleniana, a maioria dos economistas americanos estava intelectualmente corrupta por se ter habituado a vazar o pensamento em moldes de negócio. Em regra, achavam-se encerrados em uma rêde de sutilezas. Simon N. Patten judiciosamente caracterizou êsses economistas como tipos cerebrinos e livrescos [10] que, tendo perdido o contato com o ar livre, só pensavam em têrmos tradicionais de lojistas. Escritores engendravam escritores e livros proliferavam livros. Esqueciam-se do país, fonte de luz perene. O amargurado Veblen tinha razão em falar dos "economistas graduados". Como no caso dos filósofos, "sua

---

9. *Op. cit.*, Prefácio.

10. *Essays in Economic Theory*, pg. 243. Richard T. Ely foi do mesmo modo de pensar: "Sejamos tão laboriosos e perfeitos quanto possível, mas tomemos cuidado de que não fiquemos esmagados pelo nosso saber. Muito do que tem sido acumulado será varrido de nossos olhos antes de chegarmos a 1909, para ser lançado ao monturo das engenhosas mas infrutíferas especulações. Julgo que se pode dizer que ao trabalho teórico da década faltou, em geral, adequada ousadia. Temos sido demasiadamente tímidos, havendo, em alguns casos, desperdiçado muito tempo em pequeninas sutilezas com desprêzo das coisas essenciais." "A Decade of Economic Theory" em *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, vol. XVI (1900), p. 111.

mente era como um velho realejo cheio de suaves melodias e caprichosas ficções"... [11] Satélites dos interêsses da Nova Inglaterra anteriormente à Guerra Civil, serviam a triunfante burguesia americana depois dela.

As duas revoltas contra os clássicos — *historicismo* e *institucionalismo* — acharam suas bases no protesto contra a ginástica intelectual dos clássicos, contra o seu absolutismo, sem noção de tempo e de espaço. Os evolucionistas "*revolucionários*" impugnavam a limitação da Economia à análise do indivíduo (Pierce chamava-a "avara filosofia da Economia convencional"), [12] e investigavam as relações entre os indivíduos e o Estado. Percebiam que o *laissez faire* nunca deitara raízes nos Estados Unidos, visto como êste país apresentava um caso manifesto da necessidade de aplicação da intervenção governamental. As revoltas não impressionavam aos economistas ortodoxos, que escreviam para os seus colegas economistas, para estudantes e para certo número de homens de negócio. Estavam ansiosos por produzir compêndios como todo professor sonhava criar um sistema. Sua influência sôbre a vida econômica pode-se comparar com a do gramático na evolução da linguagem. [13]

O grande público inspirava-se mais em Bellamy e Henry George. Sua atitude para com os economistas ortodoxos era de ignorância e desdém. Às vêzes os utopistas aconselhavam a deportação de todos os economistas como essencial à eliminação das crises financeiras.

---

11. Santayana, *op. cit.*, pg. 192.

12. W. C. Mitchell chamou-lhe "o mecanismo do interêsse próprio". Veja-se "The Rationality of Economic Activity," em *Journal of Political Economy*, fevereiro de 1910.

13. J. Laurence Laughlin foi um dos poucos a aprender isto: "Qualquer que tenha sido o indubitável progresso no desenvolvimento da instrução econômica operado nos Estados Unidos durante os últimos quinze anos; e qualquer que seja, no presente, o interêsse perquiridor e até sôfrego manifestado sôbre a matéria por numerosas pessoas, cumpre reconhecer francamente o fato que a influência do pensamento econômico científico nos Estados Unidos pouca ou nenhuma autoridade tem sôbre as massas populares." "The Study of Political Economy in the United States," em Journal of Political Economy, n.º 1 (dezembro de 1892), pg. 1.

Os clássicos e neoclássicos americanos pretendiam ser os seguidores da escola inglêsa, e é certo que os inglêses conferem o título aos economistas acadêmicos da América. Os dissidentes eram mais influenciados pela Europa Continental: o otimismo da escola nacional americana evoca vivamente a lembrança do movimento similar na França, o interregno histórico e o institucionalismo — teorias germânicas. Mas, ao passo que os economistas acadêmicos — tanto os ortodoxos como os dissidentes — representavam a recepção e continuidade do pensamento europeu, os adeptos do americanismo, os de fora, os dissidentes, representavam um elo original na cadeia do pensamento econômico universal, com base no momento local, os traços individuais e peculiares da evolução americana. Correlatamente a influência americana no estrangeiro era mais a de representantes leigos e não de economistas acadêmicos. As obras de Carey, Bellamy e Henry George foram traduzidas em línguas estrangeiras e eram mais lidas em outros países que todos os autores economistas ortodoxos americanos em conjunto. As teorias americanas tornaram-se artigo de exportação; as noções européias importadas raramente podiam ser reexportadas, mesmo depois de refeitas nas oficinas americanas.[14]

A economia americana, não obstante tôdas as distinções e controvérsias, desenvolveu alguns traços peculiares em comum. Um dêles é o esfôrço por imediata aplicação. Teóricos, descritores e utopistas, ortodoxos e dissidentes, todos estavam ansiosos por aplicar suas teorias e conclusões à vida econômica real.[15] John Dewey frisou êste traço pelo que toca a

14. Em sua bastante conhecida carta a Benjamin Franklin, Hume frisou o comêço da exportação intelectual por parte dos Estados Unidos. Escreveu êle: "A América nos tem mandado muita coisa boa: ouro, prata, açúcar, fumo, anil. Mas o senhor é o primeiro grande homem de letras pelo qual lhes somos devedores."

15. O caso é o mesmo com a teoria política nos Estados Unidos. "O cultivo das idéias não assumiu a forma de uma filosofia distintamente americana. Havia um cunho essencialmente prático nas especulações políticas dos estadistas americanos: êles se valiam da teoria para fins definidos de construção." W. S. Carpenter, *The Development of American Political Thought* (Princeton, N. Y., 1930), Prefácio.

Henry George que, disse êle, é típicamente americano não só em sua carreira, mas no pendor prático de seu espírito, em seu desejo de fazer alguma coisa com os fenômenos que estudava e não se contentar com estudos teóricos. Já se vê que não foi êle único neste sentido.[16] Os *Principles of Scientific Management*[17] de Frederico Winslow Taylor e todo o campo dos negócios econômicos são o pólo extremo desta tendência.

E nem só os acadêmicos se interessaram pela esfera da economia aplicada. Ao passo que êles desenvolveram especialmente o campo de administração dos negócios (correspondente ao alemão *Privatwirtschaftslehre*), a mesma observação se pode fazer a respeito da utopia americana: era aplicada a prática. Os utopistas removeram a roupagem romântica, adotaram e exageraram a habitual mecanização, racionalização, regulação e cálculo utópicos (todos introduziram senhas nas correntes da vida e do pensamento americanos) e criaram esquemas de aplicação imediata, às vêzes como prescrições contra períodos de crise e pânico, muitas vêzes como propaganda de um novo curso de moeda ou sistema de taxação. Baseada em trustes e livros de cheques, a utopia americana faz lembrar os planos de reconstrução ou consolidação de negócios. As tentativas de meteorologia econômica desenvolveram-se ràpidamente em solo americano. Desde Bremer,[18] os leigos, bem como os economistas acadêmicos tentaram a previsão dos fenômenos atmosféricos dos negócios e as flutuações dos preços, e economistas de todo o mundo discutiram acaloradamente e por vêzes imitaram os métodos desta espécie de previsão iniciada nos Estados Unidos.[19]

---

16. Foreword to George G. Gerger, *The Philosophy of Henry George* (New York, 1933), pg. IX.

17. New York, 1911.

18. *Prophecies of Future Ups and Downs in Prices*, Cincinnati, 1875.

19. F. W. Taussig frisou o caráter de pioneiro do Harvard Economic Service: "Lisonjeiras provas de êxito apareceram em muitas imitações não só de êmulos comerciais, mas — o que é mais significativo — sob a forma de similares aventuras, com similares ligações acadêmicas, em países estrangeiros. Na Inglaterra, França, Alemanha e Áustria, até mesmo na longínqua Rússia So-

A tendência estatística é outro traço da economia americana. Já em princípios de 1809 L. Baldwin frisou o papel da investigação estatística [20] e muitos anos mais tarde S. W. D. North, autor de uma revista oficial da história da estatística americana, acertadamente assinalou que, tendo surgido cedo, a Estatística atingiu alto desenvolvimento e importância. North frisou o ponto de que "nós, nos Estados Unidos, precisamos de todo o auxílio que possamos obter da Estatística, precisamos dela mais que qualquer outro povo, porque, mais que qualquer outro, estamos vivendo no período de *mudança.* A transformação acha-se em progresso em muitos de nossos métodos". [21]

O General Walker, falando diante do Instituto Internacional de Estatística, na sessão de abertura de

---

viética, levantaram-se instituições do mesmo padrão; e, em alguns casos (Inglaterra e França), após consulta aos homens de Harvard e com substancial auxílio em dinheiro da organização de Harvard. O papél da universidade no sentido de pioneiro e líder não tem sido com freqüência reconhecido tão inquestionàvelmente em terras estrangeiras. Foi o ciclo dos negócios que, em geral, atraiu a atenção para o Serviço Econômico lá fora. Êsse assunto havia de longa data ferido a atenção dos economistas e escritores sôbre Finanças e adquiriu especial destaque depois da grande guerra, quando originou em todos os países um caudal de publicações, boas e más e nem boas nem más. Mas a análise e inteligência do ciclo de negócios foi apenas uma parte do Harvard Service. Mais coisas se tiveram em vista sob a forma de contribuições de valor permanente para a ciência econômica e estatística, principalmente através da Review of Economical Statistics." Economics, 1871--1929," op. ct., pg. 194.

20. "O Estudo da Economia Política foi recentemente sistematizado e, sob qualquer luz que o encaremos, abrange os mais difíceis e importantes ramos dos conhecimentos humanos. Combina a investigação dos objetos naturais com o estudo das paixões humanas. É a associação das qualidades físicas com os sentimentos morais que constitui o grande objeto das pesquisas estatísticas, de modo a favorecer mais eficazmente o progresso do bem-estar nacional" (*Thoughts on the Study of Political Economy*, pg. 65) "Deve ser óbvio para todos que uma enumeração acurada dos habitantes do nosso país é de suprema importância para o estadista, bem como uma fonte de grata especulação para o inquiridor filosófico" (*Ibid.*, pg. 17).

21. "Seventy-five Years of Progress in Statistics: The Outlook for the future", em *The History of Statistics*, New York, 1915, pg. 23.

sua reunião em Chicago, insistiu nesse aspecto;" Forte paixão pela Estatística cedo se desenvolveu na vida de nosso povo, e estadistas e publicistas tais como Hamilton, Pelletiah Webster, Alkanah Watson, Tench Coxe, Setbert e Pitkin tornaram-se laboriosos estatísticos e fundaram indutivamente suas teorias econômicas e de taxação. Nenhum govêrno no mundo jamais prodigalizou tanto dinheiro e valor mais generosamente sôbre inquéritos estatísticos, nem povo algum correspondeu nunca mais alegre e pacientemente nesse sentido.[22]

O escopo, o volume e a qualidade dos dados estatísticos estiveram em contínuo progresso e melhoramento neste país. Especialmente o Duodécimo Censo, de 1900, com o seu eficiente tratamento da agricultura e manufaturas, lançou as bases de um exaustivo estudo dos fenômenos econômicos. Aqui está a explicação da idéia de alguns institucionalistas chefiados por Wesley C. Mitchell, de que um estudo quantitativo da vida econômica, sob a forma de um plano organizado e exaustivo, em vez de deduções abstratas, revelará as funções do organismo econômico, seu pendor e suas tendências. Vêm daí os esforços conscientes de grupos de economistas americanos, paralelamente e em consonância com a tendência em tôdas as ciências sociais nos Estados Unidos, para organizar um estudo em plano de cooperação. E daí também o caudal de projetos de investigações laboriosas e cooperativas.

A paixão pela Estatística é apenas parte de uma paixão mais geral pela verificação de fatos.[23] Nem mesmo os adeptos da escola abstrata podem fugir disso. Os milhares de volumes, descrevendo vários fenômenos da vida econômica, representam a contribuição concreta da moderna economia americana. Nenhum

---

22. Citado por John Cummings, "Statistical Work of the Federal Government of the United States." *Ibid.*, pg. 573.

23. Howard Mumford Jones afirmou a mesma tendência no estudo da literatura americana: "A história típica da literatura americana é, com efeito, um compêndio, claramente esboçado, exato nas afirmações e pedagògicamente utilizável, apresentando em ordem cronológica os principais *fatos* da história literária americana e descurioso quanto ao porquê dêsses fatos." *American and French Culture* (Chapel Hill, N. C., 1927), Introdução, pg. 5.

outro país do mundo conta tantos economistas como os Estados Unidos: êles têm produzido arranha-céus de materiais, porém não de pensamento. Sombart frisou êste fato em seu estudo da literatura americana sôbre o trabalho e o socialismo: "Viel interessante Quellen, wenig wissenschaftliche Literatur." [24]

A busca de fatos tem tomado neste país a forma de produção padronizada, feita a máquina. Ao passo que a teoria ortodoxa se distanciava da realidade, a cata dos fatos se distanciava da teoria e raras vêzes chegava ao ponto de produto acabado. Os escritores americanos ansiavam por descrever a vida econômica cotidiana. Lafcadio Hearn exprimiu êste desejo: "Imagine-se um bom romance sôbre Wall Street... Há ali, sem dúvida, um formidável romance... Mas que pode fazer um mero literato circunvalado em um mundo de mistério matemático e maquinaria?

Mas os economistas já não andavam mais à procura de um romance. Satisfaziam-se com a acumulação de dados sem significação relativos às transações da Bôlsa. O pânico de 1907 foi mais bem contado por Upton Sinclair em *Money Changers*, não obstante seus métodos à Sherlock Holmes, que em todos os livros sôbre Economia. A literatura americana elaborou um tipo específico de novela econômica. William Dean Howell, com *The Rise of Silas Lapham*, apesar de seu eslilo de salão, e Frank Norris com *The Pit*, estavam reagindo ao processo econômico e refletindo-o melhor do que os escritores economistas.

A evolução econômica americana é ainda uma rapsódia não escrita, para a qual os colecionadores de fatos têm contribuído com a matéria-prima e os novelistas têm escrito alguns capítulos. Mas ainda falta aos Estados Unidos um gigantesco *Modern Capitalism* à maneira do de Sombart. O leitor curioso encontrará nas novelas fotográficas de Sinclair Lewis melhor ex-

24. "Quellen und Literatur zum Studium der Arbeiterfrage und des Sozialismus in den Vereinigten Staaten von Amerika (1902 bis 1905)," in Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik, N. F. (Tubingen, 1905), Band XX, Heft 5, pg. 703.

pressão do atual estilo econômico do país, que na maioria dos volumes produzidos por economistas americanos.

Tentei apresentar nestas páginas um esbôço do desenvolvimento e forma da economia americana até a grande depressão e revelar-lhe o espírito — o seu americanismo. Mas, qual a contribuição da economia americana para a disciplina? Qual o seu papel no palco do mundo?

A literatura americana durante o período em discussão era, do ponto-de-vista mundial, ainda uma literatura inferior. Isto é também verdade no campo econômico. Os ortodoxos, recebendo as teorias inglêsas mescladas com idéias austríacas, requintadas, alargadas e complicadas nos Estados Unidos, não apresentam uma contribuição original e duradoura para o patrimônio da economia do mundo.

E' provàvelmente manifesto ao leitor que, sem olhar com reverência chinesa para os antepassados, podemos considerar os economistas ortodoxos como sendo intelectualmente um grupo inferior e mais apagado que os representantes do espírito americano. Por esta razão a contribuição duradoura de Raymond, Carey, Bellamy e Henry George, por exemplo, é da maior importância. Será de admirar nestas circunstâncias que dissidentes como Patten procurassem achar saída colecionando canções, e Veblen traduzindo as sagas da Islândia?

Ninguém melhor que Simon N. Patten, o epígono da escola romântica nacional da América, exprimiu a tragédia de economistas ortodoxos, quando tentou descrever as mudanças operadas pelos economistas desde a fundação da Associação Econômica Americana.

"Não há, todavia, nenhum grande problema americano que tenha sido solvido. Em tôdas as questões vitais permanecemos a meio caminho, fazendo alto entre o passado e o presente; e, se estas meias verdades são tudo o que temos a oferecer, é possível que antes prejudiquemos que auxiliemos ao público. O que nos espera é a confusão e a derrota política, moral e econô-

mica, se o desaparecimento de velhos costumes, tradições e formas de pensamento não fôr seguido do aparecimento de novos conceitos, idéias e instituições. Não podemos dar-nos ao luxo de ser meros economistas. Cumpre-nos lançar as bases da nova civilização e mostrar a maneira pela qual as fôrças econômicas remediarão males que se podem tornar intoleráveis. Temos um difícil problema a resolver. Estamos em caminho da solução ou vamos indo simplesmente ao sabor das ondas? [25]

* * *

Nosso exame da evolução do pensamento econômico americano no período em revista deparou-nos um quadro sombrio. O brilho e vigor do pensamento americano nativo desvaneceram-se com o desaparecimento dos americanismos, com o progresso da civilização mecânica da América e a penetração de uma forma altamente capitalista da vida econômica.

Qual é nestas circunstâncias o futuro da economia americana? O rebelde Tugwell falou de um "ressurgimento do pensamento econômico" neste país. [26] Mitchell declarou poucos anos antes da grande depressão que "presentemente é brilhante a perspectiva de progresso em economia [27]. Não vejo o renascimento no progresso de uma teoria econômica, mas, para usar uma expressão de Mitchell, na tentativa de uma "aplicação construtiva" de fatos e dados acumulados. O inventário preparado pela *Encyclopedia of the Social Sciences*, o reaparecimento de Thorstein Veblen, a obra do *National Bureau of Economic Research*, a atividade da *National Resources Planning Board*, a obra de J. M. Clark, a obra de T. N. E. C., o aparecimento de Alvin Hansen no papel de um americano J. M. Keynes — todos êstes fatos são ilustrações de recentes esforços objetivos e, por vêzes, ousados no sentido de uma "aplicação construtiva" em economia. Os economistas co-

---

25. "The Making of Economic Literature," em *Essays in Economic Theory*, New York, 1924, pg. 240.
26. *The Trend of Economics*, Introduction, pg. X.
27. "Prospects of Economics." Ibid., pg. 3.

meçam a ver uma meta positiva — a conquista da possibilidade de plasmar a evolução da vida econômica para se ajustar aos propósitos da nação. O princípio de transformação lògicamente leva do intervencionismo à delineação de planos. Teòricamente a idéia de "aplicação construtiva" se opõe às concepções otimistas e individualistas e aproxima-se mais das concepções universalistas e orgânicas; mas é realmente nos Estados Unidos menos uma filosofia que um método de passar sem ela.

Começamos a perceber que a América é hoje o maior e mais complexo mecanismo que o mundo jamais viu. O individualismo vai cedendo ao regimento, à casta, à padronização. O otimismo desvaneceu-se; o pessimismo assoma no horizonte.[28] Há economistas impacientes por desenvolver a aplicação construtiva de conhecimentos de fatos acumulados e tendências para o cônscio e cauteloso contrôle e regulamento da vida econômica no interêsse do povo, para, na frase de Horace Greeley, desenvolver a "arquitetura social" guiada pelo dizer de Daniel Reymond: "O objeto imediato (da Economia Política) deve ser ensinar os governos a legislar e não os indivíduos a enriquecer".

Assim, o futuro da economia americana coincide com o prognóstico feito por Barbara Wooton em seu recent *Lament for Economics*: "Se por economista se entende um estudante profissional da arte de economizar, isto é, de distribuir escassos meios entre *dados* fins alternativos, estará agora bem claro que, por mim, não tenho grandes esperanças com que acenar em relação ao futuro. Mas, se o têrmo se alarga no sentido de permitir a discussão de *meios* tanto como de fins; e, se se definir de novo, ainda que vaga e imprecisamente, o economista como estudante do bem-estar social, então, sim, direi que a última palavra ainda não foi proferida.[29]

---

28. V. L. Parrington, *op. cit.*, vol. III, pg. 327.

29. Londres, 1938, pg. 302. Por outras palavras, o mesmo escopo foi expresso por Sir J. Sinclair em 1788: "Um inquérito para o fim de averiguar o *quantum* de felicidade fruída pelos habitantes de um país e os meios de seu futuro desenvolvimento."

E também, como em períodos anteriores à grande depressão e à segunda guerra mundial marcam o ponto de transição na evolução do pensamento econômico americano. Os pendores e tendências sopitados desde a primeira guerra mundial, avivados e cristalizados nos anos infelizes da terceira década, estão agora em rápida expansão sob a influência de grandes acontecimentos. O processo e as conseqüências da segunda guerra mundial, como de tôdas as guerras, estão tendo uma influência a um tempo destrutiva e construtiva sôbre a Economia e as ciências econômicas. Ajudam a destruir velhas nações, tradicionalismos e ortodoxias, reclamando novas e ousadas respostas e experiências imediatas. A "economização" bélica do Estado e a burocratização da Economia conduzem a um renascimento de *Cameralia*, de "aplicação construtiva" das ciências econômicas. Se tem sido geralmente o destino da teoria econômica perder a corrida contra o curso da história, a atual exigência imperativa de transformação parece prometer sincronização melhor.

O DESENVOLVIMENTO DAS IDÉIAS ECONÔMICAS NO CANADÁ

por

A. R. M. LOWER

Professor de História do United College,
University of Manitoba.

Duas antíteses básicas formaram a história do Canadá: a antítese entre franceses e inglêses e a antítese entre metropolitanismo e localismo. Todos os países americanos têm estado, e alguns ainda estão, dentro da esfera de um centro econômico de procura que nêles busca produtos primários e simples, e sôbre êles exerce hegemonia financeira e talvez política. Mas em nenhum outro país da América se juntaram duas sociedades tão contrastantes como existem lado a lado no Canadá. Há cento e oitenta anos uma comunidade rural, francesa e católica, foi conquistada por uma potência comercial inglêsa e protestante. Desde então, as duas raças têm evoluído lado a lado, sem que nenhuma delas abra mão de sua cultura, sem muita assimilação e sem muita compreensão. Êste é o aspecto da história canadense que condiciona tôdas as coisas no país.

A evolução das duas raças tem prosseguido desigualmente. Os franceses foram os primeiros a tomar consciência de si mesmos como povo e, por conseguinte, tomaram a dianteira na agitação por govêrno autônomo, embora não suprissem muitas das idéias construtivas para essa condição. Os inglêses (muitos dêles eram escoceses) avançaram à frente comercialmente desde o comêço, e têm estado consistentemente dominando em todos os campos que dizem respeito à produção da riqueza, negócios, transportes e agricultura comercial. Os franceses, por contraste, tendo atingido a autonomia

intelectual muito antes e com uma capacidade latina para jogar com idéias abstratas, têm tido noções muito mais claras que os inglêses acêrca das coisas fundamentais que entram na formação de uma sociedade duradoura. Em sua incapacidade ou negação de participar do forte individualismo anglo-saxônico, tem aderido tenazmente às coisas que asseguram a sobrevivência, tais como a coesão religiosa, a família, o solo, a raça e suas instituições. Estas coisas para êles têm primado sôbre a riqueza. Como resultado disso, possuem hoje uma forte e crescente sociedade que já não teme a assimilação inglêsa e está-se preparando para tomar de assalto, por métodos políticos, os redutos econômicos inglêses.

As idéias econômicas franco-canadenses podem ser muito brevemente descritas, porquanto até bem pouco tempo mal haviam ultrapassado as de São Tomás de Aquino. Elas têm encarnado o catolicismo medieval mais as encíclicas papais de data recente. Os franceses sempre se consideraram "les enfants du sol" e desconfiados do que os anglo-saxões se comprazem em chamar progresso. E' só nos últimos poucos anos que os resultados da revolução industrial inglêsa — salários baixos, cortiços, desemprêgo e, entre a elite, a consciência de serem cidadãos da segunda classe — têm provocado movimentos de revolta. Êstes têm assumido, entre a *intelligentsia*, a forma de um nacionalismo intransigente; entre as massas trabalhadoras, a de um recurso ao unionismo católico, canadense ou internacional. Algumas das autoridades eclesiásticas e outras mais têm olhado com simpatia a concepção do estado "corporativo" como esboçado na Itália — embora sem aderir aos princípios ditatoriais implicados naquele país. E é possível que o futuro traga tentativas de criar tal estrutura no Canadá francês.

O Canadá inglês, oitenta por cento protestante e fortemente calvinista dentro do seu protestantismo, tem sempre admitido a concepção comercial da vida; e os elementos nêle contidos que não se têm satisfeito com êsse ponto-de-vista têm sido poucos e numèricamente sem importância. Têm manifestado, quase sem alte-

ração, as qualidades fundamentais dos povos de língua inglêsa, qualidades que lhe têm condicionado o pensamento em matéria econômica. A liberdade de iniciativa, a liberdade individual tem sido a sua herança natural, e o mercantilismo tradicional no comércio exterior veio-lhe da mesma fonte. Em tôdas as suas ações têm sido quase inteiramente empíricos. Mesmo nestes tempos de teorias doutrinárias e apriorísticas, embora grupos de canadenses possam, como outros podem, assustar-se com fantasmas (tais como o comunismo) ou excitar-se com *slogans* (tais como o amoedamento do crédito nacional), as probabilidades de elaborar uma concepção doutrinária da sociedade ou do estado no Canadá seriam muito remotas. O pensamento econômico canadense torna-se assim matéria de polêmicas ou panfletos, de controvérsia sôbre métodos ou de análise das condições existentes — pelo menos até os últimos poucos anos — da construção de sistemas filosóficos ou semifilosóficos. Êstes característicos básicos devem ser conservados em mente ao considerar qualquer dos conceitos elaborados durante a evolução da comunidade canadense.

I

Desde a conquista de 1763, as comunidades dispersas da América Britânica do Norte se têm aproximado lentamente umas das outras. O Domínio data de 1867, mas ainda hoje mostra em sua superfície os elementos de que se formou o Canadá francês já referido, bem como as várias províncias inglêsas. Visto que é impossível, em um breve trabalho, considerar a vida local de cada um dêles enquanto ainda permaneciam separados, o Canadá inglês deve ser considerado como a comunidade que, começando na cidade de Montreal e Quebeque imediatamente depois da conquista, cresceu gradualmente até abranger o Vale do alto São L urenço e a região dos Grandes Lagos, juntamente com as áreas mais ao Oeste, os campos e a Colúmbia britânica que em parte se formaram do núcleo original. Mesmo

nesta área, a Colúmbia britânica, outrora colônia separada, ainda conserva sinais da sua origem, embora sem isso as "Províncias Marítimas", Nova Escócia, New Brunswick e Prince Edward Island tenham até hoje uma certa vida independente, não ainda fundida na comunidade canadense geral.

Por quase duas gerações depois da conquista — digamos até depois da guerra de 1812 a 1814 com os Estados Unidos — a América Britânica do Norte se caracterizava econômicamente pelo tipo de imperialismo explorador que tem sido comum através do Império Britânico, e nenhuma comunidade local de importância igual à da Nova Inglaterra do Velho Império existia para se lhe contrapor. O Canadá francês era uma colônia conquistada, a Nova Escócia era fraca, e não havia inglêses nas terras do alto Canadá (agora Ontário) até depois da revolução americana. Levou uma geração para que a comunidade agrícola então fundada adquirisse uma personalidade corporativa de suficiente firmeza para lhe dar vida e caráter próprios. Quando se atingiu êste estágio, o mercantilismo do tipo imperial já se achava firmemente estabelecido, mas por uma curiosa combinação de circunstâncias viera a conferir consideráveis benefícios às colônias e a maioria dos seus habitantes não sòmente o aceitou, mas fêz questão de o conservar. E depois disso, enquanto durou o mercantilismo britânico, as colônias o apoiaram entusiàsticamente. O período de 1815 até 1846 pode ser denominado a era do mercantilismo colonial.

O mercantilismo colonial se interessava primeiramente em assegurar a retenção pelo govêrno imperial dos chamados "impostos diferenciais" sôbre a madeira trazida para os mercados britânicos de países fora do Império, que eram na prática entendidos como os países em tôrno do mar Báltico, ao mesmo tempo que combatia as propostas para aumentar os impostos britânicos sôbre a madeira colonial. Com o comércio e indústria das madeiras se associavam a construção de navios e a navegação, a última apoiada pelos *British Navigation Acts* que exigiam que tôda a navegação entre os portos do Império fôsse britânica, têrmo que natural-

mente incluía todo o Império. Sob o *Tiwber Duties and Navigation Acts,* desenvolveu-se um segundo sistema mercantil que produziu na América Britânica do Norte um grande mercado de comércio em madeiras e seus derivados. Êste comércio, com outros menores, enriqueceu certas pessoas das colônias, empobreceu outras, mas deu uma aparência de atividade e progresso, como sempre acontece com os grandes mercados do comércio. Isto criou pelo menos o canal — e por muitos anos o único canal considerável — pelo qual uma matéria-prima local podia ser convertida em riqueza. Provàvelmente coube à Metrópole a parte do leão na riqueza, mas as colônias ganharam bastante para que a maior parte se entusiasmasse pela continuação de seu comércio de matéria-prima e pela estrutura alfandegária sôbre que repousava.

O seu entusiasmo era eloqüente e expressava-se em uma multidão de escritos, alguns dêles efêmeros, mas uns poucos dos quais podem ser destacados. De New Brunswick veio naquele ano de grande depressão, 1826, um panfleto anônimo, descrevendo tôda a concepção do sistema imperial tal qual aparecia aos olhos dos colonizadores.

O Império era, ou devia de ser, uma unidade comercial bem unida, cada parte contribuindo, com sua função própria, para o órgão como um todo. Apoiava-se sôbre a rocha dos "navios, colônias e comércio", navios para a defesa e transporte, colônias para matéria-prima e comércio para espalhar os produtos industriais da Metrópole sôbre o todo. Incidentemente, navios e madeira de New Brunswick continuariam a gozar sua sólida preferência no mercado britânico.

Na década de 1830 a 1840 William Bliss, agente de Nova Escócia em Londres, e Sir Brenton Halliburton, juiz daquela província, colocaram ambos substancialmente o mesmo caso diante do público. Bliss fêz o elogio do Império sob o aspecto da grandeza física e da riqueza; falou sôbre a reunião de ilhas e continentes que se aqueciam ao sol da Majestade Britânica, unidos todos pelo sangue do comércio. Halliburton seguiu pouco mais ou menos a mesma ordem de pensamento

e em resposta aos esforços de uma ala dos *Whigs* britânicos, sob a direção de Charles Poulett Thompson para reduzir a preferência das madeiras, voou alto, em êxtase, vendo no Império, comércio, marinha, colônias e preferência colonial uma espécie de mistério religioso que não se devia atacar como não se atacam as próprias verdades do cristianismo.

O maior apoio, porém, ao mercantilismo colonial veio da imprensa dos tempos, especialmente da de New Brunswick e da imprensa de língua inglêsa do Baixo Canadá. No Baixo Canadá, onde a cidade de Quebeque é o centro do comércio de madeira, a imprensa francesa era indiferente, mas os jornais inglêses nunca perderam a oportunidade de apoiar a causa. Entre êles se pode mencionar a *Montreal Gazette*, cujas colunas ainda hoje, após século e meio de publicação, fazem soar a mesma nota invariável como em seu primeiro número, a nota do capitalismo explorador; o *Montreal Herald*, muito semelhante ao primeiro, antigamente como agora; o *Quebec Mercury* e a *Quebec Gazette*. Em New Brunswick foi o *New Brunswick Courier*, de Saint John, o principal representante da causa.

No Alto Canadá, que depois de 1815 tomou a dianteira, o capitalismo explorador era modificado pelo crescimento de uma sólida comunidade rural. Não era estranho, pois, encontrá-lo a produzir homens que, em contraste com o inexorável especulativismo dos traficantes de madeira e mercadores do Baixo Canadá, cuidavam primàriamente do seu desenvolvimento, de encarecer as suas vantagens naturais. Entre êstes o mais proeminente era W. H. Merritt de St. Catherines, o "pai" do Welland Canal e indiretamente daquele imenso plano da canalização do São Lourenço. Em tempo e fora de tempo, por panfletos públicos e pela pressão particular sôbre a administração, Merritt procurava fazer vingar os seus planos. Êstes incluíam, primeiramente, o seu grande desígnio — a navegação desde a região superior dos Lagos até o mar, destinada a proporcionar aos fazendeiros do Alto Canadá fretes baratos para o seu trigo em caminho para a Inglaterra e recuperar o Oeste americano como parte do *hinter-*

land dos portos de São Lourenço. Em segundo lugar, pleiteava a administração dos negócios para a sua província. Que o govêrno administre os seus negócios tão econômicamente como o vizinho estado de Nova York. Que abandone o paternalismo. Que o povo da província faça a sua própria política interna e externa. Isto cortava cerce nas concepções mercantilistas correntes que atribuíam a Londres o direito e o dever de grandes esquemas de política comercial imperial, em troca do livre ou do quase livre mercado intraimperial. Merritt olhava para o futuro, não para o passado.

Finalmente, havia um grupo que representava a fronteira canadense, duplicando as tendências e doutrinas associadas com o Oeste americano. Das áreas rurais recentemente povoadas se reclamava dinheiro barato, fazia-se oposição aos bancos e a outros direitos adquiridos das velhas comunidades, pedido de eleições mais freqüentes, da aplicação do princípio eletivo ao Conselho Legislativo, bem como à Assembléia, e assim por diante. O *fronteirismo* encontrou o seu líder em William Lyon Mackenzie; a rebelião de 1837, que êle chefiou, era em muitos aspectos um movimento pioneiro típico contra os direitos adquiridos, comparável com a Rebelião de Bacon na Virgínia ou a de Shay em Massachusets. Embora a rebelião falhasse, sua influência penetrou fundo na história canadense. Muitas das causas que a produziram se têm exemplificado por várias vêzes desde então em outras regiões pioneiras do país.

II

As rebeliões de 1837 serviram como advertência de que às colônias americanas da Inglaterra cedo ou tarde se devia dar govêrno local completo e autônomo ou o Império se despedaçaria. Elas representavam uma colisão direta entre o mercantilismo explorador e os interêsses locais da comunidade. Felizmente para o mundo britânico a crise se resolveu pelo triunfo na Inglaterra das idéias de livre-câmbio. Uma vez que os próprios britânicos tinham destruído o sistema mer-

cantil imperial, e se tinham decidido a favor do *laissez faire*, não havia lógica em negar às colônias liberdade local. Mas, como a lógica nem sempre governa o coração dos políticos, foi sorte que um estadista do calibre do segundo Earl Crey estivesse na Secretaria Colonial (1846-51) para realizar a mudança pronta e suavemente. Êle o fêz pelo simples expediente de dizer aos governadores coloniais que deveriam governar de acôrdo com os bem entendidos desejos do seu povo conforme a capacidade de seus orientadores, para impor uma maioria às Assembléias Legislativas. Aceito êsse princípio — o do "govêrno responsável", como é chamado no Canadá — tudo o mais se seguia. O govêrno local autônomo tornou inevitável o desenvolvimento do nacionalismo colonial e êste devia finalmente culminar na independência nacional.

Mas a transição não se podia operar de chôfre. Na América do Norte Britânica passou-se quase uma geração antes que se desse com uma solução permanente. Esta se concretizou na formação do Domínio do Canadá em 1867, o primeiro dos estados coloniais do Império Britânico. Êste período de 1846 a 1867 foi todo de experiências, sujeito a fracassos e êxitos, a novas esperanças e vivas controvérsias. Na América do Norte Britânica o império mercantilista se havia associado intimamente aos sentimentos e aos interêsses de um partido, o dos *tories*. Êstes homens tinham possessões e naturalmente tinham aprendido a olhar com veneração e emoção para o sistema em virtude do qual mantinham suas possessões. Foram bem sucedidos em procurar evocar a emoção entre as massas. A fortaleza dos *tories* canadenses residia nos direitos adquiridos da minoria culta e nos sentimentos conservadores da maioria dos simples. Quando a Grã-Bretanha adotou o livre-câmbio e deu autonomia às colônias, pareceu aos *tories* que o centro da fé tinha profanado repentinamente os seus próprios altares. Isto, combinado com a severa depressão de 1847 a 48, era mais do que êles podiam suportar e em 1849 os comerciantes *torystas* de Montreal apresentaram-se com um programa de anexação do Canadá aos Estados Unidos.

Êste gesto desleal e derrotista desacreditou os *tories;* o novo partido que apareceu cinco anos mais tarde — os liberais conservadores — aceitou a nova concepção do Império como um laço político e sentimental, mas não econômico. O resultado foi que os problemas do Canadá tinham agora alguma oportunidade de ser estudados em seus próprios têrmos. Um dos primeiros frutos foi o Tratado de Reciprocidade com os Estados Unidos em 1854, tratado que deu às colônias britânicas da América do Norte livre entrada para sua matéria-prima naquele grande mercado. Esta e outras medidas tomadas entre 1846 e 1860 constituíram o que se poderia chamar "o primeiro programa de nacionalismo colonial", e foi a conclusão dêsse programa segundo o grau de capacidade das colônias, lá por 1860, que produziu as condições que apressaram a Confederação: como já não havia mais questões de importância, os partidos políticos se tornaram faccionários e quase frívolos. O de que se precisava era um novo programa e êste a Confederação o produziu.

O primeiro programa consistia em política comercial e melhoramentos internos. A reciprocidade já foi notada. Seguiu-se paralelamente um tanto ràpidamente o desenvolvimento de um mercantilismo colonial do mesmo tipo do velho mercantilismo imperial, mas já agora não acionado de Londres: os primeiros impostos provincianos de importação que traziam alguma intenção protecionista foram lançados no Canadá em 1846. Doze anos mais tarde, tarifas francamente protecionistas em alguns dos seus itens, mesmo contra os produtos industriais da Grã-Bretanha foram adotadas. Seja qual fôr a opinião que se tenha de sua sabedoria econômica, certo é que tiveram o importante resultado de demonstrar a autonomia canadense na esfera econômica bem como na política.

Os melhoramentos internos do período consistiram na conclusão dos canais do São Lourenço em 1849, o comêço do grande canal subindo da parte inferior do rio ao pôrto de Montreal, e cuja conclusão faria daquela cidade a metrópole do Canadá; e por último a

construção de um grande sistema ferroviário. Em 1848 não havia virtualmente ferrovias no Canadá. Em 1860 elas se estendiam do mar até Lake Huron. Mas a linha de ligação através dos Apalaches a New Brunswick e Nova Escotia se revelou pesada demais para os recursos provinciais e por conseguinte o programa não foi por diante. O segundo passo de óbvia necessidade foi converter o arcabouço político e econômico em uma união das colônias. Êste passo estava sujeito às dificuldades que confrontam todos os atos de amalgamação política, mas consumou-se finalmente e, em 1867, o Domínio do Canadá começou a existir.

Os vinte anos fizeram surgir vários advogados desta ou daquela linha de ação, e um grupo distinto de homens que começavam a pensar em têrmos largos sôbre o domínio público canadense. Imediatamente depois da abolição inglêsa das Leis do Trigo, fêz-se um esfôrço no Canadá no efêmero, mas inteligente jornal *The Canadian Economist*, para lançar a província nas linhas das doutrinas do livre-câmbio internacional: sob a pressão dos interêsses do tempo, o esfôrço falhou. Teria sido melhor para o Canadá que abrisse suas portas aos produtos do mundo em um esfôrço para vender no estrangeiro, em face da concorrência mundial, a sua madeira e o seu trigo; mas os grupos secundários que já se tinham ligado a êstes produtos primários eram já demasiado poderosos, e não levou muito tempo que os fazendeiros produtores de feno e aveia e criadores de porcos (mercadorias de que subsistiam os campos de madeira), os fabricantes de machados e serras, além de outros, estivessem pedindo proteção para as indústrias nacionais. E obtiveram-na em 1858. Desde então os produtos primários do Canadá têm carregado com o pêso das indústrias secundárias e parasitárias que lhes aderem. Centro de protecionismo nesse período foi Alexander Tilloch Galt, financista e incorporador em Montreal, o qual quando se tornou ministro das finanças introduziu o orçamento protecionista de 1858, já referido.

Outro complemento do colapso do império mercantil foi o movimento em prol de mais vasto mercado, o

qual se concretizou vitoriosamente no Tratado de Reciprocidade de 1854. Os homens que promoveram êsse tratado foram William Hamilton Merritt e seus vizinhos no Canal de Welland, homens que viram que o Canadá precisava encontrar uma saída para os seus produtos primários, sob pena de se desintegrar. A parte de Merritt no tratado foi obscurecida para a história pelo papel proeminente do governador geral do tempo, Lord Elgin, e pela conpetência ainda maior de um político mais proeminente que êle, Francis Hincks, que se tornou primeiro ministro em 1854. Hincks não estava disposto a permitir rivais no palco, especialmente porque a sua própria orientação era um tanto semelhante à de Merritt: desenvolvimento interno, sólida administração e o livre uso do poder público em finanças para auxiliar os projetos empreendidos.

Os únicos homens com pretensões a filósofos sociais que apareceram no período foram os que, de seu ponto-de-vista vantajoso na guerra civil ou na nova Universidade de Toronto, estavam aptos a ter uma visão objetiva do cenário canadense. O que viram foi um país em que a maior parte da terra boa já estava nas mãos do especulador ou do colono e era preciso encontrar mais terra, se é que se queria evitar que os moços fôssem atraídos para os estados do Oeste. Voltaram êles sua atenção para os territórios da baía de Hudson no Oeste e para as terras das matas do Norte. Destas últimas, uma exploração desabusada estava destruindo a floresta debaixo da qual a terra para nada mais prestava senão para produzir árvores. Viram que uma verdadeira colonização era impossível nestas terras do *Canadian Shield,* região de pouco solo. Como conseqüência apareceu na história canadense o primeiro movimento de conservação. Está associado ao valoroso grupo de servidores civis no Departamento Terras da Coroa por êsse tempo, com uns poucos engenheiros tais como Walter Shanley e T. C. Keefer, com o professor Henry Youle Hind, e o Ouvidor Geral, John Langton. Tais homens deram com o princípio que deve subsistir em tôda a sociedade sadia mesmo em um país

novo — o uso prudente dos dons da natureza, que para os fins práticos no Canadá daquele tempo significava a classificação da terra; a terra boa devia ser cultivada e a parte rochosa ao Norte devia-se conservar sol-floresta, num sistema de administração designado a produzir o máximo de renda para o Tesouro Público. Os seus esforços naqueles primeiros tempos em que se supunha a floresta inexaurível não podiam ser mais do que educativos; mas felizmente, por acaso, se tinha seguido no Canadá um sistema de não alienar a posse de terras de matas. As zonas da madeira são vendidas ou arrendadas, mas a coroa pode sempre entrar de novo e impor novas condições sôbre a concessão quando o julgar conveniente. Daí veio que homens como Mr. Russel do Departamento de Terras da Coroa pudesse formular uma política das terras de madeira que serviu de fundamento para os atuais departamentos em Ontário e Quebeque (os quais influíram sôbre os de New Brunswick e das Províncias Ocidentais).

O resultado foi que, enquanto um baixo nível de integridade política permitisse que os interêsses particulares carregassem grande parte da riqueza pública nos anos subseqüentes, os tesouros provinciais receberam consideráveis benefícios do domínio da floresta pública e se abriu gradualmente o caminho para as sólidas práticas florestais.

De mais importância é a conseqüência a tirar-se do primitivo pensamento sôbre conservação. À medida que as doutrinas de conservação se desenvolveram, tendo aberto as portas neste campo para a ação do Estado, abriram também necessàriamente em outros. O tipo do Estado paternal, que hoje temos em uma província canadense como Ontário com a sua pronta aceitação do princípio do "domínio público" tão divergente do *laissez faire* e das concepções de empreendimento particular ainda tenazmente mantidas através dos confins internacionais, firma-se em parte considerável na silenciosa influência educativa dos primeiros conservadores e seus sucessores.

Por último, nesse período houve o perpétuo problema do fazendeiro improtegível que tem de vender

os seus produtos comerciais — nesse caso, o trigo — em um mercado mundial. Como no período anterior, suas dificuldades deram origem a um movimento político, que corporificava a ordem familiar de idéias. Foi o movimento chamado "Clear Grit", movimento agrário do Alto Canadá que se destacou do partido da reforma do período anterior. O seu programa considerava as finanças organizadas como seu inimigo e pleiteava as medidas de uma democracia direta — eleições anuais, um conselho legislativo eletivo etc. Marcadamente típico do agrarianismo da fronteira, agressivamente protestante e anglo-saxônico, encontrou, como seu predecessor da quarta década, um líder em um outro escocês bilioso, George Brown, cujas destemperadas agitações desempenharam uma grande parte em forçar a condição do impasse político do qual emergiu a Confederação.

III

Com a Confederação em 1867 entramos em outra fase da evolução canadense. Dentro de quatro anos os limites do país se tinham alargado até o Pacífico: evidentemente alguma coisa demasiado grande para uma mera existência provincial tinha surgido. Os homens públicos do tempo estavam tocados de um novo espírito, tinham uma visão, a de uma segunda grande nação de estados federados na América do Norte, que devia evitar os erros da primeira e assegurar para o seu povo uma vida boa e abundante. O nacionalismo colonial, na crisálida desde 1846, rompeu o seu invólucro em 1867: o *slogan* era um novo estado dentro do Império, livre dentro de si mesmo, mas parte de um todo maior, cujo centro era ainda a Inglaterra. Aqui estava a nota dominante do segundo período do desenvolvimento canadense que se pode dar como de 1867 até cêrca de 1888.

Por muitas razões, o programa nacionalista da Confederação falhou: dentro dêsse período não nasceu uma nova nação; o que aconteceu foi uma consolidação de velhas províncias. Havia para isso muitas

razões: a visão limitava às poucas do alto, não sendo ainda a Confederação em parte alguma um movimento de massas. A maior parte da população de língua inglêsa era relativamente nova no país, muitos dêles residentes de uma geração ou menos. A maioria dos canadenses, antigos ou novos, estava atolada em colonialismo, colonialismo irlândes ou escocês ou a variante norte-americana. Havia demasiado divergência entre as colônias e as seções que se uniam. Havia as dificuldades geográficas e de transporte. Removida a ameaça do Sul que apressara a Confederação, não havia bastante pressão externa. Permeando tudo, havia a atitude escarninha e amarga dos canadenses para com o seu próprio país, tão patente então como agora, e que era em parte o reflexo do choque de milhares de histórias de sucessos vindas dos Estados Unidos e notòriamente inexistentes na pátria.

Mas, se o programa nacionalista falhou psicològicamente, econômicamente caminhou de vitória em vitória. A Confederação pouco mais fizera que esboçar os alicerces da casa: o seu arcabouço tinha de ser erguido e esta foi a obra dos vinte anos após 1867. Em origem e concepção pouco provàvelmente tinha que ver com quaisquer considerações sentimentais de nacionalismo, mais brotava do rijo realismo de homens como Sir E. W. Watkins, de Londres, e A. T. Galt, de Montreal, que viram em uma mais ampla estrutura política uma oportunidade para ligar o Oeste através do Pacífico ao domínio metropolitano das duas cidades e conservá-los fora das mãos dos americanos. Seus planos eram grandiosos e tanto política como econômicamente não eram apoiados pelos liberais do dia, homens como Dorion, Holton, mesmo Brown, para os quais, sempre fiéis ao instinto do liberalismo para o individual antes que para o total, para o próximo e não para o remoto, o provincialismo era bastante bom.

O programa econômico da Confederação pode ser considerado como incluindo a construção da Estrada de Ferro Intercolonial para ligar a Nova Escócia e New Brunswick com o Canadá, e a estrada de ferro do Pacífico para ligar a Colúmbia britânica com o Canadá;

como compreendendo o estabelecimento de um sistema bancário nacional e finalmente de uma tarifa decididamente protecionista, a de 1878, que se chamou *National Policy*, e da qual nunca se apartou. Todo o programa bem poderia receber o nome do *National Policy;* porque a parte os aspectos de egoísmo e ganância que possuía — e possuía muitos — o seu objetivo era muito simplesmente a criação da estrutura física e econômica de um Estado. Era uma nação edificando em larga escala. Pelo ano de 1873 a estrada de ferro intercolonial tinha abrangido as províncias de Leste e em 1886 a estrada de ferro do Pacífico tinha abrangido as do Oeste. O grande canal de navegação de Montreal até o mar tinha estabelecido o predomínio daquela cidade. Os grandes bancos tinham acompanhado as estradas de ferro de uma a outra costa como também o haviam feito as companhias de seguros de vida. Nos interêsses que ela associou à Confederação a tarifa protecionista tinha estabelecido uma sólida base para um govêrno nacional. Tinha-se criado uma dívida nacional ligando as finanças à estrutura nacional. Todo o aparelhamento material de um grande estado estava elaborado.

Tudo isto fôra feito com pouco recurso à teoria. O liberalismo no govêrno por cinco anos, de 1873 a 1878, tinha mais uma vez revelado sua fraqueza quando confrontado com uma tarefa de construção. Em seu primeiro ministro, Alexandre Mackenzie, revelou-se como o ponto alto do internacionalismo livre-cambista, transplantado de um país, onde essa prática era benéfica, para outro onde tôdas as vantagens tinham de ser dispostas a favor da comunidade local, para que esta não fôsse exaurida pelos centros metropolitanos. Em Mackenzie e no grande cérebro de Edward Blake, ambos os quais se opunham às ambiciosas propostas de Sir John Mac Donald e seus amigos políticos sôbre a estrada de ferro do Pacífico, o liberalismo tinha mostrado aquêle intelectualismo um tanto tímido que tão freqüentemente tem sido a sua distruição. E no principal de seus políticos provincianos, Oliver Mowatt, primeiro ministro do Ontário, tinha continuado

a ser mero provincialismo. O liberalismo com suas cautelosas medidas do moderado, do razoável, do intelectualmente defensável, não era o credo capaz de construir estados. Essa tarefa reclamava alguma coisa do descuido e da alegria de viver, do ardor chamejante e mesmo irresponsabilidade do *Tory*. Tôdas essas qualidades eram possuídas pelo homem extraordinário que por tantos anos dirigiu os destinos do Canadá, Sir John A. Macdonald, primeiro ministro de 1867 a 1873 e novamente de 1878 a 1891. Debalde se procurarão declarações refletidas da filosofia de Macdonald, quer econômicas quer políticas. Êle provàvelmente não as tinha em grande quantidade, a não ser permanecer no gabinete, enfrentar a vida alegremente e levar por diante a tarefa que tinha em mãos, e que era a construção nacional. Nisto, êle foi grandemente bem sucedido e o Canadá de hoje é o seu monumento.

O período é fortemente marcado pelas características básicas da história canadense acima mencionadas — mercantilismo para o mundo exterior e *laissez faire* para o interior. O tempo de aspirar à completa liberdade de empreendimento ainda não chegara. Mas, uma vez que não havia traços de um fundamento teórico para êste credo, estava aberta a porta para a ação do estado. Nada havia, portanto, de anacrônico na construção e domínio público da estrada de ferro intercolonial e da grande soma de auxílio público e privilégio para com a estrada do Pacífico. Nunca na história do Canadá foi um empreendimento público combatido com a amargura que êste encontrou nos Estados Unidos. A porta para o capitalismo do estado tem permanecido sempre aberta tôda vez que o critério prático o tem julgado necessário.

IV

Depois da conclusão da estrada de ferro do Pacífico, os projetos de construção nacional que se haviam apresentado tinham sido levados a efeito e parece que pouco mais havia a fazer, exceto esperar que uma

família se mudasse para casa. Para isto, parece que havia pouca vontade. Com efeito, tanta gente deixou o país em busca dos Estados Unidos, que sérios temores se manifestavam quando à sua estabilidade. A causa principal da emigração e de não se encher o Leste do Canadá como se tinha enchido o americano, era a contínua queda de preços que se verificava depois da Guerra Civil americana. O preço do trigo não comportava a abertura de novas fazendas nas condições rigorosas do Oeste canadense e milhares de colonizadores que saíam mudaram-se para os Estados Unidos. Na década de 1880 para 1890 as coisas iam caminhando das "Lamentações para o Êxodo", na frase de um político do dia. Vendo-se o Canadá mais uma vez na necessidade de uma revisão radical nos seus negócios a depressão dos últimos anos da década de 1880-90 introduz uma outra fase de desenvolvimento fàcilmente distinguível. Desde 1885 até 1911 o Canadá estava oscilando, inquieto, entre duas órbitas metropolitanas: a Grã-Bretanha e os Estados Unidos. Continuaria êle a ser uma nação colonial em relação à Grã-Bretanha ou deslizaria em uma nova dependência colonial, que era a dos Estados Unidos? O período contém uma sucessão de episódios revelando o impulso ora numa direção, ora em outra.

Pelo ano de 1885 inaugurou-se na Grã-Bretanha o Movimento Imperial de Federação, destinado a atrair as colônias autônomas da borda do abismo do nacionalismo escancarado diante delas, e dar-lhes uma existência provincial renovada dentro de uma espécie de estado supernacional, constituído pela Grã-Bretanha e por elas próprias. O movimento despertou no Canadá muito apoio de sentimento tradicional, mas nenhum estadista de responsabilidade se mostrou disposto a prometer-lhe sua adesão: as fôrças centrífugas tinham ido longe demais. Por outro lado, oriundo da depressão, surgiu pelos fins da mesma década referida outro movimento de anexação, mal disfarçado sob os nomes de Reciprocidade Irrestrita e União Comercial, desta vez amparado não pelos *tories*, mas pelos liberais. A resposta a isso foi a última eleição de

Macdonald, em 1891, alcançada com o *slogan*: "Súdito britânico nasci, como súdito britânico morrerei". "Esta vitória assinalou uma tendência para o imperialismo (empregado êste têrmo no seu sentido comum e canadense de íntima associação com o govêrno de Londres, e fiel subordinação filial a êle) que se fortaleceu com os acontecimentos dos dez anos seguintes — o jubileu de diamante da Rainha Vitória em 1897, especialmente os acontecimentos da África do Sul culminando na guerra dos bôeres. Naquela guerra os canadenses franceses pouco mais viram que uma conquista imperialista semelhante à que êles próprios tinham uma vez experimentado: bons católicos romanos, teriam êles nesse tempo cordialmente as teorias marxianas do determinismo econômico. O seu porta-voz dêsse ponto-de-vista era Henri Bourassa, que se pode considerar o fundador da moderna escola nacionalista do Canadá Francês. Sir Wilfred de Laurier, que se tornara primeiro ministro em 1896, católico e francês canadense êle próprio, tentou manter o equilíbrio entre as duas raças e é de suspeitar que até o dia de sua morte êle ainda não se tivesse decidido quanto ao papel próprio para o Canadá no mundo.

Os canadenses inglêses, por outro lado, viram na guerra dos bôeres uma espécie de alegre aventura em que êles desempenhavam o papel dos filhotes do leão: êles abraçavam o imperialismo (no sentido usual de dominação) vicária e entusiàsticamente. Eram sócios de uma boa firma. Como prova de sua sociedade tinham aprovado o plano de Laurier em 1898, "preferência imperial", isto é, tarifas reduzidas para as mercadorias importadas da Grã-Bretanha.

Em 1903, seu entusiasmo recebeu uma ducha de água fria na decisão dos limites do Alasca. A maior parte dos canadenses acreditava que os seus interêsses tinham sido traídos pela diplomacia britânica. Êste incidente impeliu o Canadá para mais longe da Grã-Bretanha, mas não certamente para mais perto dos Estados Unidos; quer dizer que os canadenses quase pela primeira vez começaram a perceber que não podiam confiar nem em uma nem em outra das duas

nações de língua inglêsa, mas ùnicamente em si mesmos.

Êstes pálidos lampejos de confiança em si próprios foram reforçados pela prosperidade que se verificou para os fins do século. Os preços altos mais uma vez tornaram lucrativa a cultura do trigo e o fim da terra livre nos Estados Unidos desviou parte da corrente do Oeste para os campos canadenses. Imigrantes do estrangeiro começaram a acorrer também e no comêço do novo século se tornou claro que um novo Canadá ia surgindo. Em 1905 duas novas províncias, Saskatchewan e Alberta, se formaram no Oeste. Construíram-se novas vias férreas transcontinentais. A população afluiu. Contrastando grandemente com a semi-estagnação da geração anterior, sentia-se por tôda a parte a pulsação da vida. O Canadá desfrutou alguma coisa da prosperidade fantástica que fôra a causa de muitas das flamejantes características da nascente nação americana: produziu, embora em menor número e com côres mais pálidas, os seus tipos, os seus novos-ricos, seus políticos pitorescos e seu impudentes velhacos. Foi a época de maiores e melhores coisas do "avanço", em que "o limite era o firmamento, — tudo muito transitório e infantil, sem dúvida, mas que foi uma época na adolescência da maior parte da sociedade americana.

Outros dois episódios dêste período indicam uma crescente má vontade de se aproximar demais de qualquer das duas nações mais velhas de língua inglêsa. Em 1907 o nome da Conferência Colonial, que estivera reunida em Londres desde a década de 1880-90, foi mudado para Conferência Imperial, mas vãs foram tôdas as tentativas para levar os estadistas canadenses a concordar em mudá-la de Corpo Consultivo para Executivo do Império. Semelhantemente, e até mais decisivamente, o país em 1911, por um apêlo sentimental às massas, rejeitou as vantajosas ofertas de reciprocidade feitas pelos Estados Unidos. A eleição de reciprocidade em 1911 foi ganha por meio de "agitação de bandeiras", como o fôra a de 1891; mas é de notar que os argumentos dos portadores de bandeira —

Tories, já se vê, juntamente com alguns liberais cujos interêsses foram protegidos pela "National Policy" — eram muito mais no sentido de manutenção da autonomia canadense do que da ligação com a Grã-Bretanha. Tendo rejeitado tôdas as sugestões de um Império Federado, ou Centralizado, o Canadá tinha também agora rejeitado a sugestão de relações mais íntimas com os Estados Unidos. Prudentemente ou não, é claro que êle se tinha decidido a permanecer política e econômicamente firmado nos próprios pés.

Enquanto o país tinha sido uma espécie de balão cativo, pouca personalidade própria poderia ter e, por isso, não poderia trazer nenhuma contribuição importante para o mundo do pensamento. Mas agora, com os pés no caminho do nacionalismo, as idéias começaram a brotar-lhe. A aurora do intelectualismo canadense pode talvez ser assinalada pela longa residência em Toronto, de Goldwin Smith, o brilhante professor de Oxford, que ocupava também uma cadeira em Cornell. Retirando-se para Toronto, empregou os seus dias e a sua fortuna no esfôrço de provar aos canadenses que a sua experiência era ilógica e absurda e que o melhor partido para êles era fazer o seu país cessá-la e determinar-se. Êle era a encarnação do cobdenismo, mas o Canadá já se havia decidido contra o cobdenismo em 1846, e, por isso, Smith pouco mais fêz pelos canadenses senão aborrecê-los. Entretanto, êle oferece como fermento um contraste favorável com homens como Principal Grant, de Queen's University, que foi, quando moço (1872), autor do livro *Ocean to Ocean*, descrição de uma jornada através do continente, feita por Sir Sandford Fleming, engenheiro e inventor do *Standard Time*, com Grant em sua companhia. *Ocean to Ocean* é descritivo — o descritivo em maior parte, meramente de possessões mais britânicas, e nem parece que Grant em seus comentários sôbre negócios públicos em Queen's Quarterly (fundado em 1893) fôsse muito além da posição colonial: de parte uma declaração de que o Canadá deve caminhar no sentido de completa associação com a Grã-Bretanha — e com os Estados Unidos, quando essa na-

ção consentisse em reconhecer a sua essência anglo-saxônica em alguma grande união da raça — êle não parece ter ido muito além da posição de nacionalismo colonial. Por conseqüência os seus comentários sôbre problemas econômicos ou eram efêmeros ou eram do ponto-de-vista de sua concepção do Império antes que do Canadá.

O primeiro economista nativo e pensador acadêmico, o primeiro a ver o problema canadense em seus próprios têrmos, foi Adam Shortt, que começou ensinando em *Queen's University* no comêço da última década. Shortt não estava certamente ao lado do puro *laissez faire,* nem certamente do conselho de Chamberlain sôbre um *Imperial Zollverein* no qual a Grã-Bretanha suprisse os artigos manufaturados e as colônias, a matéria-prima. Opunha-se à emigração ilimitada e indiscriminada, e era favorável a um são desenvolvimento interno, mas ridicularizava o otimismo egoísta do promotor de encilhamentos. Assim êle escrevia càusticamente contra as desordenadas especulações de terra que se faziam no Oeste e sôbre a multidão de pessoas que não serviam para êsse país, mas que lá se achavam. Êle parece ter sido um nacionalista moderado e, depois que começou a fazer sentir sua influência na universidade, a *Queen's Quarterly* assumiu um tom mais nativo, com mais discussão de problemas canadenses e menos uso da frase "o govêrno," no sentido de govêrno da Grã-Bretanha. Isto foi lá por 1898: antes daquele ano, êste único exemplo de jornalismo acadêmico no Canadá fôra principalmente convencional e colonial. Shortt foi, antes de 1914, o único economista que viu o Canadá com olhos de canadense, sendo os de outras universidades velhos camponeses ou coloniais. Deixou atrás de si uma escola que tem exercido vasta influência no desenvolvimento canadense. Como muitos dos que perceberam a sua influência ainda estão vivos, os nomes de seus discípulos não serão mencionados, exceto o do falecido *Deputy Minister for External Affairs,* C. D. Skelton, que sucedeu a Shortt na universidade e mais tarde se tornou o chefe permanente do

ministério do Exterior do Canadá. O lugar de Skelton na vida canadense dificilmente pode ser determinado, mas pode-se predizer que êle virá a ser considerado um dos fundadores do nacionalismo político e constitucional do Canadá, tendo sido ao mesmo tempo um homem de espírito largo nos aspectos internacionais da Economia.

A eleição da Reciprocidade em 1911, como já foi referido acima, pôs têrmo ao período da indecisão canadense entre Londres e Washington, impelindo o país à necessidade de cuidar de si mesmo. Poucos perceberam isto na ocasião; mas até onde a vontade nacional pode controlar as circunstâncias, a eleição tinha determinado a questão de dois metropolitanismos rivais a favor da independência, e não por nenhum dêles. Como a inclusão do Canadá no Império Britânico não se firmara por muitos anos em coerção, a independência no caso dêste país peculiar significa, não independência política para a qual nenhuma luta de importância contra a mãe-pátria foi necessária desde 1846, mas independência psicológica, a realização pelos canadenses de sua personalidade separada. Êste processo se tem desenvolvido mui lentamente através de gerações: tem sido grandemente acelerado pelos acontecimentos desde 1911, mas ainda não está de forma alguma completo.

A primeira guerra mundial, vindo depois da eleição de 1911, deu ao país um decidido impulso na direção da consciência de si mesmo. Foi feita no mesmo espírito que tinha assinalado a década precedente. As tropas canadenses mostraram no campo de batalha a mesma vigorosa energia que mostrou o pioneiro do Oeste ou o construtor de estradas de ferro do Norte. Na pátria a psicologia do "developer" venceu, tornando possível uma rápida mobilização de recursos naturais e sua utilização para a produção bélica, não sem desperdício e alguma corrupção. O aspecto do sofrimento da guerra foi uma questão de expandir a indústria canadense sob fôrças individualistas. "Trabalhar muito

e embolsar os lucros" podia ter sido a divisa daqueles dias.

Depois da guerra e em parte graças a ela, o país achou-se possuidor de uma estrada de ferro transcontinental e uma variada coleção de ramais: tudo isto se organizou no enorme sistema ora conhecido como Estrada de Ferro Nacional Canadense. Assim os canadenses tinham mais uma vez demonstrado sua maneira inteiramente empírica de atacar os problemas econômicos. Ninguém desejava especialmente que o estado possuísse as estradas de ferro do país, e poucos objetavam violentamente a que as possuísse. Nesta colossal expressão de capitalismo do estado, que tornava insignificantes as mais ambiciosas emprêsas de energia elétrica da província de Ontário (conhecidas coletiva e familiarmente como *The Ontário Hydro*), a palavra *socialista* nem sequer foi mencionada. Hoje em Toronto, baluarte de emprêsas particulares, quando um cidadão entra num carro de praça, entra num carro municipal; quando abre a luz elétrica, é a luz da energia produzida e transmitida pela província; quando parte da cidade em um trem, tem de escolher entre um trem de companhia particular e um público, possuído e dirigido pelo povo do Canadá.' Contudo, êsse cidadão provàvelmente não reconheceria que estava vivendo sob um regime semi-socialista. Realmente, é possível que a palavra *socialismo* o assustasse.

Não sòmente a guerra fêz com que o coletivismo se adiantasse no Canadá, mas em seus resultados indiretos logo mostrou a antítese entre a economia do nacionalismo e a do metropolitanismo. Antes da guerra os fazendeiros do Oeste tinham tido pouco motivo para duvidar que houvesse um mercado estrangeiro para todo o trigo que pudessem produzir. Ao passo que tinha combatido a tarifa das coisas que tinha de comprar, os bons mercados estrangeiros e os preços em alta os tinham habilitado a suportá-la. Em todo caso, não estavam bastante maduros como classe para enfrentar e derrotar os industriais do Leste mais antigos e mais fortemente entrincheirados. Depois da guerra européia,

as tentativas de países europeus para se bastarem a si próprios começaram a agitar o Oeste, e só com a retirada da Rússia do mercado de importação pôde êle expandir a sua produção. Mas gradualmente, à medida que o Estado se tornou cada vez mais o regulador da economia nacional, país após país cortou as importações de trigo, e depois de 1920 as colheitas dos principais produtos do Canadá, tendo ultrapassado a capacidade do mercado metropolitano original, que era a Grã-Bretanha, estavam ameaçadas. Os resultados do retraimento dos mercados estrangeiros para o agricultor canadense, especialmente o produtor de trigo, têm sido patentes em tôdas as páginas da história canadense desde então. Êles constituem de fato o coração da história canadense.

As reações seguiram três linhas: primeiro, eficiência e auxílios à eficiência eram reclamados pelos fazendeiros na forma de fretes baratos e protestos contra as tarifas. Esta atitude foi a base do novo partido rural, o Partido Progressista, que surgiu em 1921. Os fazendeiros do Oeste inteiramente, e os outros fazendeiros parcialmente, eram econômicamente homens internacionais; mas os do Oeste tendiam estranhamente a simpatizar pològicamente com o nacionalismo. Nisto contrastavam frisantemente com os industriais de Leste, que formavam o segundo tipo de reação. Muitos, senão a maioria dos homens, eram francos em seu imperialismo, vociferantes em sua lealdade à Grã-Bretanha; mas ao mesmo tempo como indivíduos e em sua organização a *Canadian Manufacturers' Association*, formava o grupo dos interessados que combatiam tôda a sugestão para uma redução na tarifa geral ou nas taxas cobradas sob a preferência britânica. Os sentimentos de lealdade dos industriais canadenses para com a mãe-pátria não chegavam ao ponto de permitir que entrassem quaisquer dos seus produtos que podiam ser excluídos por tarifa, e foi deixado aos fazendeiros solver as dívidas de um país produtor de mercadorias para as quais a população da Grã-Bretanha formava o principal mercado. Lealdade

imperialismo e outros brados tradicionais e sentimentais eram por vêzes um disfarce para os egoístas industriais locais, um método pelo qual combatiam o livre-câmbio.

Mas seria impossível analisar aqui tôdas as questões derivadas da tarifa canadense: podem-se mencionar duas — a primeira, a continuada tradição da *The Nation Policy* de 1878; segundo um ocioso mercantilimo que tendo confiado ao Estado a sua manutenção, relutava em abrir mão de seus privilégios. As nascentes indústrias da década de 1870-80 que nunca se tinham desenvolvido — e eram muitas — foram encorajadas quanto à má qualidade do produto por uma tarifa sob a qual tinham para si mesmas o pequenino mercado nacional. Má qualidade, desenho ordinário, medida rasa, caracterizavam muitos produtos canadenses: observava-se correlativamente uma "mentalidade de tarifa", falta de generosidade e confiança em si mesmo.

O terceiro tipo de reação, que incluía a maioria dos canadenses era o dos francamente intrigados: alguma coisa tinha acontecido no mundo, mas êles não sabiam o que era. Sabiam, porém, que não estavam seguros e que a sua posição, em vez de melhorar, piorava. Foi dêste grupo e de seus esforços mais ou menos cegos para se libertarem que surgiram tôdas as falsas reações e quase tôdas as experiências políticas, boas ou más, dos anos do após-guerra. O mais ambicioso e tradicional dêstes experimentos foi a volta de R. B. Bennet, primeiro ministro conservador de 1930 a 1935, a um esquema de mercantilismo imperial. Suas idéias politicamente coloniais até o âmago, retrocediam econômicamente ao primitivo império, em que o comércio tinha sido regulado de acôrdo com o grandioso desígnio de um grande *Reich* britânico com amplo *Lebensraum* ao seu dispor. Mas êle naturalmente não queria deixar a regulamentação nas mãos de qualquer govêrno em Londres. Daí, o seu plano da Conferência Econômica Imperial de 1932, em que uma série de tratados bilaterais entre as várias partes do Império estabeleceram como que o embrião de um *Zollverein* do Império

Britânico. Ainda restava tarifa bastante por tôda parte, para difíceis transações entre os membros e não há lembrança de que os *tories* canadenses permitissem que a sua lealdade à Grã-Bretanha interferisse com a dificuldade da transação.

A ousada tentativa de Bennet para compelir os britânicos a preparar um mercado para os produtos canadenses, trigo, madeira etc., sem lhes dar quase nada em compensação, embora conseguisse coagir o govêrno britânico do tempo, finalmente falhou. Esbarrou na tenaz obstinação dos compradores britânicos destas matérias-primas. Os mercadores de madeira, por exemplo, preferiram a madeira barata da Rússia, mesmo tinta de comunismo, à verdadeira madeira azul do Canadá a preço mais alto, e seu govêrno, o notório gabinete Macdonald — Baldwin, não querendo fazer-lhes oposição, conseguiu fugir às mais odiosas das condições que lhe foram impostas em Otawa. Esta segunda tentativa de mercantilismo imperial derivou diretamente da primeira através das tradições e interêsses provinciais do primeiro ministro. Êle tinha sido criado na província de New Bruswick, que nunca se esquecera dos velhos tempos dos impostos diferenciais no seu principal produto, a madeira, e tinha vivido na idade madura, com os seus interêsses comerciais, em outra província, a de Alberta, que se beneficiou por uma preferência britânica sôbre o trigo. Como a primeira, ela fracassou por não estar em harmonia com os interêsses do maior consumidor, a Grã-Bretanha. Mais uma vez as colônias verificaram que não podiam fazer coerção sôbre a sua metrópole.

No próprio verão da Conferência Econômica de Otawa formou-se o primeiro partido nacional canadense para tomar a questão social como programa. O liberalismo tradicional tinha sido uma combinação de agrarianismo e individualismo, com traços das doutrinas importadas do *laissez faire*. O conservantismo tradicional tinha representado a exploração e a construção do Estado, em grande parte no interêsse das classes exploradoras. Agora vários indivíduos e grupos

se reuniam para formar um partido semi-socialista que se tinha designado com o incômodo nome de *Co-operative Commonwealth Federation*, logo encurtado para C. C. F. Era uma cova de Adulam para os interêsses da ala esquerda, obtendo algum apoio do trabalho (especialmente entre os velhos camponeses que tinham trazido da Grã-Bretanha as tradições do partido trabalhista inglês), mas que não conseguiu a adesão do trabalho organizado como um todo, alguns dos mais esquerdistas do ora morto partido progressista, alguns socialistas doutrinários, cujo número no Canadá anteriormente à depressão era microscópico, muitos intelectuais — estava sobrecarregado de intelectuais — tinham-se aborrecido ràpidamente das velhas concepções egoístas da sociedade e eram chefiados por um grande humanitarista, J. S. Woodsworth. Woodsworth, que fôra pastor metodista, tinha poucas doutrinas, mas odiava a injustiça e tinha uma forte convicção que o Senhor requeria dêle e do seu país que fizesse justiça e amasse a misericórdia. Era um santo, mas não um político ou economista: um profeta e não um estrategista político. Não obstante, foi em tôrno de sua personalidade e sob a direção do seu espírito que se inaugurou o socialismo canadense. E', pois, necessàriamente eclético e, segundo a tradição canadense, até empírico, levando consigo um mínimo de doutrina. Para granjear muitos adeptos em um país completamente empírico, não pode dar-se a muita conversa abstrata, que pouco seria entendida. À medida que cresce em experiência e em números se tornará, como é de prever, mais e mais difuso em seu programa, conforme o precedente dos partidos mais antigos. Porque no Canadá não há lugar para os doutrinários: fora de Quebeque, onde *notre langue, notre foi et notre loi*, é a doutrina imutável de todos os partidos, os partidos canadenses devem ser católicos: — se quiserem ser alguma coisa, precisam ser tudo para com todos os homens, porque devem acolher em suas fileiras os mais diversos e opostos interêsses disseminados através de oitenta graus de longitude.

Poderá parecer estranho que um partido cujo objetivo confesso é criar um Estado no qual a riqueza seja mais eqüitativamente distribuída, não tenha conseguido obter a adesão do trabalho. A explicação reside em dois pontos: as afiliações internacionais das uniões trabalhistas mais velhas e fortes do Canadá, e que tomam a sua orientação política do *American Federation of Labor,* e as divisões internas do trabalho canadense. Há diversos grupos maiores de uniões que não se comunicam entre si, e, proeminente entre elas, as *Catholic Unions of Quebec,* separadas das outras pela língua, pela fé e pela filosofia. Pode-se acrescentar uma terceira explicação: o pequeno grau de organização do trabalho canadense, do qual pouco mais do que as velhas profissões se unificaram até 1942. A maioria da classe operária age, portanto, como indivíduos em suas filiações partidárias e muitos destas são por enquanto meramente tradicionais.

O Canadá tem tido, como outros países, suas experiências com o socialismo revolucionário ou o comunismo. O comunismo era de pouca importância antes de 1929: os seus adeptos eram principalmente estrangeiros e o país estava demasiado próspero para dar muita atenção a doutrinas extremistas. Depois da depressão, êle encontrou a sua oportunidade e teve uns poucos líderes anglo-canadenses. Desde então, a pertinácia de seus membros e a perseguição por parte das autoridades o fortaleceu. R. B. Bennet, quando primeiro ministro, apoiado, ao que se diz, pelo então comissário da *Royal Canadian Mounted Police,* tomou contra êle rigorosas medidas, invocando uma lei que tinha sido promulgada durante a excitação sobrevinda depois da guerra em 1919 e promovendo a prisão de muitos homens pela simples razão de que eram comunistas. A Mr. Bennet e aos homens que o rodeavam, o comunismo canadense é devedor de gratidão. Depois que começou a guerra atual, a supressão do partido comunista (afirma-se algumas vêzes a pedido das autoridades eclesiásticas de Quebeque) o tem fortalecido ainda mais, porque "supressão" tem sido apenas uma mudança de nome, que a guerra russo-germânica tornou quase respeitável. O

comunismo pode ter algum futuro como influência desintegradora na vida canadense; e, na falta de uma boa orientação política na próxima reconstrução, poderá ter êxito na pregação de seus princípios revolucionários. Porque no Canadá, como em outros países, a questão social tem de ser enfrentada.

Os grupos socialistas têm crescido com o crescer da industrialização do país. Mas não se esqueça que o Canadá é ainda predominantemente um país de agricultores e de pequenos burgueses. As vozes dêsses quadrantes se erguem espasmòdicamente, mas por vêzes ressoam alto. Uma dessas explosões foi o movimento de rebelião contra a conservação oficial em 1935, chefiada por Hon. H. H. Stevens. Para o programa de Stevens a questão do *soft money* foi como água na fervura: êle dirigiu um apêlo aos pequenos homens das cidades e vilas colhidos no processo de deflação, mas os seus candidatos perderam a eleição por tôda parte e êle se tornou o partido de um — até que encontrou o caminho de volta para o seu primitivo aprisco conservador.

Mais importante foi a agitação política que se levantou em Alberta como resultado da depressão. Alberta tem sido a última fronteira do Canadá, um baluarte de vigoroso agrarianismo. Contém grandes populações de imigrantes americanos de estados como Nebrasca, os quais, como comunidades semifronteiriças, tinham dado apoio a William Jennings Bryan nas suas campanhas de *free-silver* em 1896-1900: êstes homens e seus filhos têm sido extremamente suscetíveis às doutrinas do *cheap money*, como o foram tôdas as comunidades da fronteira através da história do continente. Constituíam o mais vigoroso contingente do partido progressista e o núcleo combatente dos *United Farmers of Alberta*, que governaram aquela província de 1920 a 1936. Mas os *United Farmers* se tinham cristalizado no poder e já não tinham novidades para oferecer a uma população resolvida a "experimentar qualquer coisa uma vez" — e por isso não puderam vencer os tempos críticos. Nas eleições de 1935 sua representação no Parlamento caiu diante de uma cam-

panha baseada no programa mais fantástico que jamais apareceu na vida pública do Canadá.

Êste programa consistia nas doutrinas de "crédito social" do major inglês Douglas, apanhadas e popularizadas por um grupo formado em tôrno de um vigoroso e pitoresco mestre-escola e revivificador religioso de Calgary, William Aberhart. Não era a primeira vez e provàvelmente não seria a última que idéias religiosas e monetárias de *crack-pot* tinham organizado um time. Um *slogan* de "vinte e cinco dólares por mês para todos" levantou a província a favor dos doutrinários do crédito social, que logo depois, quando se realizou uma eleição provincial, alcançaram o poder, tornando-se Alberhart o primeiro ministro de Alberta. Desde então o seu govêrno se distinguiu por certo repúdio de dívidas, por uma intermitente cruzada contra os bancos e os interêsses do Leste em geral, por legislação destinada a aliviar os fazendeiros endividados — muitos dos quais tinham sido declarados *ultra vires* pelos tribunais ou proibidos pelo govêrno do Domínio — e por moderadas experiências monetárias (porque os seus poderes constitucionais eram ainda pequenos nesse sentido), tais como a emissão de certificados provinciais em pagamento parcial de salários provinciais. Desnecessário é dizer que dos cofres públicos não correram "vinte dólares por mês para todos."

O crédito social tem sido também o tema de certos círculos clericais de Quebeque, mais notáveis por suas boas intenções que por sua inteligência em assuntos econômicos, e tem sido sem dúvida um incentivo para os esquemas de vários excêntricos tais como Townsend na Califórnia.

Subtraídos da vida do Canadá todos êstes grupos de partidos, que é que resta? O grande e açambarcador partido que tem estado no poder durante os 23 anos menos sete desde o fim da guerra, o partido central contendo vasta massa do povo que não tem nenhuma doutrina particular, nem nenhuma idéia particular da sociedade, o partido dos bem-intencionados, dos confundidos, da gente média, o partido liberal sob o seu

chefe extraordinàriamente representativo, Mr. Mackenzie King. Seria realmente difícil descrever as doutrinas econômicas dêsse partido, porque elas são tão variadas como seus sustentáculos, e êstes são tirados de tôdas as raças, religiões e interêsses do Canadá. Ao liberalismo canadense ainda resta alguma coisa do velho culto clássico do internacionalismo, o *laissez faire* e o livre-câmbio. Mas êle é agrário para os fazendeiros, vagamente simpático para com o trabalho, industrial para os industriais e ortodoxo para os franceses. E' o mais prestigioso dos partidos canadenses, porque é o mais católico. Faz-se tudo para com todos. Move-se com o tempo, mas ninguém diria que se adianta aos tempos. Se era pela iniciativa individual antes, é hoje pelo melhoramento social e poderá amanhã estar caminhando para o socialismo industrial. O gênio do partido se reflete perfeitamente em seu líder, cujas divisas bem podiam ser: deixe a natureza seguir o seu curso; não atravesse a ponte antes de chegar a ela — mas verifique então se é bem segura, mas não se recuse absolutamente a atravessá-la.

O govêrno baseado nesse partido liberal vai conduzindo o Canadá através da segunda guerra mundial, porque êle sabe ser tudo para com todos os homens; e vai-se saindo bem. Tem levantado uma impressionante estrutura coletivista, embora negando intenções socialistas. Tem assumido ilimitada autoridade, mas tem pouca aparência ditatorial. Vai realizando, o melhor que pode, o trabalho que tem em mãos, talvez um pouco vagaroso e indeciso demais, porque opera em canais que correm de arrepio com o seu gênio original e certamente de encontro aos instintos do primeiro ministro; mas vai fazendo a sua tarefa e fazendo-a de um modo inteiramente empírico sem nenhuma atenção a esta ou àquela teoria, e aparentemente bem pouco preocupado com os últimos efeitos. Esta é pelo menos a maneira histórica de proceder do Canadá.

A geração de nacionalismo que acaba de passar-se no Canadá foi cumulada de incidentes e argumentos: tem havido mais fermento talvez na vida canadense

que em tôda a história anterior. Os amplos lineamentos se podem ver na natureza dos partidos como acima esboçados. Seria impossível em espaço limitado descrever por miúdo a contribuição dêste ou daquele indivíduo. Mas pode-se dizer que a atenção aos problemas canadenses, nos seus próprios têrmos manifestados pela primeira vez por um homem como Adam Short, tem continuado e tem-se alargado grandemente. Há agora um respeitável corpo de pensamento econômico canadense que, em amplitude e cultura, excede de muito o tom panfletário dos dias antigos. Como era talvez inevitável, tem assumido principalmente a forma de análise. Os economistas, geógrafos, historiadores e historiadores econômicos do Canadá têm tido como tarefa primária a de tornar clara a natureza do Canadá como entidade geográfica, como economia, como população, como corpo político, estendendo-se no tempo bem como no espaço e como esfera de exploração durante o tempo. Isto já dura há vinte e cinco anos e ainda não está de forma alguma completo. O período tem sido assinalado por numerosas monografias, estudos e séries de estudos, juntamente com a apropriada publicação periódica. Pode-se afirmar que em conjunto os acadêmicos têm contribuído poderosamente para revelar aos seus patrícios a natureza de seu país e assim estabelecer-lhes a personalidade.

Poucos cientistas sociais canadenses, entretanto, têm ultrapassado a fase da análise. Até aqui ainda não apareceu nenhuma obra de grande alcance. (O primeiro livro canadense sôbre economia teórica apareceu em maio de 1942). Nenhum historiador nem economista tem contribuído por enquanto, largamente e em têrmos filosóficos, para a formação do pensamento. Embora os economistas se tenham revelado agudos analistas ou "engenheiros sociais" capazes de elaborar a base estatística de um problema suscitado por outrem ou os aspectos administrativos necessários a uma política, contudo não têm tido programa, exceto em certas áreas técnicas, como, por exemplo, um banco nacional. Programas, êles o têm deixado aos seus irmãos um tanto mais doutrinários que lançaram a sorte com o partido

da ala esquerda — o C. C. F. — ou para os excêntricos. Por vêzes, têm êles criticado os excêntricos por terem programa. Todavia, se um membro da irmandade pode ousar dizê-lo, os cientistas sociais canadenses do último quarto de século têm feito jus à gratidão do seu país.

Êste trabalho deve concluir-se com a segunda guerra mundial e com o Canadá caminhando firmemente para a realização do objetivo que tem tido constantemente em vista, embora por vêzes subconscientemente, desde 1846 — o do nacionalismo. Até que ponto poderá êle manter o nacionalismo em um mundo que se retrai continuamente e especialmente em face do crescente estreitamento de relações com o seu grande vizinho, só o futuro poderá mostrar. Pode-se predizer, em conclusão, que o seu mais árduo problema no restabecimento da paz será precisamente o seu mais árduo problema de todos os tempos — a reconciliação de um programa de nacionalismo com o do metropolitanismo que lhe é impôsto, ao que parece, pela sua capacidade natural para o comércio de seus produtos principais.

ÍNDICE

★ Êste livro foi composto e impresso nas oficinas da Emprêsa Gráfica da "Revista dos Tribunais" Ltda., à rua Conde de Sarzedas, 38, São Paulo, para a Editôra Atlas S/A., em 1945.